A HARMONIA OCULTA

A HARMONIA OCULTA

Discursos sobre os fragmentos de Heráclito

Tradução e Revisão de

MA PREM ARSHA, MA DEVA SANDHYA E MA PREM KOMALA

EDITORA PENSAMENTO

SÃO PAULO

Título do original:
THE HIDDEN HARMONY: *Discourses on the fragments of Heraclitus*

Edição Ano

9 8 7 6 5 4 3 2 1 *2 3 4 5 6 7 8 9*

*Impresso em nossas
oficinas gráficas*

Sumário

Introdução

Aos dez anos de idade eu já me sentia perplexa diante do mundo. Ainda me lembro da súbita clareza que me atingiu um dia após ruminar sobre os mistérios da vida e da morte. Estava convencida de que as respostas estavam do outro lado da morte, e de que só os que haviam morrido podiam ter conhecimento delas. Quando alguém morre, pensava eu, fica sabendo não apenas o que está além da morte, mas o que constitui a vida também — o porquê de estarmos aqui, ou mesmo como chegamos aqui; como nos metemos nesta confusão, e como a resolveremos. Mas então, pensava eu, a solução parece impossível, pois se a pessoa já morreu, quem está vivo na terra não pode entrar em contato com as respostas. Isso significa que alguém teria de voltar. Mas como?

Então fui atingida: Alguém que estivesse pronto para perder a vida, isto é, a sua existência como alma, sua identidade como uma coisa individual, alguém que estivesse pronto para se dissolver, para sacrificar tudo e tornar-se nada, só ele poderia voltar e nos dizer. Quase que simultaneamente a essa idéia, pude compreender que isso era precisamente o que Jesus havia feito! Mas tão rapidamente quanto essa idéia, seguiu-se o devastador: Mas as pessoas não o ouviram! Não o compreenderam! Na verdade, o mataram! — não, não, não! A única chance que tivemos e veja o que aconteceu, veja o que fizemos! A partir desse instante, até sair de casa aos dezoito anos, fui uma pessoa miserável, uma abandonada por Deus, um espécime de vida desamparado e desesperado.

E claro que por ter sido educada numa atmosfera de cristianismo, automaticamente presumi que Jesus era a única chance de salvação que havíamos tido. Uma segunda vinda me parecia de certa maneira impossível. Mas talvez não... Uma vez longe da família e fora do seu alcance, a esperança brotou novamente. Começou uma busca que, embora não fosse realmente consciente, sei agora que era por um outro Jesus.

Essa busca começou ao me familiarizar com as filosofias e religiões orientais. Através delas comecei a aceitar que devia haver muitas pessoas como Jesus, e que era mais do que provável que algumas estivessem por aí. Passei nove anos me envolvendo em várias buscas, experimentando e desenvolvendo "viagens". Eram acompanhadas de um fascínio intelectual, de uma angústia existencial e de uma constante apreensão de que ainda estava perdendo algo. Nenhuma dessas viagens parecia suprir tudo o que era

necessário para substituir o que havia em minha cabeça. Mas finalmente, depois de me levarem através de uma série de lúgubres contos de fadas, elas me trouxeram para uma clareira no meio da floresta: Bhagwan Shree Rajneesh.

Quando encontrei Bhagwan, há dois anos atrás, tudo começou a entrar em seus devidos lugares. Ele tem o amor, o poder, o conhecimento mas, acima de tudo, tem o Ser — para virá-lo, para erguê-lo, para derrubá-lo, mas mais do que tudo, para lhe dar confiança.

Bhagwan Sree Rajneesh é alguém único.

É o meu sonho dos dez anos de idade que se realizou. Felizmente fui abençoada com ouvidos para ouvir pelo menos o suficiente para chegar até ele. Agora estou aqui, e, embora não tenha a menor idéia de para onde esteja indo, minhas dúvidas e medos estão gradualmente se dissolvendo conforme cresce a minha confiança nesse milagre.

Infelizmente, embora eu esteja a favor de Bhagwan e não contra como estivemos com Jesus, ainda não o ouço sempre que o escuto. E ele está soletrando o ABC da Iluminação! É cristalino... Assim, evidentemente, escutar não é o suficiente, como não o foi com Jesus — algo mais é necessário.

Este livro é constituído de onze palestras, colhidas entre as feitas diariamente por Bhagwan. Costumo assistir suas palestras para saber o que ele diz. Mas agora, é mais como estar ouvindo música e poesia; e de vez em quando, se estou suficientemente aberta, é como estar sendo banhada pelas emanações de seu Ser, flutuando nele e deslizando para dentro e para cima. E estas palestras sobre os fragmentos de Heráclito são poesia pura.

Heráclito deve ter sido também uma pessoa única, pois seus fragmentos são como setas lançadas dos profundos mistérios do coração da vida — e da morte. Ele, como Bhagwan, também é fluentemente lírico. Sua sabedoria tem inocência e simplicidade e, ao mesmo tempo, é tremendamente enternecedora. "Se ele tivesse nascido na Índia", diz Bhagwan, teria sido conhecido como um Buda. Mas para a história da Grécia, para a filosofia grega, ele era um estranho, um estrangeiro. É conhecido na Grécia, não como um Iluminado, mas como Heráclito, o Obscuro, Heráclito, o Enigmático, Heráclito, o Ambíguo. E o pai da filosofia grega e do pensamento ocidental, Aristóteles, não o considerava nem mesmo um filósofo. Aristóteles disse: "No máximo, ele é um poeta", mas até mesmo isso foi difícil para ele aceitar. Mais tarde, em outros trabalhos, disse: "Deve haver alguma deficiência no caráter de Heráclito, alguma coisa biologicamente errada; é por isso que ele fala de maneira tão obscura e paradoxal."

Bem, quando Heráclito diz coisas como "A harmonia oculta é superior à aparente", ou "Deus é dia e noite, verão e inverno, guerra e paz, saciedade e desejo", e especialmente "As pessoas não compreendem como o divergente consigo mesmo concorda", a mente ocidental, lógica e racional, pode simpatizar com Aristóteles. Mas Bhagwan diz que é exatamente este o ponto: a vida é um paradoxo. E é só através da tensão dos opostos que a vida continua. Na verdade, se Aristóteles tivesse sido totalmente seguido, o mundo há muito teria deixado de existir.

"Conta-se", diz Bhagwan numa anedota, "que um dia Aristóteles caminhava pela praia, e viu um homem que trazia água do mar numa colher de chá e a jogava num buraquinho que havia cavado perto do mar. Aristóteles estava às voltas com seus próprios problemas. Não deu importância a isso — uma, duas vezes, Aristóteles se aproximou e viu o homem, mas este estava tão absorvido. Ia até o mar, enchia a colher, trazia a água, punha no buraco, voltava de novo...

Por fim, Aristóteles disse: "Espere! Não quero perturbá-lo, mas o que está fazendo? Está me deixando muito curioso."

O homem respondeu: "Vou colocar o oceano inteiro neste buraco."

Aristóteles, até mesmo ele, riu. Disse: "Você é louco! Isso não vai acontecer. Você está simplesmente doido e está perdendo seu tempo! Veja a vastidão do oceano e a pequenez do buraco — e com uma colher de chá você pretende colocar o oceano neste buraco? Você é louco! Vá para casa e descanse."

O homem riu mais alto que Aristóteles, e disse: "Sim, eu irei, porque meu trabalho está feito."

Aristóteles disse: "O que você quer dizer?"

"Que você está fazendo a mesma coisa" — disse o outro — só que de um modo mais tolo. Olhe para a sua cabeça: é menor do que o meu buraco. E olhe para o Divino, para a Existência: é mais vasta do que o oceano. E veja seus pensamentos — serão maiores do que a minha colher?"

Bhagwan suspeita que o homem dessa estória era Heráclito, e diz que se Heráclito tivesse sido aceito, a história do Ocidente teria sido totalmente diferente — "mas ele não foi absolutamente entendido. Tornou-se cada vez mais .separado da corrente principal do pensamento e da mente Ocidentais. O solo grego não foi nada bom para ele. Teria sido uma grande árvore no Oriente: milhares teriam aproveitado, teriam encontrado o caminho através dele. Mas para os gregos ele era um estrangeiro, um excêntrico, um

alienígena. Não pertencia a eles. É por isso que seu nome ficou de lado, pelos cantos escuros. Aos poucos foi sendo esquecido."

E agora parece ser o tempo apropriado para lembrá-lo nova-mente. No Ocidente nós nos movemos demais para o extremo do positivo, da bondade, da retidão, Deus, e tentamos evitar tudo que fosse considerado mau, negativo, demoníaco, do Diabo. Mas, mais cedo ou mais tarde, isso teria que irromper; não poderia simples-mente ser banido da existência. É a reação igual e oposta que agora se manifesta, especialmente no Ocidente — a veneração do Demônio; a extrema violência, na maioria das vezes gratuita; perversões de todos os tipos; e outras tendências destrutivas — eram, de certa maneira, de se esperar. É claro que tudo isso é muito desconcertante. E o problema básico com o qual todos os pensadores, poetas e até mesmo os cientistas eventualmente se deparam é precisamente a reconciliação da aparente dualidade que existe em todos os níveis: Deus, Demônio; mente, matéria; instinto, razão; corpo, alma; criação, destruição. Nós chegamos ao ponto crítico onde todos os nossos valores estão sendo postos em questão. Na verdade, diz Bhagwan, um tempo como esse, onde há a possibilidade de muitos se tornarem Iluminados, só acontece a cada vinte e cinco séculos — "Quando as coisas são líquidas, a transformação é fácil."

Se alguém conseguir abandonar a lógica, o que afinal não é uma coisa do outro mundo, e olhar um pouco mais fundo na natureza das coisas, como Bhagwan nos ajuda a fazer nestes discursos, então pode-se começar a sentir o ritmo da vida, a pulsação que faz com que tudo entre nos, eixos — a harmonia dos opostos. E somente alguém como Bhagwan ou Heráclito, que aceita e abarca todas as dualidades, pode ajudar a nós, que estamos nos empenhando e tateando na escuridão. Somente eles podem nos ajudar a desenvolver a perspectiva necessária para compreendermos e utilizarmos o caos e a destruição que nos envolve no presente.

Eles estão tentando o impossível: transmitir o que não pode ser dito em palavras — o próprio veículo que geralmente serve para perpetuar a dualidade. Observe-os enquanto dançam e cantam juntos no decorrer destas páginas, criando uma sinfonia da qual você, leitor, está convidado a participar e a celebrar. Tente penetrar na harmonia aparente das palavras, e permita-se ser levado para além delas, para o mais profundo mistério da harmonia oculta ...

MA YOGA ANURAG

1
A Harmonia Oculta
(21 de dezembro de 1974)

A harmonia oculta
é superior à aparente.

A oposição traz concórdia.

Da discórdia nasce a mais bela harmonia.

É na mudança que as coisas encontram repouso.

As pessoas não compreendem como o divergente
consigo mesmo concorda.

Há uma harmonia de tensões contrárias assim como a
do arco e da lira.

O nome do arco é vida, mas sua função é a morte.

Há muitas vidas que estou apaixonado por Heráclito. Na verdade, Heráclito foi o único grego pelo qual me apaixonei — com exceção, é claro, da Mukta, da Seema e da Neeta!

Heráclito é realmente belo. Se ele tivesse nascido na Índia ou no Oriente, teria sido considerado um Buda. Mas na história da Grécia, para a filosofia grega, ele foi um estranho, um marginal. Na Grécia, ele não é conhecido como um Iluminado mas como Heráclito, o Obscuro, como Heráclito, o Tenebroso, como Heráclito, o Enigmático. E o pai da filosofia grega e do pensamento ocidental, Aristóteles, nem mesmo o considerava um filósofo. Aristóteles disse: "No máximo, é um poeta", mas mesmo isso era-lhe difícil aceitar. Mais tarde, ele afirmou: "Deve haver algum defeito no caráter de Heráclito, algo

biologicamente errado; é por isso que ele fala de um modo tão obscuro, de uma maneira tão paradoxal".

Aristóteles julgava-o um pouco excêntrico, um pouco louco — e Aristóteles domina todo o Ocidente. Se Heráclito tivesse sido aceito, a história do Ocidente teria sido totalmente diferente. Mas ele não foi compreendido. Cada vez mais foi se distanciando da corrente principal do pensamento e da mente ocidentais.

Heráclito era como Gautama, o Buda, como Lao Tsé ou Bashô. O solo grego não foi nada bom para ele. Teria sido uma grande árvore no Oriente: milhões de pessoas teriam aproveitado, teria encontrado seus caminhos através dele. Mas para os gregos ele era apenas um alienígena, um excêntrico um tanto estranho; não pertencia a eles. É por isso que seu nome permaneceu desprezado, num canto escuro; aos poucos foi sendo esquecido.

No momento em que Heráclito nasceu, precisamente naquele momento, a humanidade alcançou um pico, um momento de transformação. Isso acontece à humanidade assim como ao indivíduo: existem momentos em que as mudanças acontecem. A cada sete anos o corpo muda, e continua mudando — se você viver durante setenta anos, todo o seu sistema biofísico mudará dez vezes. E se você usar esses intervalos de mudança do corpo, será muito fácil entrar em meditação.

Por exemplo, aos catorze anos o sexo torna-se importante pela primeira vez, o corpo passa por uma mudança bioquímica. Se nesse momento você for introduzido na dimensão da meditação, será muito, muito fácil penetrá-la. Porque o corpo ainda não se fixou: o velho padrão desapareceu e o novo ainda não se instalou — ocorre um intervalo.

Aos vinte e um anos, aconteceram novamente profundas mudanças, porque a cada sete anos o corpo se renova completamente: as velhas células desaparecem e as novas passam a existir. Aos trinta e cinco anos isso acontece novamente, e assim por diante. A cada sete anos seu corpo chega a um ponto onde o velho desaparece e o novo se instala — mas existe um período de transição. Nesse período tudo é líquido. Se você quiser que uma nova dimensão se introduza em sua vida, é precisamente esse o momento.

Exatamente da mesma maneira isso ocorre na história da humanidade como um todo. A cada vinte e cinco séculos acontece um clímax — e se você souber usar esse momento, poderá *facilmente* tornar-se Iluminado. Em outras épocas não será tão fácil. Mas nesse clímax o próprio rio está fluindo nessa direção, tudo é fluido e nada é fixo.

Há vinte e cinco séculos atrás nasceram: Gautama, o Buda, e Mahavir, o Jaina, na Índia; Lao Tsé e Chuang Tsé, na China; Zarathustra, no Irã; e Heráclito, na Grécia — eles são os picos. Tais alturas jamais foram atingidas antes, ou se o foram, não fazem parte da história, pois a história começa com Jesus.

Você não sabe o que aconteceu nesses vinte e cinco séculos que se passaram. Novamente o momento se aproxima, estamos outra vez num estado fluido: o velho não significa nada, para você o passado não tem nenhuma importância, e o futuro é incerto — o intervalo está aqui. E novamente a humanidade alcançará um pico, o mesmo que alcançou na época de Heráclito.

Se você estiver um pouco alerta, poderá usar este momento — poderá simplesmente sair da roda da vida. Quando as coisas são líquidas, a transformação é fácil. Quando as coisas são fixas, a transformação é difícil.

Você tem sorte por ter nascido numa época em que as coisas estão novamente em estado líquido. Nada é certo, todos os velhos códigos e leis tornaram-se inúteis. Os novos padrões ainda não se estabeleceram — mas logo isso acontecerá; o homem não pode permanecer nesse estado para sempre, pois quando não há nada estabelecido, não existe segurança. As coisas novamente se assentarão; este momento não persistirá eternamente, mas apenas por alguns anos.

Se você puder usá-lo, alcançará o pico que em outras épocas será muito, muito difícil alcançar. Se o perder, *este* momento será perdido novamente por mais vinte e cinco séculos.

Lembre-se disso: a vida move-se num círculo, tudo se move em círculos. A criança nasce, depois vem a juventude, a velhice, a morte. Move-se como se movem as estações: vem o verão, depois as chuvas, em seguida o inverno, e assim tudo continua num círculo.

O mesmo acontece na dimensão da consciência: a cada vinte e cinco séculos o círculo se completa — mas antes que o novo comece, há um espaço através do qual você pode escapar; a porta está aberta por alguns anos.

Heráclito é uma florescência realmente rara, uma alma das mais profundamente penetrantes, dessas que se tornam como o Everest, o pico mais alto do Himalaia. Tentar compreendê-lo é difícil; por isso é chamado de Heráclito, o Obscuro. Ele não é obscuro. Compreendê-lo é difícil; para entendê-lo será necessário um *tipo diferente de ser* — esse é o problema. Por isso é fácil classifica-10 de obscuro e depois esquecê-lo.

Existem dois tipos de pessoas. Se você quer compreender Aristóteles não precisa mudar nada em seu ser, precisa somente de algumas informações. Uma escola pode providenciar algumas in-formações sobre lógica e filosofia; você reúne algum conhecimento intelectual e assim pode compreender Aristóteles. Não precisa se transformar para compreendê-lo, só tem de acrescentar algumas coisas ao que já sabe. O ser permanece o mesmo, você permanece o mesmo. Não é preciso estar num plano diferente de consciência; isso não é exigido.

Aristóteles é claro. Se você quiser compreendê-lo, basta um pequeno esforço; qualquer pessoa de inteligência mediana pode compreendê-lo. Mas para compreender Heráclito, o terreno é acidentado e difícil, porque tudo o que você souber não o ajudará muito; uma cabeça muito bem educada não irá servir para nada. Você vai precisar de uma outra qualidade de ser — e isso é difícil; você precisará de uma transformação. Por isso chamam-no de obscuro.

Ele não é obscuro! Você é que está abaixo do nível de ser no qual ele pode ser compreendido. Quando você alcança esse nível de ser, subitamente toda a escuridão que o envolvia desaparece. Ele se torna um dos seres mais luminosos; não é obscuro, não é absolutamente obscuro — é você que está cego. Lembre-se sempre disso, porque se disser que ele é obscuro, estará jogando a responsabilidade sobre ele e tentando fugir de uma transformação possível, através da qual pode encontrá-lo. Não diga que ele é obscuro. Diga: "Somos cegos"; ou: "Nossos olhos estão fechados".

Aí está o sol: você pode parar diante dele com os olhos fechados e dizer que ele é escuro. Às vezes também acontece de você abrir os olhos, mas a luz é tanta que se fica temporariamente cego. É luz demais para suportar, é insuportável — subitamente tudo escurece. Os olhos estão abertos e o sol está aí, mas ele é demais para os seus olhos e você sente a escuridão.

E esse é o caso — Heráclito não é obscuro. Ou você está cego ou seus olhos estão fechados, ou há ainda uma terceira possibilidade: quando você olha para Heráclito, ele é um ser tão luminoso que seus olhos simplesmente perdem a capacidade de ver; é insuportável, a luz é demais para você. Você não está acostumado a tanta luz e por isso terá de fazer alguns ajustamentos antes de compreender Heráclito. E quando ele fala parece enigmático, parece gostar de charadas, porque usa paradoxos para falar.

Aqueles que sabem sempre falam através de paradoxos. Há alguma coisa nisso — não são enigmáticos, são muito simples; mas o que podem fazer? Se a própria vida é paradoxal, o que eles podem fazer? Para evitar paradoxos você pode criar teorias nítidas e claras, mas serão falsas, não serão verdadeiras em relação à vida. Aristóteles é muito

nítido e claro; ele se parece com um jardim cultivado. Heráclito parece enigmático — ele é uma floresta selvagem.

Não há nenhum problema com Aristóteles; ele evitou o paradoxo e construiu uma doutrina nítida e clara — é atraente. Você ficará assustado diante de Heráclito, porque ele abre a porta da vida, e a vida é paradoxal. Buda é paradoxal, Lao Tsé é paradoxal, todos os que sabem são paradoxais. O que se pode fazer? A própria vida é paradoxal, e eles têm de ser verdadeiros para com a vida.

A vida não é lógica. É um Logos, mas não é lógica. É um cosmo, não é um caos — mas não é lógica. A palavra 'Logos' precisa ser entendida, porque Heráclito a usará. E a diferença entre 'Logos' e 'lógica' também precisa ser entendida.

A lógica é uma doutrina sobre o que é a verdade, e o Logos é a própria verdade. O Logos é existencial, a lógica não é; a lógica é intelectual, é teórica. Tente entender. Se você olhar para a vida, dirá que a morte também existe. Como evitar a morte? Se você olhar para a vida, ela está implícita. Cada momento de vida é também momento de morte; não é possível separá-las. Isso se torna uma coisa enigmática.

Vida e morte não são dois fenômenos separados; são os dois lados de uma mesma moeda, são dois aspectos de uma mesma moeda. Se você penetrar profundamente verá que a morte é vida e que a vida é morte. No momento em que você nasce, começa a morrer. E sendo assim, quando você morre começa a viver novamente. Se a morte está implícita na vida, então a vida também está implícita na morte. Uma pertence à outra, são complementares.

A vida e a morte são como duas asas ou duas pernas: não se pode andar só com a perna direita ou só com a esquerda. Na vida, não se pode ser direitista ou esquerdista, é preciso ser ambos ao mesmo tempo. Com uma doutrina pode-se ser direitista ou esquerdista. A doutrina nunca é verdadeira para com a vida e não pode ser, porque a doutrina da necessidade precisa ser limpa, nítida e clara, e a vida não é assim — *a vida é vasta.*

Em algum lugar, Whitman, um dos maiores poetas do mundo, disse: "Contradigo a mim mesmo porque sou vasto".

Através da lógica você obterá uma mente muito estreita — não poderá ser *vasto.* Se você temer as contradições, não poderá ser vasto. Terá de escolher, reprimir, evitar a contradição, terá de ocultá-la — mas ocultando-a, ela desaparecerá? Pelo simples fato de não olhar para a morte, você não morrerá?

Pode-se evitar a morte, pode-se voltar as costas para ela, pode-se esquecê-la completamente. . . É por isso que não falamos sobre a morte; não faz parte das boas maneiras. Não falamos sobre ela, nós a evitamos. A morte acontece diariamente, acontece em todo lugar, mas nós a evitamos. No momento em que um homem morre, apressamo-nos em acabar rápido com ele. Fazemos nossos cemitérios fora das cidades para que ninguém vá. Construímos túmulos de mármore e neles escrevemos belas frases. Colocamos flores nos túmulos — o que se pretende com tudo isso? Tentar enfeitá-la um pouco.

No Ocidente, ocultar a morte tornou-se uma profissão. Existem profissionais que ajudam evitá-la, tomando o corpo morto mais bonito, como se ainda estivesse vivo. O que se está tentando fazer? — isso ajuda de alguma maneira? A morte existe. Você está se dirigindo para o túmulo; onde quer que você o construa, não faz diferença — você chega lá. Já está a caminho, está esperando um pouco na fila; está apenas na fila para morrer. Como se pode escapar da morte?

Mas a lógica tenta ser clara, e apenas para ser clara ela evita a morte. Diz que vida é vida e que morte é morte — elas estão separadas. Aristóteles diz que A é A, e nunca B. Isso se tornou a pedra fundamental de todo o pensamento ocidental: evita a contradição — amor é amor, ódio é ódio; amor nunca é ódio.

Isso é tolice porque todo amor implica ódio, tem de implicar; é assim que a natureza é. Você ama uma pessoa e odeia a mesma pessoa; e é assim que tem de ser; não se. pode evitar isso. Se você tentar evitar, tudo se tornará falso. É por isso que o seu amor se tornou falso: não é verdadeiro, não é autêntico; não pode ser sincero, é uma fachada.

Por que isso? Porque você está evitando o outro. Diz: "Você é meu amigo e um amigo não pode ser inimigo". Ou: "Você é meu inimigo, não pode ser meu amigo"; Mas esses são dois aspectos da mesma moeda — o inimigo é um amigo oculto, e o amigo é um inimigo oculto. O outro aspecto está oculto, mas presente.

Isso seria demais para você. Se você visse a ambos, isso seria insuportável. Se você enxergasse o inimigo no amigo não seria capaz de amá-lo. Se pudesse ver o amigo no inimigo não seria capaz de odiá-lo. A vida inteira se tornaria um enigma.

Heráclito é chamado de 'O Enigmático'. Ele não é enigmático, ele é verdadeiro para com a vida. Ele simplesmente a relata da maneira como ela é. Não possui nenhuma doutrina sobre a vida, não é um construtor de sistemas — é simplesmente um espelho. Ele a retrata da maneira como ela é. Se o seu rosto muda, o espelho retrata essa mudança; se você está amando, o espelho retrata esse amor; se no momento seguinte

você está cheio de ódio, o espelho retrata esse ódio. O espelho não é ambíguo, é verdadeiro.

Aristóteles não é como um espelho, mas como uma fotografia morta. Ela não muda, não se move com a vida. É por isso que Aristóteles diz que existe alguma falha nesse tal Heráclito, alguma falha em seu caráter. Para Aristóteles, a mente deve ser clara, sistemática e racional; a lógica deve ser o objetivo da vida e não se deve misturar os opostos.

Mas quem os está misturando? Heráclito não os está misturando. Eles estão aí, misturados. Heráclito não é responsável por isso. E como se pode separá-los se na própria vida eles estão misturados? Sim, pode-se tentar através dos livros, mas esses livros serão falsos. Uma afirmação lógica será basicamente falsa porque não pode ser uma afirmação *vital.* E uma afirmação vital será ilógica porque a vida existe através das contradições.

Olhe para a vida: há contradições em todo lugar — mas não há nada de errado na contradição; é só porque ela é insuportável à sua mente lógica. Se você atinge uma percepção mística, ela se torna bela. Na verdade, sem essa percepção não pode haver beleza. Se você não puder odiar a mesma pessoa que ama, não haverá nenhuma tensão em seu amor. Ele será uma coisa morta, não terá nenhuma polaridade, e tudo ficará velho.

O que acontece? Se você ama uma pessoa, de manhã está amando e à tarde o amor tornou-se ódio. Por quê? Qual é a razão disso? Por que isso ocorre na vida? Porque odiando, você separa; a distância original é outra vez recuperada. Antes de se apaixonarem, vocês eram dois indivíduos. Apaixonando-se, tornaram-se uma unidade, tornaram-se uma comunidade.

Você tem de entender esta palavra, 'comunidade'; é muito bonita — significa unidade comum. Você se torna uma comunidade, alcança uma unidade comum. A comunidade é bela por alguns momentos, mas depois se parece com a escravidão. Alcançar a unidade comum durante alguns momentos é muito bonito, leva às alturas, a um pico — mas não se pode viver para sempre nesse pico. Quem então iria viver no vale? E o pico só é belo porque existe o vale. Se você não puder voltar de novo ao vale, o pico perderá toda a sua altivez. E em oposição ao vale que ele é um pico. Se você construir nele uma casa, esquecerá que é um pico — toda a beleza do amor se perderá.

De manhã você ama, à tarde está cheio de ódio. Moveu-se para o vale, moveu-se para a posição inicial onde estava antes de se apaixonar — agora ambos são novamente indivíduos. Ser um indivíduo também é belo porque é um relaxamento. Estar no vale

escuro é calmo, ajuda a recuperar o equilíbrio. Depois você estará novamente pronto para subir ao pico; à noite estará amando novamente. Este é um processo de separação, depois novamente de união — repetindo-se mais e mais vezes. Quando você novamente se apaixona depois de um momento de ódio, é uma nova lua-de-mel. Se não há nenhuma mudança, a vida se torna estática. Se você não se mover para o oposto, tudo envelhecerá e ficará aborrecido. É por isso que as pessoas que são muito educadas se aborrecem com facilidade — porque estão sempre rindo, nunca se zangam. Você as insulta e elas riem, você as elogia e elas riem, você as condena e elas riem — são insuportáveis. E o sorriso delas é perigoso. Não pode ser um sorriso profundo, permanece apenas nos lábios, é uma máscara. Elas não estão rindo, estão apenas obedecendo a um código. O sorriso delas é feio.

As pessoas que estão sempre amando e nunca odeiam, nunca se zangam, serão sempre superficiais — porque se você não vai para o oposto, de onde ganhará profundidade? A profundidade vem através do movimento para o oposto. *Amor é ódio.* Na verdade, não deveríamos usar as palavras 'amor' e 'ódio'; deveríamos usar uma única palavra, 'amoródio'. Um relacionamento amoroso é um relacionamento de 'amoródio' — e é muito bonito!

Nada há de errado com o ódio, porque é através do ódio que se ganha o amor.

Não há nada de errado em sentir raiva, porque é através da raiva que você chega a uma quietude silenciosa.

Você já observou? Todas as manhãs os aviões passam por aqui — um som alto. E ao passarem, deixam em seus rastros um profundo silêncio. Não parecia tão silencioso antes do avião passar, não. Depois que o avião passa, o silêncio é maior.

Caminhando pela rua numa noite escura, de repente passa por você um carro em alta velocidade; os seus olhos ficam ofuscados pela luz — depois que ele passa, a escuridão é maior do que antes.

Através do oposto, através da tensão dos opostos, tudo vive — e torna-se mais profundo. Afaste-se para que 'você possa se aproximar; mova-se para o oposto para poder retornar novamente.

Um relacionamento amoroso é um relacionamento onde se entra tantas vezes quanto possível em lua-de-mel. Se a lua-de-mel acaba e tudo se acalma, ele está morto — qualquer coisa estabelecida está morta. A vida persiste através de um movimento constante — qualquer coisa que se torne estável, torna-se morta. As suas contas

bancárias são os seus cemitérios; nelas você morreu. Se você está totalmente estabilizado, já não está mais vivo, porque estar vivo é basicamente mover-se entre os opostos.

A doença não é má: é através da doença que você recupera a saúde. *Tudo se ajusta na harmonia* — e é por isso que Heráclito é chamado de o Enigmático. Lao Tsé o compreenderia profundamente, mas Aristóteles não. Infelizmente, Aristóteles tornou-se a fonte do pensamento grego. E o pensamento grego, por um infortúnio ainda maior, tornou-se a base de toda a mente ocidental.

Qual é a mensagem de Heráclito, a mensagem mais profunda? Entenda-a para que possamos continuar.

Ele não acredita em coisas, acredita em processos — 'processo', para Heráclito, é Deus. E se você observar cuidadosamente, verá que no mundo não existem coisas — tudo é um processo. Na verdade, é errado usar existencialmente a palavra 'é', porque tudo é um vir-a-ser. Nada 'é', nada!

Você diz: "Isto é uma árvore". No momento em que diz isso, ela já cresceu; a sua afirmação já é falsa. A árvore não é estática, como então usar a palavra 'é'? <u>Ela</u> sempre se transforma, torna-se uma outra coisa. Tudo está crescendo, movendo-se, em **um** processo. *Vida é movimento. Ë como um rio* — sempre se movendo.

Heráclito diz: "Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio", porque no momento em que você for entrar nele pela segunda vez, ele já terá se movido. É um fluxo. Pode-se encontrar duas vezes a mesma pessoa? Impossível! Você esteve aqui ontem pela manhã também — mas eu sou o mesmo? Você é o mesmo? Os dois rios mudaram. Amanhã talvez você esteja aqui, mas não me encontrará; outro estará aqui.

Vida é mudança. "Somente a mudança é eterna", diz Heráclito

E só a mudança não muda nunca. Tudo o mais está mudando. Ele acredita numa revolução permanente.

Tudo *está* em revolução. É *assim* que tudo é. Ser significa vir-a-ser. Permanecer significa mover-se — não se pode parar, nada é estático.

Até mesmo as montanhas, os Himalaias, não são estáticas; estão se movendo rapidamente. Nascem e depois morrem. Os Himalaias são a cordilheira mais jovem que existe no mundo, ainda estão crescendo. Ainda não atingiram o clímax, ainda são muito jovens anualmente crescem alguns centímetros. Existem montanhas mais velhas cujos

picos já atingiram o seu ponto mais alto; agora estão desmoronando, estão velhas, suas encostas estão se curvando.

Essas paredes que vocês estão vendo ao redor, cada uma de suas partículas está em movimento. Não se pode ver o movimento porque é muito rápido e sutil. Atualmente os físicos concordam com Heráclito e não com Aristóteles, lembre-se disso. Sempre que qualquer ciência chega muito perto da realidade, tem de concordar com Heráclito e Lao Tsé. Hoje os físicos dizem que tudo está em movimento. Eddington disse que a única palavra falsa é 'imobilidade'. Nada está imóvel, nada pode estar imóvel; essa é uma palavra falsa, não corresponde a nenhuma realidade.

'É' existe apenas na linguagem. Na vida, na existência, não existe nenhum 'é' — todas as coisas são um vir-a-ser. O próprio Heráclito, quando fala sobre o rio — o símbolo do rio é muito, muito profundo em Heráclito — diz que não se pode entrar duas vezes no mesmo rio, e que mesmo que você o faça, você é o mesmo e não é o mesmo. Parece o mesmo apenas na superfície — não só o rio mudou, você também mudou.

Aconteceu de um homem procurar Buda e insultá-lo — deu-lhe um tapa no rosto. Buda passou a mão pelo rosto e perguntou ao homem: "Tem algo mais a dizer?" — como se ele tivesse dito alguma coisa. O homem ficou confuso, porque não esperava uma resposta dessas. Foi embora. No dia seguinte voltou novamente, pois não conseguira dormir durante toda a noite. Sentiu que havia feito alguma coisa errada e se sentia culpado. Na manhã seguinte, chegou, caiu aos pés de Buda e disse: "Perdoe-me".

E Buda disse: "Quem irá perdoá-lo agora? O homem que você agrediu não está mais aqui, e o homem que veio aqui para agredir também não está — assim, quem perdoará quem? Esqueça isso, agora nada mais se pode fazer. O que aconteceu não pode ser desfeito — acabou! Porque não há ninguém, as duas partes estão mortas. O que se pode fazer? Você é um homem novo e eu sou um homem novo".

A mensagem mais profunda de Heráclito é esta: tudo flui e tudo muda; tudo se move, nada é estático. E quando você se apega a alguma coisa, perde a realidade. Apegar é o problema, pois a realidade muda e você não flui com ela.

Ontem você me amava. Agora sente raiva. Agarrado ao passado, eu lhe digo: "Você tem de me amar, porque ontem você me amava e disse que sempre me amaria — o que aconteceu?" Mas o que você pode fazer? Ontem, quando disse que sempre me amaria, não estava sendo falso, mas também não estava fazendo uma promessa — estava simplesmente expressando um estado de ânimo e eu acreditei demais nele. Quando você o *sentiu,* quando sentiu que me amaria eternamente, não estava mentindo, lembre-se

disso. Naquele momento isso era verdadeiro, era o que você estava sentindo, mas agora esse sentimento se foi. Aquele que o sentiu não está mais aqui. E o que passou, passou; nada pode ser feito. Você não pode forçar o amor. É o que estamos fazendo — e com isso causamos muito sofrimento.

O marido diz: "Ama-me!". A esposa diz: "Ama-me! Você prometeu me amar — já se esqueceu de quando namorávamos?" Mas esses já se passaram. Aquelas pessoas que estavam lá não existem mais. Aquele jovem de vinte anos, lembra-se? — você ainda é o mesmo? Muito se passou; o Ganges já correu muito — você já não está mais lá.

Ouvi contar que certa noite a mulher de Muna Nasrudin lhe disse: "Você não me ama mais, não me beija mais, não me abraça mais. Lembra-se de quando me cortejava? — você costumava me morder e eu gostava tanto disso! Pode-me moder mais uma vez?" Nasrudin levantou da cama e começou a andar. Sua mulher perguntou: "Onde você vai?"

Ele respondeu: "Ao banheiro, buscar os meus dentes".

Não, não se pode entrar duas vezes no mesmo rio. É impossível. Não se prenda; se você se prender criará um inferno. Prender-se é o inferno; uma consciência solta está sempre no paraíso — move-se de acordo com a situação, aceita-a, não resiste à mudança; não há rancores, não há reclamações, porque assim é a vida, assim são as coisas. Você pode brigar, mas isso não mudará nada.

Quando uma pessoa é jovem, é claro que existem diferentes disposições, porque a juventude tem diferentes estações. Como poderia um velho ser igual? Um velho com essas disposições parecerá ridículo. Como poderia dizer as mesmas coisas? — tudo mudou. Quando você é jovem, é romântico, inexperiente, sonhador. Quando envelhece, todos os sonhos desaparecem. Não há nada de mau nisso, porque quando os sonhos desaparecem você está próximo da realidade — agora entende mais. Você é menos poético, porque agora já não pode sonhar, mas não há nada de errado nisso. Sonhar era uma disposição, uma estação — isso muda. E é preciso ser verdadeiro para com o estado em que nos encontramos em determinado momento.

Seja verdadeiro para com o seu eu mutante, porque essa é a única realidade. É por isso que Buda diz que não existe eu. Você é um rio. Não há nenhum eu porque não há nada imutável em você. Buda foi rejeitado na índia porque a mente indiana, particularmente a dos Brahmins, dos hindus, acreditava num ser permanente — o *Atma.* Eles sempre disseram que há algo permanente, e Buda disse que somente a mudança é permanente — nada é permanente.

Por que você quer ser uma coisa permanente? Por que quer estar morto? Só uma coisa morta pode ser permanente. As ondas vêm e vão e por isso o oceano está vivo. Se as ondas parassem, tudo no oceano pararia. Seria uma coisa morta.

Tudo vive através da mudança — e mudar significa mudar para a outra polaridade. Você se move de um pólo a outro, e é assim que você se torna cada vez mais vivo e novo. Durante o dia você trabalha muito, à noite relaxa e vai dormir. De manhã você está novamente vivo e novo para trabalhar. Já observou a polaridade?

O trabalho opõe-se ao relaxamento. Se você trabalha muito torna-se tenso, cansado, exausto, mas depois cai no profundo vale do repouso, num profundo relaxamento. Você se *afasta* da superfície e move-se para o centro. Não é mais idêntico àquele que era na superfície, não é mais aquele nome, aquele ego; não leva consigo nada da superfície. Simplesmente se esquece de quem é, e pela manhã sente-se novo. Esse esquecimento é bom, renova-o. Tente ficar sem dormir durante três semanas — você enlouquecerá, porque se esqueceu de ir para o oposto.

Se Aristóteles estivesse certo, então não dormindo nunca, não se movendo para o oposto, você se tornaria um homem Iluminado. Mas assim você ficaria louco. E é por causa de Aristóteles que existem tantos loucos no Ocidente. Se não se ouvir o Oriente, se não se ouvir Heráclito, mais cedo ou mais tarde todo o Ocidente enlouquecerá. É, inevitável, porque se perdeu a polaridade.

A lógica lhe dirá exatamente o contrário. Para que você possa dormir profundamente à noite, a lógica lhe dirá para repousar durante todo o dia, para praticar o repouso o dia todo. Isso é lógico: pratique o repouso! É o que fazem os ricos: repousam o dia inteiro, depois têm insônia e dizem: "Não conseguimos dormir". E estão descansando o dia todo — deitados em suas camas, em suas espreguiçadeiras, repousando o tempo todo. E depois, à noite, descobrem que não podem dormir. Estão seguindo Aristóteles, são lógicos.

Um dia, Mulla Nasrudin foi ao médico. Entrou tossindo e o médico lhe disse: "Parece que sua tosse está melhor."

Nasrudin disse: "É claro que está melhor — eu a pratiquei a noite toda".

Se você repousar o dia inteiro, à noite estará agitado. Ficará o tempo todo se virando na cama: isso é apenas um exercício que o corpo faz para que se torne possível algum repouso.

Não — na vida não existe um homem mais errado que Aristóteles. Mova-se para o oposto: trabalhe muito durante o dia e dormirá profundamente à noite. Durma profundamente e pela manhã descobrirá que é capaz de fazer muito trabalho, terá uma infinita energia. Através do repouso obtém-se energia; através do trabalho obtém-se repouso — exatamente o oposto.

As pessoas me procuram e dizem: "Temos insônia, não podemos dormir, diga-nos como relaxar!" — elas são aristotélicas.

Eu digo a elas: "Vocês não precisam relaxar. Dêem uma longa caminhada, corram loucamente — duas horas de manhã, duas horas à tarde, e o repouso virá automaticamente. É o que sempre acontece! Vocês não precisam de técnicas de relaxamento; precisam de técnicas de meditação *ativa,* não de relaxamento. Vocês já estão relaxados demais; é isso o que a insônia significa, que vocês já estão relaxados demais — não precisam relaxar mais."

A vida move-se de um oposto ao outro. E Heráclito diz que esse é o segredo, a harmonia *oculta;* essa é a harmonia oculta. Ele é muito poético e precisa ser. Não pode ser filosófico, porque filosofia significa razão. A poesia pode ser contraditória; pode dizer coisas que os filósofos sentiriam vergonha de dizer — a poesia é mais verdadeira para com a vida. E os filósofos ficam dando voltas: jamais atingem o ponto central; ficam andando em círculos. A poesia *atinge* diretamente.

Se você quiser alguns paralelos com Heráclito no Oriente, poderá encontrá-los nos mestres Zen, nos poetas Zen e particularmente na poesia conhecida como *haiku.*

Um dos maiores poetas de Haiku é Bashô. Bashô e Heráclito estão incrivelmente próximos, profundamente enlaçados; são quase um só. Bashô não escreveu nada de um modo filosófico; escreveu em pequenos haikus, apenas três linhas, haikus de dezessete sílabas, pequenas peças. Heráclito também escreveu fragmentos; não escreveu um sistema tal como o fizeram Hegel ou Kant; ele não é um sistematizador — escreveu apenas máximas oraculares. Cada fragmento é completo em si mesmo, assim como um diamante; cada um é perfeito em si mesmo, não tem necessidade de se relacionar com outros. Ele falou de um modo oracular.

O método da máxima oracular desapareceu do Ocidente. Somente Nietzsche voltou a escrever dessa maneira: o seu livro "Assim Falava Zaratustra" consiste de máximas oraculares — mas depois de Heráclito, apenas Nietzsche.

No Oriente, todos os que se iluminaram escreveram dessa maneira. São assim os Upanishads, os Vedas, Buda, Lao Tsé, Chuang Tzu, Bashô: apenas máximas. São tão pequenas que é preciso penetrá-las, e na tentativa de entendê-las você acaba se transformando — o intelecto não está à altura delas. Num pequeno haiku, diz Bashô :

Na velha lagoa o sapo salta
na água-som

Fim! Ele disse tudo. É pictórico: pode-se ver uma velha lagoa, um sapo sentado na margem, e o salto do sapo. Pode-se ver a água espirrando e o som que ela faz. E Bashô diz: "Tudo foi dito". Isso é tudo o que a vida é: uma velha lagoa... o salto do sapo, o som da água — e o silêncio. É isso que *você é; é* isso que tudo é — *e* silêncio.

Heráclito fala da mesma maneira no seu fragmento sobre o rio. Primeiro usa "os sons de um rio" *(autoisi potamoisi);* antes de dizer qualquer coisa ele usa "o som do rio", e depois a máxima: *Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio.* Ele é um poeta, mas não um poeta comum.

Os hindus sempre chamaram os poetas de *rishis.* Existem dois tipos de poetas: um que está sempre sonhando e criando poesia a partir de seus sonhos — um Byron, um Shelley, um Keats; e há um outro tipo de poeta, um *rishi,* que não está mais sonhando — olha a realidade, e da realidade nasce a poesia. Heráclito é um *rishi,* um poeta que não está mais sonhando, que encontrou a existência. Ele é o primeiro existencialista do Ocidente.

Agora, tente penetrar nesta máxima.

A harmonia oculta
é superior à aparente.

Por quê? Por que a harmonia oculta é superior à aparente? Porque a aparente está na superfície e a superfície pode enganar; a superfície pode ser cultivada, pode ser condicionada. No centro você é existencial, na superfície você é social. O casamento está na superfície, o amor no centro. O amor possui uma harmonia oculta, o casamento possui um harmonia aparente.

Vá à casa de um amigo. Se você olhar pela janela e puder vê-lo brigando com a esposa, notará como o rosto deles é feio — no momento em que você entra, tudo muda: eles são tão polidos, falam um com o outro com tanta amabilidade. Essa é uma harmonia aparente, uma harmonia artificial. No fundo não existe harmonia, mas apenas maneirismos, só uma demonstração.

Um homem real pode parecer desarmônico na superfície, mas sempre será harmonioso no centro. Mesmo que se contradiga, em suas contradições haverá uma harmonia oculta. Uma pessoa que nunca se contradiz, que é totalmente coerente na superfície, jamais viverá uma harmonia real.

Existem pessoas coerentes: se amam, amam, se odeiam, odeiam — não permitem que os opostos se fundam e se diluam. São absolutamente claras no que diz respeito aos seus inimigos e amigos. São superficiais e inventam uma coerência. Mas não é uma coerência real: no fundo as incoerências estão fervilhando; na superfície são de certa forma manipuladas. Você as conhece porque elas são você! Na superfície você manipula, mas isso não ajuda em nada! Não se preocupe demais com a superfície. Mergulhe mais fundo — e não tente escolher um dos dois opostos. Você terá de viver ambos.

E, se puder vivê-los, sem pego, desligado, se puder viver os dois — se puder amar e permanecer uma testemunha, se puder odiar e permanecer um observador, essa observação será a harmonia oculta. Saberá então que são apenas climas, mudanças de estações, estados que vêm e vão — e verá neles a gestalt.

Esta palavra alemã, gestalt, é bela. Afirma que existe uma harmonia oculta entre a figura e o fundo. Não são opostos, *parecem* ser. Por exemplo, numa escola você vê o quadro-negro, e nele o professor escreve com giz branco. Branco e preto são opostos. Sim, para as mentes aristotélicas são opostos: preto é preto e branco é branco, são as polaridades. Mas por que esse professor escreve em branco no fundo preto? Não poderia escrever com giz branco num fundo branco? Não poderia escrever em preto sobre preto? Poderia, mas seria inútil. O preto precisa ser o fundo e o branco torna-se a figura sobre ele: eles contrastam, há uma tensão sobre os dois — são opostos *e* existe uma harmonia oculta. O branco parece mais branco sobre o preto; essa é a harmonia. Sobre o branco, o branco simplesmente desaparecerá porque não existe tensão, não existe oposição.

Lembre-se: Jesus teria desaparecido se os judeus não o tivessem crucificado. Eles criaram uma gestalt: com a cruz como fundo, Jesus tornou-se mais branco. Jesus teria desaparecido completamente. Por causa da cruz ele permaneceu. E por causa da cruz ele penetrou no coração das pessoas mais do que Buda, mais do que Mahavir. Quase metade do mundo apaixonou-se por Jesus — por causa da cruz. Ele era uma linha branca num quadro-negro. Buda é uma linha branca num quadro branco: o contraste não existe, não há gestalt; o fundo é exatamente igual à figura.

Se você apenas amar e não for capaz de odiar, o seu amor não valerá a pena, será simplesmente inútil. Não terá nenhuma intensidade, não será uma chama, não será uma paixão; será simplesmente frio. Ele pode tornar-se uma paixão — e 'paixão' é uma bela

palavra porque tem intensidade — mas como o amor torna-se paixão? Quando o mesmo homem que ama é capaz de odiar também. A compaixão tem intensidade se o mesmo homem é capaz de sentir raiva também. Se for incapaz disso, a sua compaixão será impotente — simplesmente impotente! Ele não é capaz de fazer nada, e por isso tem compaixão. Não pode odiar e por isso ama. Quando se ama apesar do ódio, há paixão. Então torna-se um fenômeno de figura e fundo, há gestalt.

E Heráclito está falando de uma gestalt mais profunda. A harmonia aparente não é realmente harmonia, a harmonia oculta é a harmonia real. Portanto, não tente ser coerente na superfície; em vez disso, encontre uma coerência nas profundas incoerências, descubra uma harmonia entre os mais profundos opostos.

A harmonia oculta é superior à aparente.

Esta é a diferença entre um homem religioso e um homem de moral. Um homem de moral é harmonioso só na superfície; um homem religioso é harmonioso no centro. Um homem religioso será sempre contraditório; um homem de moral é sempre coerente. Você pode contar com um homem de moral, mas não pode contar com um homem religioso. Um homem de moral é previsível; um homem religioso não o é nunca. Nunca se sabia como Jesus iria se comportar — seus discípulos mais próximos perceberam que não podiam prever o que ele faria. Um homem imprevisível; fala de amor e de repente entra num templo, tira um chicote e expulsa os mercadores; fala de compaixão, fala em termos de 'amar os inimigos' e arruina todo o templo — é um rebelde. Um homem que fala de amor parece ser incoerente.

Bertrand Russell escreveu um livro chamado "Por que não sou cristão". Nesse livro ele levanta todas as incoerências. Diz: "Jesus é incoerente e parece ser neurótico. Num lugar diz para amar os inimigos, e depois se comporta como se estivesse cheio de raiva — não só com as pessoas, mas também com as árvores: amaldiçoou uma figueira. Aproximaram-se de uma figueira e sentiram fome, mas não era época de figos. Olharam para a árvore e não havia frutos, e conta-se que Jesus amaldiçoou a árvore. Que homem é esse? E fala de amor!"

Ele possui uma harmonia oculta, mas Bertrand Russell não pode encontrá-la porque é um Aristóteles moderno. Não pode encontrá-la, não pode entendê-la. É bom que ele não seja cristão, é muito bom. *Não pode* ser um cristão, não pode ser um religioso. Ele é um moralista; cada ato precisa ser coerente — mas em relação a quê? Em relação a quem? Com quem deveria ter coerência? Com o seu passado? Uma asserção minha deveria ser coerente com a outra — por quê? Isso só seria possível se o rio não estivesse fluindo.

Você já observou um rio? Às vezes vai para a esquerda, às vezes para a direita, às vezes vai para o sul, às vezes para o norte, e você pode ver o quanto ele é incoerente — mas há uma harmonia oculta; ele chega ao oceano. *Onde quer que esteja indo,* a meta é o oceano. Às vezes ele se move para o sul porque a inclinação é para o sul; outras vai para o lado oposto, para o norte, porque a inclinação é para o norte — mas em todas as direções que ele se move está buscando o mesmo objetivo: o oceano. E você pode ver que ele o alcança.

Imagine um rio coerente, um rio que diga: "Sempre me dirijo para o sul; como posso me mover para o norte? — as pessoas diriam que sou incoerente". Esse rio jamais chegaria ao oceano. Os rios dos Russells e dos Aristóteles jamais chegam ao oceano; são coerentes demais, são superficiais demais. E não conhecem a harmonia oculta: *através dos opostos pode-se alcançar o mesmo objetivo.* O *mesmo* objetivo pode ser alcançado através dos opostos. Esta possibilidade é completamente desconhecida por eles — mas ela existe.

A harmonia oculta é superior à aparenie.

Mas é difícil, porque você terá constantes dificuldades. As pessoas esperam coerência de sua parte e a harmonia oculta não pertence à sociedade. Pertence ao cosmo, mas não à sociedade. A sociedade é um acontecimento criado pelo homem, e todo o plano elaborado por ela considera as coisas estáticas. Criou milhões de moralismos, de códigos, como se tudo fosse imóvel.

É por isso que os moralismos permanecem durante séculos. Tudo muda e as regras mortas permanecem. Tudo está sempre mudando e os chamados moralistas estão sempre pregando as mesmas coisas que são absolutamente *irrelevantes — mas* são coerentes em relação ao passado. Coisas *absolutamente* irrelevantes permanecem...

Por exemplo: no tempo de Maomé, os países árabes tinham quatro vezes mais mulheres do que homens, porque os árabes eram guerreiros e estavam constantemente guerreando, continuamente se matando e cometendo assassinatos entre eles. As mulheres nunca foram tão tolas, e assim sobreviveram em número cada vez maior: quatro mulheres para cada homem — o que fazer então? Se numa sociedade há quatro vezes mais mulheres, é possível entender o quanto é difícil existir nela algum moralismo; a partir daí surgem muitos problemas. Assim Maomé criou uma lei pela qual cada muçulmano poderia se casar quatro vezes... e ainda hoje essa lei é válida.

Agora isso se tornou uma coisa feia, mas eles se dizem coerentes em relação ao Alcorão. Agora a situação é inteiramente outra, é absolutamente diferente: já não existe o

quádruplo de mulheres — mas a lei permanece. E uma coisa que numa dada situação particular da história foi uma bela resposta, agora se tornou muito feia. Mas eles obedecem porque os muçulmanos são pessoas muito coerentes. Não podem mudar; e não podem consultar Maomé outra vez, ele não está mais aqui.

E os muçulmanos são muito espertos: fecharam as portas para quaisquer novos profetas que possam vir; eles poderiam fazer alguma coisa, alguma mudança. Assim, Maomé é o último — a porta está fechada mesmo que o próprio Maomé queira voltar. Ele não pode vir porque eles fecharam as portas. Isso sempre acontece.

Os moralistas sempre fecham as portas porque qualquer novo profeta sempre criará problemas, pois não será coerente em relação às regras. Viverá o momento. Terá seus próprios discípulos — será *coerente com a realidade atual.* Mas quem garante que será coerente com a passado? Não existe garantia. Assim, *toda* tradição moral fecha suas portas.

Os jainistas fecharam suas portas: dizem que Mahavir é o último e que agora não há mais Teerthankers. Os muçulmanos dizem que Maomé é o último; os cristãos dizem que Jesus é o filho unigênito de Deus, agora nunca mais haverá outro — todas as portas estão fechadas. Por que os moralistas sempre fecham as portas? Apenas por medida de segurança, porque se um profeta vier, um homem que vive cada momento, virará tudo de pernas para o ar, criará um caos. De alguma maneira você se estabeleceu: numa igreja, num moralismo, num código; tudo é fixo — e você obedece as regras. Na superfície você conseguiu uma harmonia aparente. Novamente vem um profeta e recria tudo, perturba tudo, começa a criar tudo outra vez.

Um moralista é um homem superficial. É ele quem vive para as regras, e não as regras para ele. Vive para as escrituras, e não as escrituras para ele. Ele obedece às regras, e não à consciência. Se você obedecer à consciência, à observação, alcançará uma harmonia oculta. Não ficará preocupado com os opostos, poderá usá-los. E quando se pode usar os opostos, tem-se uma chave secreta: pode-se tornar o amor mais bonito através do ódio.

O ódio não é inimigo do amor. Ele é o próprio sal que torna o amor mais belo — é o fundo. Assim, você pode intensificar a sua compaixão através da raiva, e elas não serão opostas. E é *isto* que Jesus afirma quando diz: "Ame os seus inimigos". Significa: ame os seus inimigos, pois eles *não* são inimigos — são amigos, você pode usá-los. Numa harmonia oculta eles tombam e tornam-se um.

A raiva é o inimigo — use-a, transforme-a num amigo! O ódio é o inimigo — use-o, transforme-o num amigo! Permita que o seu amor cresça mais através dele, faça dele um solo — e ele se tornará um solo.

Esta é a harmonia oculta de Heráclito: ame o inimigo, use o oposto. O oposto não é o oposto — é apenas o fundo.

A oposição traz concórdia.
Da discórdia
nasce a mais bela harmonia.

Heráclito jamais foi superado.

É na mudança
que as coisas encontram repouso.

As pessoas não compreendem como
o divergente
consigo mesmo concorda.

Há uma harmonia de tensões contrárias
assim como a do arco e da lira.

O nome do arco é vida,
mas sua função é a morte.

É claro que para o racionalista ele parecerá enigmático, obscuro, tenebroso. Mas será? Ele é tão cristalino quanto se pode ver, tão luminoso. Mas se você está preso à mente racional, torna-se difícil, porque ele diz que da desarmonia nasce a mais bela harmonia: *a oposição traz concórdia* — ame o inimigo.

A vida não terá nenhum sabor se a oposição for simplesmente destruída. Imagine um mundo onde não exista o mal. Você acha que existirá o bem? Imagine se não existissem pecadores. Você acha que todos seriam santos? O santo não pode existir sem o pecador — ele *precisa* do pecador. O pecador não pode existir sem o santo — ele precisa do santo. Existe uma harmonia, uma harmonia oculta: são polaridades.

E a vida é bela por causa de ambos. Deus não pode existir sem o Demônio. Deus é eterno, o Demônio também é eterno.

As pessoas me perguntam: "Por quê? Se Deus existe, por que há tanta miséria, tanto mal — por quê? É porque Deus não pode existir sem isso — isso é o fundo. Só Deus, sem o Demônio, não terá sabor nenhum, será enjoativo — você O vomitará, não conseguirá comê-Lo — será nauseante e enjoativo. Deus conhece a harmonia oculta; não pode existir sem o Demônio, portanto não odeie o Demônio — use-o. Se Deus o está usando, por que não você? Se Deus não pode existir sem ele, como você pode? Assim, os santos reais, os santos que têm intensidade, são como Gurdjleff.

Man Watts escreveu a respeito de Gurdjieff: "Ele é o santo mais velhaco que conheci!" É isso mesmo: ele é um velhaco — mas o mais sagrado. O próprio Deus é assim velhaco, o mais sagrado. Se você eliminar o Demônio, simultaneamente estará matando Deus. O jogo precisa das duas partes.

Quando Adão foi tentado pelo Demônio, era o próprio Deus que o estava tentando. Era uma conspiração. A serpente estava a Serviço de Deus, o Demônio também. A palavra 'Demônio', em si, é muito bela; vem da raiz sânscrita que significa Divino. 'Divino' vem da mesma raiz, *dev,* assim como 'Demônio': as duas palavras vêm da mesma raiz. É como se a raiz fosse a mesma e os galhos diferentes: num galho está o Demônio, no outro está o Divino — mas a raiz é a mesma: *dev.*

Foi necessária uma conspiração, se não o jogo não poderia continuar. *Deve* existir uma profunda harmonia — essa é a conspiração. Deus diz a Adão: "Não coma da Árvore do Conhecimento". Aqui começa a conspiração, começa o jogo; agora, as primeiras regras foram criadas.

O cristianismo perdeu muitas coisas bonitas porque tentou criar uma harmonia aparente. Há vinte séculos os teólogos cristãos preocupam-se com o Demônio: "Como explicá-lo?" Não é preciso, é simples, Heráclito sabe disso. É muito simples, *não* há necessidade de explicações. Mas os cristãos têm se preocupado porque se o Demônio existe, Deus deve tê-lo criado; caso contrário, como existiria?

Se o Demônio existe, Deus deve ter permitido isso; senão, como existiria? E se Deus não pode destruí-lo torna-se impotente, e então você não pode chamá-lo de onipotente. E se Deus criou o Demônio sem saber que iria ser Demônio, então Ele não é onisciente. Ele criou o Demônio sem saber que isso perturbaria o mundo inteiro. Ele criou Adão sem saber que ele comeria o fruto da Árvore! Proibiu isso! — então Deus não é onisciente. E se o Demônio existe, então Deus não pode ser onipresente, pois quem então estaria presente no Demônio? Portanto, Deus não pode estar em toda parte. Pelo menos não no coração do Demônio. E se Ele está no coração do Demônio, por que então condenar o pobre Demônio?

Existe uma conspiração — uma harmonia oculta. Deus proibiu Adão de comer só para tentá-lo: esta é a primeira tentação, porque sempre que se diz *"não* faça isso", a tentação acontece. O Demônio **só** vem mais tarde — a primeira tentação vem do próprio Deus. Se não fosse assim, se Adão agisse por si mesmo, seria quase impossível que ele encontrasse a Árvore do Conhecimento, pois existiam milhares de árvores no Jardim do Éden — quase impossível! inacreditável!

Até hoje não descobrimos todas as árvores desta terra; muitas ainda são desconhecidas, não classificadas; há muitas espécies ainda para serem descobertas. E esta terra não é nada — o Jardim do Éden era o jardim de Deus: milhares e milhares de árvores, infinitas. Adão e Eva, por si mesmos, jamais teriam encontrado — mas Deus os tentou. Nisso eu insisto: a tentação vem de Deus. E o Demônio é apenas o outro parceiro do jogo. Ele tentou — "não coma!" — e imediatamente a Árvore foi conhecida, e assim surgiu o desejo.

Por que Deus proibiu? Deve haver algum motivo. Para Deus não é proibido; Ele próprio come dessa Árvore; é proibido para nós — a mente começou a funcionar, o jogo começou. E então, como parceiro na conspiração, vem o Demônio, a serpente, e diz: "Co-mam! porque se comerem, serão como deuses". Este é o desejo mais profundo da mente humana: ser como deuses.

O Demônio usou o truque porque sabia da conspiração. Não se aproximou diretamente de Adão, fez através de Eva — porque se você quer tentar o homem, só pode fazê-lo através da mulher. Diretamente, não há tentação. Toda tentação vem através do sexo, toda tentação vem por intermédio da mulher.

A mulher é mais importante para que o Demônio faça o jogo — porque é impossível dizer não a uma mulher que o ama. Pode-se dizer não ao Demônio, mas à mulher... E o Demônio veio sob a forma de serpente. É um símbolo fálico, um símbolo do órgão sexual, pois não existe nada como a serpente para representar o órgão sexual masculino — são exatamente iguais. E veio através da mulher, pois como dizer não a uma mulher?

Multa Nasrudin arrumou tudo para que sua mulher fosse para as montanhas por causa de sua asma. Mas ela não estava querendo ir e recusou. Disse: "Temo que o ar das montanhas entre em desavença comigo".

Mulla Nasrudin disse: "Minha querida, não se preocupe. Não existe nenhum ar nas montanhas que seja tão valente a ponto de entrar em desavença com você. Não se preocupe".

É impossível discordar da mulher que se ama, por isso elas se tornam fáceis aliadas do Demônio. A tentação se instalou e Adão comeu a maçã da Árvore, o fruto do Conhecimento — e por isso você está fora do Jardim do Éden... e o jogo continua.

É uma profunda harmonia oculta. Deus não pode agir sozinho. Seria como a eletricidade funcionando apenas com o pólo positivo, sem o negativo; Ele estaria funcionando só com o homem, sem a mulher. Não, isso Ele já havia tentado antes, mas falhou. Primeiro fez Adão, mas falhou, pois com Adão sozinho o jogo não avançava, não havia continuidade. Então Deus criou a mulher.

E a primeira mulher que Deus criou não foi Eva. Foi Lilith — mas ela devia ser adepta do Movimento de Liberação Feminina. Criou problemas, porque disse: "Sou tão independente quanto você". E no primeiro dia, quando foram dormir, começaram os problemas, pois tinham uma só cabana, uma só cama. Quem iria dormir na cama e quem dormiria no chão? Lilith simplesmente disse: "Não! Você dorme no chão". Foi assim que começou o Movimento de Liberação Feminina.

Adão não ouviu e Lilith desapareceu. Ela foi a Deus e disse: "Não vou jogar esse jogo".

E é assim que no Ocidente a mulher está desaparecendo — Lillth está desaparecendo — e com ela a beleza, a graça, e tudo o mais. Todo o jogo corre perigo pois existem mulheres que dizem: "Não ame um homem".

Estive lendo um panfleto que dizia: "Matem o homem! Acabem com todos eles! Se o homem viver não haverá liberdade para a mulher". Mas se você matar o homem, como poderá existir? O Jogo precisa dos dois.

Lilith desapareceu, e por isso o jogo não podia continuar. Assim Deus teve de criar uma mulher. É por isso que Ele tentou dessa voa com um osso do próprio homem, pois uma mulher criada em separado traria os mesmos problemas. Assim, ele usou uma costela de Adão para criar a mulher.

Por isso há uma polaridade e também uma unidade. São dois mas pertencem ao mesmo tempo a um só corpo. Este é o significado: são dois, opostos, e ao mesmo tempo pertencem ao mesmo corpo, no fundo a raiz é a mesma; no fundo são um só corpo. É por isso que quando se encontram num abraço profundo e amoroso, tornam-se um só corpo; chegam ao estado em que Adão estava quando só; tornam-se um, fundidos e diluídos.

Existe oposição para que haja o jogo, mas no fundo há uma unidade interior. As duas coisas são necessárias para que o jogo continue: oposição e ainda assim harmonia.

Se houver harmonia absoluta o jogo desaparecerá — com quem você iria jogar? E se houver discórdia *completa,* oposição absoluta, se não houver nenhuma harmonia, então o jogo também desaparecerá.

A harmonia na discórdia, a unidade na oposição, eis a chave de todos os mistérios.

É na mudança que as coisas encontram repouso.
As pessoas não compreendem como o divergente
consigo mesmo concorda.

O Demônio concorda com Deus, Deus concorda com o Demônio — é por isso que o Demônio existe.

Há uma harmonia de tensões contrárias
assim como a do arco e da lira.

Um músico toca com um arco e uma lira; a oposição está apenas na superfície. Na superfície há uma colisão, uma luta, um confronto, uma discórdia, mas disso nasce uma bela *música.*

A oposição traz concórdia.
Da discórdia nasce a mais bela harmonia.
O nome do arco é vida, mas sua função é a morte.

E morte é o seu trabalho, o resultado final. Morte e vida também não são dois:

O nome do arco é vida, mas sua função é a morte.

Assim, a morte não pode ser *realmente* o oposto — ela tem de ser a lira. Se o nome do arco é vida, o da lira tem de ser morte. E entre ambos surge a mais bela harmonia da vida.

Você está exatamente entre a vida e a morte — e não é nem uma, nem outra. Por isso não se prenda à vida e não tema a morte. Você é a música entre a lira e o arco. É a colisão, o encontro, a fusão, a harmonia e o que de mais belo pode daí nascer.

Não escolha!

Se você escolher, estará errado. Se você escolher, ficará preso a um só, identificado com um só. Não escolha!

Deixe que a vida seja o arco e a morte seja a lira — e seja a harmonia, a harmonia oculta.

A harmonia oculta é superior à aparente.

2
Profundamente Adormecido, mesmo Desperto
(22 de dezembro de 1974)

Em seus momentos despertos
os homens são tão negligentes
e descuidados com aquilo que os circunda
como o são quando adormecidos.

Tolos! Embora ouçam,
são como surdos;
a eles aplica-se o adágio:
mesmo presentes
estão sempre ausentes.

Não se deve agir ou falar
como os que dormem.

Os despertos têm um mundo em comum;
ar adormecidos, cada um o seu próprio mundo privado.

Tudo o que vemos quando despertos é morte,
quando adormecidos, são sonhos.

Heráclito toca o problema mais profundo do homem, o de permanecer profundamente adormecido mesmo quando desperto.

Você dorme quando dorme, mas dorme também quando está desperto. O que isso significa? — pois é isso o que diz Buda, é o que diz Jesus, é o que diz Heráclito. Você parece bem acordado, mas apenas na aparência; no fundo está sempre dormindo.

Até mesmo agora está dormindo por dentro: continuam mil e um pensamentos — e você não tem consciência do que está acontecendo, não percebe o que está fazendo, não sabe quem você é. Move-se como as pessoas que se movem dormindo.

Você já deve ter visto alguém que se move dormindo, faz uma coisa, faz outra, e depois volta para a cama. Há uma doença chamada sonambulismo. Muitos levantam-se à noite de suas camas; seus olhos estão abertos, podem se mover! — movimentam-se, encontram a porta. Vão à cozinha, comem alguma coisa, voltam e deitam-se na cama. E se de manhã alguém pergunta o que fizeram, eles não sabem dizer. No máximo, se tentarem se lembrar, acharão que à noite tiveram um sonho no qual se levantaram e foram à cozinha — mas, no máximo, foi um sonho; mesmo isso é difícil lembrar.

Muitas pessoas cometeram crimes; muitos assassinos disseram no tribunal que não se lembravam de ter feito tal coisa. Não que estivessem tentando enganar a corte. Não. Agora os psicanalistas descobriram que eles não estão enganando, não estão mentindo; acreditam totalmente nisso. Eles cometeram assassinato — quando dormiam profundamente; realmente cometeram — como num sonho.

Esse sono é mais profundo que o comum. Esse sono é como estar bêbado: você pode se movimentar um pouco, fazer algumas coisas, pode também estar um pouco consciente — mas bêbado; não sabe exatamente o que está acontecendo. O que você fez no passado? Pode se lembrar exatamente? Por que fez o que fez? O que aconteceu com você? Estava alerta enquanto estava acontecendo? Você se apaixona e não sabe por quê, sente raiva e não sabe por quê. É claro que pode encontrar desculpas; racionaliza tudo o que faz — mas racionalização não é consciência.

Consciência significa que tudo o que está acontecendo no momento acontece com plena consciência: *você está presente.* Se você está presente quando a raiva está acontecendo, a raiva não acontece. Só pode acontecer se você estiver profundamente adormecido. Quando está presente, começa uma transformação imediata em seu ser, porque quando se está presente, atento, muitas coisas simples-mente não são possíveis. Tudo o que se chama de 'pecado' não é possível quando você está alerta. Assim, na verdade só existe um pecado, que é a inconsciência.

A origem da palavra 'pecado' é estar ausente. Não significa cometer alguma coisa errada; significa simplesmente estar à parte, estar ausente. A raiz hebraica para a palavra 'pecado' significa estar ausente. Isso ocorre em a:Jumas palavras inglesas: *'misconduce* (ausência de conduta) e *'misbehavior'* (ausência de comportamento). O verbo 'to miss' significa não estar presente, fazer alguma coisa sem estar presente — este é o único pecado. E a única virtude consiste em fazer alguma coisa em completo alerta — o que

Gurdjieff chama de lembrança de si, o que Buda chama de estar corretamente atento, o que Krishnamurti chama de consciência, o que Kabir chamou de *surati:* estar *presente!* Isso é tudo o que é preciso, mais nada; você não precisa mudar nada. E mesmo que tente ajudar, não pode.

Você tem tentado mudar muitas coisas dentro de si. Conseguiu? Quantas vezes decidiu não sentir raiva novamente? O que houve com a sua decisão? Quando chega a hora voce cai de novo na mesma armadilha: sente raiva e quando a raiva se vai, você se arrepende. Tornou-se um círculo vicioso: descarrega a raiva e se arrepende, depois está pronto para descarregar outra vez.

Lembre-se: mesmo quando está se arrependendo, você não está presente; esse arrependimento também faz parte do pecado. É por isso que nada acontece. Você continua tentando, tentando, toma muitas decisões, faz muitas promessas, mas nada acontece — você permanece igual, é exatamente o mesmo que quando nasceu, nem uma leve mudança aconteceu em você. Não que você não tenha tentado, não que não tenha feito o suficiente. Você tentou, tentou, tentou, e fracassou, porque não é uma questão de esforço. Mais esforço não vai adiantar. É uma questão de estar alerta, e não de se esforçar.

Se você está alerta, muitas coisas simplesmente desaparecem; *você não precisa abandona-las.* Quando se está alerta certas coisas são impossíveis. Esta é minha definição de pecado: estando alerta, certas coisas não são possíveis — elas são pecados; estando alerta, somente certas coisas são possíveis — as virtudes. Não existe nenhuma outra definição, nenhum outro critério. Você não pode se apaixonar se estiver alerta; apaixonar-se é um pecado. Você pode amar, mas isso não será uma queda, será uma ascensão.

Por que se usa o termo 'cair de amor'? É uma queda; você está caindo, não se elevando. Em estado de alerta, cair é impossível — nem mesmo por amor. Não é possível, é simplesmente impossível! Estando alerta, é impossível — você se eleva no amor. E elevar-se no amor é um fenômeno totalmente diferente de cair de amor. Cair de amor é um estado de sonho.

Por isso é possível ver as pessoas apaixonadas pelos seus olhos: é como se elas estivessem mais adormecidas do que as outras, estivessem intoxicadas, sonhando. Pode-se ver que os seus olhos revelam uma sonolência. As pessoas que se elevam no amor são totalmente diferentes. Pode-se ver que elas não estão mais num sonho, estão vendo a realidade e crescendo através dela.

Caindo de amor você permanece criança; elevando-se no amor você amadurece. E aos poucos o amor vai se tornando não um relacionamento, mas um estado de ser. E, assim, você não ama mais isso ou aquilo, não — você simplesmente ama. Seja quem for que se aproxime, você compartilha. Dá o seu amor a tudo o que está acontecendo. Toca uma pedra como se estivesse tocando o corpo da pessoa amada. Olha as árvores como se estivesse olhando para a pessoa amada. Torna-se um estado de ser, Não que você esteja amando — agora, você é amor. Isto é elevar-se e não cair.

O amor é belo quando através dele você se eleva, e o amor torna-se sujo e feio quando através dele você cai. E mais cedo ou mais tarde você acaba descobrindo que é um veneno, torna-se uma escravidão. Você foi apanhado nele, a sua liberdade foi massacrada, as suas asas foram cortadas, agora você não é mais livre. Cair no amor é tornar-se possessivo; você possui e permite que o outro o possua. Você se torna uma coisa e tenta transformar o outro por quem você se apaixonou numa coisa.

Veja um marido e uma esposa: ambos tornaram-se objetos, não são mais pessoas. Ambos estão tentando possuir um ao outro — somente as coisas podem ser possuídas, as pessoas jamais! Como se pode possuir uma pessoa? Como se pode dominar uma pessoa? Como se pode converter uma pessoa em posse? Impossível! Mas o marido está tentando possuir a esposa; a esposa está tentando a mesma coisa. Há então uma colisão, ambos se tornam basicamente inimigos, destróem-se mutuamente.

Aconteceu que certa vez Mulla Nasrudin foi ao escritório de um cemitério e reclamou ao gerente: "Sei que minha esposa está enterrada aqui em seu cemitério mas não consigo encontrar o seu túmulo".

O gerente consultou os registros e perguntou: "Qual é o nome dela?"

Mulla respondeu: "Senhora Mulla Nasrudin".

Ele olhou novamente e disse: "Não há nenhuma Senhora Mulla Nasrudin, mas sim um Mulla Nasrudin". E continuou: "Sentimos muito, parece que há alguma coisa errada no registro".

Nasrudin disse: "Não há nada errado. Onde é o túmulo de Mulla Nasrudin? — porque tudo está no meu nome".

Até mesmo o túmulo da esposa!

Possessividade... todos estão querendo possuir: a pessoa amada, o amante. Isso não é amor. Na verdade, quando você possui uma pessoa, está odiando, destruindo e matando, você é um assassino. O amor deveria ser liberdade; amor é liberdade. O amor deixa a pessoa amada cada vez mais livre, o amor dá asas e abre um vasto céu — ele não pode tornar-se uma prisão, uma clausura. Mas esse amor você não conhece porque ele só acontece quando se está alerta; essa qualidade de amor só vem quando há consciência. Você conhece o amor que é um pecado, porque ele vem do seu sono.

E é assim com tudo o que você faz. Mesmo que tente fazer alguma coisa boa, você causa danos. Veja os benfeitores: sempre causam danos, são as pessoas mais nocivas do mundo. Os reformadores sociais, os chamados revolucionários, são as pessoas mais nocivas. Mas é difícil ver onde está o veneno porque são pessoas muito boas, estão sempre fazendo o bem aos outros — esta é a maneira de criarem uma prisão para o outro. Se você permitir que façam algo de bom a você, acabará sendo possuído. Começam massageando seus pés, e mais cedo ou mais tarde você percebe que as mãos já alcançaram o seu pescoço; começam pelos pés e acabam no pescoço — porque eles não têm consciência, não sabem o que estão fazendo. Aprenderam um truque: se você quiser possuir alguém, faça o bem. Nem mesmo têm consciência de que aprenderam esse truque. Mas eles acabam causando danos — porque qualquer coisa, qualquer coisa que seja uma tentativa de possuir outra pessoa, sob qualquer nome ou forma, é irreligiosa, é um pecado. As suas igrejas, os seus templos, as suas mesquitas, todos pecaram em relação a você porque tornaram-se possuidores, são formas de dominação.

Toda igreja é contrária à religião porque religião é liberdade. O que acontece? Jesus tenta dar liberdade, dar asas a você. O que acontece depois, como aparece a igreja? Ela aparece porque Jesus vive num plano de ser totalmente diferente, o plano da consciência; e aqueles que o ouvem, aqueles que o seguem, vivem no plano da consciência; e aqueles que o ouvem, aqueles que o seguem, vi-vem no plano do sono. Interpretam tudo o que ouvem; interpretam através de seus próprios sonhos — e tudo o que eles criam é pecado. Cristo lhes oferece religião e depois as pessoas que estão dormindo profundamente convertem isso numa igreja.

Conta-se que, certa vez, Satã, o Demônio, estava muito triste sentado sob uma árvore. Passou por ali um santo, olhou para Satã e disse: "Ouvimos dizer que você não repousa nunca, que está sempre fazendo maldades num lugar ou noutro. O que está fazendo aqui sentado sob uma árvore?"

Satã estava realmente deprimido. Disse: "Parece que os padres assumiram a direção do meu trabalho e eu não posso fazer nada — estou completamente desempregado. Às vezes penso em me suicidar porque esses padres fazem tudo tão bem".

Os padres têm trabalhado muito bem porque converteram a liberdade em prisão, converteram a liberdade em dogmas — converteram todas as coisas do plano da consciência em coisas do plano do sono.

Procure entender o que é exatamente esse sono, porque se você puder sentir o que é, já começou a ficar alerta! — já está a caminho de sair dele. O que é esse sono? Como ele acontece? Qual é o mecanismo? Qual é o seu *modus operandi?* -

A mente sempre está no passado ou no futuro — este é o seu *modus operandi* — jamais está no presente. Não pode estar no presente, é absolutamente impossível para a mente estar no presente. Quando *você* está no presente, a mente não está mais, porque mente significa pensamento. Como se pode pensar no presente? Pode-se pensar no passado; ele já se tornou parte da memória, a mente pode manipulá-lo. Pode pensar no futuro; ele ainda não existe, a mente pode sonhar com ele. A mente pode fazer duas coisas: mover-se para o passado — há bastante espaço para se mover no vasto espaço do passado, você pode ir até onde quiser; ou mover-se para o futuro — outra vez um vasto espaço, sem fim, no qual você pode imaginar e sonhar à vontade. Mas como a mente pode funcionar no presente? Não há nenhum espaço; o presente não tem espaço para que a mente se movimente.

O presente é somente uma linha divisória, nada mais. Não tem nenhum espaço, divide o passado e o futuro; é só uma linha divisória. Pode-se estar no presente mas não se pode pensar; para pensar é necessário espaço. Os pensamentos precisam de espaço, são como as coisas — lembre-se disso. Os pensamentos são coisas sutis, são concretos; não são espirituais, pois a dimensão do espiritual só começa quando não existem pensamentos. Os pensamentos são coisas materiais, muito sutis, e tudo o que é material precisa de espaço. Não se pode estar pensando no presente; o momento em que você começa a pensar, já é passado.

Você vê que o sol está nascendo; vê e diz: "Que belo nascer de sol" — ele já é passado. Quando o sol está nascendo não há margem nem para se dizer: "Que bonito!", porque ao pronunciar essas palavras, a experiência já se tornou passada, a mente já a apreendeu na memória. Mas exatamente no momento em que o sol está nascendo, exatamente quando está se erguendo, como se pode pensar? Você pode estar com o sol nascente, mas não pode pensar. Há espaço suficiente para você, mas não para os pensamentos.

Ao ver uma bonita flor no jardim, você comenta: "Que rosa bonita". Nesse momento, já não está mais com a rosa; ela já é uma memória. Quando a flor e você estão presentes, ambos presentes, um diante do outro, como você pode pensar? O que pode pensar? Como o pensamento é possível? Não há espaço para isso. O espaço é tão estreito — na verdade não há nenhum espaço — que você e a flor nem mesmo podem existir como dois, porque não há espaço suficiente para dois. Somente um pode existir.

É por isso que. numa profunda presença você é a flor e a flor torna-se você. Você também é um pensamento — a flor também é um pensamento na mente. Quando não há pensamento, quem é a flor e quem está observando? O observador torna-se o observado. De repente os limites se perdem. De repente você penetrou na flor e a flor penetrou em você. De repente vocês não são dois — só existe um.

Quando começa a pensar, você se torna dois novamente. Se você não pensa, onde está a dualidade? Quando você existe com a flor, sem pensar, há um dialógo; não um dueto, mas um diálogo. Quando você está com o seu amante há um diálogo, não um dueto, pois não existem dois. Sentado ao lado da pessoa que você ama, de mãos dadas com ela, você simplesmente existe. Não pensa nos dias passados que já se foram; não pensa no futuro que ainda não veio — está aqui e agora. E é tão belo estar aqui e agora, e tão intenso; nenhum pensamento pode penetrar nessa intensidade. E a passagem é estreita — a porta para o presente é estreita! Nem mesmo dois podem entrar juntos, apenas um.

No presente, não é possível pensar, não é possível sonhar, pois sonhar nada mais é do que pensar com figuras. Ambos são coisas, ambos são materiais.

Quando você está no presente sem pensar, pela primeira vez está sendo espiritual. Uma nova dimensão se abre — essa dimensão é a consciência. Por você ainda não conhecer essa dimensão, Heráclito diz que você está dormindo, não está alerta. Estar alerta significa estar tão totalmente no momento, que não há nenhum movimento em direção ao futuro — todo o movimento cessa. Isso não significa que você se torne estático. Um novo movimento tem início, um movimento em profundidade.

Existem dois tipos de movimento — é isso que a cruz de Jesus significa; indica dois movimentos, um cruzamento. Um deles é linear: você se move numa linha, de uma coisa para outra, de um pensamento para outro, de um sonho para outro; de A para B, de B para C e de C para D. É asim que você se move, linear-mente, horizontalmente. É esse o movimento do tempo; é o movimento de quem está dormindo profundamente. É um vai e vem, para frente e para trás — há uma linha. Você pode ir de B para A ou de A para B — há uma linha. Existe um outro movimento que acontece numa dimensão totalmente

diferente. Esse movimento não é horizontal, é vertical. Você não vai de A para B, de B para C; vai de A para um A mais profundo: de A1 para A2, A3, A4, em profundidade — ou em altura.

Quando o pensamento pára, esse novo movimento tem inicio. Agora você cai nas profundezas, num fenômeno semelhante a um abismo. As pessoas que estão meditando profundamente, mais cedo ou mais tarde chegam a esse ponto; depois sentem medo, pois é como se um abismo infinito estivesse aberto; — você se sente tonto, sente medo. Gostaria de se prender ao velho movimento porque era conhecido; este lhe dá uma sensação de morte. É o significado da cruz de Jesus: a morte. Morrer é ir do horizontal para o vertical — esta é a morte real.

Mas é uma morte unilateral; do outro lado está a ressurreição; é morrer para renascer; é morrer numa dimensão e renascer em outra. Na horizontal, você é Jesus; na vertical, você se torna Cristo.

Se você vai de um pensamento para outro, permanece no mundo do tempo. Se você se move no momento, e não no pensamento, move-se na eternidade; você não é estático — nada neste mundo é estático, nada pode ser — mas há um novo movimento, um movimento desmotivado.

Lembre-se destas palavras. Na linha horizontal você se move com uma motivação. Tem de conseguir alguma coisa — dinheiro, prestígio, poder, ou Deus; mas tem de conseguir alguma coisa, há uma motivação. Movimento motivado significa sono.

Um movimento desmotivado significa consciência — você se move pelo puro prazer de se mover, move-se porque movimento é vida, move-se porque vida é energia e energia é movimento. Você se move porque energia é prazer — por mais nada. Não há nenhum objetivo, você não está atrás de nada. Na verdade, não está indo a parte alguma, nem mesmo está indo — está simplesmente se deleitando com a energia. Não há *nenhum objetivo* além do movimento; o movimento tem seu próprio valor intrínseco, nenhum valor extrínseco. Um Buda também vive; um Heráclito também vive; eu estou aqui, respirando — mas em um tipo diferente de movimento: desmotivado.

Alguém esteve perguntando há poucos dias atrás: "Por que você auxilia as pessoas na meditação?"

E eu respondi: "Por prazer. Não existe um por que — simplesmente gosto". Assim como alguém gosta de plantar sementes num jardim esperando pelas flores, eu gosto de ver você florescer. É como a jardinagem. Quando alguém floresce há um puro deleite. E eu

compartilho. Não há nenhum objetivo nisso. Se você fracassa, eu não me sinto frustrado. Se você não floresce, também está tudo bem, pois não se pode forçar uma florescência. Não se pode forçar um botão a se abrir — pode-se fazê-lo, mas então ele morrerá. Talvez se pareça com um desabrochar, mas não é.

O mundo inteiro se move, a existência se move para a eternidade; a mente se move no tempo. A existência está se movendo para baixo e para o alto; a mente se move para frente e para trás. A mente se move horizontalmente: isso é sono. Se você pode se mover verticalmente, isso é consciência.

Esteja no momento. Traga todo o seu ser para o momento. Não permita que o passado interfira, e não deixe o futuro entrar! Não há mais passado, ele está morto. E Jesus diz: "Deixe que os mortos enterrem seus mortos". O passado não existe mais! Por que você se preocupa com ele? Por que fica ruminando sem parar? Você enlouqueceu? Ele não existe mais — está apenas em sua mente, é apenas uma memória. O futuro ainda não existe. O que você vai pensar a respeito do futuro? Como se pode pensar naquilo que ainda não é? Que plano se pode fazer? Tudo o que você fizer a respeito dele não irá acontecer e você se frustrará, porque o Todo tem seus próprios planos. Por que você quer ter os seus planos em contraposição aos planos do Todo? A Existência tem seus planos, é mais sábia do que você --- o Todo tem de ser mais sábio do que a parte. Por que você finge ser o Todo? O Todo tem seu próprio destino, a sua própria satisfação. Por que você se preocupa? Assim, tudo o que você fizer será pecado porque estará perdendo o momento, este momento. E se isso se tornar um hábito — e torna-se; quando você começa a perder o momento, isso se torna uma coisa habitual — quando o futuro vier, mais uma vez você o perderá, porque então não será um futuro, será um presente.

Ontem você estava pensando sobre hoje, porque hoje ainda era amanhã; agora é hoje e você está pensando no amanhã; e quando o amanhã vier será hoje — pois tudo o que existe, *existe aqui e agora,* não pode ser diferente. E se você tiver uma maneira fixa de pensar, de modo que sua mente olhe sempre para o amanhã, quando você viverá? O amanhã nunca vem. Você estará sempre deixando passar — e esse é o pecado. Esse é o significado da raiz hebraica de 'pecar'.

No *momento* em que o futuro entra, entra o tempo. Você pecou contra a existência, deixou-a passar. E isso se tornou um padrão fixo: como um robô, você a vai deixando passar.

Existem pessoas que me procuram vindas de países distantes. Quando estão lá, pensam em mim e ficam muito excitadas a meu respeito; elas lêem, pensam e sonham. Quando chegam aqui começam a pensar em suas casas; mal acabaram de chegar já

querem voltar. Começam a pensar em seus filhos, suas mulheres, no trabalho, em mil e uma coisas. E eu vejo toda a tolice. Voltarão e outra vez estarão pensando em mim. Elas perdem o momento, e isso é pecado.

Enquanto você estiver aqui comigo, esteja comigo; esteja totalmente aqui comigo para que possa aprender um outro movimento, para que possa se mover na eternidade e não no tempo.

O tempo é o mundo e a eternidade é Deus; o mundo é horizontal e Deus é vertical. Ambos se encontram num ponto — onde Jesus é crucificado. Ambos se encontram, o horizontal e o vertical se encontram num ponto — o ponto é aqui e agora.

A partir do aqui e do agora pode-se iniciar duas jornadas: uma jornada no mundo, no futuro; ou uma jornada para Deus, para as profundezas. Esteja cada vez mais atento, cada vez mais alerta e sensível para o presente.

O que você fará? Como poderá tornar isso possível? Pois você está tão adormecido, que pode fazer disso também um sonho. Pode fazer disso um objeto de pensamento, um processo de pensamento. Pode tornar-se tão tenso a respeito que isso bastará para impedi-lo de estar no presente. Se você pensar demais em como estar no presente, isso não o ajudará. Se você se sentir muito culpado... acontecerá de às vezes você se mover para o passado; isso tem sido uma longa rotina e às vezes você começará a pensar no futuro — imediatamente você se sentirá culpado por ter pecado novamente. Não se culpe; entenda o pecado mas não se culpe — e isso é muito delicado. Se você se culpar terá deixado passar tudo. Agora, de uma nova maneira, o velho padrão se repetirá: você se sentirá culpado porque deixou passar o presente. Agora você pensa no passado porque esse presente não está mais presente; já é passado e você está se sentindo culpado por isso — ainda está deixando passar.

Portanto, lembre-se de uma coisa: sempre que perceber que foi para o passado ou para o futuro, não crie problemas por isso; simplesmente venha para o presente, sem criar problemas. Tudo bem! Apenas retome a consciência. Perderá milhões de vezes; isso não vai acontecer agora, imediatamente. Pode acontecer, mas não acontece por sua causa. O seu comportamento está fixado há tanto tempo, que você não pode mudá-lo agora. Mas não se preocupe, Deus não tem pressa; a eternidade pode esperar eternamente. Não crie uma tensão em relação a isso. Sempre que você sentir que deixou passar, volte; só isso. Não se sinta culpado; isso é um truque da mente, ela está outra vez fazendo um jogo. Não se arrependa por ter-se esquecido. Apenas, quando pensar, volte ao que estava fazendo: se estava tomando banho, volte; se estava comendo, volte; se

havia saído para um passeio, volte — simplesmente, inocentemente. Não crie culpa. Se você se sentir culpado perderá o ponto.

Existe pecado, não existe culpa — mas isso é difícil para você.

Se você sente que existe alguma coisa errada, imediatamente se sente culpado. A mente é ladina demais. Se você se sente culpado é porque o jogo acaba de começar; o terreno é novo mas o jogo é velho.

As pessoas me procuram e dizem: "Estamos sempre nos esquecendo". E estão tão tristes quando dizem: "Estamos sempre nos esquecendo. Tentamos mas só conseguimos lembrar durante alguns segundos. Permanecemos alertas, lembrando-nos de nós mesmos, e então deixamos passar — o que fazer?" Nada pode ser feito. Não se trata de fazer coisa alguma. Fazer o quê? A única coisa possível é não criar culpa. Simplesmente, volte.

Quanto mais você voltar... simplesmente, lembre-se, não com uma cara muito séria, não com muito esforço; simplesmente, inocentemente, não faça disso um problema, porque a eternidade não tem nenhum problema. Todos os problemas existem num plano horizontal; esse também existe num plano horizontal. O plano vertical não conhece problemas — é puro deleite; sem qualquer ansiedade, sem qualquer angústia, sem qualquer preocupação, sem qualquer culpa, sem nada. Seja simples e volte.

Muitas vezes você deixará passar — isso é certo; mas não se preocupe com isso, é assim mesmo. Deixará passar muitas vezes mas não é esse o ponto. Não preste muita atenção ao fato de que muitas vezes você perdeu: dê mais atenção ao fato de que muitas vezes você recuperou a lembrança. Lembre-se disso. A ênfase não deve ser dada ao fato de ter perdido muitas vezes, mas sim ao fato de ter recuperado a lembrança a cada vez. Sinta-se feliz por isso. Que você perca, é claro, é o que tem de ser. Você é humano, viveu no plano horizontal durante muitas vidas, portanto, é natural. O que é belo é que muitas vezes você voltou. Você fez o impossível; sinta-se feliz por isso!

Em vinte e quatro horas, deixará passar vinte e quatro mil vezes, mas recuperará todas as vinte e quatro mil. Agora uma nova maneira começará a funcionar. Muitas vezes você voltará para casa e assim, aos poucos, uma nova dimensão irá se abrindo. Cada vez mais conseguirá estar atento, e cada vez menos irá para frente e para trás. A distância entre as idas e vindas será cada vez menor. Cada vez menos você esquecerá, e cada vez mais se lembrará — você está entrando na vertical. Um dia, subitamente, a horizontal desaparece. Há uma intensidade de consciência e o horizontal desaparece.

É por isso que os shankaras, os vedantas e os hindus chamam este mundo de ilusório. Porque quando a consciência torna-se perfeita *este* mundo, este mundo que você criou a partir da sua mente, simplesmente desaparece. Outro mundo se revela a você. *Maya* desaparece, a ilusão desaparece. A ilusão existe por causa do seu sono, da sua inconsciência.

É como um sonho. À noite você se movimenta no sonho, e enquanto está sonhando, tudo é verossímil. Alguma vez você já pensou, enquanto sonha: "Isso não é possível"? No sonho o impossível acontece, mas não se pode duvidar. Você tem tanta fé quando sonha; nos sonhos ninguém é cético, nem mesmo Bertrand Russell.

Não! Nos sonhos, todos são como crianças, aconteça o que acontecer. Você vê num sonho a sua mulher chegando — de repente ela se torna um cavalo. Nem por um momento você diz: "Como isso é possível?" Sonhar é confiar, é ter fé. Não se pode duvidar num sonho. Se você duvida num sonho, infringe as regras. Quando você duvidar, o sonho começa a desaparecer. Se pelo menos uma vez você se lembrar que é um sonho, isso subitamente se tornará um choque, o sonho será despedaçado e você despertará completa-mente.

Este mundo que você vê à sua volta não é um mundo real. Não que ele não exista. Existe — mas você o vê através de uma tela de sono, entre ambos há uma inconsciência. Você olha para *ele,* interpreta-o à sua maneira, você é exatamente como um bêbado.

> *Certa vez, Mulla Nasrudin chegou correndo. Estava totalmente bêbado e o ascensorista já ia fechar a porta do elevador, mas de alguma maneira Nasrudin foi empurrado para dentro. Estava superlotado. Todos perceberam que ele estava bêbado; cheirava a bebida. Tentou disfarçar; tentou se virar para a porta, mas não via nada — seus olhos também estavam bêbados e sonolentos. Tentava ficar em pé, mas era impossível. Sentiu-se então muito envergonhado porque todos o olhavam e achavam que ele estava completamente bêbado; ele podia sentir isso.*
>
> *Então, de repente, esqueceu-se de onde estava e disse: "Vocês devem estar se perguntando porque organizei esta reunião". Vendo tantas pessoas ao redor, ele pensou que tinha marcado uma reunião e que as pessoas queriam saber o motivo. As pessoas*

começaram a rir. Na manhã seguinte, ele já estava bom. E ele mesmo começou a rir como elas.

Todos os Budas riem quando acordam. Riem como um leão rugindo. Riem, não de você, mas de toda a piada cósmica. Viviam num sonho, num sono, completamente intoxicados pelo desejo, e através desse desejo olhavam para a existência. E a existência não era real, eles projetavam nela o sono que era deles mesmos.

Você toma toda a existência como uma tela, depois projeta nela a sua própria mente e vê coisas que não existem, deixando de ver as que existem. E a mente tem explicações para tudo. Se você levanta uma dúvida, a mente explica. Cria teorias, filosofias, sistemas, só para se sentir confortável, assegurando-se de que não há nada errado. Todas as filosofias existem para tornar a vida conveniente, para que tudo pareça bem, para que não haja nada errado — mas tudo está errado quando você está adormecido.

Um homem me procurou. Estava preocupado; era pai de uma linda menina. Estava muito preocupado. Disse: "Todas as manhãs ela se sente mal, e eu a tenho levado a todos os médicos e eles dizem que não há nada errado. O que faço?"

Então eu lhe disse: "Procure Mulla Nasrudin; é o cara mais sábio que há por aqui e conhece tudo, pois nunca o ouvi dizer: 'Eu não sei'. Vá até lá".

Ele foi. Eu fui atrás só para ver o que Nasrudin ia dizer. Nasrudin fechou os olhos, contemplou o problema, depois abriu os olhos e disse: "Você dá leite para ela antes de dormir?"

O homem respondeu: "Sim!"

Nasrudin continuou: "Encontrei o problema: se você dá leite a uma criança, ela fica se revirando na cama, de um lado para o outro, e com essa agitação o leite coalha. A coalhada torna-se queijo, o queijo torna-se manteiga, a manteiga torna-se gordura, a gordura torna-se açúcar e o açúcar torna-se álcool — e é claro que de manhã ela está de ressaca".

Assim são todas as filosofias; algumas explicações para as coisas; algumas explicações para coisas que não podem ser explicadas; pretensões de conhecimento sobre alguma coisa que não é conhecida. Mas elas tornam a vida mais conveniente. Você consegue dormir melhor, são como tranqüilizantes.

Lembre-se, esta é a diferença entre religião e filosofia: a filosofia é um tranqüilizante, a religião é um choque; a filosofia ajuda-o a dormir bem, a religião o retira do sono. A religião não é uma filosofia — é uma técnica para arrebatá-lo da sua inconsciência. E todas as filosofias são técnicas para ajudá-lo a dormir bem; oferecem-lhe sonhos, utopias.

A religião priva-o de todos os sonhos, de todas as utopias. A religião o traz para a verdade e a verdade só é possível quando você não está sonhando. Uma mente sonhadora não pode ver a verdade. Uma mente sonhadora converte a própria verdade em sonho.

Você já observou? Você liga o despertador; precisa acordar às quatro horas da manhã, precisa pegar o trem. De manhã o despertador toca e a sua mente cria um sonho: você está num templo e os sinos do templo estão soando — e tudo está explicado. O alarme não pode mais acordá-lo, não é mais problema; você já o explicou — imediatamente! A mente é sutil.

E agora os psicanalistas estão muito preocupados sobre como isso acontece, sobre como a mente pode criar de imediato, tão imediatamente. É difícil! — a mente deve projetar de antemão. Como, de repente, você se encontra numa igreja ou num templo onde os sinos estão tocando? O alarme toca — imediatamente você tem uma explicação dentro do sonho. Está tentando evitar o alarme, não quer se levantar, não quer sair da cama numa noite tão fria. A mente diz: "Isso não é o alarme, é um templo que você está visitando". Tudo se explica e você volta a dormir.

É isso o que as filosofias estão fazendo, e é por isso que existem tantas filosofias — porque cada um precisa de uma explicação diferente. Uma explicação que ajude uma outra pessoa a adormecer não servirá para você. E é isso o que Heráclito diz nesta passagem.

Em seus momentos despertos
os homens são tão negligentes
e descuidados com aquilo que os circunda
como o são quando adormecidos.

Dormindo, você não percebe aquilo que está acontecendo à sua volta, mas durante as horas em que está acordando você tem consciência das coisas que o rodeiam?

Muita pesquisa tem sido feita. Noventa e oito por cento das mensagens que chegam à sua mente não têm permissão para entrar — noventa e oito por cento! E os dois por cento restantes a mente interpreta. Eu digo uma coisa e você ouve outra qualquer. Eu digo uma coisa e você a interpreta de uma maneira tal que não perturbe o seu sono. Imediatamente sua mente lhe dá uma interpretação. Você encontra na mente um lugar para ela e a mente a absorve; torna-se parte da mente. É, por isso que estamos sempre perdendo os Budas, os Cristos, os Heráclitos e os outros. Eles falam com você; dizem-lhe que encontraram alguma coisa, experimentaram alguma coisa, mas quando lhe dizem isso, você imediatamente interpreta. Você tem os seus próprios truques.

Aristóteles ficou muito perturbado com Heráclito. Chegou à conclusão de que esse homem tinha falhas de caráter — e pronto! Você já rotulou porque ele não concordava com você, ele o perturbava. Heráclito deve ter sido um grande peso para a mente de Aristóteles — porque Aristóteles move-se na horizontal, é o mestre disso, e aquele homem estava tentando empurrá-lo para o abismo. Aristóteles move-se no terreno plano da lógica e aquele homem estava tentando empurrá-lo para o mistério. Alguma explicação é necessária. Aristóteles diz: "Esse homem deve ter alguma falha biológica, fisiológica, 'caracterológica' — tem alguma falha. Senão, por que insistiria no paradoxo? Por que insistiria no mistério? Por que insistiria em que existe uma harmonia entre os opostos? Opostos são opostos. Não há nenhuma harmonia. Vida é vida e morte é morte. Esclareça as coisas, não as misture — esse homem deve ser um desordeiro".

Lao Tsé sentiu o mesmo. Disse: "Todos parecem ser sábios, menos eu. Todos parecem espertos, menos eu — sou um tolo!" Lao Tsé é um dos melhores, é uma das pessoas mais sábias nascidas hoje, mas ele sente que, entre vocês, é um tolo. Lao Tsé diz: "Todos parecem ter pensamentos tão claros e eu sou um desordeiro". O que Aristóteles diz sobre Heráclito, Lao Tsé diz sobre si mesmo.

Lao Tsé diz: "Quando alguém ouve os meus ensinamentos sem a mente, torna-se iluminado. Se alguém os ouve através da mente, encontra as suas próprias explicações — as quais não têm nada a ver comigo. E quando alguém ouve sem ouvir nada — existem pessoas que ouvem sem ouvir — quando as pessoas ouvem como se estivessem ouvindo sem ouvir, então riem das minhas tolices". Esse terceiro tipo de mente é a da grande maioria. E Lao Tsé diz: "Se a maioria não ri de você, fique atento, porque você deve estar dizendo alguma coisa errada. Se a maioria ri, só então você está dizendo algo verdadeiro.

Quando a maioria o considera um tolo, só então há a possibilidade de você se tornar um sábio; caso contrário, não existe essa possibilidade".

Heráclito parece um desordeiro para Aristóteles. Pode parecer também para você porque Aristóteles conquistou todas as universidades, todos os colégios do mundo. Agora, em todos os lugares, eles ensinam lógica, não mistérios. Em todos os lugares você aprende a ser racional e não místico. Todos são treinados para serem claros. Se você quiser ser claro terá de se mover na horizontal, onde A é A; B é B, e A nunca é B. Mas no abismo misterioso da vertical, as fronteiras diluem-se e fundem-se: homem é mulher e mulher é homem; certo é errado e errado é certo; luz é escuro e escuro é luz; vida é morte e morte é vida — todas as fronteiras diluem-se, fundem-se. Por isso, Deus é um mistério e não um silogismo. Aqueles que provam Deus fazem simplesmente o impossível; não é possível dar provas de Deus. As provas só existem na horizontal.

isso o que significa confiar: cair num abismo, experimentar o abismo, desaparecer simplesmente dentro dele... e conhecer. Você só conhece quando a mente não está, nunca antes.

Tolos! Embora ouçam, são como surdos;
a eles aplica-se o adágio:
mesmo presentes
estão sempre ausentes.

Qualquer que seja o lugar em que você esteja presente, esse é exatamente o lugar onde você está ausente. Você pode estar em qualquer outro lugar, mas não nesse onde está. Seja onde for que você esteja, você não está aí.

Diz-se nas velhas escrituras tibetanas que Deus vem a você muitas vezes, mas nunca o encontra onde você está. Bate à sua porta, mas o anfitrião não está — está sempre num outro lugar qualquer. Você está em sua casa, em seu lar, ou em outro lugar? Como Deus pode encontrá-lo? Você não precisa ir até Ele, basta ficar em casa que Ele o encontrará. Ele está à sua procura, assim como você está à procura Dele. Esteja em casa, assim, quando Ele chegar, Ele poderá encontrá-lo. Deus vem, bate milhares de vezes, espera na porta, mas você nunca está.

Heráclito diz:

Tolos! Embora ouçam, são como surdos;
a eles aplica-se o adágio: mesmo presentes
estão sempre ausentes.

Este é o sono: estar ausente, não estar presente no momento pre-sente, estar em qualquer outro lugar.

Aconteceu: Mulla Nasrudin estava sentado num café falando sobre a sua generosidade. E quando ele fala, chega a extremos — aliás, como todos, pois se esquece do que está dizendo. Alguém lhe disse: "Nasrudin, se você é tão generoso por que nunca nos convida para ir à sua casa? Nunca nos convidou para comer alguma coisa. Que tal a idéia?"

Ele estava tão excitado que se esqueceu completamente da esposa e disse: "Venham agora mesmo!"

Conforme iam se aproximando da casa, ele ia se tornando mais sério. Então lembrou-se da esposa e ficou com medo — estava levando trinta pessoas.

Quando chegaram ao portão, ele disse: "Esperem aqui! Vocês sabem que tenho uma esposa. Vocês também têm esposas e sabem como é. Esperem. Primeiro vou persuadi-la e depois os chamo para entrar". Assim, ele entrou e desapareceu.

Os homens esperaram por algum tempo e ele não voltou; então bateram na porta. Nasrudin havia contado à esposa tudo o que havia acontecido, que havia falado demais sobre a sua generosidade e que o haviam apanhado. Sua esposa lhe disse: "Mas não temos nada para servir a trinta pessoas e a essa hora da noite não se pode conseguir nada para comprar".

Nasrudin disse: "Faça o seguinte: quando eles baterem, saia e diga que Nasrudin não está em casa".

Assim, quando eles bateram, a esposa saiu e disse: "O Nasrudin saiu".

Eles disseram: "É, surpreendente, pois viemos juntos, ele entrou e não o vimos sair. E somos trinta esperando aqui na entrada — ele deve estar aí. Entre e encontre-o. Ele deve estar escondido em algum lugar".

A esposa entrou e disse: "O que fazer?"

Nasrudin ficou excitado. Disse: "Espere!" Foi lá fora e falou para eles: "Isso não quer dizer nada! Ele pode ter saído pela porta dos fundos!"

Isso é possível, está acontecendo diariamente com você. Ele se esqueceu completamente de si; foi o que aconteceu — esqueceu-se de si mesmo pela lógica. A

lógica está certa, o argumento está certo. "Vocês estão esperando na porta da frente e ele pode ter saído pela porta dos fundos". A lógica está certa, mas Nasrudin se esqueceu completamente que ele próprio estava dizendo isso.

Você não está presente. Não está presente nem para o mundo nem para si mesmo. Isso é dormir. Como pode então ouvir? Como pode ver? Como pode sentir? Se você não está presente aqui e agora, então todas as portas se fecham. Você é uma pessoa morta, não está vivo. É por isso que Jesus diz tantas vezes aos que o estão ouvindo: "Se você tiver ouvidos, ouça-me; se tiver olhos, veja-me!"

Heráclito deve ter encontrado muitas pessoas que escutavam mas não ouviam; que olhavam mas não viam porque suas casas estavam completamente vazias. O senhor não está em casa, os olhos estão olhando, os ouvidos estão escutando, mas o senhor não está dentro. Os olhos são apenas janelas; não podem ver a menos que *você* veja através deles. Como uma janela pode ver? Você tem de estar diante dela para poder ver. Como? — é só uma janela, não pode sentir. Mas se você estiver lá será totalmente diferente.

O corpo todo é como uma casa e a mente está viajando, o senhor está sempre viajando para algum lugar e a casa permanece vazia. E a vida bate à sua porta — pode chamá-la de Deus, ou do que quiser, o nome não importa; chame-a de existência — ela bate à sua porta, está sempre batendo, sem parar, mas você nunca é encontrado ai. Isso é dormir.

Não se deve agir ou falar como os que dormem.

Aja, fale, com plena atenção e então sentirá uma profunda mudança em você. O próprio fato de estar atento transforma os seus atos. Então não se pode cometer pecado — e isso não significa que você se controle, não! Controlar é um pobre substituto da atenção, um substituto muito pobre; não ajuda muito. Se você está atento não precisa controlar a raiva; na atenção, a raiva nunca surge. Elas não podem existir juntas; não há coexistência para elas. Na atenção, o ciúme nunca surge. Na atenção, muitas coisas simplesmente desaparecem, tudo o que é negativo desaparece.

É assim como a luz: quando a luz está em sua casa, como pode existir escuridão? Ela simplesmente desaparece. Quando a sua casa está iluminada, como você pode tropeçar? Como pode bater nas paredes? A luz está acesa, você conhece a porta, chega até ela, entra ou sai. Quando está escuro, você tropeça, esbarra nas coisas e cai. Quando você está desatento, esbarra nas coisas, tropeça e cai. A raiva nada mais é do que um tropeçar; o ciúme nada mais é do que tatear no escuro. Tudo o que está errado, está errado, não pela coisa em si, mas porque você vive na escuridão.

Se Jesus quiser sentir raiva, ele poderá; poderá usar a raiva. Você não pode usá-la — está sendo usado por ela. Se Jesus sente que pode ser bom e útil, pode usar qualquer coisa — ele é um Mestre. Jesus pode sentir raiva sem estar com raiva. Muitas pessoas trabalharam com Gurdjieff, e ele era um homem terrível. Quando sentia raiva, enraivecia terrivelmente, parecia um assassino; mas era apenas um jogo; só um jogo, só uma situação para ajudar alguém. E imediatamente, simultaneamente, ele olhava para outra pessoa e sorria. Olhava outra vez para a pessoa a quem dirigia a sua raiva, novamente se enraivecia e fazia uma cara terrivelmente feia.

Isso é possível. Quando se está consciente pode-se usar tudo. Até mesmo o veneno se torna um elixir quando você está atento; mas quando está dormindo até um elixir pode ser venenoso — porque tudo depende do seu estado de alerta.

Os atos não significam nada. Os atos não têm importância. Você, a sua atenção, o seu estar consciente, atento, é o que interessa. O que você faz não importa.

Aconteceu: havia um grande Mestre, um Mestre budista, Nagarjuna. Um ladrão o procurou. O ladrão havia se apaixonado pelo Mestre porque nunca vira ninguém tão bonito, com uma graça tão infinita. Perguntou a Nagarjuna: "Existe alguma possibilidade de que eu também cresça? Mas uma coisa precisa ser esclarecida: sou um ladrão. E outra coisa: Não posso abandonar isso, portanto, que não seja essa a condição. Farei tudo o que você disser, mas não posso deixar de ser um ladrão. Já tentei muitas vezes — nunca consegui, por isso abandonei todos os esforços. Aceitei o meu destino, o de ser um ladrão, e continuar sendo, por isso não diga nada sobre isso. Desde o começo quero deixar isso claro".

Nagarjuna disse: "Do que você tem medo? Quem vai dizer alguma coisa sobre o fato de você ser um ladrão?"

O ladrão respondeu: "Mas sempre que procuro um monge, um religioso ou um padre, eles dizem: "Antes, pare de roubar!"

Nagarjuna riu e disse: "Então você deve ter procurado ladrões; senão, por que se importariam? Eu não me importo!"

O ladrão estava feliz. Disse: "Então tudo bem. Parece que agora posso me tornar um discípulo. Você é o Mestre certo".

Nagarjuna aceitou. Disse: "Vá e faça o que quiser. Somente uma condição deve ser seguida: esteja alerta! Vá, arrombe as casas, entre, pegue coisas, roube; faça o que quiser, isso não é da minha conta, não sou um ladrão — mas faça com toda a atenção".

O ladrão não podia entender que estava caindo numa armadilha. Disse: "Está bem. Tentarei".

Três semanas depois ele voltou e disse: "Você usou um truque, pois se estou alerta não posso roubar. Se roubo, a consciência desaparece. Estou em apuros".

Nagarjuna disse: "Não fale mais em ser ladrão e roubar. Não estou interessado nisso, não sou um ladrão. Agora, decida! Se quiser estar consciente terá de decidir. Se não quiser, também terá de decidir".

O homem disse: "Mas agora é difícil. Experimentei um pouco e é tão bonito — abandonarei tudo, tudo o que você disser".

E continuou: "Ontem à noite entrei no palácio real pela primeira vez. Abri o tesouro. Poderia ter-me tornado o homem mais rico da terra — mas você estava atrás de mim e eu tive de estar alerta. Quando estava alerta, subitamente desapareceram as motivações, os desejos. Quando estava alerta, os diamantes eram pedras, pedras comuns. Quando perdi esse estado, o tesouro estava ali outra vez. Esperei e fiz isso muitas vezes. Alerta, tornei-me um Buda, e não pude nem mesmo tocar em nada pois tudo parecia tolice, estupidez — apenas pedras, o que estou fazendo? Perdendo a mim mesmo por causa de pedras? Mas depois eu perdia a consciência; a ilusão retornava e de novo elas tornavam-se belas. Mas no final decidi que não valia a pena".

Quando você conhece a consciência, nada mais vale a pena — você já conheceu a maior graça da vida. Então, subitamente, muitas coisas simplesmente desaparecem; tornam-se estúpidas, tolas. A motivação não existe, o desejo não existe, os sonhos ruíram.

Não se deve agir ou falar como os que dormem.

Esta é a única chave.

Os despertos têm um mundo em comum;
os adormecidos, cada um o seu próprio mundo privado.

Os sonhos são privados, absolutamente privados! Ninguém pode entrar em seus sonhos. Você não pode compartilhar um sonho com a pessoa amada. Maridos e esposas dormem na mesma cama mas sonham separadamente. É impossível compartilhar um sonho porque este não é nada — como se pode compartilhar o nada? É como uma bolha, é absolutamente não-existencial; não se pode compartilhá-lo, você tem de sonhar sozinho.

É por isso, por causa dos que dormem, de tantos adormecidos, que existem tantos mundos. Você tem o seu próprio mundo; se você está dormindo, vive enclausurado em seus próprios pensamentos, conceitos, sonhos e desejos. Sempre que encontra outra pessoa, dois mundos se chocam; mundos em colisão — esta é a situação. Observe!

Observe um marido e uma esposa conversando; não estão absolutamente conversando. O marido pensa no trabalho, no salário; a esposa pensa nos vestidos para o Natal. Interiormente, eles têm seus mundos privados, mas esses mundos privados encontram-se em algum lugar, colidem, porque o vestido da esposa depende do salário do marido, e o salário do marido tem de incluir o vestido da esposa. Ela diz: "Querido", mas por trás da palavra 'querido' estão os vestidos; ela está pensando neles. O 'querido' não significa o que está escrito nos dicionários, pois sempre que uma mulher diz 'que-rido', é apenas uma fachada e o marido imediatamente fica com medo. Ele não demonstra isso, é claro, pois se alguém diz 'querido', não se pode demonstrar medo. Ele responde: "O que é, querida? Como está você?" Mas ele sente medo, porque está pensando em seu salário, sabe que o Natal está chegando e existe perigo.

A mulher de Mulla Nasrudin dizia a ele: "O que aconteceu? Há pouco eu estava chorando, soluçando, as lágrimas escorrendo pelo meu rosto e você nem perguntou: 'Por que está chorando?'"

Nasrudin disse: "Chega! — sai muito caro perguntar. Já cometi muitas vezes esse erro no passado; lágrimas não são só lágrimas — são vestidos, casa nova, móveis novos, um carro novo, muitas coisas se ocultam por trás das lágrimas. Elas são apenas **um** começo".

Não é possível nenhum diálogo quando existem dois mundos privados. Somente o conflito é possível.

Os sonhos são privados, a verdade não é. A verdade *não pode* ser privada — ela não pode ser sua ou minha, não pode ser cristã ou hindu, não pode ser indiana ou grega. A verdade não pode ser privada. Os sonhos são privados. Tudo o que é privado, lembre-se, pertence ao mundo dos sonhos. A verdade é um céu aberto, é para todos, é una.

É por isso que quando Lao Tsé fala, a linguagem pode ser diferente; Buda fala, a linguagem é diferente; Heráclito fala, a linguagem é diferente — mas eles dizem a mesma coisa, indicam a mesma coisa. Não vivem num mundo privado. O mundo privado desapareceu junto com os seus sonhos, com os desejos — com a mente. A mente tem um mundo privado mas a consciência não tem.

Os despertos têm um mundo em comum. . .

Todos os que estão despertos têm um mundo em comum — a existência. E todos aqueles que estão adormecidos e sonhando têm seus mundos próprios.

O seu mundo *tem* de ser abandonado; esta é a única renúncia que eu lhe peço. Não digo para abandonar sua esposa; não digo para abandonar seu emprego: não digo para abandonar seu dinheiro ou o que for, não! Digo simplesmente: abandone o seu mundo privado de sonhos. Para mim, isso *é sannyas!*

O velho sannyas abandonava este mundo, o visível. A pessoa ia para o Himalaia, abandonava a mulher e os filhos; isso não é importante. Não é este o mundo que se deve abandonar. Como se pode abandoná-lo? Os Himalaias também pertencem a este mundo. O mundo real que deve ser abandonado é o da mente, o mundo privado dos sonhos. Se você renunciar a ele, mesmo sentado no meio de uma praça, estará nos Himalaias. Se não renunciar, também nos Himalaias criará um mundo privado ao seu redor.

Como se pode fugir de si mesmo? Onde quer que você vá, estará consigo mesmo. Onde quer que vá se comportará da mesma maneira. As situações podem ser diferentes, mas como você pode ser diferente? Estará dormindo nos Himalaias. Que diferença fará dormir em Poona, em Boston, em Londres ou nos Himalaias? Onde quer que esteja, estará sonhando. Pare de sonhar! Torne-se mais alerta! De repente os sonhos desaparecerão, e com os sonhos desaparecerão todas as misérias.

Tudo o que vemos
quando despertos é morte,
quando adormecidos, são sonhos.

Isso é realmente belo: onde quer que você adormeça, terá sonhos, ilusões, miragens; a sua própria criação, o seu próprio mundo privado. Quando você está desperto, o que vê? Heráclito diz: "Quando você acorda, vê a morte ao seu redor". Talvez seja por isso que você não quer ver. Talvez seja por isso que você sonha e cria uma nuvem de sonhos à sua volta, para não precisar encarar o fato da morte. Mas lembre-se, um homem só se torna religioso quando defronta a morte, nunca antes.

Quando você está diante da morte, cara a cara, quando não a evita, quando não se esquiva, quando não foge, quando não cria uma nuvem ao seu redor, quando a encara, enfrenta o fato da morte, de repente torna-se consciente de que morte é vida. Quanto mais você se aprofunda na morte, mais se aprofunda na vida — porque, diz Heráclito, os opostos se encontram e diluem-se, eles são um.

Se você está tentando fugir da morte, lembre-se, está fugindo também da vida; é por isso que você parece tão morto. Este é o paradoxo: fuja da morte e permanecerá morto; enfrente a morte e se tornará vivo. No momento em que você encara a morte tão profunda e intensamente a ponto de sentir que está morrendo — toca e sente a morte não só por fora mas por dentro também — vem a crise. Essa é a cruz de Jesus, a crise da morte. Nesse momento, você morre para o mundo — o mundo horizontal, o mundo *da* mente — e ressuscita num outro mundo.

A ressurreição de Jesus não é um fenômeno físico. Os cristãos criaram desnecessariamente muitas hipóteses sobre isso. Não é uma ressurreição na dimensão de um outro corpo, que nunca morre. Este corpo é temporal, o outro é eterno. Jesus ressuscita em outro mundo, o mundo da Verdade; o mundo privado desapareceu.

No último momento, Jesus diz que está preocupado, transtornado. Até mesmo um homem como Jesus se preocupa quando está morrendo, e tem de ser assim. Ele diz a Deus, ele grita: "O que está fazendo comigo?" Gostaria de se prender ao horizontal, de se prender à vida — mesmo alguém como Jesus. Portanto, não se sinta culpado em relação a si mesmo; você também quer se prender. Isto é o humano em Jesus, e ele é mais humano do que Buda ou Mahavir. Isto é humano: o homem está diante da morte e teme, grita, mas não recua, não cai. Imediatamente ele se conscientiza do que está pedindo. E então diz: "Seja feita a Tua vontade!", relaxa e se rende. Imediatamente a roda gira — ele não está mais na horizontal; entrou na vertical, na profundidade. Ressuscitou na eternidade.

Morra no tempo para ressuscitar na eternidade. Morra para a mente para se tornar vivo na consciência. Morra para o pensamento para renascer na consciência.

Heráclito diz: "Tudo o que vemos quando despertos é morte..." É por isso que vivemos com sonhos, sonos, tranqüilizantes, narcóticos e tóxicos — para não enfrentar o fato. Mas o fato tem de ser encarado. Se você o encara, o fato se torna a verdade; se você foge, vive em mentiras. Se você encara o fato, ele se torna a porta para a verdade. O fato é a morte; precisa ser encarado. E a verdade é a vida — a vida eterna, a vida em abundância, a vida que não acaba nunca.

Então a morte não é morte. Vida e morte são ambas uma só, como duas asas — eis a harmonia oculta.

3
A Sabedoria é Una e Única
(23 de dezembro de 1974)

É próprio a todos os homens
o conhecer a si mesmo
e ser moderado.

Ser moderado é a maior virtude.

A sabedoria consiste em falar e agir segundo a verdade,
observando cuidadosamente a natureza das coisas.

Ouvindo a mim, embora não ouça o Logos, é sábia
admitir que todas as coisas são uma só.

A sabedoria é uma só —
conhecer a inteligência pela qual
todas as coisas são dirigidas por todas as coisas.

A sabedoria é una e única;
relutando e todavia almejando
ser chamada pelo nome de Zeus.

Algumas coisas antes de introduzirmos estes sutras de Heráclito.

Primeiro: conhecer a si mesmo é a coisa mais difícil. Não deveria ser assim. Deveria ser exatamente o oposto — a coisa mais simples. Mas não é — por muitas razões. Tornou-se tão complicado, pois você investiu tanto na auto-ignorância que parece quase impossível retornar, voltar à fonte, encontrar a si mesmo.

Toda a sua vida, tal como ela é, como é aprovada pela sociedade, pelo Estado, pela Igreja, está baseada na auto-ignorância. Você vive sem se conhecer, porque a sociedade

não quer que você se conheça. É perigoso para a sociedade. Um homem que conhece a si mesmo está destinado a ser rebelde. O conhecimento é a maior das rebeldias — quer dizer, o autoconhecimento, não o conhecimento acumulado através de escrituras, não o conhecimento encontrado nas universidades, mas o conhecimento que acontece quando você encontra o seu próprio ser, quando chega a si mesmo na sua nudez total; quando você se vê como Deus o vê, não como a sociedade gostaria de vê-lo; quando você vê o seu ser natural, no seu florescimento total e selvagem — não o fenômeno civilizado, condicionado, educado, polido.

A sociedade está interessada em fazer de você um robô, não um revolucionário, porque o robô é mais útil. É fácil dominar um robô; é quase impossível dominar um homem de autoconhecimento. Como se pode dominar um Jesus? Como se pode dominar um Buda ou um Heráclito? Ele não cederá, não obedecerá a ordens. Ele se moverá através de seu próprio ser. Será como o vento, como as nuvens; ele se moverá como os rios. Será selvagem — naturalmente belo, natural, mas perigoso para a falsa sociedade. Ele não se ajustará. A menos que criemos no mundo uma sociedade natural, um Buda continuará sendo sempre um desajustado, um Jesus certamente será crucificado.

A sociedade quer dominar; as classes privilegiadas querem dominar, oprimir, explorar. Gostaria que você permanecesse completamente inconsciente de si mesmo. Esta é a primeira dificuldade. E a pessoa *tem* de nascer numa sociedade. Os pais fazem parte da sociedade, os professores fazem parte da sociedade, os padres fazem parte da sociedade. A sociedade está em toda parte, à sua volta. Parece realmente impossível — como escapar? Como encontrar a porta que leva de volta à natureza? Você está cercado por todos os lados.

A segunda dificuldade vem do seu próprio ser — porque você também gostaria de oprimir, de dominar; você também gostaria de possuir, de ser poderoso. Um homem de autoconhecimento *não pode* ser escravizado, e também não pode escravizar ninguém. Não se pode oprimir um homem de conhecimento e um homem de conhecimento não pode oprimir ninguém. Ele não pode ser dominado e não domina. A dominação simplesmente desaparece nessa dimensão. Você não pode possuí-lo e ele não possui ninguém. Ele é livre e ajuda os outros a serem livres.

Esta é uma dificuldade ainda maior do que a primeira. Você pode evitar a sociedade, mas como evitar o seu próprio ego? Você sente medo — porque um homem de conhecimento simplesmente não pensa em termos de posse, de domínio, de poder. É inocente como uma criança. Ele gostaria de viver totalmente livre, e gostaria que os outros também vivessem livres.

Esse homem será uma liberdade aqui neste seu mundo de escravidão. Você gostaria de não ser explorado? Sim, você responderá, você gostaria de não ser explorado. Gostaria de não ser um prisioneiro? Sim, você gostaria de não ser um prisioneiro. Mas gostaria também da outra coisa? — de não prender ninguém? Não dominar, não oprimir e explorar? Não matar o espírito, não transformar o outro num objeto? Isso é difícil. E lembre-se: se você quiser dominar, você será dominado. Se você quiser explorar, você será explorado. Se você quiser que alguém seja seu escravo, você será escravizado. Os dois lados pertencem à mesma moeda. Esta é a dificuldade do autoconhecimento. Senão, o autoconhecimento seria a coisa mais simples, a mais fácil. Não haveria nenhuma necessidade de se fazer qualquer esforço.

Os esforços são necessários para essas duas coisas, elas são as barreiras. Observe e veja essas duas barreiras, e comece abandonando a sua. Primeiro, pare de dominar, de possuir e explorar, e de repente será capaz de escapar da armadilha da sociedade.

O ego é o problema, é por isso que você não se pode conhecer. O ego lhe dá indubitáveis imagens falsas de si mesmo. E se você carrega essas imagens consigo durante muito tempo, começa a sentir medo.

Teme que se a sua imagem desmoronar, a sua identidade será quebrada. Você cria uma falsa face e depois sente medo: se essa máscara cair, .quem será você? Você enlouquecerá. Você investiu demais nela. E todos pensam em si mesmos em termos tão elevados, em termos tão falsos; ninguém concorda com eles, ninguém os aprova, mas o ego deles acha que todos estão errados.

Eu conhecia um homem muito velho. Vivia numa cidade, na mesma casa, há quase meio século; nunca saíra da cidade, na verdade nem mesmo conhecia a cidade. Ficava sempre em casa, era um tipo de homem muito introvertido e isolado; não tinha amigos, não se casara, era um solteirão; não tinha filhos, e seus pais já haviam morrido — era só. As pessoas o consideravam um pouco excêntrico, um pouco louco. Ninguém jamais o visitava e ele nunca saía para ver ninguém. Então, de repente, surpreendeu toda a cidade e a vizinhança: estava mudando para a casa do lado. Os vizinhos perguntaram: "Por que?" Durante meio século ele tinha vivido na mesma, casa — por que, tão de repente?

O homem disse: "Rapazes, parece ser o cigano que existe em mim."

É a imagem *dele.* Se você concorda ou não, não interessa; mas ele acha que é um cigano. E é assim que vocês todos estão carregando suas próprias imagens.

Surge o primeiro problema: se você quer conhecer a si mesmo tem de abandonar suas falsas imagens, tem que se ver como você é — e isso não é muito bonito, esse é o problema. *Não é* muito bonito, e é por isso que você criou belas imagens — para se esconder. Se você se vir na sua nudez total, não verá uma cena muito bonita: verá raiva, verá ciúme, verá ódio, verá milhões de coisas erradas ao seu redor. E você se considera uma grande amante — e tem ciúme, possessividade, ódio, raiva, e todos os tipos de negatividade. Você se considera uma pessoa muito bonita — mas quando entra dentro de si mesmo, encontra a feiúra... e imediatamente dá as costas.

É por isso que há milhares de anos os Budas têm ensinado: "Conhece-te a ti mesmo." Mas ninguém os ouve. Conhecer-se parece ser uma coisa tão difícil — por que? Porque você tem de enfrentar fenômenos feios. Eles existem e é preciso passar por eles. Você *tem* um belo ser interior, mas esse belo ser não está na periferia, está no centro. Para alcançar o centro, você tem de passar pela periferia. E você não pode fugir, não há como escapar, é preciso passar por ela. Você tem de atravessar toda a feiúra, toda a negatividade, ódio, ciúme, violência, agressão, e se estiver pronto e maduro o suficiente para passar pela periferia, só então alcançará o centro. Aí a cena muda.

No centro, você é Deus; na periferia, é o mundo — e o mundo é feito. Na periferia você nada mais é que uma sociedade em miniatura, e a sociedade é feia. Na periferia você é um Napoleão, um Hitler, um Gengis Khan, um Timur Leng, todos os políticos e todos os loucos do mundo. Na periferia você é uma miniatura de tudo isso; é toda a história da agressividade, da violência, da opressão, da escravidão. Na periferia, lembre-se, você é a história que pertence a este mundo. Tudo está envolvido; tem de ser assim porque a mente não lhe pertence, é um produto social. A mente carrega todos os germes do passado, todos os males do passado, toda a feiúra do passado, porque a mente pertence ao coletivo. Existem determinados momentos em que você pode ver ou observar o seu próprio Genghis Khan, o seu próprio Hitler. Existem momentos em que você pode ver que gostaria de assassinar, de matar e destruir o mundo inteiro.

Você precisa ser corajoso para passar pela periferia, para ser uma testemunha. E se você conseguir penetrar nessa periferia, nessa sociedade, na história, então você será, no centro, o próprio Deus. Há então uma beleza infinita — mas essa beleza infinita é intocável pela sociedade, não é a periferia. Então você é inocente como um recém-nascido, fresco como uma gota de orvalho pela manhã, incontaminado. Mas para chegar a isso, você tem de passar por toda a feiúra. Toda a história do homem tem de ser atravessada. Você não pode simplesmente evitá-la.

É isso o que você tem feito. E é por isso que o autoconhecimento tornou-se difícil — você quer evitá-lo. A única maneira de evitá-lo é fechar os olhos, não ver. Criar como contrapartida um sonho privado. Olhar para você mesmo como você gostaria de ser — todos os ideais, utopias, belas imagens. Fazer um pequeno nicho perto da periferia — bonito, enfeitado — e não olhar para a periferia, ficar de costas para ela.

E então Heráclito diz: "Conhece-te a ti mesmo", porque essa é a única sabedoria. Você tem medo de sair do seu lugar enfeitado, porque bem perto dele está o vulcão — entrará em erupção a qualquer momento. Assim, as pessoas falam sobre o autoconhecimento, discutem a respeito, escrevem sobre ele, criam sistemas, mas nunca o experimentam. Mesmo os que estão sempre falando em conhecer o ser, falam apenas nisso, argumentam a respeito, discutem, mas nunca o experimentam na realidade efetiva. E o auto-conhecimento é uma experiência existencial, não uma teoria. Teorias não funcionarão. Teorias também serão apenas parte da sua decoração. Elas não quebrarão o gelo. Elas não romperão a periferia. Não o levarão para o centro.

Você ouve as pessoas: se elas dizem que você é Deus, você se sente muito feliz; se dizem que você é uma alma eterna, você se sente muito feliz. Mas você pinta e enfeita essas teorias também. Elas também são um truque, são fugas — não o ajudarão. Ande pela Índia. Todos sabem que mundo todo é parte de Deus, todos são 'brahmans'. E veja como suas vidas são feias. Olhe para a vida dessas pessoas que falam sobre Deus; você não encontrará nem uma única partícula, nem mesmo uma partícula atômica daquilo que elas estão dizendo. Elas não falam para convencê-lo, mas sim para convencerem a si mesmas. Entretanto, continuam na periferia e também sentem medo de se mover.

O medo existe. Tem de ser abandonado. Lembre-se: antes de alcançar a suprema graça você terá de passar por um longo sofrimento. Antes de alcançar o infinito, o eterno, você terá de passar pelo temporal, por toda a história do homem. É inerente, está em todas as células do seu corpo, em todas as células da sua mente e cérebro — e você não pode evitar isso. Todo o passado está aí com você, está em você, *tem* de ser atravessado. É um pesadelo, é um pesadelo muito, muito longo, milhões de anos, mas é necessário passar por ele --- essa é a dificuldade.

O sofrimento tem de ser vivido; esse é o significado de Jesus na cruz. Através do sofrimento ele alcança a ressurreição; através do sofrimento você alcançará o autoconhecimento. Portanto, não tente evitá-lo — não é possível evitá-lo. Quanto mais o fizer, mais oportunidades estará perdendo. Enfrente? Não há *nada* a ser feito, exceto enfrentá-lo. E quanto mais intensamente você o enfrentar, mais depressa ele desaparecerá.

Chega um momento no qual você estará absolutamente pronto para enfrentá-lo, seja ele o que for — você abandona todas as imagens. Até mesmo num único momento de intenso estado de alerta, você pode chegar ao centro. Mas nesse único momento você terá de sofrer todo o passado da humanidade, toda a história; você terá de sofrer tudo o que aconteceu.

Conta-se, você já deve ter ouvido, que se uma pessoa afunda nas águas do mar ou de um rio, numa única fração de segundo relembra todo o passado desde o nascimento, as dores do parto — num instante, num 'flash', a vida inteira passa. Isso é verdade. E o mesmo acontece quando você alcança o momento do samadhi, a morte suprema, quando o ego morre completamente. Isso acontece! Mas num único instante você sofre todo o passado da humanidade, não o seu próprio. Esta é a cruz. Você sofre todo o passado da humanidade, porque agora está transcendendo a humanidade. Tem de passar por tudo o que a humanidade já viveu. Tem de sofrer tudo isso. É imenso! A angústia é absoluta! E só então você chega ao centro e a graça torna-se possível.

O autoconhecimento é difícil porque você não está pronto para passar por nenhum sofrimento. Você pensa no autoconhecimento em termos de tranqüilizantes; pensa que o autoconhecimento é um tranqüilizante. As pessoas vêm a mim e pedem: "Dê-nos a paz, o silêncio." E se alguém promete o silêncio e a paz sem sofrimento, está enganando-o — e facilmente você cairá na armadilha, porque isso é o que você gostaria de ter. Esse é o apelo usado no ocidente por pessoas como Maharishi Mahesh Yogi. Elas não estão lhe dando meditação real, estão lhe dando tranqüilizantes. Porque uma meditação tem de passar pelo sofrimento; não é uma brincadeira.

Você tem de atravessar o fogo e só nesse fogo o seu ego desaparecerá. Olhando para toda a sua feiúra, ele desaparece automaticamente.

Mas Maharishi Mahesh Yogi e outros dizem que o sofrimento é desnecessário: "Eu lhe darei uma técnica — faça tal coisa durante dez minutos de manhã e à tarde e seu ser se tranqüilizará. Você sentirá uma paz infinita e tudo ficará bom; em poucos dias você estará iluminado."

Não é tão fácil — é árduo. Truques não funcionarão. Não perca seu tempo com truques. Apenas repetindo um mantra durante dez minutos, como é possível tornar-se Iluminado?

Você passou pela história e chegou a um ponto, aqui, você chegou a este momento; atravessou milhões de anos — quem vai querer voltar atrás? Porque meditar significa retornar à fonte. Você chegou a este ponto no tempo; precisa voltar, precisa

regredir, precisa alcançar o ponto original onde a jornada foi iniciada. E apenas cantando uma mantra durante dez minutos toda manhã você pensa que conseguirá isso?

Quem você pensa que está enganando? Você está enganando a si mesmo. Não foi cantando mantras que você chegou onde está. A humanidade viveu, e viveu de milhões de maneiras erradas — vagando, se perdendo, cometendo pecados e assassinatos; guerra, exploração, opressão, dominação. Você tem colaborado com isso, é responsável por isso. Só cantando um mantra durante dez minutos acredita que a responsabilidade desapareceu, que você transcendeu? Chama a essa cantilena de meditação transcendental? Quem você pensa que está enganando?

A transcendência é possível, mas não através de truques tão fáceis. A transcendência só é possível através da cruz. Só é possível através do sofrimento. E se você estiver pronto, poderá sofrer todo o passado num único instante — mas será um intenso pesadelo. É por isso que um Mestre é necessário — porque você pode enlouquecer completamente. É mover-se em terreno perigoso. O autoconhecimento é a maior entre todas as coisas, mas também é a mais perigosa. Um passo em falso e você enlouquecerá. É por isso que os Budas não são ouvidos. Você também sabe que isso é perigoso. Mover-se em si mesmo é perigoso! Um Mestre é necessário para observar cada passo, senão você cairá num abismo; ficará tonto, a mente simplesmente se fragmentará e será difícil repará-la.

São esses os problemas, e é por isso que o homem ouve Heráclito, Lao Tsé, Buda, Jesus, mas nunca tenta. Somente alguns poucos tentam. Se você está pronto para tentar, precisa ter consciência do que isto significa. Apenas o desejo de ser feliz não basta. O desejo de conhecer a verdade, sim, não o desejo de ser feliz. Porque o homem que quer ser feliz busca tranqüilizantes e narcóticos. A meditação também será um narcótico para ele. Quer dormir bem, quer se desligar do que está acontecendo. Ele gostaria de ter um mundo privado de sonhos — é claro, belos sonhos e não pesadelos. Isto é só o que ele quer. Mas um homem que está em busca da verdade não pensa em termos de felicidade. Felicidade ou infelicidade, não é esse o ponto. "Preciso conhecer a verdade. Mesmo que doa, mesmo que me conduza ao inferno, estou pronto para passar por ela. Onde quer que me conduza, estou pronto para ir."

Existem apenas dois tipos de pessoas: uma que está em busca da felicidade; é o tipo mundano. Pode ir para o mosteiro, mas o tipo não muda; lá, ela também pede pela felicidade, pelo prazer e gratificação. Agora, de maneira diferente — através da meditação, da prece, de Deus — está tentando ser feliz, cada vez mais feliz. Há, depois, o outro tipo de pessoa — e só existem dois tipos — que está em busca da verdade. E isso é

um paradoxo: aquele que busca a felicidade, nunca a encontra, pois ela não é possível a menos que você encontre a verdade. A felicidade é apenas uma sombra da verdade; em si mesma não é nada — é apenas uma harmonia.

Quando você se sente uno com a verdade, tudo se agrega, tudo se harmoniza. Você sente um ritmo — e esse ritmo é felicidade. Não se pode buscá-la diretamente.

A verdade tem de ser procurada. A felicidade é encontrada quando se encontra a verdade, mas a felicidade não é o objetivo. E se você buscar a felicidade diretamente, será cada vez mais infeliz. E sua felicidade será, no máximo, apenas um intoxicante para que você esqueça a infelicidade; é só o que vai acontecer. A felicidade é como uma droga — LSD, maconha, mescalina.

Por que o Ocidente chegou às drogas? É um processo muito racional. *Teve* de chegar a elas porque, na busca da felicidade, mais cedo ou mais tarde chega-se ao LSD. O mesmo aconteceu antes na Índia. Nos Vedas, eles chegaram ao *soma,* ao LSD, porque estavam buscando a felicidade; não eram realmente buscadores da verdade. Buscavam mais e mais gratificação — chegaram ao *soma.* Soma é a suprema droga. E Aldous Huxley, falando sobre a suprema droga, a ser encontrada em algum lugar no século vinte, chamou-a outra vez de 'soma'.

Sempre que uma sociedade, um homem, uma civilização, buscam a felicidade, *têm* de chegar de alguma forma às drogas — porque a felicidade é a busca pelas drogas. A busca da felicidade é uma busca do auto-esquecimento; é isso o que a droga ajuda a fazer. Você esquece de si e assim não há mais miséria. Como pode haver miséria se você *não* está? Você está dormindo profundamente.

A busca da verdade está exatamente na dimensão oposta: não é gratificação, não é prazer, não é felicidade, mas — Qual é a natureza da existência? O que é a verdade? Um homem que busca a felicidade nunca a encontrará — encontrará, no máximo, o esquecimento. Um homem que busca a verdade a encontrará, porque para buscá-la ele próprio terá de se tornar verdadeiro. Para buscar a verdade na existência, primeiro terá de buscar a verdade em seu próprio ser. Terá de se tornar cada vez mais atento em relação a si mesmo.

Estes são os dois caminhos: o autoconhecimento — o caminho do mundo; e a lembrança de si mesmo — o caminho de Deus. E o paradoxo é que aquele que busca a felicidade nunca a encontra; e aquele que busca a verdade e não se importa com a felicidade, encontra-a sempre.

Heráclito diz que esta é a primeira coisa a ser entendida:

O autoconhecimento tem que ser a única busca, tem que ser o único objetivo; porque se você conhecer todo o resto sem conhecer a si mesmo, isto não significará nada. Você pode chegar a conhecer tudo, exceto você mesmo, mas o que isso significa? Não pode ter nenhum significado — porque se o próprio conhecedor é ignorante,

O que pode significar esse conhecimento, o que o seu conhecimento pode lhe dar? Quando você mesmo permanece na escuridão, pode reunir milhões de luzes à sua volta mas elas não o preencherão de luz. Apesar delas você continuará na escuridão. Viverá e se moverá na escuridão. A ciência é esse tipo de conhecimento. Você conhece um milhão de coisas mas não conhece a si mesmo.

Ciência é o conhecimento de tudo menos de si mesmo, exceto do autoconhecimento; o próprio buscador permanece no escuro. Isso não adianta muito. A religião é basicamente auto-conhecimento. Você tem de estar iluminado por dentro, a escuridão deve desaparecer do seu interior, e então por onde quer que você ande, a sua luz interior incidirá sobre o caminho. Onde quer que você vá, faça o que fizer, tudo será iluminado pela sua luz interior. E esse movimento com luz lhe dá um ritmo, uma harmonia, que é a felicidade. Então você não tropeça, não esbarra, não tem mais conflitos. Você se move mais facilmente, seus passos são uma dança, e tudo é satisfação. Você não quer mais que alguma coisa extraordinária aconteça. Você é feliz. É simplesmente feliz no seu ser comum.

E a menos que você se sinta feliz sendo comum, jamais será feliz.

Você é feliz apenas por respirar, você é feliz por ser; é feliz apenas por comer, por poder dormir mais uma noite. Você é feliz. Agora a felicidade não deriva de nada — ela é você. Um homem que se conhece é feliz, não por qualquer razão, sua felicidade não tem causa. Não é uma coisa que lhe acontece, é toda a sua maneira de ser. É simplesmente feliz. Para onde quer que se mova, leva consigo a sua felicidade. Se você o atira no inferno, ele cria à sua volta um paraíso; com ele, um paraíso penetra no inferno.

Como você é, ignorante sobre si mesmo, se pudesse ser jogado no paraíso, conseguiria criar um inferno, porque você carrega consigo o seu inferno. Vá aonde for, isso não fará muita diferença, você terá à sua volta o seu próprio mundo. Esse mundo está dentro de você, é a sua escuridão.

Essa escuridão interior precisa desaparecer — é isso o que significa autoconhecimento.

A segunda coisa que Heráclito diz é que será fácil alcançar isso se você estiver atento e não se mover para os extremos. Fique no meio — o meio dourado; o que Buda chama de *majjhim nikaya,* o caminho do meio. Fique no meio, não vá para os extremos. Porque quando você se move para os extremos pensa que está indo para o oposto, mas o oposto não é exatamente o oposto, é um todo complementar. E isso é tudo o que ele ensina.

Observe as pessoas e observe a si mesmo. Uma pessoa excede-se nos prazeres do sexo. Esse excesso traz o fastio, a excitação acaba, a pessoa fica simplesmente entediada. Então começa a pensar no celibato porque não quer mais saber desse excesso. Agora ela não se interessa absolutamente mais por sexo. Gostaria de ser um monge, gostaria de ir para o convento, fazer voto de *brahma-charya.* Assim, está indo para o outro extremo, isto é, de novo um excesso. O extremo é o excesso. O sexo em si não é um excesso — mas levado ao extremo, sim. Existe apenas um excesso: se exceder nos extremos. A pessoa se excedeu num extremo, agora está se movendo para o outro; isso também é excesso. Mais cedo ou mais tarde também acabará se cansando. Agora os monges católicos estão cansados, e por isso estão se cansando. Já fizeram demais. É preciso saber onde parar e o caminho é o meio.

Se você conseguir permanecer no meio, a mente desaparecerá — porque a mente vive nos extremos. Você come demais, então jejua, e continua jejuando. A primeira coisa era estúpida; a segunda também é. O corpo não precisa de muita comida e nem precisa jejuar. Precisa simplesmente de um meio termo; precisa da quantidade certa de comida. Primeiro você come demais, enche demais o corpo, fica pesado. Carregá-lo torna-se um peso para você; não é um prazer sentir o corpo. Então você vai para o outro extremo. Agora jejua: isso também é destrutivo. Por que não ficar no meio? Por que não pode comer a quantidade e o tipo certo de alimento? Por que não pode ficar no meio? Se você permanece no meio, a mente desaparece.

A mente existe nos extremos — porque a mente precisa pensar, pensar e pensar. Quando você come demais, pensa em jejum; quando jejua, pensa em comida. Mas quando está exatamente no meio, equilibrado, vai pensar em quê? Um homem que está no meio não tem no quê pensar. Se. sente fome, ele come — acabou! Se sente sono, ele dorme — acabou! O que há para pensar? Mas você não dorme e então pensa em dormir; assim, dormir torna-se um fenômeno cerebral, a mente interfere nele. Você não come ou come demais, depois tem de pensar a respeito; isso entra na mente. Ou você se excede no sexo, ou torna-se um *brahmacharin.* Assim, em ambos os casos torna-se cerebral. O sexo penetra na mente, e depois a mente fica dando voltas e mais voltas.

Pensar existe por causa dos extremos. Sempre que você está exatamente no meio, não há porque pensar, não há nada em que pensar. No meio, o pensamento desaparece. Quando você está real-mente harmonioso, você atingiu um ritmo. Satisfaz suas necessidades; não é escravo delas, nem seu inimigo. Não é alguém que se excede, nem um asceta. Permanece simplesmente no meio. Tudo se torna pacífico. A isto Heráclito chama ser temperado, ser moderado, ser equilibrado.

É preciso conseguir o equilíbrio em todas as coisas. Através do equilíbrio você chega mais perto da verdade, porque a verdade é o supremo equilíbrio. Quando você está equilibrado, subitamente as portas se abrem.

Tente agora entender estes sutras:

próprio de todos os homens
o conhecer a si mesmo
e ser moderado;

Ser moderado é a maneira de se conhecer. Observe a sua mente e verá que a mente sempre insiste nos extremos; ela gosta dos extremos, entrega-se a eles. Quando você está exatamente no meio, a mente está desocupada, desempregada.

Alguém perguntou a um Mestre Zen: "Qual é o seu caminho?"

Ele respondeu: "Quando sinto fome, como; quando sinto sono, durmo — esse é o meu caminho. Nunca como quando não tenho fome e nunca jejuo quando estou com fome — esse é o meu caminho!"

O homem disse: "Mas isso não parece ser um caminho — todos nós fazemos isso."

O Mestre riu: "Se todos fizessem isso, não teriam necessidade de me procurar."

Ou você come demais, ou come de menos. E a mente tem uma tendência para encontrar sempre motivos para se sentir miserável. É simplesmente admirável, a mente é realmente admirável! É tão hábil em encontrar motivos para ser miserável. Ela cria todas as suas misérias — porque, num estado de graça, a mente morre. Ela é contra todas as graças. Você se sente miserável — ela insinua a você que isso não é bom, faça aquilo. E sugere exatamente o oposto. Fique alerta. Quando a mente lhe sugerir exatamente o oposto, não a siga! Encontre sempre o meio termo. Não ouça a mente — saiba onde parar.

Lao Tsé disse: "Confio-lhes três tesouros. Um deles é: ame, O segundo tesouro é: não vá nunca para o extremo. E o terceiro é: seja natural." E ele diz que tudo se resolverá por si mesmo.

Por que tudo se resolverá por si mesmo se você seguir essas coisas simples? A mente é uma perfeita especialista em criar misérias.

Um jovem me procurou e disse: "Gostaria de viver apenas de água." Por que? Por que só de água? Ele já era miserável. Costumava comer demais. E isso se tornara um inferno, agora ele queria criar um outro inferno — como se pode viver só de água? Isso será um outro inferno. E desse inferno ele irá para um outro. A vida da mente é ir de um inferno para outro. E em algum lugar entre os dois infernos, está o paraíso, mas a mente sempre passa ao largo.

Entre os dois infernos está o céu, por isso saiba bem *onde* parar. Exatamente no meio — pare! Não coma demais, e não jejue. Mas então você não conseguirá ser muito egoísta a esse respeito; só comendo demais você pode ser egoísta.

Mulla Nasrudin está sempre falando sobre a sua capacidade de comer, e muitas vezes escutei-o dizer: "Posso comer noventa e nove *kachoris!"*

Então eu lhe disse: "Por que você não diz logo que come cem?"

Ele respondeu: "O que você pensa de mim? Acha que vou passar por mentiroso só por causa de um *kachori?* Por que mentir?"

Contar vantagem — as pessoas contam vantagens sobre o quanto podem comer e contam vantagens sobre o quanto podem jejuar, mas a vaidade é a mesma. Os criminosos se vangloriam e os que você chama de santos também. Ambos estão no mesmo barco — porque o barco é a vaidade.

Ouvi contar que um criminoso entrou na cela de uma prisão. O outro, que já estava lá, perguntou: "Por quanto tempo você vai ficar aqui?" Ele era um velho mestre.

O jovem, um novato, respondeu: "Apenas quinze anos."

O velho disse: "Então deixe a sua cama perto da porta, você sairá logo. Eu tenho de ficar aqui por mais vinte e cinco anos."

Se você é condenado a vinte e cinco anos, é um grande criminoso — mas se é só por quinze anos! Você é apenas um iniciante, um imaturo.

Até mesmo os criminosos se vangloriam do quanto podem fazer, do quanto fizeram. Se cometeram um assassinato, proclamam sete. E os santos também fazem o mesmo. Então, qual é a diferença? Na índia, os santos publicam por quantos dias jejuaram durante o ano.

Um homem e sua esposa me procuraram, e ela começou a falar a respeito dele: "É um homem muito, muito generoso" — seu marido — "até agora já doou um milhão de rúpias."

O homem olhou para ela e corrigiu: "Um milhão, não. Um milhão e cem."

Você dá e não dá — porque se o ego se satisfaz por estar dando, nada está sendo dado. O ego não pode compartilhar. O ego não pode nunca ser generoso; essa não é a sua natureza.

O ego se satisfaz sempre com o oposto. Conheça bem essa armadilha.

Heráclito diz:

É próprio de todos os homens
o conhecer a si mesmo
e ser moderado.

Ser moderado é a maior virtude.

Realmente é. Nunca encontrei nada maior do que ser moderado. Não há nada igual. Por que? Por que é a maior virtude? Porque ela simplesmente destrói o seu ego. E o ego é o único pecado. Por causa do ego você perde o Divino. E sendo apenas comum, estando no meio, o que é possível proclamar? Você pode proclamar que come a quantidade certa de alimento? Pode proclamar que se relaciona sexualmente na medida certa, exatamente no meio? Estando no meio, você é capaz de proclamar alguma coisa? Não, isso não é possível. Entregue-se ao sexo e você terá o que proclamar; mesmo com cinqüenta anos você pode fazer amor três vezes por dia. Ou torne-se um *brahmacharin,* um celibatário, e *proclame* que você é virgem, que nunca fez amor com ninguém. Mas simplesmente estando no meio, o que se pode proclamar? Apenas estando no meio, não há nada a proclamar. E quando não há nada a declarar, o ego não é alimentado. Seja simplesmente comum e esteja no meio — esta é a maior virtude.

Ser comum é a maior virtude — porque quando você é apenas comum, quando não há do que se vangloriar, seja a respeito deste ou do outro mundo, o ego desaparece. O ego se alimenta do desequilíbrio. Alimenta-se dos extremos. O ego vive nas polaridades — no meio, ele desaparece.

E em todas as áreas, em todas as direções da vida, lembre-se disto: pare no meio e logo descobrirá que a mente parou, o ego parou. Não tendo o que proclamar, ele desaparece. E quando ele desaparece você se torna virtuoso. Agora a porta está aberta para o Divino. No meio, você O encontra; nos extremos, você O perde.

A sabedoria consiste em falar e agir segundo a verdade,
observando cuidadosamente a natureza das coisas.

Heráclito é como Lao Tsé, é exatamente igual. Diz:

A sabedoria consiste em falar e agir segundo a verdade.

Tente, porque para conhecer a verdade a jornada será longa. Será preciso muito preparo. Antes que a verdade possa descer sobre você, você terá de se tornar um veículo, terá de se esvaziar completamente para que o hóspede chegue — porque só o seu vazio pode se tornar o anfitrião.

O que fazer exatamente agora? Se você é um buscador da verdade, "Então", diz Heráclito, "fale e aja segundo a verdade." Se você fala a verdade, não há muito a dizer; automaticamente você se torna cada vez mais silencioso.

Aconteceu num clube de senhoras: uma senhora acabara de sair e as outras estavam falando sobre ela. Uma disse: "Ela parece ser muito doce, mas — blá-blá-blá, e eu não podia nem imaginar como ela conseguiria parar."

Outro membro do clube disse: "Mas tudo o que ela diz é verdade?"

"Eu diria que não", disse uma terceira, "simplesmente porque não existe tanta verdade!"

Se você quiser ser verdadeiro terá de se tornar silencioso — porque noventa e nove por cento do que você diz é absolutamente falso; automaticamente o blá-blá-blá desaparece. E existem dois tipos de silêncio. Aquele que você força a si mesmo, que não é realmente um silêncio. Você pode cortar sua língua, mas não será silêncio. Você pode fechar sua boca, mas esse não será o silêncio verdadeiro — porque, por dentro, o blá-blá-blá continua sem parar. O verdadeiro silêncio vem quando você começa a falar a verdade.

Diga apenas aquilo que você sabe que é verdade; senão, não fale. E, então, o que resta para dizer? — não muito... assim, um silêncio desce sobre você, o que é totalmente diferente. Não é um silêncio forçado. Vem espontaneamente porque não há nada para dizer.

E quando você não tem nada para dizer, primeiro começa a ficar em silêncio com as pessoas; fala menos e ouve mais. A conversa interior também vai parando aos poucos, porque se você não pode dizer inverdades a outras pessoas, como pode continuar a dizê-las interiormente? Tudo se torna absurdo. Você fala demais interiormente porque assim ensaia como falar para fora. Se você puder ouvir as pessoas, não falando muito, só a verdade — o tanto que *você* possa garantir, o tanto que você possa dizer, "sou uma testemunha" — um silêncio chegará a você. Um silêncio não forçado, um silêncio não disciplinado, um silêncio que vem naturalmente.

Heráclito diz: "Fale a verdade e aja segundo a verdade, aja apenas de acordo com o seu sentimento de verdade."

No início isso será difícil, porque a vida inteira depende das mentiras. No início você se sentirá fora de compasso em relação aos outros, mas logo tudo se assentará novamente num novo padrão, surgirá uma nova gestalt.

O período intermediário será difícil. Primeiro observe de quantas maneiras você mente. Você sorri e não sente vontade de sorrir. É uma mentira. Não sorria, porque está violentando seus lábios, seu rosto. E se você continuar durante muito tempo fazendo isso, esquecerá completamente a sensação de um sorriso, do que é um verdadeiro sorriso. Só as crianças pequenas o conhecem; você já esqueceu completamente o que é um sorriso verdadeiro. Você simplesmente sorri, é um gesto falso. Sorri por delicadeza. Sorri porque as pessoas esperam que você sorria. Sorri sem saber o que está fazendo. Por que está forçando os seus lábios? E se o seu sorriso se tornou falso, o que mais pode ser verdadeiro em você? As suas lágrimas também se tornaram falsas. 'Você chora quando se pede que chore, senão você reprime.

Observe as milhões de maneiras como você se tornou falso. Você diz coisas que não quer dizer. Você usa as palavras em completa inconsciência — e depois, através delas, cai numa armadilha. Diz a alguém: "Você é bonito". Para você pode ter sido só um maneirismo, mas você tocou a outra pessoa, provocou alguma coisa nela. Ela pode começar a achar que você sente isso mesmo. Então, começam as expectativas e logo virão as frustrações — porque você só disse isso por acaso, nunca sentiu realmente que fosse verdade. Agora você está numa armadilha: terá de satisfazer as expectativas. Agora sente-se pesado.

Seja verdadeiro e se sentirá menos pesado. Seja verdadeiro; não crie falsas expectativas ao seu redor, senão você cairá numa armadilha, estará numa prisão! Diga exatamente o que sente e diga sempre: "É o que eu senti nesse momento. Em relação ao próximo momento, não posso dizer nada — quem sabe o que acontecerá depois? Amo você agora, mas como posso falar sobre o futuro?" Só uma pessoa Iluminada pode dizer alguma coisa em relação ao Momento seguinte, pois ela chegou a um ponto onde tudo é eterno. Mui como você pode falar sobre o próximo momento? Os seus humores variam. Nesse momento você sente: "Eu estou amando" e exora pode dizer: "Amarei você para sempre". Isto é verdade só nesse momento; como se pode dizer qualquer coisa sobre o momento seguinte? Fique alerta e afirme condicionalmente: "Isso é agora — é assim que eu sinto. Ninguém sabe sobre o momento seguinte. Eu não posso prometer."

Todas as suas promessas são falsas — como você pode prometer? Porque prometer significa dizer que você alcançou um centro cristalizado. Como pode manter uma promessa? Você diz a uma mulher**:** "Eu te amarei para sempre". Como poderá manter essa promessa? E apenas alguns dias depois, você sente que a excitação desapareceu, agora já não existe mais amor — o que fazer? Aí você tem de sorrir falsamente, tem de beijar essa mulher, tem de fazer amor com ela — porque você prometeu. Agora tudo será falso. Você se torna mentiroso. Sente-se culpado por não poder satisfazer a promessa. Se satisfizer, será mentira, você estará representando. Isso não o levará ao êxtase — criará mais ansiedade e pesos. Isso não pode ser uma satisfação — será uma frustração. E quanto mais você forçar a si mesmo a amar essa mulher, mais se vingará, pois essa mulher tornou-se uma pedra amarrada em volta do seu pescoço. Agora você sente: "Se ela morrer, será ótimo, se de alguma maneira ela desaparecer, será bom." E assim tentará encontrar uma maneira de fugir. Só por causa de uma promessa!

Uma promessa é feita num momento, e não é possível para você mantê-la por uma vida. Você vive em momentos. Você ainda não tem um centro eterno em seu interior, tem apenas uma periferia que se move como uma roda. E é assim que você cai nas armadilhas.

Você não pode amar, não pode rir, não pode chorar, tudo é falso — e você está em busca da verdade. Não, isso não é possível. Você tem de ser verdadeiro para encontrar a verdade, porque só os iguais podem encontrar os iguais. Uma pessoa mentirosa não pode encontrar a verdade; só uma pessoa verdadeira pode alcançar a verdade.

Esteja alerta, não prometa! Diga apenas que nesse momento parece ser assim. É claro que isso lhe dará uma sensação de impotência; o ego não pode suportar. O ego pode dizer: "Eu farei isso para todo o sempre." Você se sentirá impotente por não ser capaz de manter nem mesmo essa promessa, mas estará sendo verdadeiro. E eu sei que se mesmo

por um momento você puder amar total-mente uma outra pessoa, isso o transformará, dar-lhe-á um sabor de verdade. Mas seja verdadeiro. Diga o que sente. Se você não souber, se numa situação você estiver confuso, não fale — ou simplesmente exponha a sua confusão, expresse-a. Antes de agir, aja com plena consciência de que isso lhe tornará um ser mais verdadeiro. Seja autêntico!

Você continua fazendo milhões de coisas que não quer fazer. Quem o está forçando? Você simplesmente deriva, *ninguém* o está forçando a fazer tais coisas. Por que as faz? Você não está atento. É apenas uma cadeia: você faz uma coisa, depois uma outra surge. Uma coisa leva à outra e assim por diante. Quando você vai parar? Todo momento é o momento certo para parar. Observe e comece a cair fora da cadeia de mentiras que você criou.

É claro que você se sentirá muito humilhado, desamparado e impotente. Mas essa é a verdade — sinta-a. Chore quando quiser chorar, quando vier do seu coração. Não pare; não diga: "Sou um homem, não posso ser um maricas, não posso comportar-me como uma mulher." Não diga isso. Ninguém é tão totalmente homem e não pode ser. O homem também é mulher; e a mulher também é homem; ambos encontram-se e fundem-se interiormente. Chore, porque se não puder chorar com autenticidade, não poderá sorrir. E então sentirá medo. Quando quiser rir, sentirá medo porque as lágrimas poderão vir; elas estão reprimidas aí e você não poderá rir. E quando você não pode vir também não pode chorar — torna-se um círculo vicioso. Quando você sentir raiva, sinta a raiva e assuma as conseqüências — enraiveça-se de verdade.

Eis o que tenho observado: se você se enraivece de verdade, ninguém se ofende com isso — ninguém! Mas a sua raiva é impotente, morta. Se você é um pai e sente raiva do seu filho, manifeste essa raiva e seu filho jamais sentirá qualquer antagonismo em relação a você. Mas você sente raiva e sorri, a criança detecta isso porque é inocente, ela tem olhos claros, tem mais clareza do que você. Simplesmente detecta a falsidade: você sente raiva e está sorrindo. Ela jamais conseguirá perdoá-lo por ter sido falso. Uma 'criança nunca se sente tão mau em relação às coisas como se sente em relação à falsidade. Seja autêntico! Se você sentir vontade de bater na criança, bata nela, mas não seja falso. E quando sentir arrependimento, também peça perdão, e seja verdadeiro quanto a isso.

Um marido que jamais disse nada com raiva à sua esposa, não será capaz de amar, pois tudo permanecerá falso, superficial. Se você não puder sentir profunda raiva, como poderá sentir um amor profundo? E se tem tanto medo de sentir raiva, isso prova que você não confia no amor. Teme que as coisas possam se quebrar, que o relacionamento se

rompa; por isso você sente medo. Mas então esse relacionamento não tem muito valor. Se ele não pode passar pela raiva e amadurecer, não vale muita coisa. Abandone-o antes que se torne um compromisso — mas seja verdadeiro.

Você terá de sofrer pela verdade, mas esse sofrimento é necessário. E através do sofrimento você amadurecerá, o seu ser interior amadurecerá. Você alcançará uma agudez e uma clareza que só aparecem através dos confrontos, que só vem quando os fatos são encarados. Quando você sentir raiva, enraiveça-se de verdade para que possa também perdoar verdadeiramente. Quando você não quiser dar uma coisa, diga simplesmente: "Não quero dar", mas não encontre desculpas. Não se desculpe, porque a cada momento estará criando padrões, e esses padrões podem se tornar tão entranhados que você terá de segui-los. Saia deles — e qualquer momento é o momento certo.

A sabedoria consiste em falar e agir segundo a verdade,
observando cuidadosamente a natureza das coisas.

Olhe para a natureza das coisas. Observe o natural e abandone o artificial. O artificial pode parecer bonito, mas não é vivo. Observe o natural e mova-se sempre de acordo com a natureza. Jamais se mova artificialmente. A civilização é artificial, a sociedade é artificial — tudo parece ser artificial.

Certa vez conheci um homem, um velho, um professor aposentado, meu vizinho. As pessoas o consideravam um pouco doido; um professor de filosofia aposentado tem de ser. Mas eu não faço julgamento. Eu ouvia mas não pensava nada a respeito dele. Até que um dia tive de pensar, porque ele estava regando com um regador sem fundo e quando eu passei vi que o regador não tinha fundo. O regador não tinha fundo. Não havia água, e ele se movimentava como se estivesse molhando as plantas.

Eu perguntei: "Hei, o que está fazendo? O seu regador não tem fundo!"

Ele disse: "Isso eu *sei,* mas não faz mal porque estas flores são artificiais."

Toda a sua vida tornou-se artificial — flores de plástico. À distância elas pareciam belas, mas quando você chegava perto — elas eram de plástico. É claro, elas não morriam logo. Não podiam morrer, eram flores de plástico, mas uma coisa que não pode morrer não está viva. Uma flor real tem de passar por milhões de riscos. Como é humilde! Como é frágil! De manhã lá está ela, como é frágil! — e contrária a todo este mundo. Vem a tempestade, vêm as nuvens, a chuva, os animais, as crianças e tudo o mais; e apesar de tudo isso a frágil flor existe — esta é a beleza. E à noite já não existe mais. Você não a encontrará outra vez, ela não estará mais lá — mas ela está viva. De manhã, ela existe em toda a sua beleza, e à noite empalidece, vai embora, volta ao pó — mas viveu. A sua flor

de plástico está morta e por isso não pode morrer. Tudo o que é vivo morrerá, só as coisas mortas nunca morrem.

Lembre-se disso: não tema a morte, não tema o desaparecimento das coisas. O que é falso nunca morre. A verdade morre milhões de vezes e ressuscita outras tantas. Lembre-se disso. A falsidade é como uma flor de plástico, é segura.

É por isso que o casamento é seguro. Um casamento arranjado pelos pais, pela sociedade, é mais seguro ainda. O amor é frágil — é como a flor na manhã, à noite ela já não existe mais. Ninguém sabe como ela vem nem como vai embora. É um mistério. O casamento não tem mistério, é um cálculo. Você procura um astrólogo, ele faz um mapa e arruma tudo. É claro que os pais são mais sábios do que você, mundanamente sabem muito mais. Eles arrumam tudo, buscam muitas coisas que os amantes jamais pensam a respeito — o dinheiro, o prestígio e milhões de coisas; pensam em segurança. Mas quando alguém se apaixona, não pode pensar em mais nada.

Mas lembre-se de uma coisa: uma coisa morta não morre nunca — essa é a sua segurança — mas está morta. É sempre possível que uma coisa viva possa desaparecer a qualquer momento; esse é o problema em relação à vida — mas ela está viva e vale pena correr todos os riscos.

Seja verdadeiro — haverão mil problemas, mas cada problema o tornará mais maduro. E sendo verdadeiro, falando, agindo com a verdade, você estará se aprontando para que a verdade desça sobre você. Quando você atinge uma certa maturidade, de repente as portas se abrem. E não existe outro caminho.

Ouvindo a mim, embora não ouça o Logos,
é sábio admitir
que todas as coisas são uma só.

Heráclito diz: "Ouvindo a mim" — eu também digo: "Ouvindo a mim, é sábio admitir que todas as coisas são uma só." Se você ouvir ao Logos... Logos significa a Lei, o Tao, o *Rit;* o estrato básico, o estrato supremo da existência é o Logos. Você não sabe nada sobre isso. Jamais penetrou em tal profundidade. Ele está também em você, perto de centro, mas você tem vivido na periferia e por isso não sabe nada a esse respeito. Heráclito diz: "Mas ouvindo a mim" — ouvindo a um Buda, a Heráclito, a Lao Tsé — "é bom admitir que todas as coisas são uma só." Isso não faz parte da sua experiência.

Aqui entra a confiança, *shraddha, a* fé. E a religião não pode existir sem a confiança, porque você não conhece o supremo estrato, não sabe o que é. E não há como prová-lo, não há como discuti-lo. Se você conhece, conhece; se não conhece, não conhece. O que fazer, então? Existe apenas uma única possibilidade: ouvindo a Heráclito

— não apenas o que ele diz, mas ouvindo o seu ser, o que ele é — talvez você venha a admitir uma coisa, que o uno existe na diversidade, na multiplicidade do mundo; por trás disso, o, uno existe.

Você tem me ouvido. Você tem me ouvido nas mais diferentes dimensões. Na periferia, sente às vezes que eu sou contraditório; mas se você ouvir não só as minhas palavras, mas a mim, à minha presença, jamais sentirá qualquer contradição. E se sentir, não apenas pensar, começará a perceber aos poucos que tudo o que eu digo é igual. Se falo através de Heráclito, de Jesus ou através de Buda, Lao Tsé, Chang Tsé, diga eu o que disser, falo sempre a mesma coisa — a linguagem muda, as palavras mudam, mas não o Logos.

Ouvindo a mim,
é sábio admitir
que todas as coisas são uma só.

Quando você puder ouvir o próprio Logos, então conhecerá; não haverá necessidade de admitir. Então saberá; não haverá necessidade de confiar.

A confiança é necessária porque você não sabe e precisa de alguém que saiba. Precisa da mão de alguém que saiba, que possa levá-lo do conhecido para o desconhecido, que possa levá-lo ao inexplorado. E sem confiar não é possível, senão como você virá comigo ao desconhecido? Se você não confiar em mim, como poderá vir comigo ao desconhecido? Você estará sempre agarrado às fronteiras do conhecido. Dirá: "Até aqui eu conheço e estou seguro, além daqui está a imensidão. E quem é você para me levar para a imensidão? E como posso confiar em você?"

No limite onde o conhecido e o desconhecido se encontram, não há outro caminho, exceto a confiança. Você tem de estar amando um Mestre, menos que isso não adiantará — porque só o amor pode confiar. Precisa ser de coração para coração, um relaciona-mento profundo; precisa ser íntimo.

É por isso que continuo insistindo no sannyas e na iniciação. A menos que você confie em mim, totalmente, você se prenderá ao conhecido, se agarrará à mente, ao ego — e de que serve isso? Você tem de dar pelo menos um passo comigo sem perguntar por quê. O amor nunca pergunta por quê, o amor confia.

Uma criança tem de confiar em seu pai; o pai pega a sua mão e a criança o segue. Ela não está preocupada; onde quer que o pai vá, ela vai, feliz. Ela não está preocupada com o que vai acontecer — isso é confiança. Se a criança parar e disser: "Onde você está indo e para onde está me levando? E o que você quer dizer com confiança, como posso

confiar em você?", a criança parará imediatamente de crescer, não haverá possibilidade de crescimento. A criança tem de confiar na mãe, no pai. O Mestre nada mais é do que um pai no desconhecido. Você está reaprendendo a andar, reaprendendo a buscar, está outra vez movendo-se para alguma coisa — você não sabe o que é, qual é o rumo. É isso o que Heráclito quer dizer:

Ouvindo a mim.
é sábio admitir
que todas as coisas são uma só.

A sabedoria é uma só —
conhecer a inteligência pela qual
todas as coisas são dirigidas por todas as coisas.

A sabedoria é uma e única;
relutando e todavia almejando
ser chamada pelo nome de Zeus.

Zeus é o deus supremo. E a sabedoria reluta e todavia almeja ser chamada de deus supremo. É paradoxal e muito difícil para a mente entender.

Buda diz que não há nenhum deus — reluta. Buda diz: "Não precisa adorar-me, você encontrará a sua própria luz" — reluta em declarar a sua sabedoria, a sua consciência, ser o deus supremo. E no momento seguinte ela diz: "Venha e renda-se a mim" — e no momento seguinte ele se contradiz. Por que é assim? Porque um homem que alcançou, que chegou, não tem ego, sendo difícil para ele proclamar qualquer coisa — reluta. A sabedoria está relutando em se declarar supremo deus, mas ela é. O ego não está presente para proclamar, mas é assim, é um fato, por isso também não pode ser negado.

O que fazer então? Se um Buda diz: "Eu não sou o Supremo deus", está sendo falso. Se ele diz: "Eu sou o deus supremo", há um toque do ego. O que ele deve fazer então? Tanto um caminho quanto o outro apresentam dificuldades.

Se ele disser: "Eu sou Deus", você poderá considerá-lo um egoísta. Se disser: "Não sou deus nenhum", isso será falso. Por isso às vezes ele diz: "Sim, eu sou"; outras vezes diz: "Eu não sou". E você tem de encontrar o equilíbrio entre os dois, em algum ponto no meio ele é ambos. Ele não é um deus porque não é mais um ego, não há ninguém para proclamar — e é um deus, *precisamente* porque não há ego, *precisamente* porque não há ninguém para proclamar.

A sabedoria é una e única;
relutando e todavia almejando
ser chamada pelo nome de Zeus.

Daí todas as contradições de todos os Iluminados. Precisam contradizer imediatamente tudo o que dizem, pois estão dizendo algo que é único, é uno. E o que é único não pode ser expressado em nenhuma linguagem, pois a linguagem depende da dualidade. Se eles dizem: "Eu sou luz", então quem será a escuridão? Porque a linguagem depende da dualidade: luz significa negação da escuridão. Mas um homem que alcançou é ao mesmo tempo luz e escuridão. Ele é as duas coisas — todas as dualidades juntas — este é o mistério. E por causa desse mistério Aristóteles diz: "Esse homem, Heráclito, tem algum defeito. Talvez sua mente seja defeituosa, talvez o seu caráter, porque ele diz absurdos."

Arthur Koestler foi ao Oriente para observar as pessoas que haviam alcançado o samadhi, e quando voltou ao Ocidente relatou o seguinte: "São loucos, são absurdos, pois dizem absurdos. Num momento falam uma coisa, no momento seguinte se contradizem."

A sabedoria é vasta, contém todos os opostos reunidos. E você precisa de um coração sensível para penetrar nesses absurdos; essa é a verdade. A confiança é a arma para penetrar no absurdo de um homem Iluminado — então, de repente, tudo se ajusta. Subitamente você verá, através do absurdo todo, o uno, o único.

4
Deus é Dia e Noite
(24 de dezembro de 1974)

Deus é dia e noite, inverno e verão,
guerra e paz, saciedade e desejo.

A água do mar é muito pura e,
ao mesmo tempo, muito suja:
é bebível e saudável para os peixes,
mas imbebível e mortal para os homens.

A natureza do dia e da noite é uma só.
A subida e a descida são uma e a mesma.

Mesmo os que estão adormecidos trabalham e
colaboram com o que acontece no universo.

No círculo,
o princípio e o fim são comuns.

Deus não é uma pessoa. Mil e uma dificuldades surgiram porque o homem sempre considerou Deus como uma pessoa. Todos os problemas com os quais a teologia se preocupa são apenas exercícios fúteis — basicamente porque Deus é tomado como uma pessoa.

Deus não é uma pessoa e não pode ser — permita que isso penetre o mais fundo possível em você, pois esta será uma porta, uma abertura. É difícil principalmente para os que foram educados como judeus, cristãos e muçulmanos conceber Deus como qualquer coisa que não seja uma pessoa — isso se torna um fechamento.

Pensar em Deus como uma pessoa é antropocêntrico. Na Bíblia está escrito: "Deus criou o homem à Sua imagem", mas a verdade parece ser exatamente o contrário — o homem criou Deus à sua própria imagem. E os homens diferem, é por isso que existem tantos Deuses no mundo.

Quando os missionários cristãos chegaram pela primeira vez à África, tiveram problemas — pois pintavam Deus como sendo branco e o Demônio como preto, e os negros sentiram-se muito ofendidos com isso. Não os ouviam; porque desde o início a imagem era conflitante. Então um missionário teve uma idéia: mudou as cores. Pintou Deus de preto e o Demônio de branco, e os negros ficaram muito felizes — puderam aceitar.

Um negro sempre pintará seu Deus à sua própria imagem, um chinês idem e um indiano também. Pintamos Deus como o nosso próprio reflexo — perfeito, é claro —, mas a sua imagem não pode ser Deus. Você é só uma parte, uma parte mínima, um átomo na existência. Como o todo pode ser conhecido à imagem da parte? O todo transcende a parte, o todo é infinitamente vasto. Se você se prender ao átomo, se você se apegar à parte, perderá o todo.

Deus não deve ser concebido à sua imagem; pelo contrário, você tem de abandonar a sua imagem, tem que se destituir da sua imagem — então, e só então, você se torna um espelho e o todo se reflete em você.

À medida que o homem tem buscado mais e mais, isso vem se tornando cada vez mais claro: Deus como uma pessoa cria problemas, porque então você está sempre em conflito com outros Deuses. É por isso que existe o Deus judeu, o Deus hindu, o Deus muçulmano, o Deus cristão — isso é um absurdo total! Como Deus pode ser cristão, hindu ou muçulmano? Mas existem Deuses diferentes porque os judeus têm suas próprias idéias em relação a Deus, os hindus têm suas próprias idéias em relação a Deus, e o conflito tem de existir. Os hindus pensam que Deus fala em sânscrito; os ingleses acham que ele é um cavalheiro inglês.

Conta-se que um alemão e um inglês estavam conversando, e o alemão disse: "Nós planejamos tudo, mas por que sempre somos derrotados?"

O inglês disse: "Vocês têm de ser derrotados porque sempre que começamos a lutar, primeiro rezamos a Deus e Ele cuida de *nós.* Vocês *têm* de ser derrotados; jamais serão vitoriosos."

O alemão disse: "Mas nós também fazemos isso, também rezamos."

O inglês riu e disse: "Mas quem entende alemão?"

Para um inglês, Deus é inglês. Para Adolf Hitler devia ser nórdico, tinha de ser — porque criamos nossas próprias imagens. Há pouco estive lendo as memórias de um capelão do exército. Esse capelão pertencia à ala de Montgomery, e um dia, quando estavam prontos para atacar, o céu estava cheio de nuvens, havia tanta névoa e fazia tanto frio que qualquer movimento parecia impossível. O padre escreveu em suas memórias que o General Montgomery chamou-o e disse: "Reze a Deus e diga-lhe imediatamente que nós, os Seus soldados, estamos em marcha, e o que é que Ele pretende? Está conspirando com o inimigo? Diga-lhe para parar imediatamente com tudo isso!"

O padre ficou surpreso: "Um homem como Montgomery — sobre o que ele estava falando?" E disse: "Mas isso não me parece direito. Não me parece direito perguntar a Deus o que é que Ele está pretendendo e dizer a Ele que pare porque somos Seus soldados e estamos avançando."

O padre sentiu-se um pouco embaraçado, mas Montgomery disse: "Ouça as minhas ordens! Você é o *meu* capelão, ligado ao meu exército, e tudo o que eu digo você tem de fazer. Vá e reze, imediatamente!"

Isso acontece. Parece tolo e absurdo, mas está acontecendo o tempo todo, com todas as pessoas, com todo o mundo. Se você toma Deus por uma pessoa, isso fatalmente acontece. Você começa a comunicar-se com Ele como uma pessoa — e Ele não é uma pessoa. Existem milhões de ateus, porque vocês tomaram Deus como pessoa. O ateu não é contra Deus, mas é contra o seu conceito de Deus como uma pessoa, porque o conceito inteiro é uma tolice.

E pense em que angústia você está colocando o seu Deus, pois os alemães rezam pela sua vitória, os ingleses rezam pela sua e todos pensam que Deus está com eles, está do seu lado.

Ouvi contar que Junnaid, um místico Sufi, certa vez sonhou que estava morto e viu que o maior pecador da cidade também estava morto, e ambos bateram à porta de Deus. O pecador foi aceito e o santo rejeitado. Ele se sentiu muito magoado. Sempre esperou ser recebido, ser bem vindo, e o que estava acontecendo? — exatamente o oposto. Ele conhecia aquele homem que estava sendo recebido com tanta cerimônia. Quando a cerimônia acabou e o pecador foi enviado à sua morada, o santo disse: "Tenho só uma pergunta para fazer a Deus: O que Você está fazendo? Tenho rezado constantemente,

vinte e quatro horas por dia, dia e noite, chamando Seu nome, orando. Mesmo em meu sono tenho chamado e cantado o Seu nome!"

Deus disse: "Exatamente por isso — você tem me importunado tanto que agora estou realmente com medo de que você venha para o céu. O que vai fazer aqui? Se na Terra, de tão longe, você não conseguiu deixar-me em paz nem um momento! Esse homem é bom, por isso estamos celebrando. Nunca me aborreceu, nunca me incomodou; nunca usou meu nome, nunca criou nenhum problema para mim."

Deus como pessoa é uma tolice, o conceito inteiro é tolo. E Ele não pode ser uma pessoa porque tem de ser todas as pessoas — como Ele pode ser uma pessoa? Não pode ser alguém porque é todos, e não pode estar num lugar determinado porque está em toda a parte. Não se pode defini-Lo, e a personalidade é uma definição. Não se pode limitá-Lo, e como uma pessoa Ele se torna limitado. A personalidade é como uma onda que vai e vem, e Ele é como o oceano. É imenso — Ele permanece. Personalidades vão e vêm, elas são formas; estão presentes e logo depois não estão mais. As formas mudam; as formas mudam constantemente para os opostos e Deus é a ausência de forma. Não pode ser definido, não se pode dizer quem Ele é. Ele é tudo. Mas no momento em que você diz: "Ele é tudo", cria um problema: como se comunicar? Não há necessidade; não é possível comunicar-se com Ele como pessoa. Você tem de se comunicar com Ele numa dimensão total-mente diferente — a dimensão da energia, a dimensão da consciência, não a da personalidade.

Deus é energia. É consciência absoluta. Deus é graça, é êxtase; indefinível, ilimitado; não tem começo nem fim; para todo o sempre, eterno, atemporal, além do espaço — porque Deus significa totalidade.

O todo não pode ter uma personalidade — esta é a primeira coisa que deve ser entendida, muito profundamente; não apenas intelectualmente, mas o mais totalmente possível, pois se você puder conceber, puder sentir, puder buscar Deus como uma totalidade, a sua prece será diferente. Sua prece não será tola. Ele não pode estar ao seu lado — está em todos os lados. Está com o seu inimigo, tanto quanto com você, e está tanto no santo quanto no pecador — pois Ele é tudo! Está tanto no escuro quanto na luz.

Ele compreende tudo. Nele, todos os opostos se encontram, fundem-se e tornam-se um só.

Por causa do conceito de Deus como pessoa, tivemos de criar um Demônio contraposto a Deus, devido a todas as negatividades! — onde você as colocaria? Você tem de criar alguém sobre quem seja possível jogar todas as negatividades. Então o seu Deus

torna-se falso, e o seu Demônio também torna-se falso, pois o negativo e o positivo coexistem, não estão separados. Mas tudo o que você gosta põe do lado de Deus, e tudo o que não gosta põe do lado do Demônio. A divisão é sua.

Deus não pode ser dividido — Ele é indivisível.

Primeira coisa: Deus não é uma pessoa. E lembre-se: você também não é uma pessoa. Isso é ignorância, é auto-ignorância: é por isso que você parece ser uma pessoa. Se você for mais fundo, logo a personalidade começará a ficar embaçada; chegará um momento no qual você não saberá quem é. Você já deve ter observado isso: às vezes, quando alguém o desperta subitamente, acontece de, de repente, você não saber onde está — se é de manhã ou de noite, se está em sua casa ou em algum outro lugar, que cidade é; por um momento tudo fica confuso, não tem noção de espaço, não tem noção de tempo, e você não sabe quem você é. Por que isso acontece? Porque dormindo profundamente você se move para o centro, é claro que inconscientemente, mas no centro não existe personalidade — existe uma energia impessoal. E se de repente alguém o desperta, você tem de se mover do centro para a periferia tão depressa, que simplesmente não há tempo para recobrar a personalidade. Nessa pressa você simplesmente perde a identidade — e essa é a sua realidade, é isso o que de fato você é.

Em profunda meditação, cada vez mais você se tornará consciente do indefinível, do ilimitado. No começo se parecerá com um fenômeno anuviado, e você poderá até sentir medo, ficar assustado. O que está lhe acontecendo? Está perdendo a cabeça? Está ficando louco? Se você sentir medo, perderá. Não se preocupe, é natural — você está se movendo do definido para o indefinido; no meio haverá um terreno onde tudo será confuso.

É por isso que os Mestres Zen disseram: "Antes da pessoa entrar no caminho, os rios são rios e as montanhas são montanhas. Quando ela entra no caminho, os rios não são mais rios e as montanhas não são mais montanhas. E quando ela alcança o objetivo, outra vez os rios são rios e as montanhas são montanhas."

O que eles querem dizer? Querem dizer que chega um momento no qual tudo se torna confuso. E nesse momento é necessária uma escola, um Mestre, pois quando tudo está confuso você é de novo uma criança — desamparada, sem saber quem é, perde a identidade, não sabe para onde está indo, não sabe o que está acontecendo; uma escola é necessária. Esta é a utilidade de um ashram, de um mosteiro, onde há muitas pessoas em diferentes níveis que podem ajudar-se mutuamente. E há um Mestre no nível supremo — você não precisa ter medo, pode olhar sempre para ele.

Quando você perde sua identidade, o Mestre é a sua única fonte de sanidade — você está insano. Muitas pessoas trabalham sozinhas e muitas enlouquecem. Se você viajar pelo Oriente, encontrará muita gente abatida. São pessoas que têm trabalhado sem um Mestre; chegaram ao território obscuro — agora não sabem para onde ir. Já se esqueceram de onde vieram e não sabem para onde ir. Não sabem quem são. Estão completamente loucas. Estão melhores do que você, mas loucas. E nesse ponto não podem dar nenhum passo, pois quem dará o passo e para onde? Nesse momento um Mestre é necessário.

Um dos maiores trabalhos que Meher Baba fez em sua vida — ele viveu parte de Poona e é um dos grandes Mestres — esse trabalho jamais havia sido feito antes: ele viajou por toda a índia durante anos, entrando em contato com essas pessoas loucas. Não fazia mais nada além disso: ia de uma aldeia a outra, estabelecendo contato com essas pessoas que haviam enlouquecido, que estão num plano melhor do que o seu, mas que precisam de um auxílio — basta um empurrão. Um empurrão para que os rios voltem a ser rios, as montanhas voltem a ser montanhas; e outra vez adquiram uma nova identidade.

A velha identidade apoiava-se na forma; a nova identidade existirá com a ausência da forma. A velha identidade apoiava-se no nome; a nova existirá com o anonimato. A velha identidade era deste mundo, a nova identidade será do outro mundo.

Mas você poderá ficar preso entre as duas se não houver uma escola, se não houver um Mestre para auxiliá-lo a sair. Você poderá entrar nessa imensidão, mas sair sozinho será difícil... há exceções, pois às vezes, acidentalmente, alguém sai — isso não é o mais importante — mas como regra geral é quase impossível sair por si mesmo.

Tenho visto muitas pessoas loucas. E sempre que alguém me procura e quer fazer tudo sozinho, eu sinto muito, pois essa pessoa não sabe o que está falando. Mas esse é o problema. Não posso forçar nada, pois quanto mais se força, mais ela foge. Posso dizer apenas: "Ótimo, faça o que quiser" — mas sinto profundamente, pois sei onde essa pessoa está indo sem saber.

Deus é energia e se você não estiver preparado ela poderá ser destrutiva. Deus é uma energia tão infinita e vital que, se o seu veículo não estiver pronto, você simplesmente quebrará. Portanto, a questão não é apenas conhecer Deus. A questão mais profunda é estar pronto antes de poder dizer: "Agora venha", antes de poder convidá-Lo — pois você é tão pequeno e Ele é tão vasto. É como se uma gota de água convidasse o oceano para entrar. O oceano pode vir a qualquer momento, mas o que acontecerá à gota? Ela tem de atingir uma capacidade, uma receptividade infinita, a ponto do oceano

se abandonar e desaparecer dentro da gota sem que ela seja esfacelada. Esta arte é grandiosa, essa arte é Religião, Yoga, Tantra, ou seja qual for o nome que você queira dar.

E não olhe para Deus de acordo com suas concepções: judia, cristã ou hindu. Abandone-as! Elas são apegos à periferia, ao conhecido. Você se prende a tudo que lhe ensinaram, e Deus não pode ser aprendido, ninguém pode ensiná-Lo — pode-se indicar, é claro, mostrá-Lo de maneiras sutis e indiretas, mas Ele não pode ser ensinado. Tudo o que você sabe sobre Deus está errado — e digo 'tudo' incondicionalmente. Qualquer coisa que você saiba está errada porque ela vem de ensinamentos; alguém lhe ensinou um conceito, uma teoria, e Deus não é um conceito, não é uma teoria; Deus não é uma hipótese. Não *é nada* que se assemelhe a isso — é absolutamente diferente.

Abandone todos os conceitos e só então estará pronto para dar o primeiro passo. Vá a Ele nu, sem nenhum conceito, sem roupas no corpo. Vá a Ele vazio, sem nenhuma idéia a Seu respeito na mente. Vá a Ele vazio, porque essa é a única maneira de ir: vazio você se torna uma porta, Ele pode entrar. Somente a receptividade é necessária, não os conceitos, não as filosofias, não as doutrinas — é isso que Heráclito quer dizer. Estas palavras são maravilhosas.

Ouça-as:

> *Deus é dia e noite, inverno e verão guerra e paz,*
> *saciedade e desejo.*

Nunca palavras tão bonitas foram pronuciadas antes, e nunca mais desde então.

> *Deus é dia e noite, inverno e verão guerra e paz,*
> *saciedade e desejo.*

Muitos falaram sobre Deus, mas ninguém que se compare a Heráclito. Alguns disseram: "Deus é luz", mas, então, onde você situará a escuridão? Será preciso explicar de onde vem a escuridão. "Deus é dia", disseram muitos, "Deus é sol, luz, fonte de luz", mas, então, de onde vem a noite? De onde vem o escuro, o Demônio, o pecado? De onde? E por que as pessoas falaram de Deus como luz?

Algo psicológico está envolvido. O homem teme a escuridão; o homem sente-se muito bem quando há luz — faz parte do seu medo. Por que você chama Deus de luz? O Alcorão diz: "Deus é luz"; os Upanishads dizem: "Deus é luz"; a Bíblia diz: "Deus é luz". Existiu apenas uma pequena escola — e nessa escola Jesus foi ensinado e educado para receber o Divino — essa pequena escola era conhecida como "Essênios"; eles foram os

professores e mestres de Jesus. Somente essa escola diz: "Deus é escuridão, é noite." Mas nunca dizem: "Deus é luz"; eles vão para o outro extremo. Mas são pessoas maravilhosas.

Tente entender o símbolo: luz-e-escuridão. Você não sente medo na luz porque pode ver. Ninguém pode atacá-lo facilmente. Você pode se defender, pode fugir, pode lutar ou levantar vôo. Pode fazer alguma coisa, tudo é conhecido. A luz é o símbolo do conhecido — não se teme o que se conhece. A escuridão é o desconhecido — surge um medo no coração. Você não sabe o que está acontecendo ao redor. Qualquer coisa é possível — e você está indefeso.

Luz é segurança, escuridão é insegurança. A luz assemelha-se à vida e a escuridão à morte. Temeroso, assustado — não só psicologicamente, mas também biologicamente, pois o homem viveu milhares de anos no escuro, na noite, nas florestas e cavernas selvagens, e os problemas surgiam à noite: os animais selvagens podiam atacar e o homem estava indefeso. Assim, quando o fogo foi inventado, o fogo se tornou o primeiro Deus; tornou-se uma proteção, uma segurança. Com o dia está bem, com a noite você não sabe onde está — à noite tudo desaparece.

Assim o homem tende a identificar Deus com a luz. A luz tem algumas coisas bonitas: é cálida, é uma fonte de energia — você não pode viver sem o sol, nada pode existir sem ele. Tôda a vida, no fundo, é energia solar, a energia que vem do sol. Você come essa energia, bebe essa energia — vive através dela. Se o sol simplesmente desaparecer, esfriar, em dez minutos a vida neste planeta desaparecerá. Em dez minutos, pois o raio de sol leva dez minutos para nos alcançar. Se o sol morrer, durante dez minutos os últimos raios continuarão chegando, mas passado esse tempo não chegarão novos raios e tudo morrerá. Nem mesmo perceberemos o que está acontecendo; ninguém saberá que morremos. Todo o planeta morrerá — as árvores, os animais, os pássaros, o homem, tudo! A vida existe através do sol — ele é cálido, receptivo.

A escuridão também tem sua beleza. É infinita. A luz tem sempre **um** limite; a escuridão é ilimitada.. E, no fundo, a luz é excitante, ela o excita; a escuridão não é absolutamente excitante. A luz é quente, a escuridão é fria, fria como a morte, misteriosa. A luz vem e desaparece; a escuridão permanece. É por isso que os Essktios diziam que Deus é o escuro, a noite, pois a luz vem e vai, a escuridão permanece, a escuridão é eterna. A luz parece ser um episódio, ela acontece. Você pode planejar a luz, mas não a escuridão; ela parece estar além de você. Você pode acender a luz, pode apagá-la, mas não pode acender e apagar a escuridão. Ele parece estar além de você — e está! A luz é manipulável. Se está escuro você pode iluminar, mas não pode escurecer, não pode manipular a escuridão; ela está além do controle. Você acende a sua luz, mas sabe que ela

é momentânea. Quando o combustível acabar, a luz desaparecerá — mas a escuridão é eterna, ela está sempre presente. Existe como se não houvesse uma causa aparente, não é causada; sempre esteve, sempre estará.

Por isso os Essênios escolheram a escuridão como símbolo de Deus, mas só Heráclito escolheu ambos.

Escolher um extremo ainda é lógico, racional; a razão está trabalhando. Escolher os dois ao mesmo tempo é irracional, a razão se confunde completamente. *Deus é dia e noite* — ambos ao mesmo tempo, não há escolha — *verão e inverno, guerra e paz.* Será difícil para pessoas como Tolstoi, Gandhi, Bertrand Russell, se Deus for guerra e paz. Eles pensam que Deus é paz; a guerra foi criada pelos homens. A guerra é feia, alguma coisa o Demônio deve ter inventado — Deus é paz. Tolstoi não pode concordar, Gandhi não pode concordar que Deus também seja guerra. Um Hitler não pode concordar que Deus seja paz também. Deus é guerra; Nietzsche não pode concordar que Deus também seja paz, Deus é guerra.

Existem os que escolhem; Heráclito não é um deles, ele é simplesmente uma consciência sem escolha. Ele não tem escolha, ele simplesmente diz que é seja o que for. Não o induz a qualquer moralismo, não o induz à mente dele, simplesmente reflete, é um espelho. Gandhi, Tolstoi, Ruskin, são dos que escolhem; impõem a Deus suas próprias idéias. Impõem a idéia de paz, que Deus é paz; a guerra passa então a ser o Demônio, Mas isso não é possível.

O que é a paz sem a guerra? Existe alguma possibilidade de paz sem guerra? E essa paz não seria simplesmente morta se não houvesse guerra? Pense nisso: se não houvesse no mundo nenhuma guerra, apenas paz — que tipo de paz seria essa? Seria fria, seria uma noite escura, morta. A guerra traz intensidade, tonalidade, nitidez, vida. Mas se houver somente guerra e não houver paz, a morte também acontecerá. Se você escolher um oposto da polaridade, se escolher uma polaridade, tudo será morto porque a vida existe entre as polaridades — guerra e paz, ambas; saciedade e carência; contentamento e descontentamento, ambos; fome, carência, desejo, paixão, paz, saciedade, contentamento; o caminho e o objetivo, ambos. Difícil compreender, mas essa é a verdade.

É Deus que deseja em você e é Deus que se torna sem desejos em você. Isso é aceitação total. E Deus que é uma paixão em você e é Deus que se torna Iluminado em você. Ê Deus que sente raiva em você e é Deus que se transforma em compaixão em você. Não há o que escolher! Mas veja só o fato: se não há nada para escolher e tudo é Deus, o seu ego simplesmente desaparece, porque ele existe com a escolha. Se não há nada para

escolher e tudo é como é, nada pode ser feito — e Deus é tanto uma coisa quanto outra. O ego desaparece juntamente com quem escolhe e com a escolha. Então você aceita, simplesmente aceita! É tão belo comer quanto sentir fome.

Isso é difícil para a mente. A mente cambaleia, desnorteia-se, perde o apoio, sente-se tonta — como se você estivesse à beira de um abismo. Por que isso acontece? Porque a mente quer uma escolha definida: "Ou isso ou aquilo." E Heráclito diz: "Nem isso, nem aquilo — ou ambos." Pergunte a Mahavir, pergunte a Buda, e eles dirão: "Desejo? Abandone o desejo! Torne-se sem desejos — escolha! Fique contente, profundamente contente; abandone o descontentamento!" Heráclito penetra ainda mais fundo. Diz: "Quem existe para abandonar? Quem abandonará? Deus é as duas coisas!" E quando você pode sentir isso, que Deus é as duas coisas, que tudo é abençoado, tudo se torna sagrado.

Há então uma alegria também quando há fome. No desejo há também um não-desejo. Na raiva há também compaixão. E se você não conheceu a raiva que é compassiva, a raiva que é compaixão, ainda não conheceu realmente a vida. Se ainda não conheceu a escuridão que também é luz, a frigidez que também é cálida — se ainda não conheceu isso, deixou passar o grande clímax.

O êxtase, o supremo, o supremo orgasmo com o universo acontece onde os opostos se encontram — onde os opostos se encontram. Deus é ambos; homem e mulher, guerra e paz.

E o homem tem estado em dificuldade porque esteve sempre escolhendo. A sociedade tem permanecido sempre desequilibrada, todas as sociedades e civilizações têm permanecido desequilibradas, porque tudo depende da escolha. Nós criamos uma sociedade no mundo que é orientada para o masculino, orientada para a guerra. A mulher foi eliminada, não tem contribuições a fazer — ela é escura, é paz, é silêncio, é passividade, é compaixão, não é guerra; a mulher é saciedade e não desejo. O homem é desejo — a excitação, a aventura, a guerra; está sempre indo a algum lugar, sempre chegando em algum lugar, encontrando alguma coisa, buscando, procurando.

O homem é o vagabundo, a mulher é o lar. Mas quando ambos se encontram, quando o vagabundo chega em casa, quando o desejo e a saciedade se encontram, quando atividade e passividade se encontram, aí surge a maior harmonia — a harmonia oculta.

Nós criamos a sociedade orientada para o masculino e por isso existe guerra — e a paz não é verdadeira. Nossa paz é apenas um intervalo entre duas guerras; não é verdadeira, é só uma preparação para outra guerra. Volte atrás e olhe para a história: a

Primeira e a Segunda Guerra Mundial — o intervalo entre as duas não foi de paz. Foi apenas uma preparação para outra guerra. Não foi de paz real, foi só uma preparação. E se a paz não for real, a guerra também será irreal.

No passado, as guerras eram belas; agora são feias, pois não há o que se oponha a elas. No passado os guerreiros eram belos; agora são simplesmente feios. A guerra não lhes dá nada; se fosse real seria uma aventura, os levaria a um pico da existência. Você se colocaria totalmente nela. Os guerreiros eram belos: eles enfrentavam a morte, iam ao encontro da morte no campo de batalha. Agora os guerreiros não estão mais à vista — ocultam-se por trás dos tanques, atiram bombas sem saber o que será destruído. Pode-se chamar de guerreiro esse homem que soltou a bomba atômica sobre Hiroshima? Que tipo de guerreiro e esse? Solta a bomba atômica, mata milhões de pessoas imediatamente, sem saber quem está matando, quem é o inimigo — crianças pequenas...

Eu estava olhando uma foto que alguém me enviou do Japão. Uma criança estava subindo a escada para seu quarto, onde iria estudar e depois dormir; uma criança bem pequena, com sua pasta de escola nas mãos e pensando na lição de casa, estava indo fazer seu dever de casa e 'depois iria para a cama. Já havia chegado ao patamar quando a bomba caiu. Ela ficou totalmente queimada e se tornou apenas uma mancha na parede, com os livros, com a pasta queimada, ainda nas mãos, a mente pensando na lição de casa do dia seguinte, amanhã de manhã — tudo ali queimado. E o homem que soltou a bomba não sabia quem iria morrer; e depois voltou para casa e dormiu muito bem. Havia cumprido o seu dever, ocultando a si mesmo — que tipo de guerra é essa? Tornou-se uma coisa muito feia. Antigamente, ser um guerreiro era uma das maiores possibilidades — elevar ao máximo o seu potencial. Mas agora não é nada, é como um dever mecânico qualquer: você aperta o botão, a bomba cai e mata — você não está confrontando-se.

A guerra sem uma paz real também se torna falsa. E quando a guerra é falsa, como a paz pode ser real?

Você tem escolhido. Criamos as sociedades de acordo com os padrões masculinos. O se tornou o centro, a mulher foi afastada do centro. Está desequilibrado., Agora existem mulheres pensando em criar uma sociedade que siga os padrões da mulher, onde o homem esteja afastado do centro. Isso também será desequilíbrio.

Deus é tanto masculino quanto feminino; não existe escolha. E o masculino e o feminino são apostos: escuridão e luz, vida e morte. E os opostos estão presentes. Uma harmonia oculta tem de ser procurada. Aqueles que chegaram a conhecer a harmonia oculta realizaram a verdade.

Deus é dia e noite, inverno e verão,
guerra e paz, saciedade e desejo.

A água do mar é muito pura e, ao mesmo tempo,
muito suja: é bebível e saudável para os peixes,

mas imbebível e mortal para os homens.

Tudo é bom e tudo é mau — depende. Às vezes a guerra é boa, às vezes a paz é má — isso depende. Às vezes a paz nada mais é que impotência, então não é boa; pode ser paz mas não é boa. As vezes a guerra não é nada além de loucura, então ela não é boa. E é preciso que se observe, e veja sem nenhum preconceito. Nem toda guerra é má e nem toda a paz é boa; para Gandhi, toda paz é boa — ambos são viciados. E Deus é ambos.

Heráclito diz:

A água do mar é muito pura e,
ao mesmo tempo, muito suja. . .

Para os peixes ela é vida; para você pode tornar-se morte. Portanto, não crie idéias absolutas, mantenha-se flexível. E lembre-se: uma coisa pode ser boa para você hoje, e amanhã pode não ser, pois a vida vai mudando e você não pode pisar duas vezes no mesmo rio. E mesmo que pise, você não é o mesmo e ainda assim é o mesmo — tudo está em movimento, tudo é um fluxo, não se fixe. Este é um dos males da mente humana: você se fixa, pode a flexibilidade — e flexibilidade é vida. Olhe para uma criança, ela é flexível; olhe para o velho, ele se tornou inflexível. Quanto mais flexível, mais vivo, fresco e jovem você é. Quanto mais inflexível você se torna... você já está morto.

E o que é flexibilidade? Flexibilidade é responder ao momento sem nenhuma idéia preconcebida; responder ao momento, não através de idéias preconcebidas — diretamente, imediatamente. Imediatismo é flexibilidade. Você olha para a situação, percebe a situação, é sensível a ela — e então age. A ação vem através do confronto entre você e a situação, não vem da mente ligada ao passado.

A natureza do dia e da noite é uma só.

A guerra e a paz são uma só; o desejo e a ausência de desejo são um só. O fenômeno é o mesmo: paz é guerra — inativa; guerra é paz — ativa. A natureza do homem e da mulher é uma só: a mulher é o homem passivo, inativo; o homem é a mulher ativa. É por isso que atraem um ao outro, porque se você os toma separadamente, são

apenas metades. Quando se tornam um, o todo é criado; ambos se encontram e tornam-se um — essa unidade é a busca.

Se você os toma separadamente, como fizeram todas as religiões no passado. . . católicos, jainistas, budistas, todos eles separaram totalmente as mulheres dos homens. E todas essas religiões permaneceram divididas, não podem ser totais, não podem aceitar o todo. São um semicírculo e um semicírculo não é absolutamente um círculo, pois um círculo, para ser um círculo, precisa ser total — um semicírculo não é um círculo. Por isso o cristianismo como um Iodo tornou-se feio, o jainismo tornou-se feio, o budismo tornou-se feio. Você não pode dividir, tem de aceitar a totalidade.

A beleza é o todo e a feiúra vem de uma parte dilacerada. Tudo que é total é belo, completo — o círculo se completou.

A natureza do dia e da noite é uma só.

O dia tornou-se noite, a noite tornou-se dia. Você é capaz de distinguir onde está o dia e onde está a noite? Você pode demarcar?

Não existe demarcação — o dia aos poucos vai se tornando noite; a noite aos poucos vai se tornando dia. É uma só roda. E se você puder ver todos os opostos como uma roda, transcenderá. Não será mais um homem e não será mais uma mulher, pois o homem torna-se mulher e a mulher torna-se homem muitas vezes. Se você se observar durante vinte e quatro horas, descobrirá em que momento foi uma mulher e em que momento foi um homem; poderá descobrir quando é passivo e quando é ativo. Quando é passivo você é uma mulher, quando é ativo é um homem — e os dois se ocultam dentro de você.

Agora a psicologia aceita isso: que o homem é bissexual — todo homem é mulher também e toda mulher é homem também. A diferença é só de quantidade, de grau, e não de qualidade. Se você é um homem, isso significa que pode ser cinqüenta e um por cento homem e quarenta e nove por cento mulher — essa é a diferença. É por isso que é possível mudar de sexo. É uma diferença de graus. Apenas uma pequena mudança hormonal e o sexo mudará. Não é preciso nem mudar os hormônios: se você simplesmente transformar a sua psique, a mudança acontecerá. Aconteceu a Ramakrishna. Ele tentou muitos caminhos para chegar ao Divino. Mesmo quando alcançou, continuou tentando todos os caminhos só para ver se todos levavam a Ele.

Na índia existe um caminho, um caminho muito bonito, que é: conceber Deus como o único homem e tornar-se feminino, a bem amada. Seja você homem ou mulher —

isso não importa — Deus é o macho e você a fêmea; Deus é Krishna e todos são suas bem amadas. Assim todos os que seguem esse caminho começam a se comportar como mulher — não podem usar roupas masculinas, usam roupas de mulher; dormem com uma imagem de Krishna. Esquecem-se completamente se são homens ou mulheres — sejam o que forem, tornam-se femininos. A cada quatro semanas, durante cinco dias, agem como se estivessem menstruados. No início apenas representam, mas aos poucos as mudanças começam a acontecer.

Aconteceu que Ramakrishna se transformou completamente em mulher. Isso permaneceu um mistério. Como é possível? As mestruações começaram realmente a acontecer! Ele eliminava sangue mensalmente durante três ou quatro dias. Seus seios tornaram-se femininos, eles cresceram; sua voz mudou, tornou-se feminina; ele começou a caminhar como uma mulher. Durante seis meses esteve nesse caminho — ele se transformou completamente numa mulher.

E isso é um mistério, pois houve médicos que testemunharam esses sangramentos — a menstruação havia chegado. Apenas a mente mudou todo o corpo. E depois de ter chegado por esse caminho e tê-lo abandonado e começado a tentar outra coisa, mesmo depois disso, durante um ano o corpo continuou igual — levou um ano para voltar, para tornar-se outra vez homem.

Por dentro você é ambos; é apenas uma questão de ênfase. E Heráclito chegou a compreender isso: *A natureza do dia e da noite é uma só.*

A subida e a descida são uma e a mesma.

Paraíso e inferno são um só. Deus e Demônio são um só — pois têm de ser assim: dois pólos do mesmo fenômeno.

Mesmo os que estão adormecidos trabalham e
colaboram com o que acontece no universo.

Mesmo os que estão adormecidos são responsáveis. O que Heráclito está querendo dizer? Diz que a responsabilidade não é individual, o karma não é individual — é total.

Essa é uma compreensão rara. Concordo absolutamente com ele. É uma rara compreensão, porque na índia acredita-se que o karma é individual — mas isso também é prender-se ao ego. Por que? Se não há ego, e você insiste em que não há ego, por que o karma deveria ser individual? Se o karma é individual, então você não pode abandonar o ego. Na verdade, ele se prenderá de uma maneira muito sutil: tenho de cumprir o meu

karma e você tem de cumprir o seu — onde nos encontramos? Eu me tornarei iluminado e você permanecerá ignorante — onde nos encontraremos?

Se a compreensão de Heráclito for entendida, isso significa: não existem indivíduos, não existem ilhas; o homem não é uma ilha, somos parte de um todo. Assim, nem mesmo o karma é individual. Isso implica muitas coisas, abre-se uma *vasta* dimensão. Isso significa que se alguém comete um assassinato em algum lugar, eu estou envolvido nisso. Mesmo que eu esteja dormindo — eu estava dormindo, não conheço o homem em questão, nunca ouvi falar a respeito dele — e alguém, em algum lugar, nos Himalaias, cometeu um crime; se não somos individualistas, eu estou envolvido com ele, eu também sou responsável. Não é tão fácil se livrar da responsabilidade: "Não estou cometendo um assassinato, sou um santo."

Nenhum santo é santo porque nele se incluem todos os pecadores. E é estúpido proclamar: "Sou um santo porque não estou cometendo nenhum assassinato, nenhum roubo, nenhum pecado." Mas no mundo existem pecadores, e se todos nós somos um só, um vasto continente, não apenas ilhas, mas estamos interligados, então como você pode pecar sem mim? Não, isso não é possível. Como posso me tornar Iluminado sem que você também se torne Iluminado? Não, isso não é possível. Isso significa que sempre que um pecado é cometido, o todo está envolvido. E sempre que existe um fenômeno de Iluminação, o todo está envolvido.

É por isso que sempre que um homem se torna Iluminado, imediatamente muitos o seguem em seu despertar, tornam-se Iluminados, pois ele cria uma possibilidade para o todo. É mais ou menos assim: se a minha cabeça dói, não apenas a cabeça está doente, mas todo o meu organismo também — minhas pernas também sentem, meu coração, minhas mãos também sentem, porque sou um. A dor pode estar focada na cabeça, tudo bem, mas todo o corpo está doente. Um Buda se torna iluminado — se ele está focado nesse estado, isso é tudo, porque ninguém mais está nele. É só uma questão de foco, mas ele vibrará em tudo.

A existência é como uma teia de aranha. Você toca na teia em qualquer lugar e o todo vibra. O toque é focado num determinado lugar, está certo, mas o todo vibra. Esse é o significado e você precisa entender isso. Sempre que você faz alguma coisa, não é só você que está envolvido — o todo está envolvido. A sua responsabilidade é grande. E não se trata apenas de acabar com o seu próprio karma; a sua biografia é toda a história do mundo.

Mesmo quando estou dormindo, estou colaborando e cooperando, e por isso cada passo tem de ser muito responsável e alerta. Se você comete um pecado é o todo que

você arrasta para o pecado, não só você, pois você não está separado. Se você medita, se você se torna alerta, se está se sentido pleno de graça, é o todo que você está levando a um clímax. Você pode estar focado, mas o todo está sempre envolvido.

Lembre-se disso: o que quer que você faça, Deus está fazendo; e o que quer que você seja, Deus é; e o que quer que você venha a ser, Deus será. Você não está só, você é o destino do todo.

Mesmo os que estão adormecidos trabalham e
colaboram com o que acontece no universo.

No círculo, o princípio e o fim são comuns.

Se você faz um círculo, o início e o fim se encontram — só então ele está completo! Se você se torna um círculo, inteiro, total, em você o princípio e o fim se encontram. Você é a própria fonte do mundo e é também o seu próprio clímax. Você é ambos, alfa e ômega. E a menos que você se torne ambos, algo está incompleto; e enquanto algo está incompleto você permanece miserável.

A única miséria que conheço é ser incompleto. O ser inteiro tende a ser completo, precisa ser completo, e o incompleto se trans-forma numa tortura. O ser incompleto é o único problema. E quando você se torna completo, o início e o fim se encontram em você. Deus como fonte e Deus como florescimento supremo encontram-se em você.

Pondere sobre esses pequenos fragmentos. Cada um deles pode se tornar uma vasta contemplação, e cada um pode lhe dar uma compreensão de si mesmo e da realidade. Esses fragmentos não são filosóficos, são as percepções de Heráclito — ele sabe, ele chegou a ver, não está teorizando. Ele tocou a realidade, penetrou nela. E cada fragmento é completo em si mesmo; não é um sistema. Esses fragmentos são como gemas, destacadas individualmente; cada gema é completa em si mesma. Penetre simplesmente num fragmento e através dele poderá tornar-se totalmente diferente — um único fragmento pode tornar-se a porta para o infinito.

Medite, pondere sobre Heráclito, sobre o que ele está dizendo. Ele pode lhe causar um grande impacto. Ele pode se tornar uma transformação para você.

5
Tal é a Profundidade de Seu Significado
(2 de dezembro de 1974)

Não façamos conjecturas arbitrárias
sobre os grandes temas.

Muito aprendizado
não ensina compreensão.

Os que buscam ouro
cavam muita terra
e pouco encontram.

Você não poderia descobrir as limites da alma
mesmo que para isso percorresse todas as estradas —
tal é a profundidade de seu significado.

A filosofia inteira não passa de conjecturas arbitrárias.

Se você quiser evitar o conhecimento real, se quiser evitar o existencial, então não há nada como a filosofia. Fuja para a filosofia e poderá evitar tudo, tudo o que crie problemas.

A filosofia é uma solução barata. Sem entrar, sem encarar a realidade, você simplesmente teoriza. E teorias nada mais são do que palavras. Os argumentos, as racionalizações, as explanações nada mais são do que truques. Nada se resolve porque você permanece o mesmo.

O filósofo é a pessoa mais iludida do mundo, porque pensa que sabe tudo sem saber absolutamente nada. Heráclito riu de Pitágoras, um dos maiores filósofos que o mundo já conheceu. Muitas vezes Heráclito diz: "Se filosofando alguém pudesse tornar-se

um conhecedor, então Pitágoras seria o maior conhecedor do mundo" — porque Pitágoras viajou pelo mundo todo daquela época. Chegou até a Índia; viveu no Egito, viajou por toda parte, reuniu muito conhecimento.

Pitágoras foi contemporâneo de Heráclito e é mais conhecido do que ele. Na história da filosofia, Pitágoras é um marco. Reuniu muita coisa, conheceu muito, mas sem saber absolutamente nada.

O que fez ele? Juntou informações através de escrituras, de professores, de escolas, de ashrams, de sociedades secretas. Quando você junta informações, elas se tornam parte da sua memória — você não é afetado. Seu coração não é tocado, seu ser nem mesmo tem consciência daquilo que você guardou em sua memória. A menos que seu ser seja tocado e transformado, esse conhecimento é ignorância — e muito mais perigoso do que a ignorância comum, pois uma pessoa ignorante comum sabe que é ignorante, e o filósofo pensa que sabe. E uma vez que você se afeiçoa às informações, pensa que essas informações são conhecimento. É claro que você sabe demais, mas no fundo nada foi conhecido, nada mudou; você não evoluiu para um plano superior de ser.

O conhecimento real consiste em se alcançar níveis mais altos de ser, planos superiores de ser — não mais informações, mas mais ser. Ser mais, não saber mais, é o caminho real. Saber mais e não ser mais é um falso caminho.

Os filósofos falam sobre as coisas. Eles não têm nem mesmo um vislumbre de Deus, de *moksha,* de libertação, de outros mundos, de céu e inferno. Não apenas falam sobre isso, mas falam com autoridade — mas não podem enganar. Não estão enganando ninguém exceto eles mesmos.

Conta-se que um dia, andando pelo cemitério, Mulla Nasrudin encontrou o túmulo de um filósofo da cidade que havia morrido pouco antes. Na lápide estava escrito: "Estou dormindo, não estou morto."

Mulla deu uma gargalhada e disse: "Você não está enganando ninguém, só você mesmo!"

Mas o filósofo engana a si mesmo continuamente. Em vez de conhecer, ele depende da informação. Quando o conhecimento é conseguido existencialmente, é autêntico. Por exemplo, você pode reunir muito conhecimento sobre o amor sem nunca ter se apaixonado. As bibliotecas estão repletas de informações; você pode Ir o coletar tudo o que já foi dito sobre o amor — mas 'sobre' o amor do é amor, 'sobre' Deus não é

Deus. Saber sobre o amor significa ficar dando voltas sem nunca penetrar no centro. Amar é totalmente diferente.

Você pode teorizar sobre o que é o amor, pode concluir sobre a natureza do amor, mas se você" nunca se apaixonou, para quê serve esse conhecimento? O que você ganha com ele? O que você vai encontrar através disso? Uma decepção, talvez. Conhecendo sobre o amor você pode começar a acreditar que conhece o amor; e se isso acontecer você terá fechado as portas para a possibilidade de se apaixonar.

Apaixonar-se é perigoso. Conhecer sobre o amor é esperto e ladino. Apaixonar-se significa mudar a si mesmo; apaixonar-se significa encarar milhões de dificuldades, pois interagir com uma pessoa viva é penetrar no desconhecido. Ninguém sabe o que vai acontecer no momento seguinte. Você é tirado da sua clausura, está sob céu aberto, e a cada momento haverão novos problemas para serem resolvidos, novas ansiedades a serem superadas. Tem de ser assim, pois os problemas e as ansiedades são os passos. Se você dá esses passos, você cresce; se fica atemorizado e foge, permanece juvenil.

O amor é uma oportunidade para crescer, mas o crescimento é sempre doloroso porque alguma coisa tem de ser destruída antes que você possa criar alguma coisa. O passado tem de ser destruído antes que um novo futuro nasça.

Todo crescimento é como a dor da mãe ao dar à luz um filho. Todo crescimento significa que você está constantemente dando à luz a si mesmo; a cada momento uma criança nasce. E é um processo contínuo, não pára nunca; nunca chega a um fim. Você pode descansar por algum tempo, mas a jornada é interminável. Você tem de dar a luz a si mesmo constantemente, e a cada momento haverá dor. Mas se você puder ver que a partir da dor nasce uma nova vida, se aceitar isso, não só aceitar, mas dar boas vindas, será belo pois é através dela que se cresce. Não há outra maneira de crescer.

O amor lhe trará dor, o amor o fará sofrer, porque através do amor se cresce. Nunca houve crescimento sem sofrimento.

Este é o significado da cruz: Jesus sofre, e sofre totalmente. Quando ele sofre totalmente, renasce totalmente, ressuscita. Então não é mais um homem, torna-se um deus. Ele amou a humanidade tão profundamente que o amor pela humanidade transformou-se na cruz.

Você tem medo de amar um único indivíduo. Como crescerá? E você pode enganar sua mente. Pode ir à biblioteca, pode coletar informações sobre o amor e sobre os amantes, e pode saber muito sem conhecer absolutamente nada.

E isso acontece em todas as dimensões da vida. Sempre que os grandes temas são tocados, é assim que você engana.

Rezar é difícil; ser um padre é fácil. Um padre é um homem que reuniu tudo sobre a prece, mas orar é difícil. É como a morte, porque a menos que você morra, como pode convidar o Divino a entrar em você? A menos que você se torne um vazio, como Ele pode entrar em você?

Soren Kierkegaard disse: "No começo, quando comecei a rezar, costumava falar muito com Deus. Depois, aos poucos, compreendi a bobagem que estava fazendo. Eu estava falando — como falar pode ser prece? A prece só pode ser uma profunda escuta, não uma fala. Você precisa estar em silêncio para que Deus possa ser ouvido. Precisa estar muito silencioso para que a palavra quieta e silenciosa de Deus possa penetrá-lo. Nesse silêncio, o Divino é revelado."

Orar não é falar, é ouvir — alerta, passivo, aberto, pronto, disponível como um útero. A prece é feminina e um padre é um fenômeno masculino. O padre é agressivo: está fazendo alguma coisa. Orar não é absolutamente uma ação, é simplesmente ser receptivo, é simplesmente estar aberto. Uma porta se abre e você está esperando. É infinita paciência e espera. O padre é agressivo. Você pode aprender isso: o sacerdócio é uma arte, pode-se aprendê-la. A prece não é uma arte, não se pode aprendê-la em nenhum lugar. Você só pode aprendê-la na vida. Não existem escolas, não existem universidades que possam ensiná-lo a orar — só a vida.

Você se move na vida, sofre muito, cresce, e, aos poucos, sente a sua total impotência. Aos poucos você sente que todas as reivindicações egoístas são estúpidas — pois, quem é você? Sendo jogado daqui para lá e de lá para cá, à deriva, como um pedaço de madeira ao mar... quem é você?

Quando você sente: "Não sou ninguém", a primeira semente da prece entrou em você. Quando sente: "Sou impotente, não posso fazer nada, pois há tanto tempo tenho feito e nada acontece exceto miséria, nada acontece através dos meus esforços", então você pára de se esforçar. Nesse momento de impotência a prece dá um segundo passo. Não que na sua impotência você comece a exigir de Deus: "Faça isso por mim porque eu não posso fazê-lo" — não! Se você estiver realmente impotente não poderá nem mesmo exigir e desejar, pois acabará percebendo que: "Tudo o que eu disser estará errado, tudo o que eu pedir estará errado. Eu *sou* errado e, por isso, tudo o que vier por meu intermédio estará errado". Então você dirá: "Seja feita a Tua vontade... não me ouça, faça o que *você* quiser, estou pronto para obedecer." Isso é prece — não sacerdócio. Você pode ser

treinado para ser padre; existem colégios para isso. Cada "gesto da oração é ensinado: como sentar, como se curvar, que palavras usar e quais não usar.

Leon Tolstoi escreveu uma pequena parábola.

Um homem procurou um padre, o maior sacerdote da Rússia, e disse: "Conheço três santos. Eles vivem numa ilha, e chegaram a Deus."

O padre disse: "Como é possível que isso tenha acontecido? Sou o mais alto sacerdote de todo o país. Sem me conhecerem, sem que eu tenha tido conhecimento do fenômeno, como é possível que três pessoas tenham chegado a Deus? Vou procurá-las."

E saiu num barco. Chegou à ilha. Aquelas três pessoas simples estavam sentadas ao pé de uma árvore fazendo suas orações. Ele ouviu as preces, deu uma gargalhada e disse: "Seus tolos! Onde aprenderam essa oração? Nunca ouvi tamanho absurdo em toda a minha vida, e sou o mais alto sacerdote deste país. Que tipo de prece é essa?"

Os três começaram a tremer de medo e disseram: "Perdoe-nos! Não sabemos, nós nunca aprendemos. Nós mesmos criamos essa prece".

A prece era simples. Dizia: "Nós somos três" — e os cristãos acreditam na Trindade, por isso disseram: "Fizemos uma oração: Nós somos três, você também é três — tenha piedade de nós! Nós mesmos a fizemos: Somos três, você é três — tenha piedade de nós! Fazemos isso constantemente, mas não sabemos se está certo ou errado."

O padre disse: "Está absolutamente errado e eu lhes ensinarei o certo, a versão autorizada." Era uma longa oração da Igreja. Os três ouviram, tremendo. O padre ficou muito feliz. Voltou pensando que havia realizado um ato virtuoso, um trabalho realmente bom: convertera três pagãos ao cristianismo. "E aqueles tolos! — eles se tornaram famosos. Muitas pessoas foram ter um *darshan* com eles, tocaram seus pés e os adoraram!"

Quando estava voltando, muito feliz por ter feito o que fez, viu de repente que alguma coisa, como uma turbulência no lago, aproximava-se. Ele ficou com medo. Depois olhou... os três santos estavam chegando, correndo sobre a água. Ele não podia acreditar no que seus olhos viam. Os três santos vieram e disseram: "Por favor, diga outra vez aquela oração porque nós a esquecemos! Ë longa demais e somos pessoas simples, incultas. Só mais uma vez..."

Conta-se, escreve Leon Tolstoi, que o padre caiu aos pés deles e disse: "Perdoem-me! Cometi um pecado. Continuem a fazer como sempre fizeram. A prece de vocês está

certa porque ela brotou de seus corações. A minha é inútil porque veio do meu aprendizado. Não me ouçam. Simplesmente esqueçam e façam o que estavam fazendo."

A prece não pode ser aprendida. Você precisa passar pela vida com os olhos abertos, com um coração compreensivo, para chegar a orar. Então, a prece será sua. Ela brotará de seu coração, verterá de seu coração. As palavras não significam muito é o coração que está por trás delas.

Mas pode-se aprender muito através da mente; pode-se esquecer completamente o coração — porque o coração cresce através da experiência, e a mente cresce através... do pensamento. E o pensamento é simplesmente morto. Não existe nenhum crescimento através do pensamento. Você pode ficar dando voltas na mente. A mente é apenas um computador, um computador biológico; coleta informações. O mesmo pode ser feito por um computador, ainda melhor do que por sua mente. Mas o coração não é um computador. O coração é totalmente diferente da mente: ele não coleta, não tem memória simplesmente vive cada momento; responde ao momento vivo de uma maneira viva.

Conheci uma pessoa, um colega de universidade. Estava doente e alguma coisa sempre estava errada com ele. Eu lhe disse: "Por que não procura um médico? Por que não consulta alguém sobre o seu corpo? Está sempre reclamando de uma coisa ou outra." Então, ele foi.

No dia seguinte, ele veio me ver e disse: "O doutor disse que terei de desistir de metade da minha vida sexual."

Fiquei surpreso e disse: "O que você decidiu?"

Ele respondeu: "Obedecerei."

Então eu lhe perguntei: "Que metade? — a que você fala ou a que pensa a respeito." Porque eu conhecia o homem: ele não tinha nenhuma vida sexual, mas falava e pensava sobre ela.

Existem pessoas que não têm vida religiosa. Falam sobre ela, pensam a respeito, mas não têm vida religiosa; se você ouvir o que elas dizem pode achar que são religiosas. Religião não é uma coisa relacionada ao falar ou pensar — mas sim relacionada ao viver. Ou você a vive ou não a vive. É um jeito de viver, não uma filosofia; não são teorias sobre grandes assuntos, mas um profundo inter-relacionamento com tudo o que a vida significa.

Observe sua mente, como ela aproveita as oportunidades nas quais você poderia ter se tornado religioso. Você vê uma flor e começa a pensar sobre ela — não vive o momento. A flor está ali, abrindo suas pétalas — um fenômeno imensamente belo, um milagre.

Os cientistas dizem que a vida é um milagre — não há razão para ela, por que deveria haver? Milhões e milhões de planetas e estrelas, e apenas nesta pequena terra, e ainda assim é somente há alguns milhares de anos que a vida tem existido. Ninguém sabe porque, não se sabe por quanto tempo existirá, ninguém sabe porque, qual é o seu destino, a sua fonte. E os cientistas dizem, no máximo, que simplesmente um milagre, parece ser apenas um acidente. Não se pode dizer nada.

A flor é um milagre porque está viva. Neste universo morto — milhões de planetas, milhões de estrelas, que são só pedras e mais pedras, infinitamente rochosas — uma pequena semente tornou-se planeta e a planta está celebrando. Uma flor desabrocha e você começa a pensar e a falar sobre ela. Diz: "Que linda!", e perde toda a beleza, pois se ela é realmente bela você se torna silencioso. Sempre que alguma coisa grandiosa é encontrada, é tão misterioso o seu assombro, você fica tão maravilhado, como é possível falar? Falar é uma profanação. Nesse momento, falar é uma tolice — você não está aproveitando. Simplesmente permaneça em silêncio, beba, saboreie o momento; permita que a flor desabroche dentro de você. De uma maneira sutil, a dualidade sujeito e objeto desaparece. Você não é mais o sujeito e a flor não é mais o objeto; as fronteiras se diluem e fundem-se. De repente a flor está dentro de você e você está na flor — pois a vida é uma só. Você também é uma flor; a consciência é um florescimento. É por isso que os hindus sempre a simbolizaram por um lótus, pelo desabrochar de uma flor. E uma flor também é uma consciência, viva.

Encontre-se com a flor, não comece a falar e a pensar. Então saberá o que é uma flor. Talvez você não seja capaz de dizer o que é uma flor. Talvez você seja capaz de dizer o que conhece, não consiga criar uma teoria sobre o seu conhecimento. É difícil quando se conhece, é muito difícil criar uma teoria a respeito. É tão vasto, a experiência é tão vasta, e a teoria tão estreita. Você talvez não seja capaz de filosofar, mas esse não é o ponto — você conhece, é esse o ponto.

Esse ponto é o ponto de intersecção em que os filósofos e os religiosos se separam. Os filósofos continuam falando e pensando e os religiosos seguem aprofundando suas experiências — e chega um momento no qual se perdem completamente. O filósofo no final toma-se apenas um ego, e a pessoa religiosa simplesmente se perde. Você não pode encontrá-la, não pode saber onde ela está.

Se você puder compreender isso, então esses fragmentos se tornarão muito, muito significativos — e são.

> *Não façamos conjecturas arbitrárias*
> *sobre os grandes temas.*

O que pode fazer a sua mente? Uma coisinha tão pequena. Conta-se que um dia Aristóteles caminhava pela praia, perto do mar, quando viu um homem trazendo água do mar numa colher e jogando-a num pequeno buraco que havia cavado na areia. Aristóteles estava às voltas com os seus próprios problemas. Não deu muita importância ao fato — uma vez, duas, chegou mais perto e ficou olhando para o homem, mas este estava tão absorto que Aristóteles ficou curioso: "O que está fazendo?" Era difícil acreditar, o homem estava completamente absorto ia até ao mar, enchia a colher, trazia a água, colocava-a no buraco, voltava para o mar...

Por fim, Aristóteles disse: "Espere! Não quero perturbá-lo, mas o que você está fazendo? Está me deixando tremendamente curioso."

O homem disse: "Vou colocar todo o oceano neste buraco."

Aristóteles, até mesmo ele, riu. Disse: "Você é um tolo! Isso não vai acontecer. Você é simplesmente louco e está perdendo sua vida! Olhe a vastidão do oceano e a pequenez do seu buraco — e com uma colherzinha você pretende trazer o oceano para esse buraco? Está simplesmente louco! Vá para casa e descanse um pouco."

O homem riu ainda mais alto do que Aristóteles e disse: "Sim, irei, pois meu trabalho está feito."

Aristóteles disse: "O que você quer dizer com isso?"

Ele disse: "O mesmo que você — só que a sua é uma tolice ainda maior. Olhe para a sua cabeça: ela é menor do que o meu buraco. E olhe para o Divino, para a Existência: é mais vasta do que a minha colher?"

E o homem se foi, às gargalhadas. Isso chocou Aristóteles.

Ninguém sabe se isso aconteceu ou não porque Aristóteles continuou o mesmo. Essa estória deve ter sido inventada por Heráclito — eu desconfio. Ou é até possível que esse homem tenha sido Heráclito — disso eu também desconfio.

O que a mente pode fazer? Quando você pensa nisso, parece simplesmente absurdo. Como se pode entender tal vastidão através da cabeça? Todo o esforço parece ser fútil. Abandone a cabeça e depois olhe! Não olhe através da cabeça e você também será vasto. É só por estar olhando através da cabeça que você também se tornou pequeno. É só por causa da estreiteza da cabeça que você também é estreito. Jogue fora essa cabeça! — e olhe para a existência sem ela. Isso significa: sem pensar; estando completamente alerta mas sem um único pensamento na mente, sem teorizar, vi-vendo apenas.

Não façamos conjecturas arbitrárias. . .

E as nossas conjecturas são todas arbitrárias. O que se pode dizer? Alguém pergunta: "Deus existe?" O que dizer? Se você disser sim, será também uma conjectura — você o conheceu? Se disser não, será uma conjectura — você sabe? Como pode dizer alguma coisa? Se disser sim, estará errado. Se disser não, estará errado. É por isso que os Budas permaneceram em silêncio.

Se você perguntar a Buda sobre Deus, ele nada dirá. Simplesmente permanecerá em silêncio, como se você não tivesse perguntado nada. Ele jamais dirá uma única palavra sobre Deus. Sabe o quanto a pergunta *é,* estúpida. E sabe que quando você responde a uma pergunta estúpida, você também é estúpido. Assim, permanece em absoluto silêncio, não diz sim nem não — porque são todas conjecturas. O que você pode dizer? Os teólogos cristãos parecem tolos diante de um Buda. Eles tentam até provar, dão até mesmo provas de que Deus existe. Fornecem fundamentos lógicos da existência de Deus. Mas Deus precisa dos seus apoios lógicos? O Todo precisa que você dê alguma prova dele? Você é o juiz. O que pode provar? E tudo o que você pode provar, pode ser refutado pela mesma mente, pois a lógica é uma espada de dois gumes — pode provar e pode refutar. A lógica não é uma bela amada, a lógica é uma prostituta. Trabalha para quem pagar melhor.

Conheci um homem — era um advogado, um dos melhores, famoso; era uma autoridade em leis, mundialmente famoso; mas era um homem muito esquecido, muito distraído. Certa vez, numa Assembléia Privada em Londres, ele estava defendendo um Maharaja indiano. Era um grande caso. Ele se distraiu e argumentou durante uma hora contra o seu próprio cliente. Até o juiz ficou preocupado. O promotor não podia acreditar no que estava acontecendo: "O que ele vai fazer agora?" — pois aquele homem estava usando todos os argumentos que o promotor havia preparado. Tudo ficou virado de pernas para o ar, e a corte não podia acreditar no que estava acontecendo. E o homem era uma autoridade tão grande que ninguém ousou interrompê-lo; mesmo o seu assistente tentou muitas vezes puxá-lo pela roupa e lhe dizer o que estava fazendo.

Quando ele acabou, o assistente sussurrou em seu ouvido: "O que você fez? Destruiu completamente o caso. Nós não estamos acusando o homem — nós estamos defendendo-o!"

O advogado disse ao juiz: "Meritíssimo, estes são os argumentos que podem ser usados contra o meu cliente — agora vou contradizê-los." E começou a contradizer tudo. Ele venceu o caso.

A lógica é uma prostituta. Você pode argumentar a favor de Deus e usar o mesmo argumento contra Ele.

Por exemplo: todas as religiões do mundo, todos os padres, os bispos, papas, teólogos, usaram como prova básica, como prova fundamental de seus argumentos a favor de Deus, o fato de que tudo requer um criador: se você olhar um móvel, saberá que um marceneiro o fez. Se olhar um quadro, fatalmente terá de haver um pintor. Como um quadro pode existir sem um pintor? Uma criação tão vasta, se desenrolando tão sistematicamente, obedecendo a um curso tão disciplinado, precisa de um criador. "A criação pressupõe um criador."

Ouça então um ateu. Ele diz: "Se isso é verdade, quem então criou o criador? Pois se nada pode existir sem um criador, se um quadro não pode existir sem um pintor, quem criou o pintor? E se você disser que o pintor não foi criado, então você é tolo, pois se um quadro, uma coisa tão pequena como essa, não pode existir sem um criador, como pode o pintor existir sem um criador?" A sua própria lógica se volta contra você. E se você disser: "Sim, Deus foi criado por outro Deus", então a regressão será infinita... O Deus A foi criado pelo Deus B, o Deus B foi criado pelo Deus C, e assim por diante, infinitamente. Por fim, a pergunta permanecerá a mesma; não foi respondida: quem criou o Deus Z? A pergunta continuará a mesma.

A lógica não responde nada. E o mesmo argumento que pode ir a favor pode ir contra.

Heráclito diz:

Não façamos conjecturas arbitrárias. . .

Não faça nenhuma conjectura,
todas as teorias são conjecturas.

...sobre os grandes temas.

É melhor não fazer nenhuma conjectura.

Muito aprendizado não ensina compreensão.

E você pode aprender muito sobre essas conjecturas, as quais são todas arbitrárias, pode tornar-se um grande pândita, um grande erudito. Em primeiro lugar, são todas conjecturas, e em segundo lugar, você acumula todo esse lixo e torna-se um grande estudioso; as pessoas o respeitarão e acharão que você sabe — mas você sabe? Falando sobre Deus, provando a favor ou contra, você consegue chegar a alguma conclusão? Os teístas, os ateus, estão todos no mesmo barco.

Conta-se que Mulla Nasrudin trabalhava como maquinista dirigindo uma balsa. Um dia, um padre estava atravessando para a outra margem. Exatamente na metade do caminho, perguntou a Nasrudin: "Você chegou a aprender alguma coisa, Nasrudin?"

E ele respondeu: "Sou ignorante, não sei nada — nunca estive numa escola."

O padre disse: "Então metade da sua vida foi praticamente desperdiçada, pois o que é um homem sem instrução?"

Nasrudin não disse nada. Veio então uma tempestade e a balsa começou a afundar. Ele disse: "Oh, grande pândita, você aprendeu a nadar?"

O homem disse: "Não, nunca. Eu não sei nadar."

Mulla disse: "Então toda a sua vida foi desperdiçada, pois eu já estou indo!"

Informações não podem se transformar em natação — e a existência necessita de experiência. Informação não pode ser conhecimento. Conhecer é alguma coisa que você experimentou e *você* chegou a conhecer. O conhecer é sempre original, a informação é sempre emprestada. Os outros podem ter conhecido, podem não ter conhecido; você não pode decidir — simplesmente acredita. Lembre-se: a crença não servirá; ela faz parte da informação. A confiança, a fé, é totalmente diferente. Você experimentou alguma coisa e então veio a confiança. Se você não experimentou, a confiança não existe, existe apenas uma crença superficialmente forçada. Você acredita; a crença é emprestada, é morta. E quanto mais você acredita, mais morto se torna. Confiar é totalmente diferente. Não é crença, não é descrença. Não tem nada a ver com a crença, com a descrença ou com a mente. As pessoas dizem: "Acreditamos em Deus". E existem pessoas que dizem: "Não acreditamos em Deus".

Um homem procurou Sri Aurobindo e perguntou: "Você acredita em Deus?"

Aurobindo disse: "Não!"

O homem não podia acreditar no que ouvia, pois tinha vindo de um país muito distante para questionar esse homem e achava que ele tinha de acreditar em Deus — e Sri Aurobindo disse 'Não'.

O homem disse: "O que você está dizendo? Não posso acreditar no que estou ouvindo e vim de tão longe só para ouvir um homem que conhece."

Aurobindo disse: "Mas eu não disse nada sobre conhecer. Eu não acredito — eu conheço."

A crença é um substituto pobre para o conhecimento; na verdade, não é absolutamente um substituto. Você não acredita no sol — você o conhece. Eu estou aqui — você não acredita em mim, você me conhece. *Você* está sentado aí — você não acredita que está sentado, você conhece o fato. Você acredita em Deus, você não O conhece.

A ignorância pode se tornar uma crença ou uma descrença, mas a ignorância continua sendo ignorância. O conhecer é necessário. E saiba desta sutil distinção: não uso a palavra 'conhecimento', uso a palavra 'conhecer' pois conhecer é um processo e conhecimento é algo já terminado. O conhecimento é como uma coisa — acabada; pode-se possuí-lo, pode-se tê-lo nas mãos, pode-se manipulá-lo, está completo. Conhecer é um processo, é um rio; está sempre acontecendo; nunca se pode possuí-lo; não se pode dizer que está acabado. A existência é eterna, como pode acabar? Como é possível chegar a um ponto onde se possa dizer: "Agora já conheço tudo"? Esse ponto não chega nunca.

Quanto mais você conhece, mais as portas se abrem. Quanto mais você flui, mais os mistérios estão prontos para lhe serem revelados. Quanto mais você conhece, mais se torna capaz de conhecer — e isso não tem fim.

É por isso que uso a palavra 'conhecer' e não 'conhecimento'. Conhecimento é uma coisa morta, é passado, já foi para o túmulo. Conhecer está sempre no presente; é um fluxo, é como um rio. Heráclito concordará comigo: concordará com o conhecer; com o conhecimento, não.

O conhecimento é um produto acabado, o conhecer é uma coisa crua. Está sempre se fazendo, está sempre se tornando. Está sempre mudando, fluindo, tomando novas formas, novas configurações, e não se pode acabá-lo porque você faz parte dele. Quem pode acabá-lo? Você pode se tornar aquilo que conhece, mas nunca um conhecedor.

E o mesmo é válido para o amor, o mesmo é válido para a prece, e o mesmo é válido para a meditação, para todos os grandes temas. Na verdade, usar a palavra 'amor' não é bom — "amar" dá a sensação de processo. Usar a palavra 'prece', não é bom, a prece é morta — 'orar' dá uma sensação de fluxo, de movimento, de vitalidade. "Experiência" não é bom — 'experimentar'. 'Meditação' não é bom — ... A linguagem dá sempre a sensação de coisas mortas e a vida não está morta. Até mesmo para um rio você diz: "O rio é", até para ele você usa 'é' — o rio nunca 'é'. O rio está sempre sendo, sempre se movendo.

Nada é, tudo flui, tudo assume novas formas, configurações e nomes, e todas as coisas fluem para outras coisas.

Experimentar, conhecer, amar, orar, meditar — lembre-se disso, a vida é um processo, não é uma coisa. É um movimento de uma eternidade para outra. Está sempre no meio, *sempre no meio* — você está sempre no meio. É um movimento constante e vivo.

A informação pode lhe dar produtos mortos, só a vida pode lhe dar processos. Você não pode possuir nada na vida, não pode possuir nem a si mesmo. E se você tiver uma mente possessiva, tornar-se-á um conhecedor. Daí a insistência na não possessividade, na mente não possessiva. Não possua nada. Não possua nem o seu filho — ele não é uma coisa. Não possua a pessoa a quem você ama, ela não é uma coisa. Não possua nada — você não pode! E se possuir, você matará, destruirá. O mesmo acontece em relação ao que se aprende: nós queremos possuir.

As pessoas vêm a mim e dizem: "Gostaríamos de conhecer Deus", mas por que? Por que você gostaria de conhecê-Lo? Você quer se tornar um conhecedor. Gostaria de possuir também a Ele. Gostaria de poder exibi-lo também, mostrar que não possui só móveis, casas ou carros, mas que possui também Deus: "Ele está aqui, venha e veja. Eu o agarrei." Você gostaria de transformar Deus numa mercadoria — e já conseguiu isso.

Não, você não pode possuir. O conhecer não é algo que possa ser possuído. A informação pode ser adquirida. O conhecer não pode ser ensinado, é preciso que se cresça dentro dele. E não é seguro, pois quem pode estar seguro em relação a um processo? Nunca se está a salvo; quem pode estar a salvo num processo? Só existe segurança com coisas mortas. .É sempre perigoso, pois você se move do conhecido para o desconhecido, da luz para o escuro, do dia para a noite. Está sempre se movendo da vida para a morte.

E se você puder descobrir o segredo da harmonia oculta que transcende a ambas, que se move dentro de ambas e ao mesmo tempo as transcende, então terá chegado a conhecer a verdade.

E é isso o que Heráclito quer dizer em relação aos grandes assuntos:

Muito aprendizado não ensina compreensão.

Você já viu pessoas que sabem demais mas que agem de maneira estúpida? Isso acontece quase sempre: o homem que sabe demais torna-se cada vez menos atento. Age através do seu conhecimento, não através da situação real. Torna-se um tolo, comporta-se de maneira estúpida, porque para que alguém se comporte sabia-mente, é necessário haver resposta, e essa pessoa age sempre a partir de um passado morto. Age sempre a partir de uma prontidão, de uma preparação. Jamais está despreparada.

Ouvi contar sobre um grande professor de filosofia. Estava estudando em seu quarto quando sua esposa entrou muito excitada, dizendo: "O que você está fazendo? Já viu os jornais? Dizem que você morreu."

O professor, sem mesmo levantar os olhos para a esposa ou para o jornal, respondeu: "Então, lembre-se de que não devemos nos esquecer de enviar flores — sempre que alguém morre é preciso enviar flores" — só isso. Ele nem ouviu.

Não é possível surpreender um homem de conhecimento, não. Ele sempre sabe. Não se pode assombrá-lo, ele perdeu a dimensão do assombro. Não é mais uma criança; ele sabe, sabe tudo.

Ouvi contar — não posso jurar que seja verdade porque apenas me contaram — um amigo me disse que certa vez estava conversando com Mulla Nasrudin e falavam sobre muitas coisas e se divertiam muito, quando de repente entrou o cachorro de Nasrudin e disse: "Alguém viu o jornal de hoje?" O amigo ficou simplesmente pasmado, não podia acreditar!

Mulla deu o jornal ao cachorro e quando o cachorro saiu, o amigo conseguiu se recobrar e disse: "É um milagre — esse cachorro consegue ler?"

Mulla disse: "Não se deixe enganar — ele apenas olha os quadrinhos."

Existem pessoas que não possuem o senso do assombro e do mistério. Não podem se admirar, não se pode surpreendê-los. O que aconteceu? Elas estão sempre prontas, e quando se sabe como é possível se surpreender? Uma criança se maravilha diante das

coisas — e esse é o significado das palavras de Jesus. "A menos que você seja como as crianças, não entrará no Reino do meu Deus". Por que? Porque o assombro é a porta e só um coração inocente pode se maravilhar. E quando você tem um coração inocente, você se maravilha — tudo lhe causa surpresa. Uma borboleta — que imenso mistério!

Chuang Tsé estava sentado ao pé de uma árvore e duas ou três borboletas voavam uma atrás da outra.. Ele escreveu um pequeno poema: "Parece-me que essas borboletas são flores — as flores que uma vez caíram no chão e agora voltaram, estão de volta à árvore." As flores caem no chão e depois desaparecem. Chuang Tsé diz: "Agora voltaram para a árvore como borboletas."

Esse homem entrará no Reino de Deus, mas você não. Se alguém lhe pergunta qualquer coisa sobre uma borboleta, imediatamente você abre um livro e consegue dizer tudo o que se diz sobre 'borboletas' — mas você pensa que tudo o que pode ser dito é o total? Tudo o que se diz é tudo? Não existe alguma coisa que tenha ficado sem ser dita, que permanecerá para sempre sem ter sido dita e que nunca será possível que alguém possa dizê-la? Se você acha que não restou nada a ser dito, como pode então se assombrar? — você perdeu a sensação da surpresa.

Este século sabe mais do que qualquer outro já soube, e está mais distante de Deus do que qualquer outro século já esteve — pilhas de informações, bibliotecas cada vez maiores, e todos sabem muito. Mesmo as crianças pequenas são forçadas por nós a saber — não através do conhecer, não que a vontade de saber cresça nelas e elas se tornem cada vez mais misteriosas; que por dentro, por fora, elas sintam mais mistério; que sejam tocadas pelas flores, pelas borboletas e pelas pedras. Não. Nós enchemos suas mentes de conhecimento, e Heráclito diz:

Os que buscam ouro cavam
muita terra e pouco encontram.

Essas pessoas que sabem, os pânditas, cavam muita terra mas pouco encontram. Removem toda uma montanha e dela sai um rato. O que conseguem eles? São como cavadores de ouro: muito esforço, e tudo o que conseguem apenas *parece* valioso. É por isso que ele usa a palavra 'ouro', pois que valor tem o ouro? Na verdade, que valor ele tem? O valor que você dá a ele é apenas uma convenção. Somos nós que damos valor ao ouro, não que ele tenha um valor intrínseco. Se o homem não existisse, você acha que o ouro teria algum valor? Os animais não se importam, não ligam para ele. Se você puser na frente de um cachorro um punhado de ouro e um osso, ele escolherá o osso; não se importará com o ouro. Que valor tem o ouro? Tem algum valor intrínseco? Nenhum valor, apenas uma projeção social. Se você acha que é valioso, ele se torna valioso.

Tudo o que você considera de valor, torna-se valioso.

Os cavadores de ouro
cavam muita terra e pouco encontram.

E é isso o que está acontecendo aos que estão cavando conhecimento — não experiência; cavando a verdade, e não a vida... e vida é verdade! E qualquer que seja a verdade que você cave das teorias e do conhecimento, ela será algo morto.

Você não poderia descobrir os limites da alma mesmo
que para isso percorresse todas as estradas — tal é a
profundidade do seu significado.

Tente entender três palavras: uma palavra é "conhecido", o que já se conhece; há então uma outra palavra, o "desconhecido", aquilo que ainda não conhecemos, existindo toda a possibilidade de conhecermos. A ciência divide a existência nestas duas palavras: 'conhecido' e 'desconhecido'. O conhecido, que conhecemos, e o desconhecido, que conheceremos; só precisamos de tempo. A religião divide este mundo em três palavras, não em duas: o 'conhecido', o 'desconhecido' — e o incognoscível. Não podemos esgotar o incognoscível'.

O desconhecido se tornará conhecido e o conhecido poderá se tornar de novo desconhecido. Aconteceu muitas vezes. Muitas coisas foram conhecidas e depois tornaram-se desconhecidas, porque a sociedade se desinteressou por elas. Isso aconteceu muitas vezes. Se você voltar atrás e perguntar às pessoas que trabalharam profundamente com o passado, elas dirão que quase tudo o que conhecemos foi conhecido em alguma época anterior e depois foi esquecido.

Colombo não foi o primeiro homem que descobriu a América; muitas pessoas a descobriram antes dele, e depois a América foi esquecida. No *Mahabharat* — uma das mais antigas escrituras da índia, com pelo menos cinco mil anos de idade, talvez mais — o México foi mencionado: Arjuna teve muitas mulheres, uma era mexicana. Em muitas outras escrituras do mundo a América é mencionada. Colombo não foi o primeiro a descobri-la — ele a redescobriu. Existem menções sobre aviões em muitas escrituras; não é esta a primeira vez que nós os descobrimos; nós os descobrimos e depois nos desinteressamos; eles foram deixados de lado. Nunca encontrei nada que não tenha sido descoberto antes. Todas as coisas foram descobertas e perdidas. Depende da sociedade: se a sociedade Se interessa, tudo bem; senão, se perde.

O conhecido se tornará desconhecido, o desconhecido se tornará conhecido. Mas existe uma terceira dimensão: o incognoscível.

A ciência não acredita no incognoscível. Diz: "O incognoscível nada mais é do que o desconhecido". E a religião diz que aquilo que permanecerá desconhecido para sempre está numa dimensão totalmente diferente — pois tal é a sua natureza intrínseca que a mente não agüenta. O vasto, o infinito, o interminável, o que não tem co-meço, o total — o total não pode ser compreendido de modo algum pela parte, pois como pode a parte compreender o total? Como pode a mente compreender aquilo de onde a mente surge? Como pode conhecer aquilo para onde ela irá retornar? É impossível! É simplesmente impossível. E como podemos conhecer aquilo de onde viemos? Somos como ondas — como pode uma onda compreender todo o oceano? Ela pode proclamar, pois o oceano jamais refuta coisa alguma — simplesmente ri. É como uma criança proclamando alguma coisa para os pais. Eles riem.

O incompreensível existe — o incognoscível existe.

Heráclito diz:

> *Você não poderia descobrir os limites da alma mesmo que para isso percorresse todas as estradas — tal é a profundidade de seu significado.*

Como você pode conhecer a si mesmo? Todas as religiões dizem: "Conheça a ti mesmo!" Mas como você pode realmente se conhecer? Quem então será o conhecedor e quem será o conhecido? — pois o conhecimento depende de uma divisão. Eu posso conhecê-lo, você pode me conhecer, porque eu me torno um objeto e você se torna o conhecedor — mas como você pode conhecer a si mesmo? E, se tentar, aquilo que você vier a conhecer não será você. O conhecedor estará sempre por trás; o que for conhecido estará sempre associado como objeto e você estará associado como sujeito.

Por exemplo: você pode conhecer o corpo. É por isso que todos os que conhecem dizem que não somos o corpo — porque podemos conhecê-lo. Você pode conhecer a mente. É por isso que os que conhecem dizem que você não é a mente — pois a mente se torna o objeto e você o conhecedor. Você fica por trás, continua ficando sempre por trás, você é uma transcendência sutil. Tudo o que você conhecer será imediatamente transcendido. No momento em que se torna conhecido você está separado dele.

Se você diz: "Eu conheci a mim mesmo", o que significa isso? Quem conheceu quem? Você é o conhecido? — ou o conhecedor? Se você é o conhecedor, ainda assim permanece desconhecido. O autoconhecimento é impossível.

Mas por que sempre se diz: "Conhece-te a ti mesmo"? Isso tem sido dito porque só pelo esforço para conhecer se chegará à dimensão do incognoscível. Tem-se insistido: "Conhece-te a ti mesmo" — não que você possa conhecer, não se engane com isso. Ninguém jamais se conheceu, jamais ninguém se conhecerá. E todos os que conheceram sabem disso: que o grandioso, o vasto, o Supremo permanecem incognoscível. Há uma insistência: Conhece-te a ti mesmo! Eu também insisto: Conhece-te a ti mesmo! — só para levá-lo ao ponto onde você tem consciência de ser esse o portão para o incognoscível. Só se esforçando para conhecer você virá a conhecer o incognoscível. E quando digo que você conhecerá o incognoscível, não quero dizer que você o conhecerá. Não! Você entrará dentro dele. Nunca é um conhecimento, é um salto.

Você salta no mar e Se perde. Não que você o conheça — você se transforma nele. É claro, você o conhece de maneira muito sutil e ao mesmo tempo não o conhece.

É por isso que Heráclito parece paradoxal, parece defeituoso, um pouco louco. Mas assim é a natureza das coisas, assim é a profundidade das coisas, assim é a profundidade de seus significados — nada pode ser feito. Por isso acontece que, se você se mover para o incognoscível sem estar pronto para encará-lo, poderá ficar louco.

O paradoxo é tal que não se pode decifrá-lo.

A infinitude é tal que quanto mais você penetrar, mais se perderá.

A profundidade é tal que você jamais chegará ao fundo.

Não se pode possuí-lo nunca, você só pode ser possuído. Deus não pode ser possuído, você só pode permitir que Ele o possua. É tudo o que se pode fazer. Por isso é uma rendição. Você permite que Ele o possua, você está pronto para ser possuído. E nessa prontidão, você precisa estar pronto para perder seu racionalismo, sua razão, pois ela é loucura pura. Não há nada claro, tudo se toma confuso e enevoado. Parece confuso e enevoado porque você tem tentado esclarecer isso. Não é possível. A vida compreende tudo o que é paradoxal.

Você não poderia descobrir os limites da alma mesmo
que para isso percorresse todas as estradas — tal é a
profundidade de seu significado.

Você pode trilhar todos os caminhos mas nunca chegará ao objetivo. Todos eles confluem e você nunca chegará ao objetivo. Por que? Porque a vida não tem objetivo. É uma celebração. Não tem nenhum propósito, é um ir a lugar nenhum. É um simples deleite em ir, sem ir a lugar algum. É uma brincadeira, é um jogo.

E não seja sério em relação a isso, senão você perderá. Seja sincero, mas não sério. A sinceridade é uma coisa, a seriedade é outra.

Se você for sério, estará pensando em termos de objetivos, meios e fins, meios e aquisições; você será ambicioso. Seriedade é ambição, é um mal. Talvez você tenha desviado a sua atenção deste mundo, mas agora a sua mente ambiciosa está pensando no outro. A seriedade não é religiosa. Um homem sério automaticamente se torna filosófico; começa a pensar. A seriedade é mental. É por isso que uma pessoa séria, um pensador, está sempre carrancudo. Nunca consegue rir, não pode sorrir, não pode brincar, porque está sempre pensando: "O que conseguirei com isso?" Ele transforma a vida num meio — e a vida em si é o objetivo.

Uma pessoa sincera é totalmente diferente. A sinceridade vem do coração. Essa pessoa é verdadeira, mas não é séria. Está buscando, mas não com um objetivo. Está buscando, mas como as crianças buscam as coisas: se encontrar, ótimo; se não encontrar, ótimo também. Uma criança está correndo atrás de um cachorro, mas no meio do caminho encontra uma borboleta; a criança muda. Começa a perseguir a borboleta, e então, bem ao lado, ela vê uma flor — esquece-se da borboleta e a flor atrai toda a sua atenção. A criança não é Séria, é muito sincera. Sempre que tem alguma coisa em mente, entra totalmente nisso, seja o que for — isso é sinceridade. Esqueceu-se da borboleta e do cachorro e a flor tornou-se tudo.

Quando você consegue prestar toda atenção a alguma coisa, isso é sinceridade. E quando usa a sua atenção apenas como meio, isso é ser ladino. Você quer realmente atingir o objetivo e esse é apenas um meio. Você está explorando; explorando o caminho para alcançar o objetivo. Para a criança, o caminho é a meta. Também para o religioso, o caminho é a meta.

Onde quer que eu esteja, essa é a meta.

Neste momento, toda a minha vida converge para mim — não há nenhum outro lugar para se ir. É preciso apenas celebrar este momento na sua totalidade.

É isto que um ser religioso é: despreocupado, não está indo a lugar algum, apenas caminhando pela manhã. É diferente. Você passa por um caminho quando vai de manhã

para o seu trabalho, e depois passa pelo mesmo caminho para passear — o caminho é o mesmo, a casa é a mesma, tudo é igual; você é o mesmo, as suas pernas são as mesmas, mas quando você sai para um passeio matinal tudo é diferente. Uma pessoa religiosa está sempre caminhando como se estivesse dando um passeio; a pessoa não religiosa está sempre indo a algum lugar — ao escritório, às compras — há Sempre um objetivo.

O homem mundano é orientado para um objetivo; seja ele qual for, mesmo Deus; um homem mundano é orientado para um objetivo. Uma pessoa não-mundana não é orientada para um Objetivo. Vive aqui e agora, tudo converge para o aqui e agora. E esse aqui-agora torna-se então infinito. Você anda por todos os caminhos para ele, mas ainda assim ele permanece inatingível.

Assim também é a beleza. Se pudesse ser alcançada, tudo se perderia. Se pudéssemos conhecer a nós mesmos, e daí? Você iria simplesmente se cansar de si mesmo. Não, esse fastio nunca acontece — porque é um processo contínuo, infinito, de uma infinitude a outra infinitude.

Lembre-se destas palavras — não mentalmente, permita que se aprofundem e se instalem em seu coração:

Não façamos conjecturas arbitrárias
sobre os grandes temas.

Muito aprendizado não ensina compreensão.

Os que buscam ouro
cavam demais e pouco encontram.

Você não poderia descobrir os limites da alma mesmo
que para isso percorresse todas as estradas — tal é a
profundidade de seu significado.

6
Os Deuses Estão Aqui Também
(26 de dezembro de 1974)

Quando alguns visitantes
inesperadamente encontraram Heráclito
aquecendo-se diante do fogo,
ele lhes disse:

Os deuses estão aqui também.
Eu mesmo os procurei.
O tempo é uma criança
movendo as peças de um jogo;
o poder real é o da criança.

O fanatismo é o mal sagrado.

Existem duas maneiras de se buscar a verdade: uma é tomar emprestado o conhecimento; a outra é buscar por si mesmo. É claro que é fácil tomar emprestado, mas tudo o que você toma emprestado não é seu, e o que não é seu não pode ser verdadeiro. Esta condição tem de ser cumprida: a verdade tem de ser sua.

Eu posso ter conhecido a verdade, mas não posso transferi-la para você. No próprio ato de transferir ela se transforma numa mentira. Essa é a natureza da verdade. Portanto, ninguém pode dá-la a você, você não pode tomá-la emprestado, não pode roubá-la, não pode comprá-la — tem de conhecê-la. E a menos que você conheça, o seu conhecimento não será um conhecer — e sim um esconderijo para a sua ignorância. Você está enganando a si mesmo, está completamente desorientado.

A primeira coisa a ser lembrada é que a verdade é um fenômeno vivo. Quem pode viver por você? Você tem de viver por si mesmo, ninguém pode substituí-lo. Quem pode amar por você? Os empregados não podem fazer isso, os amigos não podem ser de nenhuma ajuda — você tem de amar. Jean Paul Sartre diz em algum lugar, que mais cedo ou mais tarde chegará o momento em que as pessoas contratarão empregados para amar

por elas. É claro, os ricos já estão nesse caminho. Mais cedo ou mais tarde, os que tiverem recursos para isso não irão se aborrecer. Por que se aborrecer se um criado pode fazer isso? Você pode encontrar um que seja belo, que seja um bom criado, e ele pode amar por você. Você tem coisas mais importantes para fazer — o amor pode ficar para os criados.

Mulla Nasrudin disse-me certa vez: "Estou muito interessado na felicidade da minha esposa."

Eu lhe perguntei: "O que você está fazendo para isso?"

Ele respondeu: "Contratei um detetive particular para descobrir porque ela está feliz."

Mas outra pessoa pode amar por você? Não, não existe nenhuma possibilidade. Não se pode viver por procuração, não se pode amar por procuração — e não se pode alcançar a verdade por procuração. Essa é a própria natureza das coisas. Não há como ser esperto em relação a isso, não há como ser ladino. O homem tem tentado. "Existe alguém que sabe, podemos conseguir isso com ele, podemos pedir emprestado." Mas a verdade tem de ser vivida. Não é algo externo, é um crescimento interior. Não é uma coisa, não é um objeto, é a sua subjetividade.

A verdade é subjetiva, então como consegui-la através de outra pessoa, através das escrituras, dos Vedas, dos Alcorões e das Bíblias? Não, Jesus não vai ajudar muito, tampouco Buda. Você tem de passar por ela, não existe atalho; você precisa viajar, sofrer. Muitas vezes você fracassará, muitas vezes cometerá erros, muitas vezes se perderá — mas é assim mesmo. Tente nova e novamente; recomece a busca outra e outra vez. Muitas vezes o caminho se perde; outras tantas você anda em círculos, volta repetidamente ao mesmo ponto. Parece que não há progresso — mas continue buscando. Continue a busca e não se sinta impotente ou deprimido. Mantenha a esperança: essa é a qualidade do buscador.

Um buscador confia, tem esperança, pode esperar, pode esperar infinitamente. Tem paciência e continua buscando. Não que todos os passos conduzam ao alvo; às vezes ele está se movendo exata-mente na direção oposta. Mas *mesmo* indo na direção oposta, aprende-se; até mesmo o erro faz parte do aprendizado. Ninguém pode aprender se sentir muito medo de errar. Se alguém tem muito medo de se perder, não tem nenhuma possibilidade de viajar.

É por isso que a mente diz: "Pergunte aos Acordados, àqueles que sabem — informe-se com eles." Mas então a verdade é de segunda mão, e não existe verdade de segunda mão, isso é simples-mente uma mentira. A verdade de segunda mão é uma mentira. Uma verdade, para ser verdadeira, tem que ser de primeira mão, tem que ser original. Tem que ser nova, você precisa alcançá-la — ela é sempre virgem.

Heráclito diz:

Eu mesmo os procurei.

Está dizendo: "Não estou dizendo coisas que ouvi — busquei por mim mesmo. Não são coisas que aprendi, são coisas que desenvolvi por mim mesmo. É um crescimento, uma subjetividade — é minha própria experiência." E quando a experiência é sua, ela o transforma.

Jesus diz: "A verdade libera". Mas você conhece muitas verdades que não o liberaram. Pelo contrário, tornaram-se prisões, são como grilhões que o prendem. A verdade libera, as mentiras tornam-se uma prisão.

por isso que Heráclito diz:

O fanatismo é o mal sagrado.

Um homem que conhece a si mesmo jamais é fanático, jamais é sectário; nunca fica obcecado por uma teoria. Nunca proclama que só ele é verdadeiro, pois quando se conhece a verdade, sabe-se que ela é multifacetada e que existem milhares de maneiras de se olhar para ela. E sempre que alguém se aproxima, tudo o que vê é individual. Nunca foi daquela maneira antes, e jamais será igual — porque *esse* indivíduo nunca esteve lá antes e esse indivíduo é total-mente único. Portanto, cada visão, cada encontro com a verdade é único. Não pode ser comparado.

Um homem que se conheceu passa a saber que existem milhões de caminhos e são milhares as faces da verdade. Como pode ser fanático? Como pode dizer: "Somente a minha verdade é verdadeira, somente o meu deus é Deus; o seu deus é falso"? Essa é a linguagem daqueles cujas verdades são emprestadas. Vê-se milhares de pessoas religiosas por todo o mundo proclamando a verdade. Elas não chegaram a conhecer, não buscaram por si mesmas, senão, como não entenderiam isso? Como poderiam não entender a experiência multifacetada, o fenômeno da verdade? Como poderiam dizer: "Somente a minha verdade é a verdade", porque quando alguém chega a conhecer que não existe nenhum 'eu', como pode reivindicar isso? Como o é possível o fanatismo?

Uma pessoa realmente religiosa não tem reivindicações: ela se acomoda. Não tolera, pois quando se diz: "Eu tolero", há intolerância. Ela não diz: "Sou um cristão, você é um hindu. Sim, sou um homem tolerante, eu o tolero. Você também pode estar certo; eu *estou* certo, você também pode estar. Eu o tolero", mas a tolerância sempre esconde a intolerância, a própria palavra é intolerante. Portanto, sempre que uma pessoa diz: "Sou tolerante", atenção — ela é uma pessoa intolerante, está se escondendo.

O que significa a sua tolerância? Você acha que de alguma maneira é superior e está tolerando os que estão abaixo, sentindo pena deles. Ou, no máximo, um cristão dirá: "Sim, existem muitos caminhos, mas o meu é o melhor. Sim, outras pessoas alcançaram por outros caminhos, mas o meu é o superior." Isso também é intolerância. Por que dizer isso? Por que esse 'eu'? Por que esse ego?

E é por isso que as religiões se tornaram tão briguentas. Elas assassinaram, mataram, cometeram todos os tipos de pecado. Estão aqui para liberar o homem, e estão aqui para levar o homem para além de todos os pecados, mesmo que eles tenham cometido todos os pecados. As religiões mataram mais que qualquer outra coisa, e criaram misérias, rivalidades, lutas e conflito, mais do que tudo nesta terra. Este mundo é feio por causa de tantas igrejas, templos e mesquitas. Elas não uniram os homens, elas os dividiram. Não fizeram da humanidade uma só. Elas falam sobre o amor, mas criaram o ódio. Falam de paz, mas criaram todo tipo de razões para a violência. Alimentam a violência e falam de paz. Por quê? A razão não é a religião, mas o fanatismo.

Heráclito diz:

O fanatismo é o mal sagrado.

As doenças são más e, quando sagradas, são piores ainda, é claro. Quando uma doença é vista como sagrada, você acha que ela é a saúde suprema. Sempre que alguém proclama: "Sou a única verdade", e essa proclamação pode ser feita de maneira muito sutil, então a feiúra entra. Esses loucos chegaram até mesmo a forçar seus deuses a dizer coisas que parecem absurdas. Os muçulmanos dizem: "Deus disse: Sou o único Deus, e Maomé é o único profeta." O que significa isso? Que Deus se exauriu em Maomé? Então Deus é muito pobre. E Mahavir? E Buda? E Krishna, Lao Tsé, Jesus e Heráclito? E todos aqueles que um dia ou outro se tornarão profetas? E o. Todo? Maomé é belo, mas os muçulmanos alegam que ele é o único profeta, então a feiúra entra. Jesus é maravilhoso, mas os cristãos dizem que ele é o filho unigênito. Por que o filho unigênito? O que são então todos você? Bastardos? Se ele é o filho unigênito, o que é então a existência toda? De onde você vem se ele vem de Deus? Quem é o *seu* pai?

Não, Deus é infinitamente potencial. Milhões de Jesus podem vir dele e ele permanece o mesmo, de não se exaure — esse é o significado de 'onipotente'. Se ele só tem um filho, parece ser mais impotente do que onipotente. Ele continua criando e a criatividade não termina nunca — essa é a sua infinitude. Mas os cristãos alegam que Jesus é o único filho. Por que isso? Para que possam alegar que o livro deles é o único. A palavra 'Bíblia' significa livro. Este nome foi dado porque para eles esse é o único livro, tudo o mais é lixo. E os Upanishads? E as palavras de Buda? E o Tao-Teh-King, de Lao Tsé? Por que a Bíblia seria a única? É bela, mas quando se torna o livro único, torna-se doente.

Esta é a doença sagrada. Quando você alega que a sua verdade é absoluta, o ego entrou. A verdade não precisa de nenhuma alegação. Está simplesmente presente com toda a sua beleza; você pode vê-la mas ela não exige o seu reconhecimento. Na realidade, a verdade jamais tenta converter ninguém. Ela auxilia, ela o ama, gostaria que você fosse transformado, mas não faz nenhum esforço para converter.

Mas os hindus tentam converter os cristãos ao hinduísmo e os cristãos tentam converter os hindus ao cristianismo — para quê esse esforço? Porque acreditam que só eles possuem a chave exclusiva, a chave única, e que todos os demais irão para o inferno. Quando as pessoas começam a converter, tornam tudo muito estreito. O caminho é infinito, pois conduz ao infinito. Se a meta é infinita, como pode o caminho ser tão estreito?

Na verdade, sempre que um homem é religioso, ele não é cristão, nem hindu nem muçulmano. É isto o que estou tentando auxiliá-lo a ser: nem cristão, nem hindu, nem muçulmano. Por que você não pode simplesmente ser? Qual a necessidade de carregar o rótulo de uma seita? Se você se sente bem, se ama Jesus, isso é muito bonito. Se ama Buda, ótimo — mas por que se tornar um fanático? Por que ser preconceituoso?

O seu amor é belo, e se ele o ajuda, ótimo — mova-se com ele. Mas existem milhares de pessoas que se movem em caminhos diferentes. Deixe-as moverem, auxilie-as; aonde quer que estejam indo, auxilie-as. Ajude-as a moverem-se em seus próprios caminhos, a fazerem suas próprias coisas. Não as force e não tente convertê-las. Se elas olharem para você, se virem alguma coisa e quiserem mudar de caminho, isso é com elas.

É por isso que Heráclito está completamente esquecido, pois jamais criou uma seita ao seu redor. Tinha seguidores, mas jamais criou uma seita e jamais proclamou o que quer que seja. Nunca disse: "Esta é a única verdade."

Por que isso atrai? Quando alguém diz: "Esta é a única verdade", por que isso é atraente? Você está tão inseguro e confuso que quando alguém declara que é a única

verdade, você pensa: "Ele deve saber, senão como poderia declarar isso?" A declaração torna-se uma influência sutil, a pessoa aparenta autoridade. Mas lembre-se bem: UM homem de conhecimento, um homem de compreensão, hesita sempre. Não é assim autoritário porque vê a verdade e sente que ela não pode ser expressa — ele hesita. Você encontrará poesia em suas palavras, mas não encontrará afirmações. Ele tem ao seu redor um aroma sutil que lhe dá uma sensação de certeza, mas essa certeza não vem das suas afirmações. Suas afirmações são sempre hesitantes; antes de dizer qualquer coisa ele hesita — pois sabe que qualquer coisa dita não pode ser a verdade, e sabe que seja o que for que esteja tentando fazer é uma coisa perigosa. É arriscado, pois as palavras destroem, e quando você ouvir as palavras dará a elas o seu próprio significado.

Um homem de compreensão hesita. Não sabe o que acontecerá às suas palavras. O que você fará delas não se sabe, e cada uma delas pode tornar-se muito significativa para você, ou um esforço significativo da sua parte. Ele hesita, observa-o, olha à sua volta, tenta encontrar o centro de seu ser — então diz alguma coisa; de modo que não se torne um mal entendido, de modo que não o desoriente; de modo que suas palavras possam ajudar e não serem prejudiciais a você — ele hesita.

Mas um homem de conhecimento emprestado jamais hesita. Ele tem muita, muita certeza. Vá e ouça os missionários cristãos: eles parecem tão certos que a sua própria certeza diz o quanto são estúpidos. Por que essa certeza? E eles nada sabem, foram treinados — foram treinados para tudo.

Eu costumava visitar um colégio de teologia, um colégio de teologia cristã. Observava como se preparavam os padres e ministros, e me espantava — tudo parecia tão estúpido. Até mesmo os gestos eram ensaiados; como ficar no púlpito, o que dizer, como dizer; quando erguer a voz, e quando sussurrar; como levantar a mão e exatamente quando fazê-lo — tudo é treinado. Eles parecem atores. E não sabem nada, mas jamais hesitam, porque foram treinados. O treino não pode torná-lo religioso, a disciplina não pode torná-lo religioso, o aprendizado não pode torná-lo religioso. Você pode se tornar um ator, um ator muito talentoso. Pode tornar-se hábil a ponto de não enganar apenas os outros, mas também a si mesmo. Se você perguntar aos psicanalistas, eles terão uma resposta: o homem que se sente hesitante interiormente sempre cria uma certeza exterior. Ele teme a própria incerteza e por isso se prende a certas informações. Um homem que é seguro interiormente não se importa: pode hesitar, pode se permitir a hesitação, não tem medo. Pode dizer 'Talvez', não sente necessidade de ter certeza. Pode dizer: "Deus é verão e inverno; Deus é dia e noite; Deus é saciedade e fome; Deus é tanto repouso quanto agitação" — pode ser paradoxal. O paradoxo é usado apenas para lhe dar a sensação de que o homem não está declarando nada, está simplesmente tentando

enunciar o fato. E se o fato é complexo, que seja. Se é contraditório, que a afirmação seja também contraditória — que seja um reflexo verdadeiro.

Não se pode pedir a um homem instruído que seja tão paradoxal — Deus é verão e inverno — não. Ele tem certeza absoluta do que Deus é: Deus é dia, e jamais noite; Deus é luz, jamais escuridão; Deus é bom, jamais mau; Deus é paz, nunca guerra. Quando Deus é as duas coisas, guerra e paz, o que é de você? Você se torna incerto, hesita.

Heráclito diz: "Tenho buscado por mim mesmo" — e por isso é tão paradoxal.

Procure sempre o paradoxo. Você o encontrará sempre que um homem buscou por si mesmo, pois então o que ele pode fazer? Se a existência é paradoxal, o que ele pode fazer? Tem de representá-la como é. Mas. veja um missionário — ele nunca buscou. Ele aprendeu demais, pode citar escrituras. Na verdade, ele não pode fazer nada além de citar escrituras. E você sabe muito bem que o Demônio é muito hábil em citar escrituras — é o missionário perfeito.

Quando alguns visitantes
inesperadamente encontraram
Heráclito aquecendo-se diante do fogo,
ele lhes disse:
Os deuses estão aqui também.

Ele nunca foi a um templo — porque se você é um homem perceptivo, se seus olhos estão abertos, se pode ouvir e sentir, então qual a necessidade de ir a um templo? Os deuses estão aqui também.

Deus não é uma pessoa. Deus é tudo o que acontece. Deus é a existência.

Imagine a cena: Heráclito sentado ao pé do fogo, aquecendo-se. A madeira estalando, as chamas se erguendo para o céu, o calor. Deve ter sido uma noite fria de inverno — inesperadamente, alguns visitantes chegam e perguntam: "O que está fazendo?" E ele diz: "Os deuses estão aqui também." O que está dizendo é uma prece, o fato de estar se aquecendo é uma prece — quando o fogo se torna um fenômeno divino.

Isso me lembra o Mestre Zen Ikkyu. Ele estava viajando e parou num templo para pernoitar. A noite estava muito fria e ele acendeu fogo. Mas não encontrando madeira em lugar nenhum, usou uma estátua de Buda — uma estátua de madeira que havia no templo — e a queimou. O sacerdote dormia profundamente... o ruído, o fogo, e Ikkyu andando de lá para cá. Ele olhou, abriu os olhos, olhou, e ficou horrorizado, não podia acreditar, pois ali estava um monge budista, e não apenas um monge, mas um Mestre muito famoso. O

sacerdote saltou da cama, saiu correndo e disse: "O que você está fazendo? Queimou um Buda!"

Ikkyu pegou um pedaço de madeira e começou a buscar pelo Buda entre as cinzas — a estátua havia quase desaparecido, não restava quase nada. O padre disse: "O que está procurando? Já não existe mais nada."

Ikkyu disse: "Estou procurando os ossos, Buda deve ter ossos." O padre riu e disse: "Agora tenho certeza de que você é louco. Como um Buda de madeira pode ter ossos?"

Ikkyu disse: "Então traga também os outros dois Budas, porque a noite está muito fria e mal começou, e o Buda que há dentro de mim necessita de um pouco de calor. Esses Budas não servem para nada, não têm ossos, por isso não se preocupe."

O sacerdote o expulsou do templo. A noite estava muito fria, mas existem pessoas que adoram os Budas de madeira e jogam fora o Buda real.

De manhã ele saiu para ver o que havia acontecido a Ikkyu: estava sentado do lado de fora do templo perto de um marco de pedra — e o adorava. O sol nascia, a manhã era bela e ele havia colhido algumas flores em algum lugar. Havia colocado essas flores no marco de pedra e o adorava. O padre veio correndo e disse: "O que está fazendo? Está completamente louco! Durante a noite você queimou um Buda e agora está adorando um marco de pedra."

Ikkyu disse: "Aqui também está um deus."

Heráclito diz: "Os deuses estão aqui também."

Se você puder sentir, todo momento será divino e tudo será divino, tudo o que existe será sagrado. Se não puder sentir, vá aos templos, vá às mesquitas e igrejas, mas nada encontrará lá também — pois é *você* que precisa de transformação e não a situação que precisa mudar. A situação permanece a mesma: no templo, fora do templo, Deus está em todo lugar. É você que não pode ver e por isso muda de lugares: de casa você vai ao templo em busca de Deus.

Você precisa de uma transformação interior. A mudança de situação não adiantará. Você precisa de uma reorientação psicológica. Precisa de uma maneira totalmente nova de olhar para as coisas, e então, de repente, o mundo inteiro se torna o templo e não existe nada mais. E para Heráclito, o fogo tornou-se o símbolo — e o fogo é realmente um belo símbolo.

Heráclito diz que o fogo é a substância básica da vida. E é! Atualmente os físicos concordam com Heráclito. Concordam que a eletricidade é a base de toda a existência, que tudo não passa de formas de eletricidade. Heráclito diz que é o fogo. Qual é a diferença? E a palavra 'fogo' é a mais bela do que 'eletricidade'. Fogo dá uma sensação de maior vitalidade do que eletricidade, fogo é mais selvagem do que eletricidade. Quando você diz que a eletricidade é a base, isso soa como se o universo fosse algo mecânico, porque a eletricidade tornou-se associada a mecanismos; e nesse caso Deus parece uma máquina — mas eletricidade é fogo.

Os hindus chamaram esse elemento básico de *prana,* vitalidade — mas vitalidade é fogo. Quando você é vital, quando está vivo, você é flamejante, inflamado. Henri Bergson chamou a base de tudo de *élan vital,* exatamente como *prana.* Aqueles que têm buscado, de uma maneira ou de outra se aproximaram do fogo. No fundo, esta existência é fogo. Fogo é vida. E Zaratustra está certo: fez do fogo o deus supremo. Ele deve ter concordado com Heráclito — eram contemporâneos, Zaratustra e Heráclito. O fogo tornou-se o deus supremo para os seguidores de Zaratustra.

O fogo contém no fundo muitas coisas. Você precisará entender o fenômeno do fogo, o símbolo, porque essa é uma maneira de falar, é uma metáfora. Heráclito quer indicar alguma coisa *profunda* quando diz que o fogo é o substrato. Observe o fogo numa noite de inverno; sente-se perto dele também e apenas observe, simples-mente sinta o calor.

O frio é morte, o calor é vida. Um corpo morto é frio, um corpo vivo é quente — e você tem de manter um certo calor constantemente. Existe no homem um mecanismo interno para manter o calor sempre dentro de um certo limite, porque somente entre esses determinados graus a vida é possível. A vida humana só existe entre noventa e cinco e cento e dez graus, apenas entre esses quinze graus. Há outras vidas que existem em outras temperaturas, mas a vida humana tem um espectro de apenas quinze graus.

Mulla Nasrudin estava muito, muito doente, com febre, uma febre alta. O médico tomou sua temperatura e disse: "Cento e cinco." Mulla abriu os olhos e perguntou: "Qual é o recorde mundial?" porque o ego sempre pensa em termos de recordes mundiais. Ele estava pensando: "Talvez eu não possa vencer ninguém de nenhum outro modo, mas talvez possa quebrar o recorde mundial de febre" — mas não existe recorde além dos cento e dez graus, porque então o homem simplesmente desaparece, não se pode absorver tanto fogo. Abaixo dos noventa e cinco você desaparece: com tal frio, a morte sobrevém.

É por isso que dizemos: "Meus calorosos cumprimentos", e não "Meus frios cumprimentos"; amor quente e não amor frio — porque o frio simboliza a morte, o calor simboliza a vida. O sol é a fonte, a energia solar é fogo. Observe: à noite tudo se torna triste. Até mesmo as árvores, os pássaros, tornam-se completamente silenciosos, sem cantar, todas as canções desaparecem. As flores se fecham e toda a terra espera pela manhã. E pela manhã, o sol ainda não surgiu e a terra começa a se preparar para recebê-lo. Os pássaros começam a cantar antes mesmo que o sol tenha surgido — isso é um sinal de boas vindas. As flores co-meçam a se abrir de novo, tudo se torna vivo outra vez, o movimento começa.

O fogo é um símbolo bastante significativo também de outras maneiras. Se você observar o fogo, verá um constante movimento ascendente. A água flui para baixo, o fogo flui para cima — é por isso que os hindus falam do 'fogo da kundalini'. Quando você ascende, não está sendo como a água, mas como uma chama de fogo. Quando o seu ser interior muda, você sente uma chama ascendendo. A água, até mesmo a água, quando em contato com o fogo, co-meça a evaporar para cima.

Nas escrituras tibetanas muito antigas, diz-se que um Mestre é como o fogo e o discípulo é como a água. Se o discípulo entra em contato profundo com o Mestre, a qualidade do discípulo muda e torna-se a qualidade do fogo, assim como a água evapora quando aquecida. A água sem o fogo move-se para baixo. Com o fogo imediatamente uma mudança acontece. Além dos cem graus, o fogo torna a água pronta para ascender; a dimensão muda.

O fogo move-se *sempre* para cima — mesmo que você vire a chama para baixo, ela sempre sobe, não pode descer. O fogo é um esforço para alcançar o ponto mais alto, o ponto ômega.

Outra coisa: quando você observa uma chama, só pode vê-la por alguns segundos, por uma fração de segundos, e depois ela desaparece. Quanto mais alto você vai, mais desaparece; quanto mais você desce, mais sólido se torna. Observe a água: quanto mais ela desce, mais esfria, começa a congelar, torna-se gelo; então é como uma pedra, todo o movimento cessa — ela fica morta. Quando a água congela, fica morta, já não vive mais. Você tem de derretê-la com fogo para que o movimento recomece. Tem de aquece=la muito para que atinja os cem graus, e comece a mover-se para cima.

Existem, portanto três estágios: nenhum movimento, o que acontece quando você está congelado; o movimento descendente, que acontece quando você é como a água — o primeiro estágio é corno o gelo, o segundo é como a água — e o terceiro é quando você evapora: então o movimento é ascendente. Em você os três estágios existem

simultaneamente. Alguma parte de você é como o fogo, movendo-se para cima; é uma parte muito pequena, mínima — é por isso que você me procurou, senão não haveria necessidade.

Por que você veio aqui? Deve existir uma pequena parte em você que está se movendo para cima, e essa pequena parte sente-se como se estivesse sendo puxada para baixo por todo o seu ser — essa é a angústia. Você sabe que alguma coisa em você caminha em direção ao Divino. Em alguns momentos sente-se como um pássaro, e pode simplesmente voar, mas apenas por alguns momentos. E mesmo nesses momentos a maior parte de você está pendente como uma pedra.

Uma parte pende como pedra. Quase noventa por cento de você é como o gelo, Nove por cento move-se como água, para baixo. No sexo, na raiva, no ódio, você se move para baixo — mas é melhor mover-se para baixo do que não se mover. É por isso que sinto demais o ser congelado em você, digo-lhe para se apaixonar, para se mover no sexo, porque isso pelo menos o derreterá. É claro que você não estará voando nas alturas, estará se movendo para baixo, mas pelo menos o movimento é bom. E uma vez que existe movimento, a direção pode ser mudada, a dimensão pode ser mudada. Mas congelado? ...

Se quiser ver exemplos perfeitos de gelo, vá aos mosteiros e olhe. Vá aos mosteiros católicos ou jainistas. Lá encontrará perfeitos cubos de gelo, não homens — porque eles são contra o sexo, são contra a comida, são contra tudo. São apenas negativos, estão sempre negando. E se você nega, aos poucos a vida perde o fogo — pois o fogo é uma força positiva. Se você nega torna-se frio. A negatividade é um método suicida. Aos poucos, você vai morrendo; aos pedaços, você vai se matando e depois congela. Mas nada se consegue com isso; na verdade, isso é uma queda. Eu digo às pessoas: "Se você está congelado, mova-se para o sexo, isso o ajudará". É claro, não o levará em direção ao Supremo, mas uma coisa vai acontecer: você começará a se mover. Quando você ama uma pessoa, quando sente alguma coisa por outra pessoa, a sua bioenergia começa a se mover. É por isso que no sexo você se sente Muito excitado — o fogo começou a agir; e quando você faz amor, a temperatura do seu corpo sobe. O amor é como a febre, uma febre temporária criada pela sua mente. É por isso que depois do amor você relaxa completamente, sente um fluxo. Se você tem um orgasmo sexual, aconteceu um fluxo completo, a sua bioenergia está se movendo. Essas pessoas que não podem ter orgasmos profundos têm dificuldade para meditar também — pois se são podem se mover, como poderão ascender?

A primeira coisa é o movimento. A segunda coisa é tornar o movimento ascendente. E muitas pessoas não podem se mover, sentem medo, estão congeladas.

Pode-se ver claramente seus corpos como fenômenos de congelamento. Você as toca e sente que seus corpos estão frios. Você segura em suas mãos e sente que está dando a mão a um galho morto de uma árvore, não há nenhum movimento. Toma as mãos delas nas suas e não sente que a energia está sendo transmitida. A mão está lá como um galho seco. Não dá, não recebe, não comunica. E você pode observar as pessoas: só pelo andar, pelo rosto, pelos movimentos, você pode ver se são orgásticas ou não.

A primeira coisa que um Mestre deve saber sobre você é se você é orgástico ou não. Se for, se todo o seu ser vibra quando você faz amor, e o fenômeno da vibração é tão profundo que você não existe mais — é claro que por apenas um segundo — então você se torna apenas um fluxo, da cabeça aos pés a energia se move como uma correnteza: não existem em você blocos de gelo, tudo se dilui. Depois de fazer amor, você dorme profundamente como uma criança, porque a energia circulou. Você brincou bastante, está cansado, mas esse cansaço é muito bom. Esse cansaço é relaxante, agora você pode relaxar — e o corpo sente-se *vivo.*

Por isso há tanta atração pelo sexo — porque, na verdade, ele é o seu corpo tentando encontrar uma maneira de ser orgástico, de ser como um rio, não congelado. Quando você está congelado não pode se relacionar. Quando está congelado, está fechado dentro de si mesmo, cria um aprisionamento — e nessa prisão não há caminho para Deus. Você precisa se derreter. E antes de alcançar o Divino, antes de poder se relacionar com o Divino, terá que se relacionar com outras pessoas neste mundo. Porque quando você se relaciona com outras pessoas — isto é, quando ama, quando acaricia — o seu corpo dilui, ele flui.

Quando ele flui, um outro passo pode ser dado. Numa energia fluente é muito simples aquecer o corpo interiormente. Todas as meditações são métodos para fornecer calor, mais calor do que o sexo pode dar. As meditações, em particular aquelas que são feitas

aqui, visam todas criar fogo dentro *de* você. Através da respiração, lhe traz cada voz mais oxigênio, e quando há mais oxigênio, mais fogo acontece; sem oxigênio não há fogo. Quando uma chama arde, ela arde por causa do oxigênio. Se não há oxigênio, o fogo se apaga automaticamente.

Mais oxigênio deve ser trazido para dentro do seu corpo porque você está congelado. Você não está suficientemente vivo, não está suficientemente aquecido. As pessoas me procuram, em particular as que estão congeladas, e dizem: "Não gostamos

dessa meditação dinâmica." Não gostam porque estão congeladas e investiram demais em seus congelamentos. Elas não amam, mas pensam que são *brahmacharins,* que são celibatárias — estão simplesmente congeladas, são cubos de gelo. Não há nenhum movimento em suas vidas, mas elas pensam que estão desapegadas. É claro que há um desapego quando você flui ascendentemente, mas esse desapego é totalmente diferente. E há um desapego que acontece quando você não está fluindo de modo algum. É claro que um homem morto está desapegado, um homem morto é celibatário — um homem morto está *completamente* morto. Você pode estar desapegado como um homem morto; é o que acontece em todas os mosteiros do mundo inteiro. E você pode estar desapegado de uma maneira completamente diferente, de um modo qualitativo e diametralmente oposto. É quando você está tão vivo que o fogo atinge um ponto onde a água não flui para baixo, mas começa a fluir para cima.

Mais fogo precisa ser criado dentro de você, você tem de se tornar uma fornalha. Absorva mais oxigênio, esforce-se mais, permita que o corpo se movimente o máximo possível, trazendo energia, pulsando de energia. *Ela existe — é* só fazê-la pulsar. Viva como chama que arde de ambos os lados ao mesmo tempo. E só então, de repente, um dia você descobrirá que a energia está ascendendo, que você se tornou uma chama. Então pode ver a si mesmo até um certo ponto, e depois não existir mais. Subitamente você desaparece no cosmo, une-se ao Divino.

Este é o símbolo do fogo: você pode vê-lo apenas por alguns segundos e então ele começa a desaparecer.

Um Buda está sempre desaparecendo. Olhe para mim: se puder me ver, verá que estou constantemente desaparecendo; você só pode ver até um certo ponto. É por isso que se pode ver a aura em torno de um homem Acordado — a aura nada mais é que o fogo desaparecendo, um fogo constantemente desaparecendo. Até certo ponto você pode vê-lo — daí a aura. Além dessa aura, não há nada, ele desaparece.

Heráclito está muito certo ao usar o símbolo. Não é uma afirmação filosófica, mas na história da filosofia grega pensa-se que Heráclito está propondo algo como os outros — como Thales, Anaxágoras, Anaxímenes — e outros filósofos gregos; pensam que ele está propondo um elemento, pois existem quatro: a terra, a água, o fogo e o ar. Existem filósofos que propõem a terra como elemento básico. Outros propõem a água como elemento básico, outros o fogo, outros o ar. Heráclito propõe o fogo como elemento básico, mas ele não deve ser entendido da maneira como se entende Thales, não. Isso não é uma afirmação. Não é uma afirmação sobre um tema filosófico ou uma teoria, ele não

está propondo uma doutrina. Heráclito é um poeta, não é absolutamente um filósofo. Ele está usando um símbolo e o símbolo significa muito mais do que a palavra 'fogo'.

Observe o fogo exterior, depois observe o fogo interior, e torne-se o mais possível semelhante a uma chama.

É por isso que:

Quando alguns visitantes
inesperadamente encontraram
Heráclito aquecendo-se diante do fogo,
ele lhes disse:
Os deuses estão aqui também.
Eu mesmo os procurei.

E não estou dizendo isso só porque os outros disseram — eu sei por mim mesmo.

O tempo é uma criança
movendo as peças de um jogo;
o poder real é o da criança.

"O poder real é o da criança e o tempo é uma criança movendo as peças de um jogo" — todo o conceito de *leela,* de brincadeira, condensado por ele nestas poucas frases. A vida é como um brinquedo — não faça dela um negócio ou você a perderá. Você a perde porque faz dela um negócio ao invés de uma brincadeira. _Brinque bastante, mas não queira conseguir nada com isso. Seja como uma criança: ela brinca, não está preocupada em conseguir nada com isso.

As crianças pequenas, mesmo quando são vencidas no jogo, saltam e sentem-se muito felizes. A derrota não é uma derrota se for uma brincadeira; o fracasso não é fracasso se for uma brincadeira. Se não for, se for um negócio, mesmo a vitória será uma derrota. Pergunte aos Napoleões e Alexandres -- até mesmo a vitória é uma derrota. O que você encontra no final? Você venceu e nada conseguiu. Desejou tanto isso e agora conseguiu — *e* sente apenas frustração; toda a sua vida está perdida.

Lembre-se, a sua vida será perdida se você estiver atrás de objetivos, pois a vida não tem objetivo. É uma brincadeira sem propósito. Não leva a nenhum lugar. É simplesmente se divertir.

Esta é a coisa *mais* difícil de se entender, porque a mente é matemática. Ela diz: "Qual, então, o significado disso, qual é o propósito?" Não há propósito nem significado.

Então a mente imediatamente diz: "Se a vida não tem significado, então por que viver? Por que não se suicidar?" Mas veja: se houver significado tudo se tornará feio, será como um negócio. Se houver propósito, então a vida toda perderá a poesia.

A poesia existe porque não há nenhum propósito. Por que a rosa existe? Pergunte a ela e ela dirá: "Eu não sei — mas florescer é tão belo, para que saber?" O florescer em si, intrinsecamente, é tão belo! Pergunte a um pássaro: "Por que você canta?" e ele simplesmente não entenderá a pergunta absurda que você fez. Cantar é tão *belo, é* uma benção tão grande — por que levantar essa questão?

Mas a mente procura um objetivo, a mente é uma aquisidora — não pode simplesmente surtir. Alguma coisa tem de existir no futuro para ser adquirida, algum objetivo a ser alcançado, então a mente sente-se bem. Se não há nada para adquirir, ela bloqueia, mas esse é todo o esforço — deixar que ela bloqueie!

Não há nenhum propósito, não há nenhum objetivo. Neste momento, toda a existência está celebrando — tudo, exceto você. Por que não participar?

Por que não ser como uma flor, florescendo sem nenhum propósito?

E por que não ser como um rio, fluindo sem nenhum propósito?

E por que não ser como um oceano, mergulhando, apenas curtindo?

É isso o que Heráclito diz:

> *O tempo é uma criança movendo as peças de um jogo;*
> *o poder real é o da criança.*

E toda criança é um rei. Observe-a — cada criança é simples-mente um rei, um imperador. Olhe o movimento: mesmo que ela esteja nua, nenhum imperador pode competir com ela. Por que a criança é tão bela? Toda criança é bela, sem nenhuma exceção. Qual é a beleza da criança? Ela ainda não está contaminada pela mente que busca propósitos, que busca significados e objetivos. Ela apenas brinca, não se importa com o dia seguinte.

Uma criança chegou em casa. Sua mãe estava muito zangada e disse: "As outras crianças me contaram que você jogou lama na boca de uma menina e precisou ser punida — ficou fora da classe durante o dia inteiro!"

Ela disse: "Sim".

A mãe ficou horrorizada e disse: "Por que? Por que atirou a lama?"

A criança sacudiu os ombros e disse: "Bem, a boca estava aberta."

O porquê não tem importância. É suficiente! Ela estava com a lama na mão e a boca estava aberta, e daí? Simplesmente aconteceu.

Nós estamos perguntando por quê. O *por quê é* irrelevante para a criança — é como aconteceu! A boca estava aberta e ela tinha a lama. Não que ela tenha feito isso realmente: nós a punimos desnecessariamente, ela não fez nada — aconteceu, simplesmente aconteceu assim. Por coincidência, a garota estava parada com *a* boca aberta. A outra criança não tinha intenção nenhuma, não queria fazer mal nenhum, não tinha intenção de insultar. Simples-mente aproveitou a oportunidade e divertiu-se. Mas nós perguntamos por quê.

Entre uma criança e um adulto existe um abismo; são pólos isolados. A criança não pode entender o que estão dizendo porque ela vive numa dimensão totalmente diferente — a dimensão da brincadeira. E os adultos não podem entender o que a criança está fazendo porque eles são negociantes, vivem no mundo dói porquês, das razões e das causas. Nunca se encontram, não podem se encontrar, não há possibilidade de se entenderem — a menos que o adulto se torne outra vez uma criança. Só um santo, um verdadeiro sábio, pode entender uma criança, porque também é criança. Ele pode entender.

Eu li há pouco o diário de uma criança. No dia vinte e cinco de Dezembro estava escrito: "Ganhei uma espingarda de pressão do Tio Joe. O Tio Joe é o melhor tio do mundo. Nunca existiu um tio assim e nunca existirá, etc., etc. Mas está chovendo e eu não posso sair. Gostaria de ir caçar agora mesmo."

26 de Dezembro: "Ainda está chovendo e estou ficando inquieto."

27 de Dezembro: "Ainda está chovendo e sinto-me frustrado, agressivo e violento."

28 de Dezembro: "Ainda está chovendo — eu mato o Tio Joe."

Este é o mundo da criança. Ela se move sem propósitos, move-se brincando. A brincadeira em si é suficiente.

Se você puder voltar a ser criança, terá conseguido tudo. Se não puder, você perderá. Um sábio é uma criança renascida. As que nascem pela primeira vez não são realmente crianças, porque terão de crescer. O segundo nascimento é o nascimento real,

pois quando alguém renasce, dá à luz a si mesmo — é uma transformação, torna-se de novo uma criança. Não pergunta as razões e os porquês, simplesmente vive. Seja qual for o momento presente, a pessoa move-se com ele; não tem planos nem projeções. Vive sem exigir nada, e essa é a única maneira de viver; senão você simples-mente aparenta viver, mas não está vivo.

Para a criança não há nada de mau, nada de bom, não ha Deus, não há Demônio, uma criança aceita tudo. De novo, um sábio aceita tudo. É por isso que pode dizer que Deus é inverno e verão, Deus é paz e guerra. Deus é Demônio e bondade — é ambos. Para um sábio, desaparece todo o moralismo, todas as distinções caem por terra; tudo é santificado e todos os lugares são sagrados.

Eu costumava visitar uma família, uma família cristã. A mãe dizia à criança: "Isso não é bom, você não precisa rezar tão alto. Está quase aos gritos, as preces não devem ser feitas aos gritos. Deus pode ouvir, não precisa gritar tanto."

A criança disse: "Mas a oração diz: 'Exaltado seja o Teu nome!" A criança vive num outro espaço.

A mãe ficou muito zangada. Eu disse a ela: "Deixe-a em paz, não perturbe essa criança, ainda é muito cedo. Deixe-a rezar à sua própria maneira, ela gosta disso. E esse prazer é o que vale, não a forma. Ela salta e grita o nome de Deus, e isso é bonito! Por que você está ensinando? É assim que deve ser; se você sente prazer, isso se torna uma prece. Se não sente, se para você isso é uma disciplina que os outros forçaram, então você se sente prisioneira. Deixe-a gritar, deixe-a pular — e eu posso testemunhar que Deus a ouve. Não interessa se ela grita ou não, o importante é que sinta prazer."

Um homem que está cheio de graça não precisa orar — a oração é um substituto menor. Um homem cheio de graça não precisa meditar. Aquele que está cheio de graça pode viver o momento graciosamente, faz tudo o que pode ser feito. Tudo é santificado e sagrado: você pode comer o seu alimento de tal maneira que venha a se tornar uma prece. Pode amar um homem de tal maneira que isso venha a se tornar uma prece. Pode cavar um buraco em seu jardim de tal maneira que isso se torne uma prece.

A prece não é uma coisa formal — é a qualidade do estado de prece que o leva a alguma coisa.

...o poder real é o da criança.

Por que? Porque o 'poder real' significa inocência. Deus vem a você quando você é inocente. Quando é esperto, as portas se fecham. Nunca destrua a inocência de ninguém,

nunca crie dúvidas em alguém inocente, pois a inocência é o poder real. Nunca crie dúvidas em ninguém, pois quando a fé é destruída e a inocência quebrada, então é muito difícil — é exatamente como quebrar um espelho.

Esse é o problema do Mestre: vocês são todos como espelhos quebrados, pois em algum lugar no caminho da vida a confiança foi destruída. Vocês não podem acreditar, foram educados para duvidar, têm uma mente muito educada e sofisticada. Este é o problema. Nada pode acontecer a vocês: Deus não, isso não! — a menos que a confiança seja recriada. Vocês são como espelhos quebrados, e insistem em ser um espelho quebrado. Vocês pensam que duvidar é coisa muito grande — essa é a pobreza.

O coração da criança é o poder real — com inocência o poder real vem a você. E quando eu digo "confie", todos os Mestres do mundo dizem: Confie!, isso significa: Torne-se inocente! Mas você insiste em duvidar, em argumentar, em racionalizar primeiro. Você insiste em que, antes, precisa ser convencido sobre alguma coisa, depois dará o passo — e é esse o problema, o problema é precisamente esse. Se você puder dar um passo no escuro, puder confiar, tudo se tornará possível. Mas você não pode dar um passo. E veja: o que você conseguiu através da dúvida, onde chegou com esse espelho quebrado? Você se viciou nele e por isso está há tanto tempo com ele.

Mulla Nasrudin estava ensinando a seu filho — uma bela criança — os caminhos do mundo. Disse-lhe para subir numa escada. A criança obedeceu; ela sempre gostava, de subir em coisas e se surpreendeu, porque Mulla sempre dizia: "Não suba na árvore, não suba na escada", por que então? Mas ficou feliz. Subiu, chegou ao alto e Mulla disse: "Agora pule." A criança hesitou um pouco, mas Mulla disse: "Sou seu pai, por que sente medo? Pule!"

A criança pulou... e Mulla saiu de baixo. A criança caiu no chão e começou a chorar. Perguntou: "Por que fez isso comigo?"

Mulla disse: "Agora não se esqueça mais: não acredite em ninguém, nem mesmo em seu pai. O mundo é assim e eu o estou aprontando. Não acredite em ninguém, mesmo que seja o seu pai. Você aprendeu uma boa lição: Não confie!"

E assim que todos os pais, todas as mães, todos os professores, escolas e universidades estão preparando você: não confie em ninguém, pois alguém pode ser desonesto; pode ser uma fraude, pode enganá-lo — mas é esse o problema. Mesmo que todo o mundo o engane, você nada perderá. Se duvidar, perderá tudo. A dúvida é o verdadeiro enganador, pois no final você perderá Deus. Deus vem pela porta da inocência.

Você pode confiar em alguma coisa na sua vida? Se procurar, não vai encontrar ninguém, nada em que possa confiar.

Um homem procurou um grande místico, Nagarjuna. Nagarjuna lhe disse: "Você ama alguém, confia em alguém?"

O homem disse: "Não amo ninguém e não confio em ninguém — exceto em minha vaca."

Nagarjuna disse: "Isso serve. Acredite completamente que sua vaca é Deus — ame-a, confie nela, alimente-a, cuide dela, e depois de três meses volte a me procurar."

Mas o homem disse: "Como assim — só por amar a vaca e confiar nela?"

Nagarjuna disse: "Não se preocupe. Procure-me daqui a três meses".

O homem voltou completamente transformado. Disse: "Que milagre foi esse? Não posso acreditar nisso, mas aconteceu; só por confiar na vaca, por amá-la e sentir carinho por ela, experimentei alguma coisa que me tornou um homem completamente diferente. Eu renasci! Mas como pôde isso acontecer — apenas confiando na vaca?"

Nagarjuna disse: "Não se trata de confiar na vaca, trata-se de *confiar."* Se você puder confiar pelo menos numa pequena coisa, a porta se abrirá. E quando você experimenta a confiança, torna-se mais capaz de confiar. Quando experimenta mais, torna-se cada vez mais capaz, e pode então dar o salto supremo.

O tempo é uma criança movendo as peças de um jogo:
o poder real é o da criança.

Heráclito não tem nenhuma teoria matemática sobre o tempo também. Ele diz que o tempo é como uma criança movendo as peças de um jogo: o dia e a noite, eles se movem. Heráclito não acredita que o tempo esteja indo para algum lugar. Está se movendo, movendo em círculo. Não é linear, é como uma roda. E isto é algo a ser entendido: todos os cientistas pensam que o tempo é linear, que está se movendo numa linha; e todos os que conhecem o interior dizem que é uma roda — não é linear, é circular. Parece haver motivos para isso.

Os cientistas não podem ver o todo, vêem apenas uma parte. A mente científica é uma mente específica, especializada. O cientista só pode ver uma parte, e ele divide a parte que vê em partes ainda menores; e continua dividindo. O cientista não pode ver o todo. A *própria* disciplina da ciência torna-o capaz de ver a parte com maior clareza. Ele

vai vendo cada vez mais claramente, mas cada vez menos. Sua visão torna-se clara e penetrante, mas o seu objeto torna-se cada vez menor. Ele chega ao átomo, ao menor; e com o tempo chega também ao instante, ao menor.

Se você tomar um pequeno setor de um círculo, ele parecerá uma linha, mas o círculo é vasto — exatamente como a terra. Estamos sentados aqui; se desenharmos uma linha e você pensar que é uma linha reta, estará errado — pois numa terra circular, como se pode desenhar uma linha reta? Se seguir desenhando essa linha, se continuar, ela se tornará um círculo, cobrirá toda a terra. Assim, as linhas retas são apenas partes, fragmentos do grande e vasto círculo.

A ciência não pode ver o todo, por isso parece ser linear. A religião vê o todo — a ciência perde a floresta, ela olha para as árvores; a religião não vê a árvore, mas sim a floresta. E quando você olha para o todo, tudo é circular. *Todo* movimento é circular, e o tempo também é um movimento circular. É um jogo, move-se sem ir a lugal nenhum. Se você puder ver que o tempo não vai a lugar nenhum, mas move-se em círculo, então toda a tensão da mente para chegar a um lugar desaparecerá. Alcançar algum lugar no futuro torna-se então inútil, insignificante — e você começa a sentir o prazer do momento.

A vida não é um esforço para se chegar, é uma celebração.

O fanatismo é o mal sagrado.

Mas até isso você não deveria transformar em teoria, pois no momento em que o faz e diz: "Isso está certo", começa a converter as pessoas. No momento em que diz: "Está certo", o seu ego já tomou posse. Agora não se trata de estar certo — *você* está certo. Como pode estar errado? — o mal sagrado entrou. Comigo também, lembre-se disso: não saia proclamando tudo o que eu digo. Não faça uma crença das coisas que digo, não se feche com elas. E de tudo o que eu digo, lembre-se que o *oposto é também verdadeiro* — porque se você disser que o oposto está errado, se tornará intolerante. A intolerância começará.

Se eu digo que Deus é inverno, Deus é também verão. Haverá momentos em que direi que Deus é inverno porque será útil. Em outros momentos direi que Deus é verão porque será útil. Para uns eu digo que Deus é inverno, para outros digo que Deus é verão — não faça disso uma teoria. Eu também sou um poeta. Você não precisa acreditar naquilo que eu digo, precisa apenas ser o que digo. Permita que isso se torne uma transformação e não uma teoria em você. Não faça disso uma seita, faça disso uma vida, viva-a!

Se viver, ajudará também aos outros vivê-la. Só por viver você ajuda, não por falar, não por converter, não por sair por aí tornando as pessoas iluminadas, não! Isso é uma fraude sutil. Seja iluminado e tenha dentro de você uma luz para que as pessoas venham e bebam dela, não há necessidade de sair do caminho. E se alguém estiver seguindo o seu próprio caminho, não tente tirá-lo dele. Quem sabe? — pode ser o caminho certo para essa pessoa. Pode ser errado para você, mas quem é você para decidir?

Não decida e não julgue, pois *o fanatismo é o mal sagrado.* Sempre que uma pessoa se torna religiosa, o mal é possível. Sempre que alguém se torna religioso, torna-se vulnerável a esse mal, ao fanatismo. É muito difícil encontrar uma pessoa religiosa que não seja fanática.

Certa vez, vi Mulla Nasrudin bebendo num bar e alguém lhe perguntando: "Nasrudin, o que está fazendo? Ontem mesmo você me disse que havia abandonado a bebida e se tornado um abstêmio absoluto; o que está fazendo?"

Nasrudin disse: "Sim, sou um abstêmio absoluto — mas não um fanático."

Seja você o que for, seja flexível, crie uma moldura fixa à sua volta, movimente-se e flua. Às vezes é preciso sair para fora da disciplina também. A vida é maior do que a sua disciplina e às vezes é preciso ir completamente contra as próprias regras — porque Deus é tanto inverno quanto verão.

Não seja vítima do fanatismo. Seja religioso, mas não seja hindu, muçulmano, cristão. Deixe que a terra toda seja a sua igreja, que a existência inteira seja o seu templo. E quando Deus como um todo está disponível, por que se satisfazer com um fragmento? Por que se dizer cristão, por que se dizer hindu? Quando se pode ser um ser humano, para que escolher os rótulos?

Abandone todos os rótulos e todas as crenças. Confie, a confiança é totalmente diferente da crença. Confie na vida — seja onde for que ela o leve, mova-se com ela; e ajude os outros a se moverem do jeito deles. Faça as suas coisas e que os outros façam as deles. Permaneça aberto.

Se você puder permanecer aberto, auxiliando, cuidando, sem nada forçar aos outros, verá que as pessoas começaram a beber de você, que elas *estão* sendo auxiliadas por você. Mas sirva-as diretamente, pois o servir, a compaixão, o amor, o cuidado, são todos indiretos. Não salte sobre elas, não as force na direção do paraíso, pois essa violência tem sido a miséria de todo o passado. Por causa dessa violência, os cristãos, os

hindus, os muçulmanos lutam entre si e matam-se uns aos outros — chega disso, não é mais preciso!

Agora a terra tornou-se uma só. O globo inteiro tornou-se apenas uma pequena aldeia. Deixe que a humanidade se torne uma só — uma só na busca, não nas crenças; uma só, porque tudo é divino.

Lembre-se sempre de Heráclito:

Os deuses estão aqui também.
Eu mesmo os procurei,

e o poder real é o da criança.

fanatismo é o mal sagrado.

7
Uma Alma Seca é Mais Sábia e Melhor
(27 de dezembro de 1974)

Um bêbado precisa ser conduzido por um menino,

a quem segue cambaleando, sem saber para onde vai,
pois sua alma está úmida.

As almas sentem prazer em se tornarem úmidas.
Uma alma seca é mais sábia e melhor.

Conforme eu disse ontem, a consciência humana pode seguir dois caminhos. Um deles é o da água, fluindo para baixo; o outro caminho é o do fogo, movendo-se para cima. Água e fogo são símbolos, mas muito significativos.

Quando você flui para baixo, torna-se cada vez mais inconsciente. Quando flui para cima, torna-se cada vez mais consciente. Ascensão é consciência; queda é inconsciência.

Heráclito chama o fluxo descendente da consciência de estado de umidade, e a ascensão da consciência de estado de secura. A umidade e a secura dependem do fogo e da água. E diz que o espírito, a mente humana, sente prazer em estar úmido.

Todo prazer é descendente.

Seja onde for que você esteja buscando prazer, você descerá — pois prazer significa estar inconsciente. Prazer significa estar num certo estado onde não se conhece qualquer ansiedade — não que elas tenham desaparecido, mas você está inconsciente delas. O mundo permanece igual; as ansiedades estão esperando por você, aumentando e não decrescendo, pois conforme o tempo passa elas aumentam. Os seus problemas permanecem os mesmos, embora tornem-se mais complicados. Enquanto você está inconsciente, tudo está crescendo: nada espera que a sua consciência esteja presente

para crescer. A sua miséria está crescendo, a sua angústia está crescendo, esperando por você. Você está inconsciente, portanto não está alerta. Sempre que você volta à consciência, tem de encarar todos os problemas dos quais fugiu.

Prazer é fuga. É por isso que não vale a pena. Na verdade, não é prazer, é uma espécie de suicídio. Você foge dos problemas, dá as costas a eles, mas essa não é a maneira de resolvê-los. Você terá de voltar, pois uma vez que você se torna consciente, a inconsciência não pode ser um estado permanente de acontecimentos. Você pode dar um mergulho no inconsciente, mas por quanto tempo pode permanecer submerso? Por um segundo — e novamente você volta à superfície. Não pode permanecer inconsciente por muito tempo. O álcool, as drogas, o sexo, tudo o que o torna inconsciente, tudo o que o faz perder por um momento as suas preocupações, esquecer-se delas, é um esquecimento, mas o esquecimento não pode ser um estado permanente.

Portanto, isso não irá ajudá-lo em nada: o prazer não ajuda. Você tem de voltar outra e outra vez — e então torna-se um círculo vicioso. Quando volta e descobre que a angústia, que a ansiedade e os problemas o esperam — e que, pelo contrário, aumentaram — você sente medo, fica nervoso, todo o seu ser treme e sente medo, então você tem de fugir novamente. Quanto mais você foge, mais os problemas aumentam. Quanto mais problemas você encara, mais precisa de álcool. E aí a quantidade de tóxicos tem de ser constante-mente aumentada, pois você se acostuma a ela. Você toma ama certa quantidade de uma droga — no primeiro dia você se sente inconsciente. Depois de alguns dias não está mais inconsciente; ainda percebe as coisas, as preocupações ainda estão batendo à sua porta, você pode ouvi-las... precisa de uma quantidade maior. A quantidade maior também se tornará pouca.

Você pode chegar até certo ponto... Na índia já se tentou; existem algumas seitas que trabalham através do álcool, das drogas, tais como a maconha e a mescalina. No Ocidente, esse fenômeno é novo; é por isso que tanto se preocupam com isso. No Oriente, é uma das coisas mais antigas. Certa seita de tântricos tem trabalhado através das drogas, encontrando um meio de alcançar a consciência pelas drogas, e descobriu-se que, aos poucos, você vai se acostumando de tal modo, que nada pode torná-lo inconsciente. Usam então cobras venenosas — com apenas uma picada um homem comum morre imediatamente. Quando nenhuma droga os afeta mais, eles colocam a cobra em suas línguas e ela os pica. Normalmente, uma pessoa morreria imediatamente. Eles o fazem só para buscar inconsciência através do que há de mais venenoso — mas nem mesmo isso os afeta. Chega um momento em que o homem vai completamente além do mundo das drogas: não se pode torná-lo inconsciente, nada funciona. E se esse homem o morder, você morrerá imediatamente. Todo o seu corpo está envenenado.

Na história da antiga Índia, há uma referência a certas mulheres espiãs. Todo rei tinha belas mulheres que eram treinadas desde a infância de tal maneira que todo o seu corpo tornava-se venenoso. Eram conhecidas como *vishkanya,* como mulheres venenosas — eram muito belas. E então o rei as enviava ao inimigo, ao rei inimigo, e elas eram tão belas que fatalmente ele se sentia atraído. Quando beijavam o rei, ele morria. Eram totalmente venenosas. Um beijo bastava — não era preciso morder.

Chega um momento no qual nenhuma droga funciona. Esses tântricos estiveram trabalhando através das drogas em direção à consciência. Quando nenhuma droga o afeta, você já está integrado, e pode mover-se para as alturas sem medo de cair — pois não pode ficar inconsciente, cristalizou a sua consciência.

Mas, de um modo geral, as drogas não são usadas para se alcançar a consciência, o caminho é muito perigoso. Geralmente, a pessoa está buscando inconsciência, um pouco de esquecimento deste mundo de preocupações, de angústia, de ansiedade, deste mundo que parece um inferno. A pessoa quer esquecer. Todos os seus prazeres são apenas esquecimentos.

Heráclito diz que esse é um estado úmido de consciência. A palavra é bela — chama essas almas de 'almas úmidas'. E diz que elas gostam do prazer. Por que? Porque o prazer é um mergulho. Não é preciso nenhum esforço: você não precisa fazer nada, simples-mente afunda. É como descer uma montanha; você pode correr com facilidade. Não é necessário nenhum esforço: a força de gravidade o ajuda a descer. Mover-se para cima é difícil, é por isso que você busca o prazer — jamais procura a graça.

A graça é ascendente, o prazer é descendente.

O prazer é um esquecimento, a graça é uma recordação.

Gurdjieff diz que a única técnica para se tornar integrado é a lembrança de si mesmo, e todos os Mestres do mundo têm insistido em que se deve estar cada vez mais consciente. Quanto mais consciente você se torna, mais alcança uma certa secura interior; literalmente, você se torna cada vez mais seco, cada vez mais atento, cada vez mais consciente e alerta — porque atenção é fogo, é por isso que você se torna cada vez mais seco.

Ouça estas palavras e tente entendê-las. Serão de grande auxílio no caminho que você está seguindo.

Um bêbado precisa ser conduzido por um menino,
a quem segue cambaleando,

sem saber para onde vai,
pois sua alma está tímida.

Imagine a cena, visualize-a: "Um bêbado precisa ser conduzido por um menino, a quem segue cambaleando, sem saber para onde vai, pois sua alma está úmida." Isso é bastante simbólico.

Quando você bebe, cai, regride, torna-se de novo um menino — mas essa regressão não é um crescimento. Você tem de se tornar um menino, mas não pela regressão, e sim pelo crescimento à frente, pelo crescimento adiante, pelo crescimento para cima. Você tem de se tornar um menino, mas não voltando para trás e sim andando para a frente. Voltando para trás você se torna juvenil; voltando para trás, você não ganha nada, você perde; voltando para trás, todo o sistema interior torna-se aleijado. Por fora você parece ser um adulto e por dentro é apenas um menininho; não uma criança, mas infantil; não inocente, mas muito, muito ladino. E é tão profunda a sua esperteza que você não é ladino com os outros — usa truques consigo mesmo, com a sua própria consciência, com o seu próprio futuro; usa truques com as suas próprias possibilidades. Está voltando para trás, está regredindo.

Você carrega todos os estágios pelos quais passou. Uma vez você esteve no útero. Uma parte sua ainda permanece nesse estado porque você não se livra das coisas. Simplesmente cresce, e tudo o que se tornou passado torna-se a sua base. Tudo existe em você; não apenas desta vida, mas também de outras; não apenas de outras vidas humanas, mas também de vidas animais e vegetais. Tudo existe, nada se perde. Você carrega tudo do passado — você é o seu passado.

O passado inteiro está aí e você pode regredir — a qualquer momento. É como uma escada: você pode voltar. E quando bebe, você volta. Não só se torna uma criança, como também um vegetal Observe um bêbado caído na sarjeta: não parece humano; ele regrediu, está vegetando. Não se pode nem dizer que esteja vivo. Como se pode dizer que seja humano? Que humanidade ele está demonstrando nesse momento? Qual é a diferença entre ele e uma árvore? A única diferença é que a árvore está em melhor estado, pois pelo menos não está bêbada. E esse homem voltou atrás, tornou-se como uma árvore.

Você pode ficar tão drogado No Ocidente usa-se a expressão 'bêbado de pedra'. É uma boa expressão — você se torna como uma pedra. Essa é a última coisa. Nem mesmo é um vegetal. É como uma pedra, e todas as possibilidades são desperdiçadas. Você chegou ao último degrau da escada, ao pé da escada. Regrediu milhões de anos — e isso pode acontecer em segundos. E você se torna impotente, impotente de uma maneira

negativa, imbecil. Comporta-se como um idiota, não sabe o que está fazendo. Na verdade, você não é; está ausente, a sua presença se perde. Não existe agora nenhum centro interior. Você se torna como a água, sem nenhum centro, e a água transborda por toda parte — sem nenhuma direção, sem nenhuma integridade interior. Se você morrer nesse momento, nem mesmo perceberá que está morto. Tudo o que acontecer nesse momento você não saberá. *Você não está.* Esse é um estado de mente ausente. Você caiu completamente, chegou ao fundo.

Isso é fácil. E as almas gostam disso porque você gosta de tudo o que é fácil. Não é preciso nenhum esforço. Você não precisa seguir um caminho. Não precisa fazer nada. Não precisa se preocupar, não precisa pensar — simplesmente fica largado. Na verdade, é isso que é estar 'largado'. Você largou todo o esforço de evolução. Já não faz parte do crescimento da existência, já não faz parte da divindade que evolui constantemente. Você perdeu tudo.

Esse estado é o pior possível. E acontece não apenas através dos tóxicos, mas também através de muitas coisas. Isso também precisa ser lembrado. Você pode não estar usando nenhum tóxico, pode não estar tomando drogas, mas existem muitas drogas sutis — qualquer 'viagem' pode se tornar uma droga.

Pode estar cantando um mantra constantemente; sem nenhuma consciência, apenas cantando. Quando você canta um mantra sem consciência, ele se torna inebriante, provoca uma inconsciência. Você sente muito prazer, mas nenhuma graça. Está caindo para trás. Na índia, isso também tem sido usado há milhares de anos, e milhares de pessoas cantam mantras continuamente. Se você olhar para elas, descobrirá que elas também estão dopadas — através do mantra elas se tornaram inconscientes. É claro que não têm nenhuma preocupação, porque para isso você precisa ter consciência. Elas são felizes, mas a felicidade delas é como a morte, pálida e petrificada. A felicidade delas não é como uma flor desabrochando; é como uma poça estagnada, não como um rio fluindo. Elas não estão se movendo, todo o movimento interior cessou.

Eu lhes falei sobre dois tipos de movimento: um vertical e outro horizontal. Elas interromperam o movimento horizontal, mas não deram início ao movimento vertical. Estão simplesmente mortas, enterradas vivas em seus próprios corpos; seus corpos tornaram-se tumbas. Você pode encontrar muitas delas nos Himalaias, perto do Tibete; encontrará muitas pessoas simplesmente sentadas, cantando. O canto contínuo criou um tal marasmo dentro delas que elas se tornaram estúpidas, perderam toda a sensibilidade. Não estão mais vivas por causa disso, estão menos vivas. Podem ficar tão estúpidas que se deitam em camas de pregos — porque não têm sensibilidade no corpo; elas minguaram

por dentro. E isso é um tóxico mais forte do que qualquer bebida alcoólica até hoje inventada — porque elas são as donas do próprio tóxico; elas podem criá-lo interiormente.

Cantar uma palavra continuamente sem consciência é regredir. Se for para cantar, que seja feito com consciência; você precisa ser um observador. Se está cantando *Aum, Aum, Aum,* tem de permanecer como uma testemunha disso. O canto deve ser feito pelo corpo e você deve permanecer como uma testemunha. Quando o observador se perde, o canto é alcoólico — torna-se intoxicante.

Existem outras maneiras. Um político está numa 'viagem de droga'; o poder, o prestígio, são todos inebriantes. Sempre que alguém alcança o poder, já não está mais em si. O poder corrompe e corrompe completamente — pois o poder é uma droga. Quando você é poderoso já não está mais em sua consciência. Começa a fazer coisas que jamais imaginou. Não pode acreditar que está fazendo tais coisas.

Leia Adolf Hitler e sua vida — o que ele fez! E nunca fumou; era contra o álcool. Era um perfeito saniasin! Acordava cedo, dormia cedo; não fumava, não bebia, era vegetariano, não comia carne. E o que ele fez! Não se pode encontrar um jainista mais perfeito em nenhum outro lugar — e o que ele fez! Mas ele usava a maior das drogas. É por isso que não precisava fumar cigarros, eles não eram nada. Não havia necessidade de beber, porque ele já estava ébrio de poder.

Aqueles que observaram Adolf Hitler dizem que quando ele começava a falar, logo em seguida todos sentiam que havia acontecido uma transfiguração. Quando ele começava era Adolf Hitler; aos poucos ia ficando completamente inconsciente, como se fosse hipnotizado por suas próprias palavras; seus olhos já não mostravam nenhuma vivacidade, como se ele não estivesse lá, como se alguém o tivesse possuído — possuído! Então sua possessão, seu estado alcoolizado, sua umidade, imediatamente infectava os outros. Ele conseguia facilmente criar a loucura. Era tão neurótico, tinha um carisma tão neurótico, que tudo o que o rodeava se tornava neurótico; era um homem magneticamente neurótico. O álcool transbordava dele e as pessoas se intoxicavam — foi como ele levou toda a raça germânica ao suicídio.

O poder é uma droga, uma das maiores que o mundo já conheceu. E isso é bonito: os políticos estão sempre contra as drogas, mas são os maiores viciados, estão nas maiores viagens. Mas você pode criar suas drogas privadas também.

Riqueza: veja as pessoas que possuem riquezas — já não existem mais, estão completamente ausentes! Movem-se, trabalham muito, mas não sabem o que estão

fazendo. Estão completamente inconscientes. E existem as drogas privadas. Você pode ser um pintor, pode ser um poeta, e isso pode se tornar a sua viagem. Qualquer coisa que o faça esquecer de si, qualquer coisa que o faça perder a consciência, qualquer coisa com a qual você se torne muito identificado (seja o que for que esteja fazendo), a ponto do observador se perder, é uma droga. Heráclito chama isso de estado úmido.

As almas sentem prazer em serem úmidas.

Não é necessário nenhum esforço, nenhuma tensão, nenhum confronto com a realidade. Você simplesmente esconde. Esconde, foge, fecha os olhos, assim como um avestruz. E quando seus olhos estão fechados você não pode ver nada — está feliz. É isso o que você chama de felicidade. Mas essa felicidade não pode durar. É momentânea.

Quando você ama uma pessoa, sente-se muito, muito feliz. Isso é uma droga. É a droga que os hormônios de seu corpo criam dentro de você; é a sua droga biológica. A natureza tem de usá-la porque a natureza não pode contar com você. Pense nisso: se não existisse o amor, o mundo pararia — porque o sexo é tão ridículo; se não houvesse amor, o sexo pareceria tão ridículo! Quem entraria no sexo se não houvesse nenhum tóxico que o envolvesse?

O amor é como uma isca. O desejo real da natureza é reproduzir. Mas você não pode contar com isso; se você não se apaixonar, não reproduzirá. Você se apaixona — a natureza está usando um truque. Está fornecendo uma droga, liberando uma droga em seu corpo. Existem glândulas dentro de você que produzem e liberam a droga. É uma droga natural, biológica e hormonal. É por isso que quando alguém se apaixona, repare, caminha de um modo diferente. Já não está mais aqui — ausenta-se completamente — vive na imaginação, no desejo, no sonho, não vive na realidade. Drogou-se sem saber.

E depois de alguns dias, quando o amor se vai — porque nenhuma droga dura eternamente — no momento em que a lua-de-mel acaba, a droga também acaba. E você começa a encarar a realidade. Começam então os problemas — porque tudo o que prometeu, você fez quando não estava consciente. Agora tem de cumprir as promessas feitas num estado úmido, feitas num estado inconsciente; agora precisa cumprir as promessas e o peso cresce.

Todos os casos de amor, no final, tornam-se feios. Por que? Todo casamento petrifica. Por que? Porque não é um fenômeno consciente. Se você ama conscientemente... então o amor pode ser eterno, pois com consciência tudo é eterno. Com inconsciência tudo é momentâneo.

Se você puder amar conscientemente, não como uma vítima dos truques biológicos, não como uma vítima da natureza, mas com um amor consciente, não cairá de amor — você ascenderá de amor. O próprio amor se tornará uma força de integração e não de desintegração. O próprio amor se tornará uma consciência. E você se tornará cada vez mais consciente no relacionamento. Cuidará do outro, mas não o usará. Cuidará e compartilhará, mas não possuirá. Você liberará o outro e através da liberação do outro liberará a si mesmo. Vocês se tornarão parceiros na suprema jornada.

Um ajudará o outro — pois existem ciladas; o caminho é longo e a jornada é eterna. E é muito bom estar com alguém para compartilhar toda a angústia, para compartilhar toda a dor, para compartilhar o sofrimento, para compartilhar a felicidade, para compartilhar um momento de silêncio, para se comunicar, para dizer o que lhe está acontecendo, com quem você possa contar para auxiliá-lo seja no que for que lhe aconteça, em quem você possa confiar que o amará em todas as situações — boas ou más, de raiva ou felicidade, de tristeza ou alegria.

Você não precisa esconder nada de alguém que você ama; pode permanecer aberto e vulnerável. E seja qual for a situação, o amor é incondicional; independe das condições.

Um amor consciente é um fenômeno totalmente diferente. Acontece raramente, mas sempre que acontece é uma das coisas mais belas possíveis neste mundo.

Mas geralmente o seu amor é como uma droga. Observo isto diariamente: um casal me procura e os dois dizem que estão completamente apaixonados; não passa nem uma semana e eles voltam — dizem que se separaram. Só uma semana! E na semana anterior você não poderia imaginar isso — os olhos, os rostos estavam radiantes de amor; seus corpos estavam repletos de algo desconhecido, eles estavam intoxicados. Uma semana depois e tudo acabou! Que tipo de amor é esse? Não é amor, absolutamente. Você foi dopado pela natureza, a natureza usou de um truque com você.

A natureza quer que você entre no sexo. Cria um mundo de sonhos em torno do sexo — porque o sexo em si é feio. É realmente ridículo! Imagine: você ter um relacionamento sexual com alguém sem estar amando — é simplesmente feio. É por isso que as prostitutas são feias. Por mais que seus corpos sejam bonitos, elas não podem ser bonitas, porque o próprio ato sem amor faz com que a vida delas seja feia e suja.

Você só pode tolerar o sexo por causa do amor. Por causa do amor, o sexo também parece belo. Caso contrário, as posturas, os gestos do sexo, são todos ridículos.

Mas quando você está drogado, não tem consciência do que está acontecendo. Quando está drogado, nunca olha para si mesmo. O mundo todo parece ridículo, menos você.

Mulla Nasrudin foi psicanalizado. Quando foi ao psicanalista, este lhe fez algumas perguntas só para testar que tipo de pessoa Nasrudin era. Desenhou uma linha e perguntou: "O que o lembra isso?"

Nasrudin respondeu: "Uma bela mulher, é claro!" — uma linha! O psicanalista não entendeu.

Desenhou um círculo e perguntou: "O que o lembra isso?"

Nasrudin respondeu: "Uma bela mulher, é claro — toda nua."

Desenhou um triângulo, Nasrudin fechou os olhos e disse: "Não, não faça isso."

O outro perguntou: "Mas o que isso o lembra?"

Nasrudin respondeu: "A mulher está fazendo uma coisa muito ruim."

O psicanalista então disse: "Parece que você se preocupa muito com sexo."

Nasrudin — "O quê! Eu? Sou eu que estou preocupado com sexo ou é você? Quem está desenhando essas figuras feias no papel? — você ou eu?"

Você pode ver o mundo inteiro — mas não se vê a si mesmo. Esse é o estado úmido: quando a pessoa está completamente in-consciente, alheia ao que é, ao que está fazendo, por que está fazendo.

Quando você começa a meditar, no início fica muito, muito confuso, pois pela primeira vez está consciente — O que está fazendo? Por que o faz? Para quê? Antes, você não percebia. Agora, sente-se muito confuso porque, pela primeira vez, seus olhos estão abertos para a realidade. Se você não fugir, aos poucos sentirá que está que-brando — não só está confuso, como enlouquecendo! Sempre esteve louco, mas não havia percebido. Agora está consciente e a loucura tem de ser enfrentada. E se você não a enfrentar, não poderá crescer.

Fugir não é crescer, e todas as dimensões do tóxico são fugas.

Quando você está num estado inconsciente, pode achar que está fazendo alguma coisa importante, mas é pura crença, sem nenhum fundamento. Quando se torna

consciente, só então vem a saber que cometeu simplesmente absurdos. Isso não o levou a lugar nenhum. E todas as suas crenças enganavam apenas a você mesmo.

Ouvi contar que Mulla Nasrudin bateu na porta de uma taverna às três horas da madrugada. O proprietário abriu a janela do andar de cima, muito zangado, é claro, e disse: "Vá embora, seja você quem fôr! Agora *não é* hora de beber."

Nasrudin disse: "Quem veio para beber? Vim buscar as minhas muletas. Há pouco deixei-as aqui, e como você e todos sabem, não posso andar sem elas. Preciso voltar para casa — quero que você as devolva!"

Ele sempre andara de muletas, sem saber que podia andar sem elas — acrediva nelas. Inconscientemente, esqueceu as muletas na taverna, e ficou andando pela cidade durante toda a noite. E agora, ao recobrar a consciência, queria suas muletas de volta porque: "Todo mundo sabe que não posso andar sem as minhas muletas."

As coisas nas quais você acredita são como muletas. Você não pode andar sem elas, não pode viver sem elas. Não pode pensar como será sem as suas crenças — elas são as suas muletas. Quando você se torna consciente, simplesmente não pode pensar que viveu em tal estado de coisas por tanto tempo.

Mas num estado de mente úmida, as coisas acontecem. Você não tem controle de nada. As coisas vão simplesmente acontecendo e você vai reagindo. Uma mulher sorri para você, e você se apaixona. Começa a falar com ela, a apreciá-la e por isso ela começa a se apaixonar por você. Os hormônios começam a funcionar. E você entra numa viagem de droga. Logo você voltará à consciência e sairá dela. Sempre que você sai, é doloroso. Você não consegue tolerar a dor, é demais, é intolerável. E mais cedo ou mais tarde, só para se consolar, para se intoxicar outra vez, você vai procurar outra mulher. O mesmo círculo continua a se repetir... um homem drogado pode acreditar em qualquer coisa.

Uma vez perguntei a Mulla Nasrudin: "Como vai o seu relacionamento com a filha do banqueiro?" — porque eu conhecia o banqueiro e a filha e isso parecia ser uma coisa difícil, quase impossível. Mas Mulla Nasrudin sorriu, muito feliz.

Disse: "Ultimamente tem havido sinais, dicas, indicações. As coisas estão se definindo."

Eu perguntei: "O que aconteceu? Ela começou a sorrir para você ou qualquer coisa assim?"

Ele disse: "Não, não é bem isso — mas na noite passada ela disse: "Esta é a última vez que estou dizendo *não a* você."

Quando se está drogado, a pessoa faz suas próprias interpretações. "É a última vez que digo não a você!"

Quando você não está consciente, não sabe o que sim e não significam. Você não sabe nada, simplesmente é levado. Esse estado é o estado úmido.

Um bêbado precisa ser levado por um menino,
ao qual segue cambaleando,
sem saber para onde vai,
pois sua alma está úmida.

As almas sentem prazer ao tornarem-se úmidas.

Todos sentem prazer em tornarem-se úmidos, porque é a coisa *mais fácil* que se pode fazer. Esse é o único prazer — o mais fácil. Você não precisa fazer nada. Simplesmente se deixa levar à deriva. Cai na terra e a gravitação o puxa para baixo. Você se sente muito, muito feliz porque não há esforço, não há tensão, não há nada!

As pessoas me procuram e dizem que não conseguem levantar cedo para a meditação. Até mesmo isso é um esforço excessivo para você. E se você não consegue levantar-se cedo para meditar, o que mais pode fazer? O que mais você acha que pode fazer? Você não quer fazer nenhum esforço — mas as suas exigências são muito altas. Até alguém que não consegue levantar-se cedo para meditar, pergunta como a paz é possível; pergunta: "Como conhecerei Deus?" — e pede: "Ajude-me! Não quero voltar de novo para este mundo" — mas ninguém vem para este mundo.

Se você vive à deriva, se vive sempre caindo, escolhendo o mais fácil, escolhendo o caminho de menor resistência, escolhendo o caminho onde não há desafios, não há luta, nada, apenas caindo, vivendo na gravitação — então você não precisa fazer nenhum esforço para vir. Não há necessidade de vir — você virá, pois é assim que as pessoas vêm ao mundo: um estado de mente úmida estará sempre girando em torno deste mundo. Somente uma alma seca pode voar pelo céu pois só ela não é afetada pela gravitação; o rebaixamento não existe para a alma seca. O que significa ser seco?

Ser seco significa: manter-se alerta; seja o que for que você esteja fazendo, faça-o conscientemente — seja o que for! Eu não digo: "Não faça isso e não faça aquilo."

Simplesmente esteja mais alerta em tudo o que fizer, e depois, aos poucos, cada ato o ajudará a se tornar cada vez mais seco. Acontece, então, um destacamento. Estando alerta, automaticamente você se destaca.

Você ama uma pessoa, mas mesmo assim não está amarrado. Você ama uma pessoa, tem carinho por ela, compartilha o seu ser, dá tudo, mas mesmo assim não está amarrado — está muito destacado. E não há nada igual a um amor destacado — é a mais linda florescência. Amar e estar destacado significa compreender ambas as polaridades. É paradoxal — porque você pode estar destacado sem amar ou pode amar sem estar destacado. É fácil escolher um extremo, escolher uma polaridade. Escolher ambas ao mesmo tempo — amar e estar destacado — o que isso significa? Significa estar alerta; fazendo tudo o que precisa ser feito, mas estando alerta, você permanece destacado. Pode então viver neste mundo sem fazer parte dele. Você está no mundo mas o mundo não está em você.

Essa secura vem cada vez mais à medida (pie você vai fechando os caminhos da sonolência, vai fechando as portas das quedas, fechando as portas do prazer — você não busca prazeres. Lembre-se: a felicidade não é um prazer. A felicidade é um fenômeno diferente — é um estado de ser.

O praier é um esquecimento, a felicidade é uma lembrança.

E quando a lembrança torna-se absoluta, quando é tão absoluta que não há possibilidade de se cair dela, então surge a graça. Entre a graça e o prazer está a felicidade. Não peça pelos prazeres, pois se os pedir será vítima do fluxo descendente, da gravitação.

Veja as pessoas viciadas em comida: observe-as quando comem. Verá que estão completamente inconscientes — pois quantas vezes, quantos milhares de vezes elas decidiram não comer demais? E quando a comida novamente vem, esquecem-se ou racionalizam: "Desta vez, só desta vez... da próxima resistirei."

Mulla Nasrudin estava morrendo. E o médico disse: "Esta é a última vez. Se você não me ouvir pode estar certo de que deixará o corpo. Você vai morrer, porque o seu coração não pode aguentar tanto peso." Ele já havia tido dois ataques.

No dia seguinte ele estava comendo, comendo o que quatro homens não conseguiriam comer. Então, de repente, olhou para a esposa e disse: "O que está fazendo g sentada? Não vai falar nada por eu ter saído da minha dieta?" A mulher — até por isso ela é responsável — não tem força de vontade suficiente para fazê-lo parar.

Ninguém pode fazê-lo parar. A vontade de ninguém o ajudará. Pelo contrário, ela pode ser destrutiva. Se alguém insistir em fazê-lo parar, você se voltará contra, você reagirá. O fluxo ascendente não pode ser forçado por ninguém. Este é um fenômeno muito sutil e delicado que deve ser entendido. Se as pessoas insistirem em torná-lo bom, se fizerem esforços nesse sentido, elas o forçarão para baixo porque o seu ego sentirá uma resistência.

Isso é muito delicado, pois os que querem ajudá-lo a subir não podem forçá-lo, só podem persuadi-lo. Isso é tudo o que estou fazendo. Mesmo que às vezes eu veja algo que pode ser interrompido, eu não posso interromper. Vejo que você está dando um passo para baixo e poderia falar com você, poderia fazer um esforço para alertá-lo. Poderia dizer: "Pare, isso será demais", mas não posso dizer, porque se eu insistir, isso o ajudará a descer. Você dará o passo mais depressa ainda, pois o ego entrará. Posso apenas persuadi-lo. Posso distrair a sua mente. Posso lhe dar algo para brincar de modo que se esqueça de que estava para dar aquele passo — sua mente é distraído. Mas eu não posso dizer: "Não, não dê esse passo." Se eu disser 'não', é quase certo que você o dará.

Esse é o problema. O Mestre precisa persuadi-lo.

E isso está ficando cada vez mais difícil no mundo moderno.. Antigamente era mais fácil porque as pessoas eram ensinadas a obedecer. Agora são ensinadas a serem rebeldes. Antigamente as pessoas aprendiam a ser disciplinadas, agora aprendem a ser indisciplinadas. Agora, ser indisciplinado é importante; ser disciplinado nada mais é do que fazer parte do sistema. Ser disciplinado é ser quadrado; ser indisciplinado é ser revolucionário.

Nos velhos tempos era mais simples porque o Mestre dizia "Não", e podia contar que o 'não' funcionaria. Um simples 'não' evitava muitas vidas de lutas desnecessárias. Mas agora é impossível. Agora é difícil: você tem de ser persuadido por meios indiretos de modo que não sinta nunca que está sendo persuadido. Tem de ser distraído de modo tão sutil que jamais perceba que está sendo levado para algum lugar. Se você perceber que alguma coisa o está guiando, você resistirá — e então fará exatamente o oposto.

Isso cria no mundo um fenômeno muito novo, é algo novo na nossa era. É por isso que alcançar o Supremo tornou-se cada vez mais difícil — um desperdício desnecessário de energia. Posso ver, estou vendo que você está dando um passo no escuro, que você cairá, que ficará aleijado, mas mesmo assim não posso dizer: "Não dê esse passo", porque você não ouvirá. E se eu disser não você se sentirá ainda mais atraído por ele.

Foi assim que Adão caiu. Deus lhe disse: "Não, não coma a fruta dessa árvore!", e então ele comeu. Caiu porque Deus disse não. Agora, se Deus criar outro Jardim do Éden, não vai cometer outra vez o mesmo erro. Em vez de fazer o que fez, será melhor dizer: "Coma apenas os frutos desta árvore, todas as outras são proibidas", então Adão não será tentado, não se dirigirá para essa árvore. O Adão, principalmente o moderno, está num estado de consciência absolutamente baixa — úmido demais, caindo como um peso morto, constantemente caindo para o vale, num fluxo descendente. É claro que subir vai exigir esforço.

As almas sentem prazer em serem úmidas, Uma alma seca é mais sábia e melhor.

Toda sabedoria consiste em tornar a alma seca.

Mas tente entender: 'seca' não significa tornar-se insensível: 'seca' não significa deixar de ser carinhoso; 'seca' não significa tornar-se indiferente, isolado — não. 'Seco' significa simplesmente tornar-se consciente; você se preocupa, tem um profundo interesse, mas esse interesse jamais se torna uma ansiedade. Você se preocupa: faz o máximo que pode pelos outros; por sua esposa, pelos amigos, pela filha, pelo filho, por seu marido, pai, mãe, faz tudo o que pode fazer de um modo total. Só isso. Então, seja o que for que aconteça, você aceita. Você faz tudo o que é possível; então, frustrar-se por que? Não existe frustração. Você não se preocupa por não ter feito isso ou aquilo. Não, você fez *tudo* -- e acabou! Você sai limpo de todos os relacionamentos, e não sujo. Se a alma está úmida, você sai sujo de todos os relacionamentos. O relacionamento não o limpa, deixa-o sujo. É como quando suas roupas estão úmidas e você sai para um passeio — ao voltar está completamente sujo porque a poeira grudou na roupa; não porque as ruas estejam sujas, mas porque as suas roupas estavam úmidas.

O mesmo acontece interiormente também: se a sua alma está úmida, você sai sujo de tudo o que faz — porque toda a sujeira adere. Se você está seco, nada adere a ela. A poeira passa, mas não adere em você. Buda vive no mesmo mundo que você, mas a cada dia você vai se sujando. Buda permanece fresco, como se tivesse acabado de tomar um banho, limpo. A limpeza depende da secura e quanto mais você se torna consciente, mais a secura vem.

Estando consciente, por dentro você se torna semelhante a uma chama. A chama vai queimando; queima, mesmo enquanto você dorme. De um modo geral, mesmo quando despertos, vocês são como sonâmbulos. Mas quando a chama está queimando e você está alerta a tudo o que está acontecendo ao redor, alerta — não de um modo concentrado, porque quando você se concentrar, está alerta para um ponto e

inconsciente para tudo o mais — apenas alerta, uma abertura, como todas as portas abertas, com todas as dimensões abertas, você está simplesmente alerta, então quando está dormindo, essas portas também permanecem abertas e o ar fresco vai fluindo. No fundo, uma chama arde em você e essa chama seca a umidade, seca toda a inconsciência. É isso o que significa estar iluminado. Não é chegar a algum deus — não há nenhum —, a alguém que espera por você. Pelo contrário, é tornar-se mesmo um deus, pois quando está consciente, você é um deus; quando está perfeitamente consciente, você é um perfeito deus. Deus é o estado de ser absolutamente seco.

E quando você se torna pelo menos um pouco seco — *uma alma seca é melhor e mais sábia* — começa então a se tornar mais sábio, porque *toda* a tolice consiste em ser inconsciente.

Havia um processo contra Nasrudin no tribunal, e o juiz disse: "O quê? Você outra vez? Desta vez eu não estava esperando por você. Primeiro você veio por estacionar em local proibido, depois veio por dirigir em alta velocidade, depois por falta de breques, depois porque os faróis não estavam funcionando à noite, depois por dirigir embriagado — por que está aqui agora? — da última vez eu cancelei, suspendi sua licença para dirigir!"

Nasrudin parecia envergonhado e disse: "Por atravessar a rua quando o sinal estava aberto para os carros, Meritíssimo."

Não é preciso um carro. Se tudo lhe for tirado, tudo o que o faz pensar: "Por causa *disso é* que estou inconsciente", isso não o ajudará — você será apanhado por atravessar com o sinal vermelho. Fará qualquer outra coisa porque *você* continua o mesmo. As pessoas pensam que estão enrascadas por causa de suas esposas. Eles as deixam e vão para os Himalaias — mas isso é apenas uma suspensão da licença. Não o ajudará porque você não pode fugir de si mesmo. Continuará o mesmo nos Himalaias *e* criará de novo as mesmas situações. A esposa existia por sua causa. Você encontrará outra, encontrará qualquer outra coisa, e os mesmos problemas surgirão. É necessária uma alma seca — isso são os Himalaias: a secura, o estado de alerta.

Faça você o que fizer, não o faça como se estivesse dormindo. Observe cada ato, cada pensamento, cada sentimento. Observe e mova-se. Cada momento é muito precioso — não o perca por estar dormindo. E se você usar cada momento como uma oportunidade para se tornar mais consciente, aos poucos a consciência irá crescendo. Um dia, subitamente, você descobrirá que há uma luz queimando interiormente. Se você se esforçar por ela, de repente um dia você amanhecerá um homem completamente novo —

seco, destacado, amando, mas de modo algum envolvido; permanecendo no mundo e todavia observando do alto das montanhas.

Este é o paradoxo que precisa ser realizado: permanecer no mundo e ao mesmo tempo observá-lo das montanhas. Ao mesmo tempo, simultaneamente, estar no mundo e não estar nele. E esta é a alma melhor e mais sábia. Você tem o potencial. Assim como cada semente pode se tornar uma árvore, você pode se tornar um Buda, um Heráclito, um Jesus. Mas terá de trabalhar muito para isso. Meias medidas não o ajudarão. Você tem de ferver completa-mente: a cem graus de ebulição a evaporação acontece.

A água é úmida, flui para baixo. O calor é seco — com o calor até a água flui para cima. Com a chama da consciência, até mesmo o que você tem pensado de errado se tornará certo.

O amor parece um emaranhado, uma prisão — com consciência, torna-se liberdade. A raiva inconsciente é uma força destrutiva, uma força suicida; ela o fere, o mata aos poucos, é um veneno — com consciência, a mesma energia é transfigurada, torna-se compaixão. De seu rosto vem a mesma irradiação, mas não pela raiva — pela compaixão. O mesmo sangue flui, a mesma química do corpo, mas um, novo elemento alienígena entrou e toda a química mudou.

É assim que os metais básicos são transformados em ouro. Inconsciente, você é um metal básico; consciente você se torna deus, você é transformado. Só é necessário o fogo da consciência. Você não precisa de nada, está tudo aí. Com o fogo da consciência acontece uma nova combinação. Lembre-se de que não lhe falta nada, você tem tudo o que um Buda precisa. Só está faltando uma coisa — e ela também está profundamente adormecida em você. Você só tem de acordar, tem apenas de fazer alguns esforços para estar mais alerta.

E lembre-se: é preciso esforçar-se agora mesmo. Heráclito acredita no esforço. Os Mestres Zen acreditam no não-esforço, Heráclito acredita no esforço — mas, no fundo, o não-esforço também é um esforço, porque você precisa alcançar esse estado de não-esforço.

No Ocidente, existe muita incompreensão em relação aos Mestres Zen porque eles falam do não-esforço. Mas veja: uma pessoa tem deficar com os Mestres Zen durante vinte anos, trabalhando muito para conseguir o não-esforço. Com Heráclito, o esforço é a base, e se você fizer um esforço real, automaticamente o não-esforço virá. Quando tiver feito tudo, você se tornará hábil nisso. Tornar-se-á tão hábil que não será preciso fazê-lo

— acontecerá. Se você se *esforçar* pela consciência, pouco a pouco não haverá necessidade de fazer nada sobre isso — ela já está aí, é exatamente como a respiração.

Mas assim como você é, Heráclito será mais útil do que os Mestres Zen. Os Mestres Zen chegaram ao ápice de uma escola, a escola budista. Mil anos de grandes esforços e então os Mestres Zen floresceram. Os Mestres Zen estão apenas no final de um longo esforço, de uma longa jornada. A planta está absolutamente pronta, então ela floresce. Não há nenhum esforço no florescimento. O que você faz? Nada é necessário — a árvore está pronta e floresce por si mesma. Mas para torná-la pronta foi necessário muito esforço. Pergunte ao jardineiro o quanto ele trabalhou. Você apenas olha para a flor e pensa: "Nenhum esforço é necessário. Ela vem por si mesma."

O Zen é o ápice de um longo esforço que começou com Buda. Heráclito é apenas o começo. E isso é uma pena: a mente grega perdeu Heráclito completamente, não conseguiu entendê-lo, e nunca conheceu um ápice — o florescimento nunca aconteceu. A mente grega seguiu um caminho totalmente diferente. Jamais ouviu a Heráclito e o florescimento nunca aconteceu. As sementes se perderam, nunca brotaram.

Mas foi também por isso que escolhi Heráclito — isso completará o todo. Tenho falado sobre os Mestres Zen; isso pode desviá-lo por ser o fim. Tenho de falar sobre Heráclito para que você possa entender também o começo, pois também em você é preciso que haja um crescimento do começo para o fim: você tem de se mover de Heráclito para Bashô, da semente para a flor.

Torne-se uma alma seca — sem se tornar insensível. Se você se tornar insensível, perderá. Então estará apenas seco, sem nenhuma consciência. O fogo não se converteu em consciência; ele simples-mente o secou. Isso não ajudará.

A vida seca muitas pessoas dessa maneira, automaticamente. Olhe para as pessoas velhas — estão secas. Olhe para uma criança — está úmida. Um velho está seco; a vida secou toda a umidade dele; pela batalha da vida ele se tornou insensível; só para se proteger ele se isolou — esse não é o ponto. Você tem de ser como uma criança — viva, elegante, graciosa, ágil — e ao mesmo tempo seca como um velho.

É isso o que se conta sobre Lao Tsé, uma bela estória, que ele já nasceu velho. Ao nascer tinha oitenta e dois anos; viveu no útero de sua mãe durante oitenta e dois anos. Esse é um belo fenômeno! Conta-se que nasceu com os cabelos brancos — é claro, oitenta e dois anos de idade! Era criança e ao mesmo tempo não era criança — muito velho, completamente seco. Desde a infância ele já era consciente. É, esse o significado: ele era perfeitamente consciente desde a infância.

Conta-se que Buda, ao nascer, a primeira coisa que fez foi dar sete passos. A primeira coisa! — devia ser muito velho. A primeira coisa, assim que saiu do útero. Nasceu em pé e andou sete passos... com perfeita consciência. A mãe não podia acreditar no que via. Todo o fenômeno era tão absurdo que dizem que ela morreu com o choque. Diz-se que sempre que uma mãe dá à luz um Buda ela morre! É demais! É inacreditável! Você não pode compreender.

Mas essas estórias dizem alguma coisa. Não são verdades literais — são simbólicas, metafóricas. Nunca pergunte pela história do Oriente. As pessoas aqui não acreditam em história. Acreditam em mitos e dizem que a história é inútil. O que é história? É só uma compilação de jornais, é puro lixo; são jornais velhos, só isso. Eles nunca acreditam na história, acreditam no mito. Dizem que o mito é a essência, a história está só na periferia, nos fatos. O mito é a própria essência de tudo o que há no centro.

Seja como uma criança e como um velho — seco, com todos os desejos conhecidos, acabados; com todas as experiências conhecidas, acabadas; você andou pelo mundo todo, alcançou a si mesmo, chegou finalmente em casa — sensível como uma criança e seco como um velho. E a sabedoria é só isso. É assim que alguém se toma sábio.

8
O Homem não é Racional
(28 de dezembro de 1974)

Embora este Logos seja eternamente válido,
ainda assim os homens são incapazes de compreendê-
lo — não só antes de ouvi-!o,
mas mesmo depois de tê-lo ouvido.

Deveríamos nos permitir ser guiados por aquilo que é
comum a todos.

Embora o Logos seja comum a todos,
a maioria dos homens vive como se cada um tivesse
uma inteligência privada.

A natureza humana não tem nenhuma compreensão
real; só a natureza divina a tem.

O homem não é racional;
só o que o cerca é inteligente.

O que é divino foge à percepção dos homens por causa
da incredulidade deles.

Apesar de intimamente ligados ao Logos as 'homens
mantêm-se contra ele.

Como alguém pode se ocultar daquilo que nunca se
estabelece?

O LOGOS é a lógica do Todo, a lógica da própria Existência. O Logos é a lei suprema. É o mesmo que Lao Tsé chama de 'no', que os Upanishads e os Vedas chamaram

de *Rit:* a harmonia cós-mica onde os opostos se encontram e desaparecem, onde dois se torna um, onde não há polaridades, onde todos os paradoxos são dissolvidos, todas as contradições desaparecem. O que Shankara chama de 'Brahma', Heráclito chama de 'Logos'.

A mente humana é lógica, e a lógica humana é baseada na polaridade. É como se você estivesse na margem de um rio e não pudesse ver a outra margem, e tudo o que você pensasse sobre margens de rios pertencesse a esta margem apenas — mas o rio flui entre duas margens, não flui com apenas uma. A outra pode estar oculta pelo nevoeiro, pode estar tão distante que não seja possível vê-la, mas ela *existe.* E a outra margem não é oposta a esta, porque no fundo do rio elas se encontram. São uma só terra e ambas sustentam o rio como duas mãos, ou como duas asas. O rio flui entre elas, é uma harmonia entre as duas.

Mas você está parado numa das margens; não pode ver a outra e por isso acredita apenas nesta — e cria um sistema baseado no conhecimento desta margem. E quando alguém fala da outra você acha que o estão contradizendo, pensa que estão lhe trazendo algo irracional e misterioso. E a outra margem terá de ser oposta porque só a tensão dos opostos pode manter o rio. Mas a oposição não é inimiga; a oposição é uma amiga íntima — é o auge do amor.

Este é o problema a ser resolvido. Se você puder solucioná-lo poderá entender Heráclito e todos aqueles que se tornaram Acordados, que conheceram a outra margem. Tudo o que eles disserem será contraditório porque eles precisam compreender ambas. Eles precisam compreender tanto o verão quanto o inverno, tanto o dia quanto a noite, tanto a vida quanto a morte, tanto o amor quanto o ódio, tanto o pico quanto o vale.

Quando alguém fala sobre o pico sem se referir absolutamente ao vale, suas afirmações são muito racionais; você pode entendê-las, são fáceis, são coerentes. Quando alguém fala do vale sem nunca se referir ao pico, também é racional. Todos os filósofos são racionais; você pode entendê-los com muita facilidade. Para entendê-los você só precisa de um pouco de treino e aprendizado, só isso, de uma disciplina. Mas os místicos são todos difíceis de se compreender. Na verdade, quanto mais você tenta compreendê-los, mais eles se tornam misteriosos — porque eles falam do pico e do vale ao *mesmo tempo.* Gostariam de falar sobre o pico e o vale simultaneamente.

Diz-se nos Upanishads: "Ele está longe e perto". Que tipo de afirmação é essa? Ou Ele está longe, ou está perto. Mas imediata-mente o sábio diz: "Ele está longe, e acrescenta: 'Ele está perto' ".

Ele é o maior e o menor. Ele é o átomo e o Todo. Ele está dentro e fora de você.

Heráclito disse que Deus é verão e inverno. Verão? — Ótimo, isso você pode entender. Só inverno? — ótimo, também; você consegue entender. Mas verão e inverno ao mesmo tempo? Aí você se confunde. Então a mente diz: "Essa afirmação é contraditória."

A lógica humana busca afirmações não contraditórias — e o Logos é contraditório. Usa a contradição assim como um arquiteto opõe os tijolos para construir um arco; coloca os tijolos em oposição. A oposição dá a tensão e a força, e sobre esse arco você pode erguer um grande edifício. Mas se você colocar os tijolos sem ser em oposição — de um modo lógico, coerente, assim como um pico ou um vale, esta ou aquela margem — se não colocar os dois, o edifício cairá; o arco não poderá ser construído. A tensão dos opostos é necessária para criar a força.

Por isso existem o homem e a mulher — eles são os tijolos opostos da vida. A própria oposição entre eles cria a situação para que esta vida possa existir; são as duas margens para que o rio possa fluir. Mas no momento em que você fala do pico e do vale ao mesmo tempo, isso se torna incompreensível.

A lógica humana é coerente. O divino Logos é contraditório, e *ao mesmo tempo* coerente.

A lógica humana é parcial. Tenta entender uma parte, e com isso evita tudo que a contradiga. Simplesmente quer esquecer tudo o que é contraditório. Mas o Divino é tudo. Ele não escolhe, tudo está envolvido... ele é vasto. Não é parcial, é total.

Esta é a diferença entre uma abordagem religiosa e uma abordagem filosófica. Uma abordagem filosófica é lógica; é por isso que Aristóteles diz que o homem é um ser racional. E Herádito diz que o homem é irracional — porque a sua própria razão o torna irracional. No momento em que você escolhe a parte, você falsifica o todo. Nesse momento, essa parte está só na sua mente. Na existência, essa parte está sempre com o oposto, nunca está só.

A lógica humana diz que Deus é masculino; e existem alguns crentes que acham que Deus é feminino — mas o Logos tem de compreender os dois. Por isso os Hindus têm o conceito verdadeiro, ele vem de Logos. Parece contraditório. Você deve ter visto imagens de Siva como meio-homem meio-mulher, metade com um seio, metade feminino, e metade masculino. Essa estátua parece absurda mas essa é a verdade. E todas as suas imagens de Deus como macho ou Deus como fêmea são irracionais; não são

verdadeiras — como Deus pode ser macho? De onde vem então o feminino? Em quem o feminino chegará? Em que fonte o feminino existe?

Você se refere a Deus como 'Ele'; isso está errado. E existem pessoas que se referem a Deus como 'Ela'; isso também está errado. Ele é 'ele' e mais 'ela' — mas então a mente não pode entender. A compreensão mental não é absolutamente compreensiva. Você só conseguirá entender quando tentar entender a partir da sua própria totalidade, não apenas da mente, pois dentro de você esses dois opostos se encontram. Você também é um *Ardhanarishwar;* você também é tanto ele quanto ela. Não é macho nem fêmea.

Se puder entender a sua própria totalidade, e se trouxer a sua totalidade para o universo, se voltar para o universo, você conseguirá compreender. Essa é a visão mística. Esse é o Logos.

Então, o que fazer? De um modo geral, você é treinado para ser um homem ou uma mulher. Desde o início ensinamos às crianças que: "Você é um menino — comporte-se como um homem"; e para a menina: "Você é uma menina — comporte-se como uma menina". Isso cria uma distinção cada vez maior, e os pólos se separam... Num mundo melhor ensinaremos a toda criança que: 'Você é ambos"; a diferença é apenas de ênfase. "Você não é menino nem menina. Você é ambos" — a diferença é apenas de *ênfase.* Então todo o conceito de civilização será diferente. Não haverá inimizade entre o homem e a mulher. Não haverá problemas sobre quem domina quem. E você será capaz de ver a totalidade do seu ser — e a totalidade é bela. A parte é sempre feia.

É como se você pegasse uma árvore e cortasse suas raízes. Por quanto tempo ela poderá viver? Você pegou o visível — a árvore é visível e as raízes são invisíveis — e cortou as raízes. A árvore cresce para cima e as raízes para baixo — você fez uma coisa coerente. Disse: "Não! Como essas duas dimensões opostas podem existir simultaneamente? A árvore cresce para cima e as raízes para baixo, então são duas coisas separadas — corte-as!" Foi isso o que aconteceu.

O homem é uma árvore visível; a mulher é como as raízes. É por isso que todos os velhos ensinamentos dizem que a mulher é terra e o homem é céu. Mas ambos estão juntos: o homem está enraizado na mulher, e a mulher está alcançando cada vez mais e mais alto através do homem — eles são um só. O céu e o inferno não são dois, são a mesma escada. Heráclito diz: "A subida e a descida são a mesma." Então o inferno e o céu não podem estar separados. Este é o Logos: ver toda a escada. Então Deus e o Demônio não são dois. Mas os teólogos não concordarão, dirão que você está criando uma confusão, que assim as pessoas ficarão confusas, não saberão quem é quem. Mas as

pessoas *estão* confusas, e estão confusas por causa da falsa lógica da mente humana, que é parcial. Na verdade, tudo é tudo o que há.

Numa exposição local de cães, Mulla Nasrudin distribuía os prêmios, mas estava muito preocupado com uma coisa. Preocupava-se com o modo das pessoas se vestirem. Disse então: "Veja! O que está acontecendo neste mundo? Olhe para aquele homem de cabelos curtos, calças compridas e cigarro na mão, com dois cachorrinhos. Agora não sei decidir se é um homem ou uma mulher, um rapaz ou uma moça."

Uma pessoa ao lado disse: "É uma garota; é minha filha."

Mulla Nasrudin disse: "Sinto muitíssimo! Se soubesse que você era a mãe dela não teria falado tão alto."

A mulher disse: "Não! Não sou a mãe — sou o pai!"

Agora está acontecendo um encontro dos sexos. Na maneira de vestir, de viver, está acontecendo um encontro. Isso é um bom sinal. O modo de vestir das pessoas está se tornando unisex — é um bom sinal! Não há necessidade de estabelecer essas diferenças. Um todo indistinto é a realidade.

As diferenças têm sido feitas pela mente e isso tem criado problema — porque você é ambos. Mas se você se fixar apenas no masculino, o que fará com sua mulher interior? E a mulher está aí. Às vezes ela quer se lastimar e chorar, mas você não pode — você é um homem e tem de se comportar como tal. Não ouve a natureza; ouve as teorias criadas pelo homem que lhe dizem que você é homem — mas a natureza criou glândulas lacrimais em seus olhos. Se a natureza pretendesse que um homem não chorasse nunca, então não existiriam glândulas lacrimais. Se a natureza quisesse que um homem não tivesse sentimentos, então não haveria coração. Mas um homem sente tanto quanto uma mulher. Então ele reprime a sua feminilidade; vai suprimindo-a — isso cria um conflito interior. Em vez de usar as polaridades opostas para fluir, em vez de usar as duas polaridades como uma tensão, a qual cria a vivacidade, você suprime a polaridade, o que o amortece, mata a sua sensibilidade; porque se um homem não for também mulher, ele é metade, aleijado, metade de seu ser foi reprimido. E esse ser reprimido se vingará. Mais cedo ou mais tarde ele enlouquecerá, porque a parte reprimida se voltará contra a parte dominadora.

A política não se passa apenas exteriomente; os políticos criaram uma política dentro de você. Criaram uma cisão, fizeram-no lutar consigo mesmo. Assim, a mulher está constantemente reprimindo a sua parte masculina. Essa parte irrompe. Vem à tona muitas

vezes porque ela está aí! Em vez de criar uma harmonia entre essas duas notas opostas, você tem estado guerreando, tem estado lutando, duelando. A situação teria sido bela se você tivesse criado uma harmonia; então uma qualidade superior do ser teria surgido dentro de você.

Lembre-se: todo crescimento é dialético. Essa palavra 'dialética' precisa ser entendida. É contrária a 'racional'. A razão é um processo 1inear, vai de um passo a outro passo, mas o plano permanece o mesmo: de A para B, mas o plano permanece o mesmo. É por isso que a razão é muito entediante. Não tem nenhuma qualidade de opostos; por isso é entediante.

Simplesmente observe: vinte pessoas estão sentadas, todas do sexo masculino, e então de repente entra uma mulher — imediata-mente há uma mudança de clima. Essas vinte pessoas estavam sentindo-se um pouco entediadas: todos homens, fatalmente entediados — a menos que sejam homossexuais. Se forem pessoas saudáveis fatalmente se aborrecerão. Entra uma mulher e imediatamente o clima muda. Você pode ver a mudança no rosto deles: começam a sorrir, tornam-se mais polidos, não usam palavrões, comportam-se — é só entrar uma mulher e tudo muda. Acontece um fenômeno sutil interiormente: a entrada da mulher torna-se uma profunda entrada para dentro deles mesmos, para dentro de suas mulheres interiores — eles se completam. Por um momento não são mais partes. Olhe para vinte mulheres sentadas, falando, falando, e entra um homem — imediatamente acontece uma mudança.

Quando há um só sexo, a mesma qualidade continua; torna-se um processo entediante. Dialética significa movimento através dos opostos. Tese, antítese, síntese: isso é dialética. Uma coisa contra a outra, então há aqui um desafio, uma tensão, e através dessa tensão surge uma terceira realidade; uma síntese. E a síntese é sempre melhor; está num plano superior.

A razão move-se horizontalmente, a dialética move-se vertical-mente.

Se você não tiver nenhum inimigo, se a sua vida for tal que você não se oponha a nada, você estará perdendo todo o sal da vida. Se você não se opuser a nada, não terá nenhum sabor, será como uma pedra morta e não como uma flor — porque do oposto vem o movimento, a energia, o desafio... e então você cresce. Quando um homem encontra uma mulher, um processo dialético se inicia. É por isso que o amor é tão bonito e é uma situação de crescimento tão grande. Relacionar-se com o outro é estar numa constante situação de desafio. Relacionar-se consigo mesmo é apenas entediante — não há oposição — a menos que você consiga encontrar o oposto em seu próprio ser interior; então pode mover-se sozinho.

Este é o significado: quando um homem se torna uma totalidade interior, não precisa da mulher. Quando a mulher torna-se uma totalidade interior, não precisa do homem. Chega um momento em que Buda move-se só, Mahavir move-se só — não precisam de nada. Não que a mulher seja má, mas agora eles encontraram suas partes femininas interiores, a dialética entrou em seus próprios seres — não há necessidade de criá-las fora. Interiormente, existe agora uma constante tese, antítese e síntese. Agora eles crescem sozinhos — mas também usam a mesma dialética.

Toda a vida é dialética, o Logos é dialético — e a razão é um processo do que é igual. Você pode pensar sobre isso nos seguintes termos: a dialética é heterossexual; a razão, o raciocínio, é homossexual. O racionalismo é homossexual. É por isso que no Ocidente a homossexualidade está crescendo, pois o Ocidente aceitou Aristóteles: a razão. Heráclito é heterossexual. Se ouvir a razão, toda a qualidade que vem dos opostos, toda a tensão, se perderá. E quando ela se perde, a vida se torna entediante. Quando ela se perde, a vida perde o *zest,* o entusiasmo, a esperança, a possibilidade, tudo se perde — porque todas as possibilidades s4o abertas pelos opostos.

Quando pela primeira vez você se apaixona, encontra o oposto. Imediatamente, é como se você tivesse criado asas, você pode voar; a poesia brota em seu coração. O que está acontecendo? O oposto criou alguma coisa em você. Só o silêncio não é tão belo, só o som não é tão belo, mas o encontro do som com o silêncio é muito, muito belo — é música. O encontro do som com o silêncio é música.

Observe quando alguém toca uma cítara, um piano, ou qualquer outro instrumento. O que acontece? O que a pessoa está fazendo? Está num processo dialético. Ela cria os sons, e entre dois sons cria um vale, um silêncio. Quanto mais alto o pico, mais profundo será o vale. Ela cria o som, cria o pico, move-se cada vez mais para o alto, alcança um clímax, e então, de repente. .. o intervalo, o silêncio. Se você ouve apenas o som e perde o silêncio entre dois sons, você não tem um ouvido musical. Quando ouve ambos, o som e o silêncio, o pico e o vale, *os dois juntos,* então encontra um novo fenômeno: cada pico cria um vale, cada vale cria um pico, ambos se movem como *yin e yang* — movem-se num círculo — então há música, a harmonia oculta existe.

O Logos é dialético, é heterossexual. Deus criou o mundo porque o outro é necessário — Deus sozinho não pode existir, o mundo sozinho não pode existir. Se você ouvir apenas o mundo, não chegará a conhecer a música interior da Existência. Se ficar cansado do mundo e o abandonar, ouvindo só a Deus — então de novo perderá a harmonia.

Quando você ouve o mundo e ouve Deus ao mesmo tempo, quando o mundo se torna o pólo oposto, quando o mundo se torna uma margem e Deus a outra, o rio flui — flui tremendamente, flui lindamente, e você ouve a harmonia.

Aquele que ouve a harmonia entre este mundo e Deus é um saniasin. Aquele que deixa o mundo está se movendo para o outro extremo. É lógico, racional, mas não dialético.

É por isso que nas lojas, nos mercados, quando você olha para as pessoas — são simplesmente insípidas... apenas deste mundo. De alguma forma elas vão trabalhando, vão sendo puxadas, arrastadas, porque existem — mas e daí? Estão fazendo alguma coisa. Mas não se ouve a música nelas: o oposto não está presente, não há prece, não há oração, não há meditação, não há silêncio. É por isso que nos mercados há apenas ruínas, é um caos. Depois vá aos Himalaias e aos mosteiros onde também há pessoas; os mesmos comerciantes que deixaram o mundo estão lá sentados. Neles também você descobrirá que não há vida; eles também são insípidos, a sujeira se acumulou sobre eles, estão mortos. Você encontrará pessoas mortas nos mercados assim como nos mosteiros. São as mesmas pessoas, apenas se moveram para o outro extremo. A harmonia se perdeu nos mercados e nos mosteiros.

Um homem harmonioso é complexo, sua simplicidade é muito, muito complexa — porque a oposição está envolvida na sua simplicidade. Ele tem uma profunda compaixão, mas pode ser raiva também. Está completamente destacado, mas também pode amar; ele ama e permanece destacado. Nele, o vale e o pico se encontram. Nele, o som e o silêncio se encontram. E se você tem um ouvido musical e um coração, verá harmonia nessa pessoa. Uma pessoa assim é rara, pois ela própria se transformou no Logos. Assim é Krishna, Lao Tsé, Buda, Heráclito, Jesus: eles vivem no Logos, são Logos em miniatura. O trabalho de seus seres é o mesmo da existência; em seus seres espelha-se a mesma existência. Não rejeitam nada, usam todas as coisas.

Um homem que tudo rejeita não sabe o que está fazendo. Se um homem rejeitar o som, rejeitará também o silêncio, pois ambos coexistem. Você já ouviu algum silêncio sem som? pois o silêncio tem seu *próprio* som. Se a noite está completamente silenciosa, sem tráfico, ninguém andando, todos dormindo, observe, ouça, e descobrirá que a noite tem seu próprio som — muito sutil, mas um som que lhe é próprio. E quando se entra profundamente dentro de si, na noite interior, onde todos os sons do dia cessaram, .aí também um som é ouvido. Os hindus o chamaram de *Aumkar,* o som Supremo, *Aum.* Ele é ouvido. Está presente. Quando o supremo silêncio desce sobre você, desce também o

supremo som — imediatamente! Estão juntos, não podem se separar. São dois lados da mesma moeda — silêncio e som. Sim, Deus é silêncio e também é som. Esse é o Logos.

Tente agora seguir este sutra. É muito significativo.

Embora este Logos seja eternamente válido, e ainda
assim os homens são incapazes de compreendê-lo —
não só antes de ouvi-lo,
mas mesmo depois de tê-lo ouvido.

Porque não se trata de ouvir ou não ouvir. Trata-se de crescimento interior.

Posso lhe falar sobre o Logos, posso tentar explicá-lo e você talvez até tenha um vislumbre intelectual do que é ele — mas isso não lhe dará compreensão. É o mesmo que falar sobre sexo para uma criança pequena. Você pode falar, pode trazer todos os seus Freuds e Reichs para falar, e mesmo que a criança ouça, como pode entender? Se ela for muito inteligente, entenderá intelectualmente, mas para entender o sexo é necessário que haja um crscimento biológico, uma certa maturidade das glândulas e hormônios. Para compreender o sexo a criança precisa chegar ao ponto em que ela deseja o sexo: só então poderá entender, senão, não.

Eu estava passando por uma rua e dois menininhos estavam andando na minha frente. Um devia ter sete e o outro oito anos. O mais novo dizia ao outro: "Estou indo para a escola com uma menina. Já carreguei a mala dela e seus livros umas oito vezes, e umas três vezes comprei sorvete para ela. O que você acha? — devo beijá-la agora ou não?" e outro ponderou e respondeu: "Pelo que vejo, você já fez bastante por ela. Não precisa fazer mais nada."

Para uma criança, é exatamente assim! Não se pode falar sobre sexo a uma criança. Primeiro, o desejo sexual tem de surgir; primeiro, ela tem de se tornar sexual. Esse é o problema também em relação à religião. Não se pode falar a ninguém a menos que o desejo surja. A religião é como o sexo. O sexo é o desejo de encontrar o oposto a nível de corpo, e a religião é o desejo de encontrar o oposto a nível de ser. É um desejo. É uma sede. Quando ela surge, só então se pode falar a respeito. Você pode levantar questões intelectuais; isso nada significa. Pode perguntar se Deus existe ou não; esse não é .o ponto. Você sente sede? Surgiu o desejo de encontrar o oposto a nível de ser — não a nível de corpo ou de mente, mas ao nível do ser, na sua totalidade? Você está pronto para esse salto? Então a compreensão é possível.

E por isso que Heráclito diz:

Embora este Logos seja eternamente válido. . .

O Logos está presente em todos os lugares — nas árvores, nas pedras, no céu, em todo lugar! — em você, à sua volta, o Logos está presente, pois toda a vida está trabalhando através dos opostos. É dialético, e se enriquece através dos opostos. Move-se através da antítese, eleva-se até a síntese, e de novo a síntese torna-se tese. Novamente a antítese é criada, e de novo uma síntese mais alta. A vida vai se movendo dessa maneira, É dessa maneira em todo lugar.

E isso é válido porque não é um argumento — é assim que a existência é. Lembre-se disso: Heráclito não está argumentando; está simplesmente fazendo uma afirmação. Eu também não estou argumentando, estou simplesmente afirmando um fato. É como as coisas são! É por isso que ele diz: "Eu mesmo os procurei..." e ele encontrou esta dialética, um processo dialético da existência. Esta é uma profunda percepção. É válida! Não há o que argumentar a respeito. É, como a existência é.

. . . ainda assim os homens são incapazes de
compreendê-lo — não só antes de ouvi-lo,

mas mesmo depois de tê-lo ouvido.

Porque ouvir não adiantará nada.

A menos que você mude, a menos que se torne aberto interior-mente, a menos que você não só tente seguir intelectualmente, entender intelectualmente, mas sentir, existir através disso, ingeri-lo como alimento e digeri-lo para que flua em seus ossos, torne-se parte da sua existência, só então...

Isso não são teorias. E você precisa de um crescimento interior antes de poder entendê-las.

Deveríamos nos permitir ser guiados por aquilo que é
comum a todos.

O que fazer então? Se você não pode entender antes de ouvi-lo, e não pode entender depois de ter ouvido, o que fazer então? Ele dá uma sugestão muito bonita e que pode tornar-se realmente uma ajuda para você. Ele diz:

Deveríamos nos permitir ser guiados pelo que é comum
a todos.

Embora o Logos seja comum a todos,

a maioria dos homens vive como se cada um tivesse
uma inteligência privada.

O Logos é comum a todos, é o terreno comum, o Logos é o continente comum. E vocês se imaginam ilhas, separados de todo o mundo, e seguem as suas próprias inteligências. Essa é a única estupidez possível: a inteligência privada é uma estupidez, a maior de todas. A existência é total, a inteligência também é, é do todo, portanto você devia olhar para o que é comum.

É isso o que os Mestres Zen dizem: "Sejam normais! Sejam comuns! Não tentem ser extraordinários."

Quanto mais comum você se torna, quanto mais normal você se torna, mais capaz você é de compreender o Logos. Não tente ser muito extraordinário, excepcional, pois quanto mais você tentar, mais será como uma ilha, fechado, enterrado em si mesmo. Estará perdendo então o que o prende à existência. Estará cortando as suas raízes, estará se desenraizando. Isso aconteceu no Ocidente: uma sensação de desenraizamento. Ninguém sabe onde estão as raízes. E quando você se sente desenraizado, você se torna egoísta, existe como uma entidade autosuficiente — e isso não é possível!

A existência está inter-relacionada, nós nos movemos um para dentro do outro. Quando estou falando com você, o que estou fazendo? Estou me movendo em você de um modo contínuo. Quando você está me ouvindo, está aceitando, está me dando uma porta. Você respira e a existência entra em você; você abre os olhos e o sol entra em você — a todo momento, vinte e quatro horas, você é um cruzamento:• milhares de pontos se encontram, milhares de linhas se encontram em você. Você não está separado! Pense nisso: você pode existir separadamente? Você pode viver totalmente isolado? Você morrerá dentro de segundos. Você é um ser poroso; a existência vem e move-se através de você. Você é como uma sala: o ar vem, o sol vem vai, o tempo todo; é por isso que a sala permanece limpa e fresca. Se você se fechar, morrerá.

Quanto mais aberto estiver, mais a existência fluirá através de você. E quanto mais a existência fluir, mais você será capaz de entender o que é o Logos.

Você não é. O todo é. Você é uma entidade falsa.

Daí a insistência de todos os lados na rendição. Não lute com a existência, porque você não sabe o que está fazendo, com quem está lutando. Como você pode lutar com a existência? É como se uma onda estivesse lutando com o oceano, uma folha estivesse lutando com a árvore — é tolice! E não tente ir contra a corrente: isso simplesmente o deixará exausto. Você se cansará e se sentirá frustrado porque não será bem sucedido.

Contra a existência não há sucesso possível.

É por isso que você e todo o mundo são um fracasso tão grande. Pergunte às pessoas que você considera bem sucedidas; todas são um fracasso. No fundo, elas perderam. Os seus Napoleões, os seus Hitlers, os seus Rothschilds, pergunte a eles — são fracassos, eles falharam. O que conseguiram? Eles lutaram, tentaram se mover contra a corrente, quiseram se tornar extraordinários de uma maneira ou de outra — e simplesmente destruíram a si próprios. Tentar ser extraordinário é suicídio; é um suicídio gradual, um envenenamento lento de todo o sistema. Renda-se à existência, flua com ela, onde quer que ela vá — quer queira quer não, vá aonde ela for.

A expressão 'quer queira, quer não' é ótima. 'Quer queira' significa: quer esteja de acordo com sua vontade ou não; 'quer não' significa: quer isso o negue ou não. 'Quer queira' significa vontade e 'quer não' significa contra a vontade. Quer queira, quer não, vá aonde for, renda-se, flua com ela. Nadar, nem mesmo nadar é necessário.

Por que ter um objetivo pessoal? Por que não se mover com o destino do todo? Por que você se preocupa tanto em conseguir algo por si próprio? E como conseguir? Você não pode — é simplesmente impossível. Somente o todo tem um destino, você não. Só o todo está indo a algum lugar, você não.

Se você se render ao todo, conseguirá tudo — porque você se transformará no todo, e o destino do todo se tornará o seu destino, o objetivo do todo é o seu objetivo. O objetivo não está em nenhum outro lugar — o todo é feliz aqui e agora, é cheio de graça aqui e agora. Só você está preocupado. Somente você está preocupado porque não está fluindo com o rio. Está tentando partir pequenas margens para você mesmo. E quem é você? E como você acha que isso é possível? Você simplesmente fracassará.

O homem sempre fracassa somente Deus triunfa.

Ouça:

> *Deveríamos nos permitir ser guiados pelo que é comum*
> *a todos.*

Olhe para a comunidade das coisas e descubra o comum: quanto mais comum, mais verdadeiro; quanto mais excepcional, mais falso. Seja ordinário — e você estará mais perto do chão, mais perto da verdade. Se conseguir ser absolutamente comum, o que mais será necessário? — pois cada momento torna-se uma graça tão grande... Qual é o problema de ser absolutamente comum?

Você come e comer é um sacramento. Você dorme e dormir é um sacramento. Caminha sob o sol o que mais é necessário? Você respira — o que mais precisa para ser feliz? Você ama — o que mais quer?

Todas as coisas já foram dadas; você está só tentando ser excepcional. Siga a regra geral, o comum, e não tente ser uma exceção, senão estará na miséria.

O inferno é para todas as pessoas extraordinárias. Elas podem estar na política, na arte, na literatura, onde quer que estejam, o inferno é para todos os gênios, para todas as pessoas extraordinárias, para todos os egoístas. O ego é o inferno, ele causa sofrimento — porque você começa a criar conflitos desnecessários em todas as coisas. Nunca está à vontade; o desconforto torna-se o seu estilo de vida — com o ego, você está sempre desconfortável. O ego é um desconforto; é um prego no sapato; espetando o tempo todo, mas você quer ser extraordinário. Então.

Eu estava sentado com Mulla Nasrudin quando sua esposa passou e saiu pela porta. Ele disse: "Olhe, lá vai uma grande mulher!" Eu perguntei: "O que você quer dizer com 'grande'?"

Ele disse: Ela está tentando usar um sapato número trinta e quatro num pé trinta e seis — lá vai uma mulher extraordinária!"

Ela estava sofrendo, mas tentando ser excepcional.

Na China isso aconteceu com milhares de mulheres. Só para que os pés diminuíssem, para que parecessem extraordinários, usavam sapatos de ferro. As mulheres chinesas sofreram durante muito tempo, durante toda a vida, porque eram quase aleijadas. Mas os pés grandes pertenciam aos trabalhadores, aos pobres, não aos ricos. Parece que a vida pertence aos pobres e não aos ricos. Assim, quanto mais alto era o status da mulher, a rainha... as rainhas da China, durante milhares de anos, nem mesmo conseguiam *andar,* tão pequenos eram seus pés. Era impossível porque os pés existem na proporção certa do corpo. Você não pode ter pés pequenos porque a natureza sabe mais do que você. Mas elas tentavam, tentavam melhorar a natureza, aperfeiçoar a natureza. Sofreram muito.

E essa é toda a miséria do homem, que pode ser reduzida a uma única lei: se você tentar o excepcional, sofrerá. Nada o satisfará; você estará sempre descontente.

Mulla Nasrudin foi internado num hospital. Estava doente. E criou um inferno à sua volta porque não há pessoa que reclame mais do que Nasrudin; reclama o tempo todo. Todo o hospital se viu em apuros — as enfermeiras, os médicos. Para se verem livres, cuidaram dele o melhor possível para que se recuperasse e fosse embora. Mas quando já estava bom e chegou o dia de receber alta, ele ainda reclamava. O doutor ouviu o barulho e perguntou à enfermeira: "Do que ele está reclamando agora? Não há do que reclamar. Ele vai embora hoje!"

A enfermeira disse: "Agora ele está dizendo: 'Como posso estar curado antes de terminar os remédios? Como posso estar bom antes que todos os remédios tenham acabado? Deve haver alguma coisa errada' ".

Esse tipo de mente automaticamente chega ao egoísmo. Quer encontrar alguma coisa errada. E quando você está à procura, sempre encontra — encontra mais do que quer. Este é o problema do mundo: você encontra tudo o que quer encontrar. Se você estiver tentando encontrar coisas erradas. . . o ego está sempre tentando isso porque precisa de um constante desconforto, ele existe no desconforto. Quando tudo está bem, o ego desaparece.

Chuang Tsé diz: "Quando os sapatos servem, o corpo é esquecido, os pés são esquecidos." E quando tudo é esquecido, como você pode se prender ao ego? O ego precisa de sapatos que machuquem o tempo todo para que você se lembre de quem é. É por isso que um egoísta não pode amar, não pode meditar, não pode orar, porque se ele orar realmente, então tudo se encaixa — e o ego desaparece. Ego significa consciência do eu. Quando alguma coisa está errada, só então há consciência do eu. Quando tudo está certo, não há consciência do eu.

Olhe para o comum, observe o comum — não tente ser excepcional. Mas nós queremos ser excepcionais.

As pessoas me procuram. Se eu digo a elas: "Sentem-se em silêncio, não se preocupem muito com meditação e prece, e aos poucos vocês crescerão", elas dizem: "Mas ficar simplesmente sentado?..." Elas querem algo excepcional. Se eu disser: "fiquem de cabeça para baixo", então tudo bem. É por isso que há tantos professores espalhados pelo mundo que o ensinam a ficar de ponta-cabeça — uma coisa difícil, desconfortável, mas atraente. As pessoas tentam posturas difíceis em nome da yoga. Simplesmente ridículo! Quanto mais ridículo, melhor; quanto mais difícil... se você não pode fazê-las, o

seu ego aceita o desafio. E as faz! Faz posturas absurdas, e acha que está fazendo grande coisa.

A vida é simplesmente grandiosa. Não há necessidade de melhorá-la. Se a natureza quisesse que você se sentasse ou se apoiasse na cabeça, ela o teria criado desse modo. Ouça a natureza e siga-a, sem criar conflitos com ela; siga-a e logo alcançará um *profundo* silêncio — que vem quando alguém se torna comum.

Há poucos dias — é um problema constante na Índia — um jovem me perguntou: "Devo ou não me casar?"

E eu lhe disse: "Seja comum. Por que não casar?"

Mas ele não estava querendo — *não* casar é algo excepcional. Casar é comum, ter filhos é tão comum, tornar-se um pai de família é tão comum...

Ele disse: "Mas todos os grandes homens são solteiros."

Eu lhe disse: "Se você quer sergrande, vá para outro lugar. Para mim, isso é ruim. Só me procure se você quiser ser comum." Seja qual for a sua natureza, sejam quais forem os seus sentimentos.... Pedi então a ele: "Olhe para dentro de si. Feche os olhos e diga-me o que *você* gostaria."

Ele disse: "É claro que eu gostaria de me casar, mas parece tão comum: desperdiçar toda uma vida com coisas comuns."

Mas toda a vida consiste de coisas comuns. E a grandeza não está nas coisas — a grandeza está na qualidade que você dá à vida, às coisas comuns.

Veja Jesus ceiando com seus amigos; parece mais comum que um Buda sentado ao pé da Arvore 'Bodhi'. Mas o gesto de ser comum é tão belo; beber, comer com os amigos, é tão belo, ninguém pode ser belo mais do que quando está sentado sob uma Árvore 'Bodhi'. Jesus tem a qualidade de ser simplesmente comum. Buda continuou um rei mesmo sob a árvore. Nasceu excepcional, extraordinário; viveu como um príncipe, foi educado como um príncipe; essa era a sua estrutura — mesmo sob uma árvore ele não e um mendigo. Quando você se aproxima dele, pode sentir. Se você encontrar um Jesus pela rua poderá deixá-lo passar — mas não poderá deixar passar um Buda. Mas eu lhe digo: Jesus está mais perto do Logos. Com Buda aconteceu assim porque ele foi educado desse modo; todo o seu passado foi assim. Mas quantas pessoas podem nascer como príncipes, e quantas podem ser educadas como tal? Jesus é mais humano, mas em toda a sua humanidade ele é divino, porque essa simplicidade consiste em seguir o comum.

Os jainistas e os budistas vêm a mim e dizem: "Mas isso é Jesus! — ele também bebe, come, como as pessoas comuns; convive com as pessoas comuns. Como se pode dizer que ele é da mesma envergadura de um Buda ou de um Mahavir?" Mas eu digo a eles que Jesus é exatamente como se deve ser. Mahavir ou Buda podem ser excepcionais, mas nem todos podem ser excepcionais, e não há ne-cessidade disso. Pode ser natural para eles, portanto é ótimo que sigam as suas naturezas. Mas milhares de pessoas, milhares e milhões, não podem sentar-se sob uma árvore sem fazer nada. Precisam mover-se no mundo, trabalhar e fazer coisas. E se não houver meios de alcançar o Logos de uma maneira comum, então isso continuará sendo apenas para alguns poucos escolhidos. Isso não parece justo; toda a existência então parece favorecer somente a alguns. Mas lembre-se: se a Existência só favorece alguns, se é parcial, então para que nascer? Não, a natureza nunca favorece ninguém — é para todos, para todos os que estão prontos a participar. Essa graça é para todos, se você estiver pronto para participar.

Jesus é um filho de carpinteiro, um homem pobre. E para milhares de pessoas também é assim. Uns são filhos de carpinteiros, outros de relojoeiros, outros de sapateiros — assim é a vida! Nós temos vivido muito de acordo com as pessoas excepcionais, e por causa disso tanta miséria tem sido criada desnecessariamente.

Viva de uma maneira comum, encontre o que é comum e não tente o incomum, senão o próprio esforço cortará as suas raízes do Logos.

O Logos é comum a todos;

mesmo assim, os homens vivem como se cada um
tivesse uma inteligência privada.

E se você viver de acordo com o que é comum, se seguir o comum sem tentar tornar-se um indivíduo, você estará mais próximo do Logos e será capaz de entendê-lo.

Este é o paradoxo: aqueles que tentam ser indivíduos excepcionais perdem, perdem toda a individualidade e perdem tudo o que é extraordinário; aqueles que permanecem com o que é comum, que são comuns, que não têm nada a reivindicar, aqueles que nunca se esforçam para serem individuais, conseguem a maior individualidade que a existência pode lhe oferecer. Aqueles que permanecem comuns são os mais extraordinários. Mas o extraordinário vem como um presente; não é nada que você faça, e nada pelo qual você esteja lutando.

A natureza humana não tem nenhuma compreensão
real; só a natureza divina a tem.

Sim, é assim que deve ser. Nós viemos do todo, e voltaremos ao todo. Chegamos desconhecidos e desconhecidos iremos. Não sabemos de onde viemos, e não sabemos para onde iremos. Todo o processo é misterioso. Como você pode ter uma inteligência privada?

Isso é um pouco difícil; tem de ser entendido muito profundamente. É um dos pontos mais importantes que Heráclito nos transmitiu.

A consciência também é comum. Assim como os peixes existem no oceano, no oceano comum, nós existimos numa consciência comum. A sua consciência e a minha não são duas, mas apenas dois centros da mesma consciência. Tudo o que está à sua volta é consciência. Somos todos forma, mas dentro da forma flui do mesmo modo o uno. É por isso que às vezes você também sente um terreno comum.

Alguém está triste. Não lhe diz nem uma palavra. Está sentado ao seu lado — de repente você sente que do outro espalha-se uma tristeza. Alguém está feliz, apenas feliz, sem lhe dizer nada — mas de repente você sente que uma felicidade está entrando em você. Se você introduzir uma pessoa triste no meio de vinte pessoas alegres, em poucos minutos ela sentirá uma mudança; o seu clima começará a mudar. Com pessoas tristes, você entristece. Fica de cara feia no meio de caras feias. Com pessoas felizes, você fica feliz. É por isso que você se torna criança quando brinca com elas. Brincando com crianças, de repente você se esquece do mundo e de todas as preocupações — torna-se como uma delas. É muito refrescante. Como isso acontece? Acontece porque a consciência é um fenômeno comum. Quando você brinca com uma criança tem de se tornar uma criança porque você e a criança se encontram no terreno comum.

Por causa disso, no Oriente, insiste-se em que estar simples-mente perto do Mestre, estar simplesmente perto de um Acordado, é algo muito valioso — simplesmente estar perto, na presença. No Ocidente não se entende isso: "O que quer dizer 'na presença'?" No Oriente dizem: "Vamos para um *darshan." Darshan* significa ver simplesmente o Mestre: sem nada perguntar, apenas esta na sim presença. Usam uma certa palavra para esse estar em presença — chamam-no de *satsang,* estar perto da verdade. Se você se senta em silêncio com um Mestre, mais cedo ou mais tarde um se dissolve no outro. A consciência se encontra. O Mestre entra em você, você entra no Mestre. Sem fazer nada, simplesmente estando perto do Mestre, um dia você pode alcançar — sem fazer nenhum esforço. Isso também é possível, mas então é preciso estar muito, muito aberto. Simplesmente sentado, em silêncio, sem fazer nada, sem criar nenhuma barreira, relaxando, você pode alcançar. Muitos alcançaram — porque a consciência é o oceano e nós somos os peixes dentro dela. E tudo afeta todo o mundo.

Tudo o que acontece nesta existência afeta a todos. Não apenas agora — tudo o que aconteceu no passado está nos afetando. E não apenas isso — tudo o que vai acontecer no futuro também está afetando, porque toda a existência culmina *neste* momento; passado, presente e futuro convergem e culminam.

Não existe a possibilidade de uma inteligência privada.

E essas pessoas que consideramos geniais e talentosas também sentem isso. Pergunte a Einstein ou a Madame Curie; eles também sentem isso. Einstein diz que tudo o que ele descobriu, descobriu nos momentos em que não estava em si quando subitamente foi possuído por alguma coisa — a consciência total. Pergunte aos poetas: dizem que sempre que algo acontece eles não estão em si. Tornam-se veículos — a consciência comum se apossa deles.

Madame Curie ganhou o prêmio Nobel. O prêmio Nobel deveria ser dado ao terreno comum. Ela fez o que pôde para encontrar uma solução para um problema matemático, e não encontrava o caminho. Durante dois anos lutou e lutou, então uma noite, cansada, sentiu sono. E no sono algo aconteceu — porque no sono você está mais aberto; no sono, você não é egoísta; no sono, você é ninguém; no sono, você não se prende a uma identidade. É por isso que de manhã você se sente fresco, mais jovem, rejuvenescido, pois esteve no terreno comum. Moveu-se para dentro da consciência, do oceano. Não esteve preso à inteligência privada. Por alguns segundos, abandonou-se ao Todo e o Todo o reviveu, o refrescou. Algo aconteceu durante a noite. Madame Curie levantou-se, foi à sua mesa, e escreveu a solução que há anos buscava. Depois dormiu e de manhã se esqueceu completamente do que havia acontecido à noite. Tomou seu banho, seu café da manhã, tudo, e depois foi para a mesa... ficou simplesmente espantada — lá estava a solução! "Mas quem fez isso?" Não havia mais ninguém — só ela estava na sala; havia apenas um criado, mas ele não podia ter feito aquilo. Ela trabalhara tanto — "O que está acontecendo?" Então olhou minuciosamente — era sua própria caligrafia! um pouco diferente, pois havia acontecido durante a noite, durante o sono. Então, ela fechou os olhos e tentou se lembrar do que havia acontecido. Viu tudo como num sonho: viu que se levantou, que fez alguma coisa, que escreveu...

A consciência é comum — e desnecessariamente você a proclama como sua. Nunca foi sua. Está sempre flutuando. Está em toda a sua volta. Torne-se mais poroso, mais permissivo, deixe-se levar profundamente — porque somente o todo pode entender o todo. Como pode a parte compreender o todo? Como pode um átomo compreender o todo? Mas o todo pode fluir através da parte, se a parte permitir... isto é meditação;

permitir que o todo flua; você desaparece completamente de cena.. . e então subitamente você se torna o todo.

A natureza humana não tem nenhuma compreensão real; só a natureza divina a tem.

O homem não é racional;

só o que o cerca é inteligente.

Não você, mas o oceano que o circunda, que o rodeia, que o envolve — *não você;* o que está dentro e fora de você, mas não é você, porque "você" é só uma fraude.

O homem não é racional;

só o que o cerca é inteligente.

O que é divino foge à percepção dos homens por causa da incredulidade deles.

Por você duvidar, por não poder acreditar, por não poder confiar é que o divino escapa à percepção dos homens — por causa da incredulidade.

Existe somente uma barreira, que é a dúvida. E só existe uma porta que é a confiança. Se você confia, tudo se assenta em seus devidos lugares. Se você desconfia da natureza, tudo é perturbado.

Mas por que é tão difícil ser natural? Somente uma dificuldade: se você for natural, não poderá ser alguém — não existe outra dificuldade. O sexo surge e você deixa que aconteça; o *brahmacharya,* o celibato, torna-se uma luta contra a natureza. Quando você não sente fome, você se força a comer; isso também vai contra a natureza. Quando não sente vontade de fazer amor e continua fazendo — porque a esposa precisa, porque a sociedade... uma coisa e outra — você vai contra a natureza. Natureza significa seguir o ser interior, seja o que for que ele sinta, sem nenhuma imposição do seu ego. Isso destruirá e massacrará o seu ego.

Viva como um animal — com *uma* única diferença: alerta. Só isso. Viva como um animal — com uma única diferença: consciente.

Não lute contra a natureza; seja apenas uma testemunha, permita-a. E onde for que ela o leve, ótimo. Todos os objetivos projetados por sua mente são falsos. E seja o que for que você faça, não será bem sucedido. No final, a natureza vence, porque no final,

somente o Todo pode ser bem sucedido. Por que então lutar desnecessariamente desde o princípio? Mas vejo pessoas lutando de milhares de jeitos — mudam de extremos, mas lutam.

No Oriente — no passado, também no Ocidente — as pessoas lutavam contra o sexo. Diziam que algo estava errado, que há algo errado no sexo — porque no sexo você se torna natural como um animal e todos os pregadores têm dito que você não deve ser como um animal. O que há de errado em ser animal? Olhe para os pássaros, olhe para os animais, vá às florestas e veja! Não vá aos zoológicos, porque lá não há animais reais; eles estão corrompidos pelos seres humanos. Procure o selvagem. O que há de errado com ele? Parece tão belo, não há nada de errado em torno dele, mas todos os moralistas, todas as pessoas chamadas religiosas têm ensinado: "Não seja um animal!" E o seu ego sente que esse é um objetivo. Como se pode ser um animal? E o sexo o traz totalmente à animalidade.

No sexo você se sente tão animal. Não se sente dessa maneira com nada mais — porque tudo o mais foi mudado, polido. Você pintou, educou, cultivou — tudo! Você come, mas fez um tal ritual em torno disso que não parece que isso esteja de modo algum relacionado com a fome — nada se relaciona com a fome! O que você come não é nutritivo; é uma demonstração, uma fachada. Tudo é falso, são flores de plástico por toda a volta. Mas quando você entra no amor, faz amor com uma mulher ou um homem, torna-se absolutamente animal.

Você tentou esconder isso também. É por isso que o homem faz amor à noite. Só o homem faz amor à noite; todos os outros animais fazem amor durante o dia. E se você fizer durante o dia será mais profundo, porque com o sol na atmosfera você é mais vital. A noite é para o repouso, mas o homem faz amor à noite porque os animais o fazem de dia, e tem de haver uma diferença. Que esforço egoísta é esse? E então, no escuro, nem mesmo com a luz acesa, de modo a não encarar a realidade de que você está se comportando como um animal. Não faz nenhum som enquanto faz amor. Na verdade, você faz amor como algo que precisa ser feito e acabado o mais rápido possível; em poucos segundos acaba. Você aprendeu a ser contra isso — e o seu ego se sente bem.

Agora, no Ocidente, a roda deu um círculo completo. Desde Freud e Wilhelm Reich que se vem ensinando cada vez mais sexo. E agora está acontecendo algo novo no Ocidente: se você não faz amor um dia, sente-se culpado. Parece que você tem de se sentir culpado, faça você o que fizer. Antes, você fazia amor e se sentia culpado: "Por que fazer amor?" Por que essa animalidade? Quando você transcenderá isso? Quando chegará o dia em que você não irá necessitar mais disso? Agora, no Ocidente, se num dia não está

sentindo vontade de fazer amor, se está cansado, sente-se culpado, acha que está fazendo alguma coisa errada — você tem de fazer amor.

Você tem de fazer alguma coisa, não pode permitir que a natureza siga o seu próprio destino. Para mim, as duas coisas são iguais, não há diferença.

No passado, não era permitido às mulheres sentir orgasmo, por que como uma mulher, tão pura, pode ter orgasmo? Uma mulher é uma deusa; deve se comportar como tal. Portanto, no passado, as mulheres apenas toleravam o sexo, deitavam-se como cadáveres, como corpos mortos. Mesmo que você faça amor com um cadáver, o cadáver se moverá um pouco, mas as mulheres não! — são deusas! De natureza tão pura, tão inocentes, não sabem o que está acontecendo; é o homem que as está levando a isso. Elas então apenas se deitavam de olhos fechados — pois se elas ficassem de olhos abertos, estariam sendo curiosas, estariam se interessando — de olhos fechados. Agora, no Ocidente, criou-se o oposto. Se uma mulher não atinge o orgasmo, então é um problema, algo está errado. Agora, é pecado não atingir orgasmo. Antes, o pecado era ter orgasmo.

Assim, no Oriente, e no passado também no Ocidente, as mulheres esqueceram-se completamente de que podiam alcançar o orgasmo. Esqueceram-se completamente de que um belo êxtase é possível através do sexo, porque se você não se move... se a natureza é permitida, os amantes serão completamente selvagens ao fazer amor: gritarão, farão ruídos, enlouquecerão — e isso é tão animalesco. Eles ficarão num êxtase tão grande. E se você puder se extasiar no amor, logo esse êxtase abrirá uma porta para um êxtase mais alto. Você transcenderá e só então acontecerá o real *brahmacharya* — e ele não é nada que você possa forçar a si mesmo; acontece através da própria natureza.

Quando se segue a natureza, alcança-se.

Não há necessidade de se fazer nenhum arranjo para que o objetivo supremo aconteça — a natureza já fez tudo. Você é uma *semente,* e quando você permite a natureza, *todo* o programa já existe. É como uma semente: nós a semeamos no solo e a semente já tem todo o programa — toda a arquitetura da planta, cada uma das folhas do que acontecerá no futuro, cada flor; a semente tem o programa inteiro — basta que a natureza seja permitida. Você tem de regar, tem de tomar conta, tem de contar com um bom solo, bons fertilizantes — e acabou! Não precisa fazer mais nada. Não precisa ensinar à semente: "Comporte-se assim ou assado. E não faça isso senão jamais será uma planta." Se você ensinar às sementes, as plantas não existirão no mundo porque as sementes ficarão total-mente loucas sem saber o que fazer. A semente depende da consciência universal, não da inteligência privada.

O homem está programado para ser um deus, nada menos que isso, só para ser um deus. O homem é a semente de Deus — porque a consciência humana é só um começo. Tem de crescer e crescer e crescer, e chegar a um ponto onde ela se torne universal. Para isso, *nada é* necessário da sua parte — *nenhuma* disciplina, *nenhum* credo, *nenhum* dogma, *nenhuma* religião, na verdade. A natureza é suficiente! Você tem simplesmente de permiti-la. Tem de ser receptivo a ela e agir com confiança, pois só na confiança você pode se mover.

Se a semente perguntar: "Quem garante que se eu sair da minha casca, que me cobre e me protege, me tornarei uma planta? Qual é a garantia? Se não houver garantia, não sairei", o que acontecerá?

Se o pássaro no ovo disser: "Como posso sair? Quem pode me garantir que o mundo será melhor do que este em que já estou?", o que acontecerá então? A casca é uma segurança, ela protege. No ovo, o pássaro está belamente protegido — mas isso não é vida. É como a morte — completamente protegido, é claro, mas protegido num túmulo. E quem pode oferecer essa garantia? Não há ninguém que garanta. Você precisa confiar.

A semente confia e se dissolve na terra, brota numa bela árvore, em flores, curte a existência, extasia-se.

O pássaro sai do ovo, deixa o conhecido pelo desconhecido, cria asas e voa pelo vasto céu. Ninguém sabe o que vai acontecer. Sem nenhum objetivo em vista, sem nenhum propósito, sem planos, apenas cria asas, extasia-se nos ventos, voa, vai aos mais longínquos cantos do céu — move-se no desconhecido.

É o que vai acontecer também a você. Você é uma semente, é um ovo, é uma possibilidade. E Heráclito atinge exatamente o ponto, chega ao ponto exato onde você se perde:

> *O que é divino foge à percepção dos homens por causa da incredulidade deles.*

Por duvidar, você perde. Confie e poderá alcançar. Nada mais é necessário — só confiar, para que a natureza possa se revelar.

> *Apesar de intimamente ligados ao Logos, os homens se mantêm contra ele.*
>
> *Como pode alguém se ocultar daquilo que nunca se estabelece?*

A existência vive sempre, sempre, sempre. Nunca se estabelece. Como você pode se ocultar dela? Ela permanece sempre, sempre. Como pode lutar com ela? O que você está fazendo é simplesmente ridículo, absurdo. É estúpido lutar. A única sabedoria consiste na rendição, no deixar acontecer. E então tudo o que é belo começa a acontecer. É um acontecimento. Não um fazer.

Você pode criar barreiras, mas não pode fazer com que aconteça. Pode fugir, pode fechar os olhos para isso, mas não pode criar — já está aí, já é o que é! Apenas você está perdendo, porque está sentado com os olhos fechados... a dúvida fecha seus olhos, a dúvida fecha seu coração, a dúvida — como se você estivesse dormindo, intoxicado pela dúvida.

Karl Marx disse: "A religião é o ópio do povo". A verdade é exatamente o oposto: a dúvida é o ópio, não a religião.

Através da dúvida você perde a verdade. Através da confiança você permite que a verdade o alcance, e se permite alcançá-la.

Medite mais sobre a confiança. Embriague-se do sentimento de confiança. Vibre com um coração confiante. Cante, dance, ore com um coração confiante, e logo verá que no final só a confiança vale a pena.

A dúvida pode matar. É negativa, não pode dar-lhe vida. Dúvida é morte.

Confiança é vida. E à medida que a confiança cresce cada vez mais, uma vida mais abundante torna-se disponível a você.

9
O Sol é Novo a Cada Dia
(29 de dezembro de 1974)

Este universo
que é o mesmo para todos,

não foi feito por nenhum deus ou homem, mas sempre
existiu, existe e existirá —

um fogo eternamente vivo,

que acende a si próprio por medidas regulares e se
apaga por medidas regulares.

As fases do fogo são o desejo e a saciedade.

O sol é novo a cada dia.

Não há nenhum Deus como criador separado do mundo, e não' pode haver — porque a criação, o criador e a criatividade são a mesma coisa, não estão separados. A existência é uma só — como podem então o criador e a criatura estarem separados? A existência em si é divina. Não existe nenhum criador que a esteja criando. Ela mesma é a criadora. Ela mesma é a criatividade.

Heráclito é um não-dualista. Todos os que conhecem acabam sabendo que essa dualidade existe por causa da mente, porque a mente não pode ver o um, só pode ver o dois. No momento em que percebe qualquer coisa, ela divide. Com a mente, o outro é necessário. Se ela vê a criação, pensa imediatamente no criador, pois "Como a criação é possível sem um criador?" Mas se com essa mente você encontra o criador, então novamente ela achará que deve haver algum outro criador — "do contrário, como este criador poderia existir?"

A mente é uma regressão infinita. Está sempre dividindo. É por isso que a mente jamais alcança qualquer estado conclusivo. A filosofia crê na mente; é por isso também que a filosofia nunca chega a uma conclusão. É preciso ver a totalidade sem que a mente interfira, pois a mente é o fator de dualidade: ela divide.

A divisão é a natureza da mente. Se você diz 'dia', ela imediatamente introduz noite, pois 'como pode haver dia sem noite?' Se você diz 'amor', a mente introduz o ódio: "Como pode haver amor sem ódio?" Se você traz a vida, a mente traz a morte: "Como pode haver vida sem morte?" Mas a vida e a morte são uma só — um só fenômeno, uma só energia.

A vida é a manifestação dessa energia, e a morte é um novo relaxamento. Vida é chegar a uma forma, e morte é mover-se outra vez para a não-forma. O fim e o princípio se encontram.

A vida não está separada da morte; a morte não está separada da vida — encontram-se e fundem-se. Até mesmo dizer que elas se 'encontram' não está certo, posto que porque a mente imediata-mente diz: "Se há um encontro, então deve haver dois". Não é um encontro. É um fenômeno.

Heráclito diz 'desejo e saciedade' — são dois. Você sente fome, come e sente-se satisfeito. Já observou que a fome e a saciedade são uma só? Têm de ser uma só, porque a mesma coisa, o alimento muda ambas. O alimento torna-se uma ponte entre a fome e a saciedade, o desejo e a ausência de desejo. Se estivessem realmente separadas, separadas, não poderiam ser ligadas. Se fossem realmente diferentes, não haveria qualquer possibilidade de uma ponte. Então a fome permaneceria fome e a saciedade permaneceria saciedade. Onde se encontrariam? E como se encontrariam? Mas elas se encontram.

A mente pensa que a fome é contra a saciedade. Tente entender isso. Vá um pouco mais a fundo. A mente diz que a fome é diferente da saciedade; mas quando você está satisfeito, um novo ciclo começa, o qual trará fome; e quando você sente fome, um novo ciclo se inicia, o qual trará saciedade. São dois ou apenas um único fenômeno? Quando você come, a fome desaparece, mas no momento em que a fome desaparece um novo ciclo se inicia.

A nova manhã é o começo da noite. O novo nascimento é o início da morte.

Mas você não pode ver tão longe. Toda manhã você sente fome, come e sente-se satisfeito. À noite está de novo com fome, então você come e sente-se saciado — mas

jamais vê que as duas coisas são uma só. Uma contribui para trazer a outra. Se você nunca tem fome, como pode se sentir satisfeito? Existe alguma possibilidade de saciar-se se você nunca sente fome? Se você nunca tem fome, não pense que está num estado de saciedade — a saciedade não acontece sem a fome. Se não houver manhã, não pense que haverá uma eterna noite — não haverá nenhuma noite. E se não houver morte, não pense que haverá vida eterna — não haverá vida alguma . porque a morte cria a situação, estabelece um fenômeno de energia. Toda vida traz a morte, toda morte traz de novo a vida.

Para a mente, elas parecem ser duas porque a mente não pode ver através dos opostos. Quando você não vê pela mente, do ponto de vista lógico, quando olha simplesmente para dentro do fenómeno em si, olha para a sua totalidade, os dois desaparecem e um só permanece.

É o que acontece com Deus como criador e o universo como criação. Não só as pessoas comuns são enganadas pela mente — os grandes teólogos também são enganados por ela. Eles também dizem: "Deus criou o mundo." Essa afirmação é imatura, é infantil. Ninguém criou a existência — ela é. Está simplesmente aí! Porque se você introduz a criação surgem então milhares de problemas. E é por isso que os teólogos levantam mais problemas e nenhuma solução. Eles criam uma teoria, uma hipótese para solucionar vários problemas — e nada é solucionado. Pelo contrário, surgem em torno da hipótese novas questões. Eles tentaram solucionar o problema da existência introduzindo Deus, Deus a teria criado, então criaram milhares de problemas. E não foram capazes de solucioná-los.

Uma vez que você começa por uma linha errada, estará sempre perdendo, pois uma coisa leva à outra. E há uma relação: se uma coisa estiver errada, levará a uma outra proposição errada. A menos que você comece desde o início em direção à verdade, jamais chegará — pois o início é o fim.

A teologia introduz Deus para solucionar alguns problemas; porque *existem* problemas: "Quem criou o mundo?" Surge a curiosidade: "Um fenômeno tão belo! — quem o criou?" A mente sente uma coceira — isso deve ter uma resposta. "Quem criou?" Mas a primeira coisa a perguntar é se a pergunta está certa. Nunca levante uma questão sem antes perguntar: "Esta questão é relevante?" E qual é o critério para saber se uma questão é relevante? O critério é que se a questão for de tal forma que, seja qual for a resposta dada, ela possa ser feita novamente — então ela é irrelevante, não é correta.

Você pergunta: "Quem criou o mundo?" Alguém diz: "Deus!" Pode-se fazer a mesma pergunta novamente: "Quem criou Deus?" A pergunta não muda, nem um pouco.

A mesma questão continua sendo relevante. Então alguém diz: "Deus A criou o mundo", e você pergunta: "Quem criou o Deus A?" A pessoa responde: "O Deus B", e então você pergunta: "Quem criou o Deus B?" E a resposta é: "Foi o Deus C quem criou o Deus B" — mas a pergunta continua a mesma de modo que todas as respostas são falsas. Se a questão não está mudando nem um pouquinho, então você não está absolutamente progredindo em direção à verdade. E se *todas* as respostas a uma dada pergunta são falsas, então, por favor, medite novamente sobre a pergunta. A questão deve estar basicamente errada; senão, como poderiam estar erradas as respostas? Pelo menos uma resposta tem de estar certa — mas nenhuma resposta provou ser verdadeira. Os hindus, os muçulmanos, os cristãos, todos têm apresentado respostas, mas a pergunta permanece. Milhares de anos trabalhando sobre a questão 'Quem criou o mundo?' e não houve nenhuma resposta que satisfizesse. Isso significa que na própria base, desde o princípio, você tomou a linha errada de pesquisa, uma atitude errada — desde o princípio.

Então, a primeira coisa quanto a uma pergunta é questionar a própria pergunta, se ela é relevante.

Esta questão é irrelevante: "Quem criou a existência?" — por muitas razões. Porque, então, é possível perguntar: "Por que *Ele* a criou? Qual foi a necessidade? Por que Ele não pôde viver sem criá-la? Que desejo se apoderou Dele? E se Deus criou este universo, por que tanta miséria, tantos sofrimentos e sofrimentos que não podem ser avaliados? Uma criança nasce aleijada, cega, doente — porque? Se Deus é o criador não pode Ele corrigir o padrão do mundo? Ou o seu Deus é um pouco neurótico? Gosta do sofrimento? É um sádico? Gosta de torturar? Milhares de pessoas morrendo numa guerra? Sendo mortas, atiradas ao fogo e às câmaras de gás? Ele é o criador e simplesmente não se preocupa! Não pode nem fazer parar um Hitler matando milhões de judeus — desnecessariamente, sem razão nenhuma. Que tipo de criador é esse? Se Deus criou o mundo, então Ele deve ser um Demônio, pois o mundo não parece ser muito bom. Não parece ter surgido do bem, parece incoerente com o que é bom. Deus significa 'bondade', e este mundo não mostra qualquer sinal de bondade — exploração, violência, guerra, matanças, misérias, angústia, tensão, loucura. Para que foi tecida esta criação? E se Deus é responsável, então Ele é o maior criminoso..."

Esses problemas surgem e os teólogos não podem resolvê-los. Então têm de criar mais teorias falsas. Eles dizem que há também um Demônio, e que isso é um trabalho do Demônio. Mas caem em suas próprias armadilhas. Primeiro, eles criam Deus, dizem que Deus criou o mundo, depois inventam o Demônio porque não podem explicar o mundo pela bondade. O mundo parece tão mal que eles precisam inventar um Demônio. Surge então a questão: "Quem criou o Demônio?" E assim por diante. E eles se dedicam a um

esforço árido, que não os leva a lugar algum. Ninguém lê os seus grandes vo-lumes sobre teologia — ninguém! Porque se você começa, não chega a lugar nenhum, mas eles continuam. Parecem um gramofone quebrado: vão repetindo a mesma coisa; você vai fazendo as mesmas perguntas e eles o vão rodeando.

199

A teologia é como o tatear do bastão de um cego. Nem um só problema é resolvido. A teologia é o esforço mais inútil que o homem já empreendeu. E ela começa com: "Deus criou o mundo."

Homens como Heráclito, Gautama Buda, Lao Tsé ou Zaratustra não falam dessas coisas. Dizem simplesmente: "A existência é Deus. Ninguém a criou. Não existe um criador que seja responsável por ela, portanto não levante questões desnecessárias. E não perca seu tempo com respostas desnecessárias."

A existência é — e Deus não está separado dela. Deus é a existência, a totalidade, não um ser separado, uma pessoa — a totalidade. Ela vem dela mesma... e se dissolve.

Heráclito diz: ela é o fogo. O fogo é um belo símbolo. Dá a você uma energia muito dinâmica, indica que a existência é uma energia dinâmica, dialética — move-se por si mesma.

Quando você diz 'energia', isso significa algo. Quando você diz 'Deus', moveu-se para dentro de algo que não levará a lugar nenhum.

A energia é verdadeira.

Você pode senti-la aqui e agora: você é energia, os pássaros cantando nas árvores *são* energia, as árvores crescendo para o céu são energia; as estrelas se movendo, o sol erguendo-se diariamente — tudo é energia. E a energia não é boa nem má. A energia é sempre neutra. Assim, não há necessidade de criar nenhum Demônio, não há necessidade de explicar nada — a energia é neutra.

Se você é miserável é por sua causa, não por causa de Deus ou do Demônio. Se você é miserável, está se comportando com a energia de forma errada. Será feliz e cheio de graça se se mover com a energia. Quando você se move contra ela, o responsável é você. Lembre-se: se não existe nenhum Deus então você é responsável por tudo o que acontece. E se *você* é responsável então há uma possibilidade de se transformar a si mesmo. Se Deus é responsável, então como alguém pode se transformar a si mesmo?

Deus parece ser um truque da mente para jogar a responsabilidade sobre os outros, pois a mente está sempre fazendo isso. Seja o que for que aconteça, você sempre joga a responsabilidade em alguém. Se está com raiva, alguém o insultou — e *esse alguém* provocou a raiva. Se está triste, alguém o está deixando triste e infeliz. Se está frustrado, alguém está bloqueando o seu caminho. Sempre alguma outra pessoa é responsável, nunca você. Esta é a atitude da mente: responsabilizar alguma outra pessoa. Então você se livra da responsabilidade.

Mas... é por isso que você é miserável. A responsabilidade é sua. E se você a toma como sua, pode fazer alguma coisa a respeito.

Se for de outra pessoa qualquer — o que se pode fazer? Se são os *outros* que provocam a tristeza, você permanecerá sempre triste porque não nada pode fazer a respeito. Milhares de pessoas estão à sua volta. Se são os outros que o deixam frustrado, nada pode ser feito. Você permanecerá frustrado, esse é o seu destino — pois como se pode mudar os outros?

Se você é responsável — imediatamente torna-se o senhor, Agora pode fazer alguma coisa. Pode mudar a si mesmo, pode mudar as suas atitudes. Pode olhar para o mundo com uma atitude diferente, pode sentir que, se está miserável, em algum lugar não está ajustado ao sistema total de energia. É isto o que significa pecado: estar desajustado, sem saber se mover nesse sistema total de energia. E o sistema de energia é neutro. Se você o obedecer, será feliz. Se não o obedecer, será miserável.

Esse é o Logos, o *Rit,* o Tao.

Por exemplo: se você está sentindo sede e não bebe água, sente-se miserável, pois nesse sistema de energia a água lhe dá saciedade, e a sede desaparece. Se está sentindo frio, você vai para perto do fogo, pois nesse sistema de energia o fogo é a fonte de todo calor, de aquecimento. Mas se ao sentir frio você se afasta do fogo, então se sentirá miserável. *Ninguém é responsável.* Se ao sentir sede, calor, você se aproximar do fogo, estará no inferno!

Ouvi contar que um homem, um grande pecador, morreu. Todos sabiam que ele ia para o inferno. Era certo. Era óbvio. Não havia o que questionar. E quando o enterro — ele era um grande pecador, mas era também um grande líder, um homem muito rico, pois o pecado traz muito sucesso, vale a pena deste mundo, daí milhares de pessoas o acompanhavam, todas elas certas de que o homem ia para o inferno, mas mesmo assim ele era um homem poderoso — quando o enterro estava se dirigindo para o cemitério, um caminhão carregado de carvão, acidentalmente, entrou na rua e começou a seguir o

féretro. Por coincidência, o caminho do caminhão era o mesmo do féretro. Mulla Nasrudin, um dos presentes, exclamou: "Eu tinha absoluta certeza de que esse homem ia para o inferno — mas não podia imaginar que ele havia providenciado o seu próprio carvão!"

O inferno é quente, é fogo. Mas eu lhe digo: você está providenciando o seu próprio carvão.

É assim que as coisas são. Se você for contra a natureza, será miserável. Miséria significa mover-se contra a natureza; e a miséria é uma boa indicação — se você entender. Ela mostra que em algum ponto você está errado, só isso. Coloque as coisas no lugar! A miséria é um auxilio. A angústia, a ansiedade, a tensão, indicam que em algum lugar alguma coisa está errada. Você está com o total. Em algum lugar você começou um movimento seu, privado — por isso está na miséria.

Heráclito diz: A inteligência privada é falsa. A inteligência está com o Todo. Não seja esperto demais. Você não pode ser inteligente por si mesmo. Se você se mover com a Existência, será inteligente, terá uma clareza de percepção, será sábio. Se você se mover por si mesmo, será um tolo.

Um idiota é uma pessoa que está completamente fechada em si mesma, está enterrada. Não tem contato com o sistema total de energia. Essa é a sua idiotice. E um homem sábio é aquele que não está fechado de modo algum — o ar flui através dele, o cosmo flui através dele. Ele não tem barreiras, não tem portas fechadas. Não tem nenhuma privacidade de ser. É poroso. E sempre que ele se sente miserável, imediatamente se acerta, imediatamente percebe a indicação. É um sintoma! É como a doença: quando você não está se comportando naturalmente com o seu corpo, alguma doença irrompe. A doença é amiga. Ela mostra: "Comporte-se, mude essas maneiras! Em algum lugar você está indo contra a natureza." Se você não come durante dois ou três dias, sentirá tonturas, fome, tristeza. O corpo inteiro está dizendo: "Coma!", pois o corpo precisa de energia.

Lembre-se sempre: a energia é neutra, portanto, toda a qualidade do seu ser depende de você. Você pode ser feliz, pode ser infeliz — depende de você. Ninguém é responsável.

Quando sentir fome, coma. Quando sentir sede, beba. Quando sentir sono, durma. Não force a natureza.

Você pode forçá-la por algum tempo, porque existe essa liberdade. Se quiser jejuar, poderá fazê-lo por alguns dias, mas se sentirá cada dia mais fraco, cada dia mais miserável. Se não quiser respirar, você pode parar de respirar por alguns segundos, mas só por alguns segundos — essa liberdade é possível. Mas não é muita coisa, logo você sentirá um choque, uma sensação de morte se não respirar bem.

Todas as misérias existem para indicar que em algum ponto você está errado, saiu da trilha. Volte imediatamente! Se você começar a ouvir o corpo, a ouvir a natureza, ouvir o ser interior, será cada vez mais feliz. Torne-se um bom ouvinte da natureza. Ouça o Logos. Ouça aqueles que despertaram para o Logos e você os achará naturais. Eles não forçam nada, não empurram o rio, simplesmente fluem com ele — e por isso estão cheios de graça.

Não há nenhum Deus que seja responsável.

Nós criamos Deus a partir do nosso próprio medo, necessidade e desejo. Sentimo-nos tão impotentes em nossas misérias, tão impossibilitados, tão desamparados em nossa dor, que por medo criamos um Deus a quem possamos rezar, a quem possamos dizer: "Não me dê tantos problemas"; a quem possamos venerar e sentir que se nós o venerarmos, cada vez mais ele será favorável a nós.

Você acha que Deus pode ser preconceituoso? Você acha que Ele ficará do seu lado só por rezar? Que se você não rezar então ele não estará do seu lado?

Uma criança aprendeu com seus pais: "Se você não se comportar bem, Deus o punirá." No passado, a criança era sempre posta no bom caminho. Se não se comportasse bem ou se fizesse alguma coisa que os pais não achassem boa, eles usavam este truque: "Deus punirá você; ficará zangado", e isso sempre funcionava. Mas dessa vez a criança riu e disse: "Não estou preocupado com Deus, Ele não me conhece!"

Os pais disseram: "Isso é novidade! Você nunca disse isso antes. Como ficou sabendo que Ele não o conhece?"

A criança disse: "Durante duas semanas não rezei e não aconteceu nada. Assim, ou Ele pensa que estou morto, ou se esqueceu completamente de mim. Não tenho mais com quê me preocupar. Agora estou livre! Foram duas semanas e não houve nenhuma indicação..."

Nós criamos Deus a partir das nossas necessidades. Deus não o criou. Você é que criou Deus. É uma necessidade sua porque é impotente. E então projeta Nele tudo o que você deixou passar. Se você é impotente, diz que Ele é onipotente. Se você é ignorante,

diz que Ele sabe tudo. Se está cego e tateia na escuridão, você diz que Ele é onisciente. Isso é um truque da mente. Tudo que você perde em si mesmo, projeta Nele, e então pensa que o equilíbrio foi recuperado: "Agora posso rezar a esse Ser onipotente, onisciente e onipresente, e Ele me ajudará."

São truques. Você só pode ser ajudado por si mesmo. É claro que a natureza estará com você se *você* estiver com a natureza. Nenhuma outra prece funcionará. Essa é a única prece.

Para mim, orar é sentir, é fluir com a natureza. Se você quiser falar, fale, mas lembre-se, o que você disser não irá afetar a existência. Afetará você, e isso pode ser bom, mas rezar não irá mudar a mente de Deus. Poderá mudá-lo, mas se não o estiver mudando é um truque. Você pode rezar durante anos, mas se isso não o mudar, esqueça, jogue fora, é lixo; não continue mais.

A prece não vai mudar Deus. Você sempre acha que se rezar, a mente de Deus mudará. Ele será mais favorável. Ele dará um empurrãozinho para o seu lado.

Não há ninguém ouvindo você. Esse vasto céu não pode ouvir. Esse vasto céu pode estar com você se você estiver com ele — não existe outra maneira de rezar.

Eu também sugiro que se ore, mas orar precisa ser um fenômeno de energia; não um fenômeno devoto-Deus, mas um fenômeno de energia. Torne-se simplesmente silencioso, simplesmente abra-se. Levante as mãos para o céu, as palmas voltadas para cima, sentindo a existência fluindo através de você.

Conforme a energia, ou *prana,* flui pelos seus braços, você sentirá um suave tremor — como uma folha na brisa, tremendo. Permita, colabore. Então deixe todo o seu corpo vibrar com a energia, deixe acontecer tudo o que estiver acontecendo.

Você sentirá novamente um fluxo com a terra. Terra e céu, alto e baixo, ying yang, macho e fêmea — flua, dilua-se, abandone-se completamente. Você não está. Torne-se um... imerja.

Depois de mais dois minutos, ou sempre que se sentir preenchido, curve-se para a terra e beije-a. Torne-se simplesmente um veículo, permitindo que a energia do divino una-se à da terra.

Esses dois estágios devem ser repetidos seis vezes para que cada um dos *chakras* seja desbloqueado. Pode-se fazer mais vezes, mas se fizer menos você se sentirá inquieto e não conseguirá dormir.

É melhor fazer essa prece à noite, no quarto escuro, e imediatamente depois deitar para dormir; ela pode ser feita pela manhã, mas então precisa ser seguida por quinze minutos de repouso. O repouso é necessário, ou você se sentirá como bêbado, um torpor.

A prece é esse imergir na energia. Ela o muda. E quando *você* muda, toda a existência muda — porque com a sua atitude, toda a existência muda para você. Não que a existência esteja mudando — ela permanece a mesma — mas agora você está fluindo com ela, não há nenhum antagonismo. Não há nenhuma luta, nenhuma disputa — você se rende a ela. Fora isso, tudo o mais são truques. E o homem os vai inventando.

Ouvi contar que isso aconteceu: um rabino chegou com seu cavalo a uma aldeia. Ia para uma outra cidade qualquer. Estava muito cansado, queria repousar um pouco e entrou numa hospedaria, deixando seu cavalo sob um árvore com algum capim para que comesse e também descansasse.

Mulla Nasrudin estava sentado sob uma outra árvore, bêbado. O cavalo era bonito. Ele se aproximou para olhar. Quando atai perto do cavalo passou um homem, um comerciante de cavalo. O cavalo era uma coisa rara, realmente belo. Perguntou a Nastudin: "O cavalo é seu?"

Bêbado, ou pensando que seria muito bom se o cavalo fosse dele, Nasrudin respondeu: "Sim".

Mas uma coisa leva a outra. O homem perguntou: "Gostaria de comprá-lo. Quanto você quer por ele?"

Nasrudin se viu em apuros. Resolveu pedir um preço simplesmente absurdo para que não tivesse nenhum problema. Disse: "Duas mil rúpias."

O cavalo não valia mais do que quinhentas rúpias, assim ninguém iria pagar duas mil e isso encerraria o assunto. Mas aconteceu que o homem disse: "Está bem, tome as duas mil rúpias."

Agora ele estava em dificuldade. Mas duas mil rúpias. Pensou então: "O rabino está lá dentro e não sabe de nada — por que não pegar esse dinheiro? Não há ninguém olhando, e não há nenhum problema."

Logo que o cavalo se foi, o rabino saiu. Nasrudin não sabia o que fazer — tinha duas mil rúpias e estava tão bêbado que nem correr podia. Começou a trabalhar então a sua mente; encontrou a solução. Pôs-se de quatro como se fosse um cavalo e agarrou com

os dentes um pouco de capim. O rabino não podia acreditar no que estava acontecendo. Disse: "O que está fazendo? Está louco?"

Nasrudin disse: "Antes ouça a minha estória."

Agora sua mente trabalhava rápido — ele havia se tornado um teólogo: ele planejava uma resposta, depois outra pergunta, e então caiu na sua própria armadilha. Disse: "Há vinte anos atrás eu era jovem e pequei com uma mulher. E o que fez Deus? Ficou tão zangado que me puniu, transformando-me num cavalo — no seu cavalo, rabino. Durante vinte anos o servi, mas parece que agora a punição acabou e de novo recuperei a humanidade."

O próprio rabino começou a tremer, vendo que um pecador havia sido punido — e quem não peca? O próprio rabino pecava com muitas mulheres, e começou a tremer diante do fenômeno. Caiu de joelhos e começou a rezar. Mas havia então um problema prático a ser resolvido. Disse: "Tudo bem. Mas preciso ir à cidade, o que faço?"

Nasrudin sugeriu: "O mercado não é muito longe. Você pode comprar um cavalo."

O rabino foi ao mercado — e lá estava o seu cavalo com o comerciante! Começou a tremer outra vez. Chegou perto do cavalo, perto do ouvido dele, e disse: "O quê, Nasrudim! Assim tão rápido?"

E a mente continua sempre e sempre — usando truques, criando um deus, depois rezando, sendo punida, mandada para o céu ou para o inferno, e tudo não passa de imaginação. Não há nenhum deus, nenhum céu, nenhum inferno — só existe você e a existência, a energia, a energia infinita.

Se você está com ela, ela está com você. .

Esse é o estado de um Buda, de um Heráclito: totalmente com o todo. Sem nenhum problema. Na verdade, ele não está presente para criar problemas. Há então uma graça — quando você não está, a graça está. Caso contrário, se você está lutando contra, se está se afastando, fazendo as coisas por conta própria, pela sua inteligência pessoal, está se comportando como uma ilha, então terá problemas. Sejam quais forem as explicações e as racionalizações que você crie, são fúteis, não passam de imaginação.

Todas as suas igrejas, templos e mesquitas existem pela fértil imaginação do homem. Todos os seus deuses e estátuas, todas as suas preces são criações da sua imaginação. E você os criou porque se sente miserável. Isso não ajudará. Os seus templos,

as suas mesquitas e igrejas — não! Os seus padres, papas e rabinos — não! Eles não ajudam. Estão explorando a sua imaginação. E isso é um bom negócio.

Você tem que parar de imaginar. Tem que sentir que a miséria vem quando você sai de sintonia com a natureza, e a felicidade vem quando você não está fora do compasso.

Estar no inferno é estar fora de compasso com o Logos. Estar no céu é estar em sintonia com o Logos. E essa é a harmonia oculta. Você pode encontrá-la e ser feliz. Se não puder encontrá-la, você será miserável — mais ninguém é responsável.

Você tem que buscar e encontrar. Não há nenhum Deus, mas todos são divinos. Toda a existência é divina, mas não existe Deus.

Portanto, não perca seu tempo e não procure lá em cima alguém que o ajude. A ajuda virá, mas ninguém vai dá-la a você — você tem de tomá-la.

Mas isso parece árduo, difícil, pois para isso você tem de mudar a si mesmo. Estar em sintonia com a natureza exige transformações radicais. Para evitar essa transformação radical, você cria todos os tipos de explicações.

Tente agora entrar nestas belas linhas.

Este universo,

que é o mesmo para todos,

não foi feito por nenhum deus ou homem, mas sempre existiu, existe e existirá — um fogo eternamente vivo,

que acende a si próprio por medidas regulares e se apaga por medidas regulares.

Evolução e involução; as coisas chegam a um pico, depois desaparecem num vale; as ondas se erguem para tocar o céu, depois voltam para as profundezas do oceano — em medidas regulares.

Heráclito diz: o mundo é energia, a existência é fogo. Em medidas regulares ela se manifesta e depois se apaga. Assim como o dia e a noite: durante o dia você trabalha, desperta, e à noite você descansa. Assim, há períodos em que a existência está no dia, e há períodos em que a existência move-se na noite... criação e não criação, evolução e involução, dia e noite, verão e inverno, vida e morte.

Este é um período de criação. Logo haverá um de destruição. Os hindus chamam a isso de *palaya,* quando tudo desaparece. Os hindus criaram para isso uma bela teoria — Heráclito teria concordado com ela. Os hindus dizem que Brahma, o criador, tem seu próprio dia, um dia de vinte e quatro horas, um ciclo de vinte e quatro horas: doze horas dia e doze horas noite. O dia de doze horas é criação nossa — milhares e milhares de anos, eras e eras. Depois vem a noite de Brahma, então tudo desaparece, dorme, repousa — cansado, é claro. Para se rejuvenescer, para voltar, tudo retorna à não-existência. A existência é o dia, a existência desaparece, a energia repousa. Após o repouso o dia novamente vem, o sol nasce; as coisas aparecem outra vez, tudo recomeça. É um círculo. Metade do círculo é de manifestação e metade é de não-manifestação.

Assim como uma árvore cresce, cresce, cresce e depois morre — mas não morre completamente: ela se recolhe nas sementes, torna-se não-manifesta, move-se para o sutil. As sementes caem no solo, a árvore desaparece, mas na estação certa as sementes de novo brotarão e a árvore inteira estará presente outra vez.

E isso acontece — não porque exista alguém que controle, um deus ou um homem, ou alguma coisa — não há ninguém. A própria energia é suficiente. Não precisa nenhum controle. Não precisa que haja ninguém. A energia tem sua própria disciplina intrínseca.

E isso parece estar exatamente correto, pois se você observar, sentirá como acontece. Se sente fome, você come é a fome desaparece. Para onde foi a fome? Tornou-se não manifesta, moveu-se para a semente, para o sutil. Não está na periferia; voltou outra vez para o centro. Depois de algumas horas você sente fome nova-mente, a fome volta. Você come e a fome desaparece. Para onde vai? Se ela desaparecesse completamente, não poderia voltar. E ela volta nova e novamente — na mesma medida.

Durante o dia você está acordado. Para onde foi o sono? Moveu-se para a semente, tornou-se sutil; está lá dentro de você, observando a hora certa de voltar a se manifestar; depois, à noite de novo se manifesta. Onde foi que desapareceu o seu dia? Você já observou isso? Enquanto está dormindo, para onde foi todo o mundo do dia? O comércio, a política, a identidade, tudo desapareceu — você voltou às sementes. Mas de manhã o sol nasce e você se levanta outra vez. De onde você vem? Do não-manifesto novamente para o manifesto — é um movimento centrífugo e centrípeto.

O lótus fecha, o lótus se abre... numa medida regular.

E isso é um fenômeno de energia, sem nenhuma personalidade, é impessoal. Impessoal, belo. Se fosse pessoal se tornaria feio. Todas as religiões tornaram-se feias

porque fizeram desse fenômeno algo pessoal, criaram nele uma pessoa. Essa pessoa é apenas um fenômeno imaginário que você criou. É por isso que existem milhares de deuses e todo o mundo tem sua própria noção de Deus. E quando se tem uma noção de Deus, as noções alheias parecem erradas, e então surgem os conflitos, os argumentos. E a sua noção de Deus não pode estar certa, porque você não está certo. Uma p9sgoa que está certa não precisa de nenhum Deus.

Veja Buda, Heráclito, eles não precisam de nenhum Deus. H.G. Wells escreveu que Buda é o homem menos divino e ao mesmo tempo o mais divino. Pode-se encontrar alguém mais divino do que Buda? — e menos divino? Ele nunca fala sobre Deus — porque não projeta. Não tem nenhum medo interior para criar uma projeção. Ele não tem medo, então Deus desaparece — o seu medo é a causa. E quando Deus desaparece, toda a existência existe para que você sinta prazer e celebre.

Energia é deleite. Blake disse que energia é deleite.

Quando não há nenhum Deus você é livre, totalmente livre. Quando há um Deus lá em cima manipulando, você jamais pode ser livre — só pode ser uma marionete, com todas as cordas presas em Suas mãos. Todas as pessoas religiosas tornaram-se marionetes porque para tudo existe alguma outra pessoa responsável.

Uma pessoa religiosa é totalmente livre. Religiosidade é liberdade. E com Deus não pode haver nenhuma liberdade.

Como pode haver liberdade se existe um criador? Porque a qualquer momento Ele pode mudar de idéia — e Ele parece ser muito louco — pode mudar de idéia a qualquer hora e dizer: "Muito bem, desapareça!" Assim como a Bíblia conta que Ele disse: "Faça-se a luz", e a luz foi feita, a qualquer momento Ele pode dizer: "Que não haja luz". E então? — a luz desaparecerá. Então vocês não passam de marionetes. Parece que Ele joga xadrez e vocês são apenas as peças do jogo; seja o que for que Ele queira fazer com você, Ele faz. Isso parece muito feio.

Se não existe liberdade não pode haver nenhuma consciência pois a consciência cresce com a liberdade.

E a liberdade total só é possível quando não há ninguém controlando, manipulando, nenhum chefe; só então há liberdade. Mas a liberdade lhe dá medo. Você não quer ser livre. Você quer ser escravo — é por isso que inventa Deus. E se não existir nenhum Deus... por exemplo, os comunistas tentaram uma religião sem deus. Mas o homem é tão medroso que não pode viver sem deuses; assim os comunistas criaram os

seus próprios deuses. Lênin tornou-se um deus; agora o adoram. Agora Lênin não é um mortal comum — é um deus.

Você não pode escapar porque sente medo. Somente um homem que não sinta medo nenhum, que seja destemido, que tenha chegado a um acordo com a existência, que tenha entendido que estar com a existência e fluir com ela é estar cheio de graça, pode viver sem imaginação — pode viver com a verdade. É, difícil viver com a verdade — é muito fácil viver com mentiras. É por isso que você inventa mentiras ao seu redor.

Noventa e nove por cento das coisas que o rodeiam são mentiras. Mas você se sente confortável com elas, sente-se acomodado; são mentiras confortáveis. A verdade é incômoda porque requer uma mudança radical. E esta é a mudança *mais* radical que pode acontecer a um homem: viver sem Deus. E se você puder viver sem Deus, você se tornará um deus, tornar-se-á divino. Se você continuar imaginando um deus, permanecerá um escravo. Com um deus sobre a sua cabeça, você será um escravo. Quando não há mais nenhum chefe, você mesmo se torna um deus.

Eu lhe digo: não existe nenhum Deus — mas todo mundo é Deus, tudo é divino. Não há *nenhuma* pessoa controlando, porque então a existência inteira seria feia, uma escravidão, um grande campo de concentração; seria uma prisão. Nenhum Deus: a vida é uma liberdade — você pode escolher! Se quiser ser miserável, seja, a escolha é sua. Se quiser ser feliz, seja, a escolha é sua. Se você se sente feliz sendo miserável, tudo bem.

Existem pessoas que se sentem muito felizes sendo miseráveis, porque através de suas misérias atraem a compaixão. Através de suas misérias elas pedem simpatia; através de suas misérias elas mendigam amor — mas quem pode amar uma pessoa miserável? A menos que seja um Buda, é impossível amar um miserável. Você está num caminho suicida. Se você estiver pedindo amor através da sua miséria, você poderá ganhar um pouco de simpatia, mas não amor. E essa simpatia será dada com muita má vontade, pois quem está pronto para dar amor a uma pessoa miserável? E a própria pessoa que dá tem necessidade, ela mesma é miserável. É por isso que as pessoas falam demais a respeito de suas misérias. Ouça o que elas dizem: noventa e nove por cento das pessoas falam a respeito das misérias, engrandecem suas misérias, fazem com que elas pareçam as maiores possíveis. Isso é impossível, pois você é pequeno demais para carregar misérias tão grandes — mas você está pedindo simpatia.

E o homem teme a liberdade. Existe um medo profundamente enraizado da liberdade, porque com ela vem a insegurança, com ela vem o desconhecido, com ela você não sabe de antemão o que vai acontecer. Com um Deus e um destino tudo é seguro. Você pode perguntar ao astrólogo, pode consultar a cartomante e eles lhe dirão sobre o

seu futuro. Sem nenhum Deus não há nenhum destino. E os astrólogos são inúteis. Não se pode dizer nada sobre futuro. O futuro permanece uma situação aberta — sem nada fixo, com tudo flexível e fluido. Com a liberdade você se torna uma fluidez. Com Deus como patrão, você está seguro; alguém está tomando conta de você e Ele sabe o que fazer e o que não fazer.

Nesse sentido, a percepção de Heráclito é mais profunda do que a de Jesus. Nesse sentido, Heráclito saiu-se melhor do que Jesus ou Maomé — sua percepção é tão profunda quanto a de Zaratustra, a de Buda e a de Mahavir — porque Jesus está sempre falando em termos de Deus, de Criação, de Pai, de Filho. Talvez tenha falado nesses termos devido à atitude infantil dos judeus, talvez pelas pessoas que o rodeavam. Mas Heráclito não se importa com você: diz exatamente qual é a verdade. Não se importa se você será capaz de entender ou não: simplesmente afirma a verdade. Se você quiser entender, crescerá. Ele não descerá até você, você terá de ir até ele.

E essa é exatamente a minha atitude também. Direi exatamente o que sinto. Se você quiser me entender, terá de crescer na minha direção. Eu não vou descer para lhe falar nos seus termos, porque isso não adianta nada. Por causa disso, Jesus deixou que a coisa toda se perdesse e o cristianismo nasceu, não sendo nada mais do que uma nova versão da religião judaica, nada de novo: o judaísmo um pouco modificado aqui e ali, nada mais — porque Jesus usou toda a terminologia judaica. Como se pode criar um mundo novo a partir do velho? Ele fez concessões — porque Jesus nunca pensou que haveria uma nova religião. Ele *permaneceu* judeu, morreu judeu; ele nunca foi cristão. E nunca imaginou que haveria algo novo; ele viveu na congregação. E usou palavras gasta, palavras do passado — vem daí a feia aparência do cristianismo.

Heráclito é absolutamente novo. É por isso que a mente grega não podia absolutamente entendê-lo -- ele não tinha nenhuma raiz no passado.

Quando eu morrer, onde vocês me porão? Na Índia não poderão encontrar raízes para mim. Eu nasci jainista, mas você não encontrará em mim qualquer raiz jainista; você simplesmente não poderá encontrar qualquer raiz. Se você diz exatamente o que *você* entendeu, o que *você* compreendeu, então não há nenhuma raiz, porque a Verdade não tem raízes na sociedade — tem raízes na existência, mas não na sociedade.

É por isso que um homem como Heráclito é tão enigmático, e até mesmo um gênio como Aristóteles diz: "Esse Heráclito é absurdo. Cria enigmas, e a filosofia existe para resolver as coisas e não para criar enigmas." Ele não está criando nenhum enigma. Parece confuso porque está afirmando um novo fenômeno com o qual *ele* se deparou. Não está usando termos velhos, usados, de segunda mão. Ele diz:

Este universo,

que é o mesmo para todos,

não foi feito por nenhum deus ou homem, mas existiu, existe e existirá —

um fogo eternamente vivo,

que acende a si próprio por medidas regulares e se apaga por medida regulares.

Essa energia tem seu próprio sistema intrínseco. É um cosmo, não um caos — e sem um chefe. É energia mais liberdade, e mesmo assim há uma disciplina. E essa disciplina é a harmonia oculta, a harmonia interior. Não há *nenhum* chefe e mesmo assim não há caos; não há *ninguém* dirigido, e todavia tudo é dirigido de uma maneira tão bela — você não pode aperfeiçoá-la. Essa é a harmonia oculta.

Quando há um diretor e ele dirige, você pode ter certeza de que num lugar ou noutro alguma coisa sairá errada. O cosmo é belo porque não há ninguém que o dirija.

Isso será difícil de entender. As pessoas religiosas dizem: "Como esse mundo pode se tornar um cosmo se não há ninguém que o controle? Sem um controlador tudo se despedaçará." Mas Heráclito dirá: "Exatamente, precisamente por não haver ninguém controlando é que as coisas não podem se despedaçar." Quando você controla, você administra mal. Não se pode encontrar administradores piores do que os controladores — eles administram mal.

É isso o que diz Lao Tsé. Ele diz: Quando não havia regras tudo era belo; quando não havia leis, não havia nenhum crime, e quando não havia homens sábios, não existiam tolos. As coisas se moviam em sua beleza cósmica... então apareceram, os reguladores. Disseram que as regras eram necessárias. Com as regras entraram os desregramentos, pois o oposto existe sempre. Vieram os sábios e disseram que o homem tinha de ser disciplinado. Então os homens se tornaram rebeldes e tudo saiu errado. Viriam leis, leis e mais leis, e o homem tornou-se cada vez mais criminoso.

É isso o que Heráclito diz. Diz que precisamente por não haver ninguém para controlar, como podem as coisas sair do controle? A energia em si tem um guia interior, intrínseco.

E ouça isso também para a sua vida. Se você é guiado pelas suas percepções interiores, se pode ouvir o seu coração, não há necessidade de nenhuma disciplina. Você pode se mover em completa confiança. Tudo será bom. Mas por você não poder ouvir o seu próprio coração, precisa ouvir vários manipuladores, que dizem: "Faça isso!" e eles dizem tanto "Faça isso! Não faça aquilo!" que você fica confuso, não sabe o que fazer. Uma religião ensina uma coisa, outra ensina outra coisa. Uma moral diz que uma coisa é moral, outra diz que é imoral. Você simplesmente se confunde. E não pode encontrar o seu próprio coração, de onde vem o guia espontâneo, intrínseco, natural. Quanto mais lhe ensinam, mais confuso você se torna.

Heráclito diz que tudo se move por uma harmonia interior. Quem está controlando essas árvores? Quem as ensina que: "Agora é hora de florescer"? Quem diz às nuvens que: "Agora é hora de se aproximar e trazer chuva"? Ninguém. Lembre-se: se houvesse alguém, as coisas não dariam certo, pois como uma coisa tão vasta pode ser controlada? Mesmo que houvesse um Deus, até Ele ficaria doido — pense na *imensidão* das coisas, na grandiosidade delas, na vastidão! — até mesmo Deus já teria endoidado há muito tempo, teria enlouquecido, simplesmente teria desaparecido do mundo ou o mundo teria desmoronado.

O mundo só pode permanecer um cosmo porque a harmonia não está sendo forçada de cima, a harmonia vem do interior.

Existem dois tipos de disciplina. Uma disciplina que é forçado de fora: alguém diz: "Faça isso! — e outra disciplina que vem de dentro: você sente o que será natural, sente onde o seu ser está fluindo, e move-se com os seus sentimentos; então uma disciplina interior acontece. A disciplina exterior é uma fraude e isso cria uma confusão, uma fenda em você. O interior e o exterior se opõem, tornam-se antagônicos.

Há poucos dias atrás, um homem me procurou e disse — assim como todos os religiosos estão sempre dizendo — ele disse: "Estou sempre me tornando vitima das coisas exteriores e me esqueço do interior."

Perguntei a ele: "Por favor, dê-me um exemplo concreto — o que você quer dizer?"

Ele disse: "Por exemplo, *sei* interiormente que deveria ser fiel à minha esposa, mas sempre me apaixono por outras mulheres."

Então, tive de dizer a ele: "Você parece estar confuso. Não sabe o que é interior e o que é exterior. A esposa é o exterior e você pensa que é o interior. Você ama a sua esposa?"

A esposa é o interior forçado pela sociedade, forçado pelo seu próprio ego, um fingimento por você querer manter uma imagem social de bom marido. Isso é exterior e ele dizia que era o interior. E quando você se apaixona por outra mulher — sem que ninguém o force a isso, pelo contrário, estão todos impedindo — isso é interior! Mas a sociedade o confundiu completamente, deixou-o desorientado. Diz que o exterior é o interior — enganou-o completa-mente. Diz que o interior é o exterior.

Você continua num jejum e pensa que ele é a voz interior — essa é a sua religião, as suas escrituras, os seus sacerdotes, O seu interior diz: "Você está com fome, coma!" E você pensa que isso é o exterior, que você está sendo tentado pelo diabo. Que tolice! Os sacerdotes o tentaram a jejuar. Não existe nenhum diabo! Os sacerdotes são as únicas forças demoníacas deste mundo. A fome vem, ela é o interior. O corpo todo, cada célula diz: 'Coma!' e você diz: "É o exterior. Alguém está tentando-me, alguma força do mal. Ou então é desejo, é o corpo, e o corpo é o inimigo — minha alma está tentando-me, alguma força do mal. Ou então é desejo, é o corpo, e o corpo é o inimigo — minha alma está em Jejum." Alma em jejum? A alma jamais precisa de alimento, como pode jejuar? Você está forçando seu' pobre corpo.

Mas existe um jejum natural também; o dos animais. Não existe nenhum pregador, nenhum sacerdote que os ensine, mas acontece. Se você observar um cachorro, verá que ele não comerá se não estiver se sentindo bem — isso é interno. O jejum de um cachorro é interno. Que absurdo! E o jejum de um homem é quase sempre externo. Somente um cachorro pode jejuar interiormente porque ainda está em contato com a natureza, você não. Quando o corpo está doente, nenhum animal pode ser forçado a comer. Se você o força, ele vomita. Isso é bonito. O corpo não precisa de alimento; está doente. Toda energia é necessária para a cura do corpo, e essa energia será desviada se você ingerir alimentos, pois para digeri-los, é necessária energia, o alimento será um peso. O corpo não está em boas condições; toda a energia é necessária para que o corpo se cure, e se for jogado alimento dentro dele, isso causará uma divisão. A energia como um todo não se moverá para a cura; será impedida — antes o alimento terá de ser digerido.

Se na sua doença você simplesmente ouve o seu interior e não come, isso é bonito. Às vezes você não sente fome e então não come. Mas não jure que deixará de comer por alguns dias, porque — quem sabe? — à noite você talvez sinta fome. Mova-se com a

natureza. Quando ela quiser que você jejue, faça jejum. Quando quiser que você coma, coma.

O interior precisa ser encontrado porque a sociedade o confundiu completamente. O que é interior e o que é exterior: há uma grande confusão. E, quase sempre, tudo o que você acha que é exterior geralmente é interior, e tudo o que você acha que é interior geralmente é exterior, e tudo o que você acha que é interior, fatalmente é exterior, porque os sacerdotes fizeram isso — os sacerdotes são forças destrutivas.

Para mim, existe apenas uma religião e essa religião é encontrar a voz interior, o guia interior. E a pessoa que o ajuda a encontrar o seu guia interior é o Mestre. Ele o ajuda — não a impor a você mesmo uma disciplina exterior, simplesmente o ajuda a encontrar a harmonia interior, que lhe traz disciplina.

E essa disciplina tem uma graça porque não é forçada. Essa disciplina tem uma beleza própria porque é sempre nova. E com essa disciplina você não pode se desviar, pois com essa disciplina você não pode se rebelar. Ela é você, é o seu centro mais profundo.

E o mesmo está acontecendo em maior escala com todo o cosmo.

As fases do fogo são o desejo ardente e a saciedade.

E o fogo tem duas fases: desejo ardente, quando você está com fome... Os hindus o chamam de *jatharagni,* o fogo da fome. O seu estômago arde realmente quando você sente fome ---- quando está realmente com fome. Porque você está num estado tão mal que não sabe quando está com fome e quando não está. Todos os dias você come a sua comida a uma hora, e diariamente, nessa mesma hora, a fome vem. Essa fome é psicológica. Você não sente esse fogo no estômago; é só por causa do relógio. O relógio diz que é uma hora e a mente diz: "Está na hora de sentir fome." Imediata-mente você sente fome. Isso é uma projeção. É uma falsa fome. E se você esperar meia hora, a fome desaparecerá automaticamente. Como uma fonte de verdade pode desaparecer com tanta facilidade? A fome real aumentará cada vez mais. O fogo ficará cada vez mais ardente no estômago. Você começará a sentir dor, como se o corpo estivesse queimando. Sentirá febre. O corpo precisa ser saciado, ele está exigindo; precisa de energia. Mas se a fome for falsa, ela desaparecerá. Quando o relógio apontar duas horas, a fome terá desaparecido.

Observe! Sinta fome de verdade e então coma. Observe! Sinta sono de verdade e então durma. Levará alguns meses até que isso se estabeleça, porque toda a civilização,

toda a cultura, toda a sociedade e educação ajudaram a desviá-lo do caminho certo. O caminho certo é sempre natural — é o Logos.

As fases do fogo são o desejo ardente e a saciedade.

São essas as duas fases do fogo, o biofogo interior, a bioenergia. Você sente fome, come, sente-se satisfeito. Essa satisfação também é uma fase do fogo. O fogo baixou, agora não há chamas, ele desapareceu. É um *pralaya,* uma descriação, uma involução. Depois vem novamente a outra fase. O círculo se move, a roda gira: de novo vem a fase da fome, e outra vez a saciedade. Você se sente sensual, vem a luxúria, depois a saciedade. Você sente o amor e a saciedade.

Você não pode amar vinte e quatro horas por dia porque o fogo tem duas fases. Os maridos e esposas tentam fazer o impossível: querem amar um ao outro durante vinte e quatro horas, e então tudo se perde. Você não pode, porque ninguém pode comer durante vinte e quatro horas. Amor é alimento. Você consegue comer durante vinte e quatro horas? Você precisa de intervalos para que a comida seja absorvida, a energia seja usada e o corpo sinta fome novamente. Como se pode amar durante vinte e quatro horas? E me você tentar o impossível, ficará numa péssima situação. Quanto mais você forçar, mais as coisas se tornarão falsas.

E por isso que os maridos e esposas perdem toda a beleza do amor. Tudo se torna falso e forçado. Quando eles eram amantes tudo era belo, porque se encontravam uma vez ou outra e havia a fome que precisava ser saciada. Às vezes tinham de esperar dias para que o amante viesse — e havia fome. E quando há fome profunda, o amor satisfaz profundamente. Quando maridos e esposas estão pendurados um no outro vinte e quatro horas, ficam um em volta do outro como sombras, então não há fome. E é claro que não há saciedade também. Então toda a beleza desaparece. Lembre-se disto: se você ama uma pessoa, deixe-a ficar só para que a fome surja. Ela tem de ficar, ou então o amor também seguirá o relógio.

Uma dia, Mulla Nasrudin chegou em casa e encontrou o seu melhor amigo beijando sua esposa. Ele disse: "O quê! Não posso crer no que vejo! *Tenho* de acreditar, mas por que você?"

Um marido não consegue acreditar porque o amor se torna um dever. Quando o amor se torna um dever, já está morto — é então uma imposição exterior, e o interior se perde. O amor é uma fonte, não um dever. Tem então uma fase de saciedade. Quando o amor é satisfeito você se sente absolutamente abençoado; tudo está bem; você pode

abençoar toda a existência e ser abençoado por ela. Tudo é simplesmente maravilhoso .. . mas precisa ser através da fome.

Heráclito está dizendo que o homem é uma miniatura de todo o cosmo. E o mesmo é válido para o Todo; o Todo passa por duas fases. Quando o Todo sente fome, há então muita atividade e criação. As coisas crescem, manifestam-se, as plantas florescem, as pessoas amam, as crianças nascem — tudo é uma atividade dinâmica. Então, satisfeita, a Existência move-se para a fase da saciedade — tudo desaparece. Nenhuma planta, nenhuma terra, nenhuma estrela, nenhum sol — o fogo repousa.

O sol é novo a cada dia.

E esta é uma das máximas mais penetrantes de Heráclito.

O sol é novo a cada dia.

A fome é nova a cada dia. O amor é novo a cada dia. A vida é nova a cada dia.

Dizer "a cada dia" não é bom — cada movimento, cada gesto, cada momento, tudo é novo. De onde vem, então, o velho? Por que você fica enfastiado? Se tudo é tão novo, e você não pode pular duas vezes no mesmo rio, não pode ver de novo o mesmo nascer de sol; se tudo é tão novo e fresco, por que você se torna morto e entediado? Porque não vive a partir dessa harmonia interior. Você vive pela mente. A mente é velha.

A mente é passado, é memória acumulada. E se você olha através da mente, ela atribui uma mortalidade e velhice a todas as Coisas, então tudo parece empoeirado e sujo — por causa da mente. Ponha a mente de lado, ponha de lado as memórias! Se você puder por as memórias de lado, a sua mulher será nova a cada dia, porque é só por causa das memórias que você pensa que está vivendo com essa mulher há trinta anos e a conhece bem. Quem pode conhecer? Ninguém conhece jamais. Permanecemos estranhos, eternamente estranhos. Como se pode conhecer uma pessoa? Uma coisa pode ser conhecida, uma pessoa não, porque uma coisa pode ser esgotada. Agora os cientistas dizem que até as coisas não podem ser conhecidas porque também não podem ser esgotadas.

Como você pode conhecer uma pessoa? Uma pessoa é livre. Muda a cada momento. Se você não pode pisar duas vezes num mesmo rio, como pode encontrar a mesma pessoa novamente? Se até mesmo os rios são tão mutáveis, a consciência, a corrente da consciência, não pode envelhecer. Se você puser a mente de lado, se não olhar com velhos olhos, então a sua esposa será nova, cada gesto será novo. Há então uma excitação constante e continua em sua vida, uma continua vivacidade.

Hoje você sentirá fome — essa fome é nova. E hoje novamente, quando você comer, essa comida será nova — porque nada pode ficar velho na existência. A existência não tem passado. O passado faz parte da mente. A existência está sempre no presente, é nova, fresca, sempre se movendo, uma força dinâmica, um movimento dialético, é como o fluxo de um rio.

Se você conseguir perceber isso, então nunca ficará entediado. E o tédio é o maior mal — mata profundamente, é um veneno lento. Aos poucos você vai ficando tão entediado que se torna um peso morto para si mesmo. Então toda a poesia da vida desaparece. Nenhuma flor desabrocha e nenhum pássaro canta. Você já está enterrado, já está sob o seu túmulo.

Diz-se que as pessoas morrem aos trinta e são enterradas aos setenta anos. Trinta anos já me parece muito; esse provérbio deve ser muito antigo; agora isso não é mais verdade — eu diria vinte anos. Mesmo isso já é demais. Os jovens me procuram, gente jovem, com dezoito, vinte anos, e dizem: "Estou cansado." Já estão velhos. Voas já os ensinaram, já condicionaram suas mentes. Eles já estão morrendo. Antes de ficarem jovens, já estão morrendo.

Lembre-se: a juventude é uma qualidade do ser. Se você puder olhar o mundo sem a mente, permanecerá jovem para sempre. Mesmo na sua morte, você será jovem, se sentirá excitado com a aproximação da morte; se sentirá muito excitado — uma grande aventura, uma culminação, uma porta que se abre para o infinito.

A fome passou, agora vem a saciedade. Agora você está entrando no repouso. Agora você será uma semente, e a semente repousará e dormirá durante muitos anos. E de novo você brotará, de novo abrirá os olhos — mas nunca será o mesmo.

Nada é igual. Tudo continua mudando. Só a mente está velha e morta. Ser capaz de olhar para a vida sem a mente é meditação.

10
A Natureza Ama se Esconder
(30 de dezembro de 1974)

Não seria melhor
se as coisas acontecessem aos homens exatamente
como eles querem.

A menos que você espere o inesperado jamais
encontrará a verdade,

porque ela é difícil de descobrir
é difícil de se alcançar.

A natureza ama se esconder.

O Senhor, cujo oráculo está em Delfos
não fala nem se cala —
mas dá sinais.

A existência não tem nenhuma linguagem... e se você depende da linguagem não poderá ter nenhuma comunicação com a existência.

A existência é um mistério, você não pode interpretá-la. Quando interpreta, você perde. A existência pode ser vivida, mas não pode ser pensada. É mais como a poesia, menos como a filosofia. É um sinal, é uma porta. Mostra, mas nada diz.

É por isso que, através da mente, não existe nenhuma abordagem da existência. Se você pensar a respeito, poderá pensar o quanto quiser mas nunca a alcançará — porque a barreira é precisamente o pensamento.

Olhe! Veja! Sinta! Toque! — você chegará mais perto. Mas não pense.

No momento em que entra o pensamento, você é arrancado da trilha — então vive num mundo privado. O pensamento é um mundo privado; pertence a você. Então você está enclausurado numa cápsula, preso dentro de si mesmo.

Sem pensamentos, você não existe mais, não está mais fechado. Sem pensamentos, você abre, torna-se mais poroso; a existência flui em você e você flui na existência.

Mas a tendência da mente é interpretar. Antes de ver alguma coisa, você já a interpretou. Você me ouve: antes que eu diga qualquer coisa, você já está pensando a respeito. É assim que se torna impossível ouvir. Você terá de aprender a ouvir.

Ouvir significa estar aberto, vulnerável, receptivo, sem pensar de modo algum. Pensar é uma ação positiva. Ouvir é uma passividade: você se torna como um vale e recebe; torna-se corno um útero e recebe.

Quando você pode ouvir, a natureza fala — mas não é uma linguagem. A natureza não usa palavras. O que a natureza usa então? Heráclito diz que usa sinais. Existe uma flor — que sinal há nela? Não está dizendo nada, mas pode-se dizer que não esteja realmente dizendo nada? Está dizendo muito, mas não usa palavras — uma mensagem sem palavras.

Para ouvir o inexprimível você terá de calar as palavras, porque apenas os iguais podem se ouvir, apenas os iguais podem se relacionar.

Sentado ao lado de uma flor, não seja um homem, seja uma flor. Sentado ao pé de uma árvore, não seja um homem, seja uma árvore. Banhando-se num rio, não seja um homem, seja um rio. E então milhares de sinais lhe serão dados.

E não é uma comunicação — é uma comunhão. A natureza fala, fala milhares de línguas, mas não uma linguagem. Fala em milhares de direções, mas você não poderá consultar dicionários nem perguntar aos filósofos o que ela significa. No momento em que você começa a pensar o que ela significa já está a ponto de se desviar.

Alguém fez uma visita a Picasso, um homem muito erudito, um crítico; viu os quadros de Picasso e disse: "Parecem bonitos, mas o que significam? Por exemplo, este — o quadro estava bem diante dele — o que significa?"

Picasso sacudiu os ombros e disse: "Olhe para fora da janela — o que significam as árvores? E o pássaro que está cantando? E qual é o significado do sol nascente? E se tudo isso existe sem nenhum significado, por que meus quadros não poderiam existir sem nada significar?"

Por que você pergunta o que significa? Você quer interpretar. Quer atribuir um padrão lingüístico. Quer comunicar, não comungar.

Não, não significa nada. Existe em sua glória total. *Tem um* significado mas não significa nada. O significado é existencial. Olhe, observe, sinta, penetre, mas não faça perguntas. Se você quer perguntar, entre para uma universidade — você não pode entrar no universo. Se quiser entrar no universo, não pergunte... não há ninguém para lhe responder. Você precisará de uma qualidade de ser totalmente diferente, então entrará em contato com o universo.

Conta-se que um Mestre Zen — um fenômeno muito "raro, inacreditável devido aos fantasmas da mente — estava fazendo uma pintura no palácio do Rei, e o Rei estava sempre perguntando: "Está pronta?"

E ele dizia: "Espere mais um pouco, espere mais um pouco."

Passaram-se anos e o Rei disse: "Está levando muito tempo. E você não permite nem que eu entre na sala" — porque ele se trancava na sala para pintar — "e eu estou envelhecendo. Minha curiosidade em saber o que você está fazendo nessa sala aumenta cada vez mais. A pintura ainda não está pronta?"

O Mestre disse: "A pintura está pronta, mas eu o estou observando — você não está pronto. A pintura está pronta' há muito tempo, mas esse não é o ponto. A menos que *você* esteja pronto, a quem mais eu a mostrarei?"

A existência está aí, sempre esperando, sempre pronta. A todo momento, a cada curva da estrada, bem aí na esquina, está sempre esperando. É uma paciência infinita, esperando — mas você não está pronto.

Conta-se que o Rei ficou pronto e o pintor disse: "Muito bem, chegou a hora."

Entraram na sala. Ninguém mais podia entrar. A pintura era realmente maravilhosa. Era difícil dizer que era uma pintura — parecia real. Ele pintara montanhas, vales que pareciam quase tridimensionais, como se existissem. E ao pé das montanhas havia um pequeno caminho que levava a algum lugar interior. Agora vem a parte mais difícil da estória.

O Rei perguntou: "Aonde leva essa estrada?"

O pintor disse: "Eu mesmo ainda não viajei por essa estrada, mas espere, eu vou ver." E entrou pelo caminho, desapareceu por entre as montanhas, e nunca mais voltou.

É isso o que significa um mistério. Diz muitas coisas sem dizer nada. Se você entrar na natureza para ver onde ela leva, não fique do lado de fora fazendo perguntas, porque nada pode ser feito — você precisa entrar nela. Se entrar, nunca voltará, porque no próprio movimento de entrada para dentro da existência... você estará perdendo o "seu ego, estará desaparecendo. Você alcançará o objetivo, mas nunca voltará para contar a estória. O pintor jamais voltou. Ninguém jamais volta. Ninguém pode voltar, porque quanto mais existencial você se torna, mais se perde.

A existência abre milhares de portas para você, mas você fica de fora e quer saber coisas a respeito dela pelo lado de fora. Não há lado de fora na natureza. Quero repetir estas palavras: não há lado de fora na natureza — tudo está dentro. Pois como pode existir algo fora da natureza? O todo é o interior. E a mente está tentando o impossível — está tentando ficar do lado de fora, para observar, ver o que significa.

Não, você tem de participar. Tem de entrar dentro dela, se unificar, e dispersar-se como uma nuvem — a paradeiros desconhecidos.

Agora ouça estas palavras de Heráclito:

> *Não seria melhor se as coisas acontecessem aos*
> *homens exatamente como eles querem.*

Por quê? Por que não seria melhor? Porque seja o que for que você quiser, estará errado — porque você está errado! Como pode querer, como pode desejar alguma coisa certa? Para desejar uma coisa certa, em primeiro lugar você precisa estar certo. Na ignorância, tudo o que for desejado o levará a um inferno cada vez mais profundo — porque o desejo faz parte de você, sai de você. Como pode vir qualquer outra coisa? Tudo o que vier será *você.* É por isso que os seus desejos criam cada vez mais problemas. Quanto mais você deseja, mais problemas cria. Quanto mais satisfaz os seus desejos, mais topa dificuldades. Mas não existem voltas, você tem de ir sempre em frente. Daí a insistência de todos os que conhecem em que, para encontrar a existência, a primeira coisa é não ter desejos.

Não há nada errado em desejar; o desejo em si é belo... quando é um Buda que deseja. Mas se é *você* quem deseja, como pode desejar alguma coisa que o conduza à graça? Não — *porque* o desejo vem de você, faz parte de você, é uma continuidade. E se *você* está errado, o desejo só pode estar errado. Ele estará sempre repetindo você; é claro que em situações diferentes, em mundos diferentes, em planetas diferentes, mas o seu desejo repetirá você mesmo. O seu desejo não pode transformá-lo.

É por isso que digo às pessoas: "Se você quiser receber o sannyas, se quiser dar o salto para o desconhecido, não pense a respeito — deixe isso comigo!" Por que a ênfase em deixar comigo? Só para que você não deseje. Permita que isso seja algo que não venha de você, porque tudo o que vier de você será você — modificado, colorido de modo diferente, mas será você.

Se você for um comerciante e desejar o *molcrna,* isso será como um negócio; não poderá ser diferente. Será como buscar os lucros — no outro mundo, é claro, mas tudo o que vem da sua mente vem do seu passado. E um rompimento é necessário; é necessário que se abra uma fenda, uma fenda intransponível.

É esse o significado de ir a um Mestre e render-se. O que você rende? Rende os seus desejos — o que mais pode render? Você conseguiu mais nada. Você diz: "Agora não desejarei mais. Farei tudo o que você disser." Você permite que algo mais entre em seu passado. Se você disse: "Sim, estou convencido. Estou pronto para receber o sannyas", o sannyas será inútil. Se um sannyas acontece pela sua convicção, não significa nada. Mas este é o problema: primeiro você quer ser convencido; primeiro quer argumentar. A sua mente quer ser direcionada.

As pessoas me procuram e dizem: "A menos que sintamos o desejo, como daremos o salto?" Mas esse é precisamente o problema. Você está desejando por si mesmo continuamente há muitas vidas. Isso não leva a lugar nenhum... e não pode levar. Você pode perceber o ponto?

Você está errado, você deseja, o desejo torna-se errado. Você está errado, você acredita, a crença torna-se errada.

Você já ouviu falar no Rei Midas? Tudo o que ele tocava transformava-se em ouro. Seja o que for que você toque, mesmo que seja ouro, imediatamente transforma-se em poeira.

Não se trata de um desejo certo ou errado -- trata-se de um ser certo ou errado. A questão não é um ato errado ou certo. Não existem atos errados ou certos. Não existem desejos errados ou certos. Existe apenas um ser desejoso. Se for ignorante, tudo o que vier dele será errado. Se o ser desejado não for ignorante, então uma coisa totalmente diferente nascerá dele.

Lembre-se: O ser, somente o ser importa. Nada mais.

Não seria melhor
se as coisas acontecessem aos homens exatamente
como eles querem.

Pare de querer! Você tem vivido num inferno porque tem desejado. Pare de desejar! Pare com isso e as portas se abrirão. Desejar é trazer sua mente para dentro da existência. Tente entender a natureza do desejo.

Desejar significa projetar o seu passado no futuro, e o futuro é desconhecido, assim como tudo o que você pedir do passado. Todo desejo estará sempre repetindo o passado. Como você pode desejar o desconhecido? Como pode desejar aquilo que está no futuro? Você não o conhece. O futuro é desconhecido, o passado é conhecido. Se você desejar, isso virá do passado.

Mulla Nasrudin estava em seu leito de morte. Alguém lhe perguntou: "Se você nascesse de novo, gostaria de mudar alguma coisa, ou preferiria ter de novo a mesma vida?"

Mulla pensou um tempo. Então abriu os olhos e disse: "Só uma coisa: sempre quis repartir meu cabelo no meio, essa seria a única mudança. Tenho repartido o cabelo do lado direito e sempre quis repartir no meio. Fora isso, tudo poderia se repetir."

Parece estúpido mas é assim. Se você pensar, se lhe for dada outra chance, o que você fará? Todas as mudanças que quiser fazer não serão maiores do que as de Mulla Nasrudin: serão exatamente como repartir o cabelo no meio. Você gostaria de ter outra mulher, mas que diferença isso faz? Gostaria de ter outra profissão. Que diferença isso faz? Isso não será mais do que repartir o cabelo no meio.

Você não pode pedir pelo passado, e o futuro é desconhecido. Porque quando você continua pedindo pelo passado, entra num circulo vicioso. Esse círculo é o mundo, o *sansara,* o ir e vir, nova-mente nascer e morrer. De novo você faz tudo igual. Nem mesmo uma única mudança básica! Não pode haver nenhuma mudança porque tudo o que você pensa, pensa a partir do que conhece. O conhecido é o seu passado.

O que fazer então? Não deseje. Deixe que o futuro venha sem que você o deseje. O futuro virá! — não precisa ser desejado. Já está vindo. Você não precisa forçar sobre ele suas projeções. Seja passivo, não seja ativo em relação a ele. Deixe-o vir! Não peça nada! É isso que significa não desejar. Não retirar-se do mundo, renunciar ao mundo e ir para os Himalaias — isso tudo é imaturo.

Retirar-se, renunciar, significa não desejar, significa esperar sem nenhum desejo. Apenas esperando: "Se você conseguir esperar sem desejar, tudo lhe acontecerá — e acontecerá a partir da Totalidade, a partir do Todo, a partir de Deus. Se você pedir, desejar, acontecerá, mas acontecerá vindo de você. E você entrará dentro de si mesmo, sem nunca permitir que a existência lhe aconteça; enclausurado".

Não seria melhor
se as coisas acontecessem aos homens exatamente
como eles querem.

Heráclito diz: "É bom que as coisas não lhe aconteçam como você quer. Essa é a única possibilidade de você acordar. É por liso que ele diz que é bom — pois se todos os seus desejos forem satisfeitos, você cairá completamente em coma, porque não haverá nenhuma perturbação. Você quis riqueza e está rico. Você quis belas mulheres, e aí estão elas. Quis sucesso e o obteve. Quis uma escada para chegar ao céu e a escada está aí. Você entrará em coma, estará num sonho. Se tudo for satisfeito, você jamais tentará encontrar a verdade. Não haverá nenhum espaço para você, porque somente a miséria, *dukkha,* a infelicidade, o inferno que você criou à sua volta, o *ajudam* a acordar — causam-lhe um *choque* para que você acorde.

A mitologia hindu diz que no paraíso, onde estão os deuses, todo desejo é imediatamente satisfeito, sem nenhum intervalo de tempo. Segundo a concepção hindu, no paraíso existem *as kalptarus,* as árvores que satisfazem os desejos. Você se senta sob uma delas e deseja alguma coisa, no mesmo instante, sem intervalo de tempo -- você deseja e o seu desejo é satisfeito. Não se perde nem um único segundo: você quer uma bela mulher e lá está ela. Mas esses deuses devem estar vivendo num sonho, devem estar drogados, devem estar dopados.

Os hindus dizem que não há nenhum caminho do céu para a verdade. Isso é muito bonito. Dizem que se um deus desejar ser liberado completamente, terá de vir à terra. Por que? Porque no céu não há infelicidade, não há miséria para acordar ninguém. É um *longo* sonho pacífico onde os sonhos são constantemente satisfeitos, para quê abrir os olhos? Até mesmo os deuses precisam vir à terra, só então podem ser libertados. Essa é uma rara concepção; os cristãos não têm esse tipo de concepção; o céu deles é o lugar supremo. Mas os hindus dizem que não é o lugar supremo — é só um belo estado de sonhos. Bom, belo, longo, muito longo, pode durar milhares de anos, mas é um sonho. Se os deuses quiserem ser libertados, terão de voltar à terra. Por que à terra? Porque na terra há tantas misérias, dores, angústias — e só a angústia é necessária. Somente ela pode arrancá-lo do seu sono.

Heráclito está certo: "Não seria melhor se as coisas acontecessem aos homens exatamente como eles querem." Uma coisa ou outra sempre sai errada. Isso é bonito! Se nada saísse errado, se tudo fosse como deve ser, se tudo fosse como você gostaria que fosse, quem iria querer a Verdade? Quem buscaria a existência? Quem quereria a liberdade, a liberdade total, moksha? Ninguém!

Atrás das drogas, o homem tenta ser como os deuses no paraíso hindu. Você fuma maconha ou haxixe, ou toma LSD, e entra num estado onírico, num belo estado; está sob uma árvore dos desejos. As drogas são contra a verdade porque a verdade necessita de um despertar: de um despertador do passado, dos sonhos, dos seus desejos — para ver todo engano que você criou à sua volta e abandoná-lo. E abandoná-lo sem nenhum esforço, simplesmente *ver* que está errado e abandoná-lo.

Lembre-se: se você fizer muito esforço para abandoná-lo, o próprio esforço o tornará feio. A compreensão não precisa, na verdade, de nenhum esforço! Você compreende uma coisa, vem a realidade, e abandona isso! Você não vê que é miserável por causa dos desejos? Há nisso alguma coisa para se argumentar? Alguma coisa da qual você tenha de ser convencido? Não está vendo? É tão claro que você criou um inferno pelos seus desejos, por que então se esforçar? Num momento de compreensão puro e intenso, por que não abandoná-los imediatamente? E se você puder fazer isso, então terá uma beleza, uma graça.

Essa graça não será encontrada nos chamados monges. No mundo inteiro, entre os monges católicos, hindus ou jainistas, você não encontrará essa graça porque eles estão tentando abandonar os desejos. O próprio esforço para abandoná-los mostra que ainda estão presos; senão, para quê o esforço? *Gostariam* de parar de desejar, mas isso é novamente um desejo. É por isso que há esforço! Eles se prendem e querem abandoná-lo. Não chegaram a um momento de compreensão — um momento de verdade.

Todo o meu esforço é para trazê-lo a um momento de compreensão onde o esforço é inútil. A compreensão é tão intensa, tão ardente, que tudo queima simplesmente. Você vê e a sua própria visão torna-se o abandono.

Isso é possível — isso aconteceu comigo, pode acontecer a você. Não sou em nada excepcional, apenas um homem comum. Se aconteceu comigo, uma pessoa comum, por que não com você? Simplesmente faça uma busca intensa em direção à compreensão. Compreensão é transformação, mutação, é uma revelação. A compreensão liberta.

Ouça estas palavras:

Não seria melhor
se as coisas acontecessem aos homens exatamente
como eles querem.

A menos que você espere o inesperado jamais
encontrará a verdade,

porque ela é difícil de descobrir
e difícil de se alcançar.

Deixe que estas palavras entrem em seu coração:

A menos que você espere o inesperado jamais
encontrará a verdade. . .

porque a verdade não pode ser a sua expectativa.

Seja o que for que você espere será uma mentira. Tudo o que você espera é projeção. Tudo o que você espera faz parte da sua mente. Não, a verdade não pode ser esperada. Ela o pega desprevenido. Na verdade, ela vem quando você menos espera. É uma Iluminação súbita.

A expectativa significa o seu conhecido se projetando no futuro, no desconhecido. É por isso que digo que se você for um cristão, um hindu, um budista, ou um jainista, você perderá — pois o que significa ser cristão? Significa ter uma expectativa cristã. Significa ver um deus através de olhos cristãos. Significa ter um conceito, uma filosofia. O que significa ser um hindu? Significa ter um sistema de crenças. Ele lhe dá uma expectativa: você espera um deus, espera a verdade; a verdade será 'assim', deus será 'assado' — o rosto, a figura, a forma, o nome que você espera.

E a sua expectativa é a barreira porque Deus é o inesperado, a verdade é o inesperado. Ela nunca foi teorizada, nunca foi traduzida em linguagem, não pode ser forçada em palavras; ninguém conseguiu fazer isso e ninguém conseguirá. Ela permanece inesperada. É uma estranha.

Quando Deus bater à sua porta, você não encontrará um rosto familiar, não. Ele não é familiar, é estranho. Você nunca *pensou,* nunca *ouviu falar,* nunca *leu* a respeito. Um estranho... E você não consegue aceitar o estranho, se quer o familiar, a Verdade não é para você. A Verdade é uma estranha. Vem sem avisar que está vindo. Vem quando você não está esperando, quando não tem expectativas.

Lembre-se disso: essas pessoas meditam, meditam, meditam — é uma *necessidade* — mas a verdade nunca acontece *na* meditação. Acontece fora. Mas a meditação ajuda: ela o deixa alerta, observa-dor, mais atento e consciente. E então, de repente, em algum lugar... acontece num momento inesperado. Você não pode nem imaginar porque Deus escolheu um momento tão inesperado.

Uma monja está carregando água, as tiras de bambu se rompem e o pote de barro cai no chão, a água escorre... de repente ela está acordada.

O que aconteceu? Por quarenta, cinqüenta anos ela havia meditado e isso nunca acontecera — porque meditar significa estar observando, estar esperando por algo que vai acontecer. A sua mente está lá, trabalhando — muito, muito sutilmente; você talvez nem detecte onde ela está. Pode achar que agora tudo está em silêncio, sem nenhum pensamento, mas isso também é um pensamento. Você sente um absoluto silêncio, mas *até* mesmo essa sensação de que agora o silêncio é absoluto, de que agora logo as portas vão se abrir, é um pensamento. Quando você se torna absolutamente silencioso, não há nem mesmo este pensamento: "Estou em silêncio", mas isso significa que você não deve estar meditando — e esse é o paradoxo: medite o máximo possível para chegar a um momento de meditação não-meditativa.

Isso aconteceu à monja. Carregando a água, ela não estava preocupada com Deus; as tiras de bambu que envolviam o pote eram velhas, e ela estava preocupada com elas. Carregava de um modo e de outro, preocupada por elas poderem romper a qualquer momento. E o pote era de barro, poderia quebrar! Ela não estava de modo algum na porta e a porta estava aberta graças a quarenta anos de meditação. Assim, a porta se abriu e ela não estava lá. .. de repente as tiras de bambu se romperam, o pote caiu, quebrou-se e a água esparramou. Foi um choque! Por um momento até mesmo essa preocupação se dissolveu. Agora, tudo o que tinha de acontecer, havia acontecido. Ela estava num momento não meditativo — mas Deus estava presente. E a iluminação aconteceu.

Tem acontecido sempre dessa maneira — nos momentos em que a pessoa menos espera.

Quando espera, você perde, porque você está presente nas suas expectativas. Quando você não espera, acontece, porque você não está, não há ninguém. Quando a sua casa está totalmente vazia, tão vazia que você nem percebe que "Eu estou vazio" — pois isso já seria distúrbio suficiente — quanto até mesmo o vazio é descartado, Ele vem.

A menos que você espere o inesperado...

Abandone todas as noções sobre Deus. Todas elas são falsas. Você já deve ter ouvido os hindus dizerem que as noções cristãs são falsas, os cristãos dizerem que as noções hindus são falsas, os jainistas dizerem que as noções cristãs e hindus são falsas, os budistas dizerem que as noções jainistas, hindus e cristãs são falsas — eu digo que todas as noções são falsas. Não que a minha esteja certa. Não! As 'noções', como tais, são falsas porque fazem uma teoria a partir do desconhecido, o que não é possível. *Todas* as teorias são falsas — sem nenhuma exceção. Todas as teorias são falsas, absolutamente, categoricamente, inclusive as minhas — porque o inesperado permanece inesperado.

A menos que você espere o inesperado
Jamais encontrará a verdade,
porque é difícil de descobrir e difícil de se alcançar.

Na verdade, não é difícil alcançar e não é difícil descobri-la. É por sua causa que é difícil alcançá-la e difícil descobri-la — pois como colocar essa mente de lado? A mente é sutil; até mesmo posta de lado ela permanece. A mente diz: "Está bem, eu não estarei aqui", mas isso também é mente. Ela diz: "Agora, deixe que Deus bata na porta. Eu não estou", mas isso também é mente. Ela diz: "Eu meditarei. Abandonarei todos os pensamentos." A mente diz: "Veja! Abandonei todos os argumentos. Veja! Estou vazia." Mas isso também é mente. Este é o problema: seja o que for que você faça a mente continua presente.

Veja o ponto! Nenhum esforço funcionará. Apenas perceba o ponto: a mente existe através do que declara — veja o ponto!

Por que eu digo: veja o ponto? Porque quando você vê o ponto não há o que declarar. Se não o vê, então a mente pode declarar: "Estou aqui sem declarar nada."

Veja o ponto! O vazio é necessário, não a declaração "Estou vazio". A consciência é necessária, não a declaração "Estou consciente" — porque sempre que o 'eu' entra, você entrou na noite escura da mente. Quando o 'eu' não está presente, há luz e tudo é claro — uma clareza, uma percepção infinitas. Você pode ver longe, pode ver o todo.

Portanto, a única coisa que se pode fazer é observar a capa-cidade de usar truques que a mente possui — e não tentar fazer o oposto. Por exemplo: a sua mente está cheia de pensamentos. Não tente lutar com eles: quem luta é a mente. E se você lutar, a mente afirmará o oposto: "Veja, dirá ela, "Abandonei todos os pensa-mentos. Onde está Deus agora? Onde está a Iluminação?" Não faça o oposto, não crie uma luta, porque com ela vêm as reivindicações.

Simplesmente observe e relaxe. Observe e divirta-se com a capacidade de usar truques da mente. Divirta-se com isso! Ë tão bonita! Como é enganadora! Como é ardilosa! Como ela volta tantas e tantas vezes! Os hindus sempre disseram que ela é como o rabo de um cachorro. Mesmo que durante doze anos você o mantenha reto, se por um instante você deixa de fazer esforço, ele fica nova-mente curvo.

Uma criança me disse outro dia: "Estamos fazendo de tudo para endireitar um amigo nosso — porque ele não acredita em Papai Noel." Então, num outro dia, ele disse: "Depois de sete dias de esforços, ele se rendeu e disse: "OK, eu acredito." Mas no dia seguinte o garoto voltou e disse: "Agora precisamos nos esforçar ainda mais."

Eu perguntei: "O que há? — outro dia você me disse que o havia convencido. O que precisa agora?"

Ele disse: "Mas ele teve uma recaída — nós o endireitamos e ele caiu de novo."

Essa é natureza da mente. Não se pode fazer nada a respeito — é a sua natureza. Compreenda-a, só isso. Compreender é a suficiente. Caso contrário, será difícil alcançar. Você pode seguir e seguir e a mente o seguirá como uma sombra. E seja o que for que você declare estará sendo declarado pela mente.

É por isso que todos os que conheceram dizem: "Aqueles que proclamam terem conhecido, não conheceram. Aqueles que dizem terem conseguido, não conseguiram." Por que? Porque a declaração em si é perigosa.

A menos que você espere o inesperado
jamais encontrará a verdade,
porque ela é difícil de descobrir
e difícil de ser alcançado.
A natureza ama se esconder.

É uma brincadeira de esconde-esconde. É bonita assim como é!

A natureza não está na superfície, está oculta no centro. É como a raiz das árvores, profundamente enterrada — o mais essencial está oculto. Nunca pense que a árvore é o mais essencial. A árvore é apenas a periferia onde as flores, as folhas e os frutos surgem; essa é a periferia. A árvore real está no escuro, sob o solo. No útero escuro da terra ela se oculta. Você pode cortar a árvore; uma nova árvore surgirá. Mas se cortar as raízes, tudo desaparecerá.

Você não está na superfície da sua pele; essa é a periferia. Você está no fundo, oculto nos subterrâneos. Deus não está na superfície. E a ciência continua descobrindo cada vez mais sobre a superfície, aprendendo cada vez mais a respeito da pele. Por mais que a ciência se aprofunde, nunca vai realmente a fundo, porque aprende sobre o exterior. Do lado de fora, você só pode aprender sobre o exterior. O real está oculto no interior, nos domínios mais profundos. Você também está oculto nos domínios mais profundos. Mas vive na periferia e perde isso. A existência tem um centro — esse centro está oculto.

A natureza ama se esconder.

Por que? Porque a natureza ama se esconder? Porque é um Jogo. Na sua infância, você deve ter brincado de esconde-esconde. Para Heráclito, a existência é um jogo, é *leela,* é uma brincadeira. Ela se oculta e isso é bonito! — você tem de descobrir. E no próprio esforço para descobrir, você cresce.

Há dois tipos de pessoas. Um que eu chamo de não-descobridores: eles permanecem na periferia; e os descobridores: eles se movem para o centro. As pessoas que vivem na periferia são pessoas mundanas. O comércio está na periferia, a política está na periferia, o sucesso, as aquisições estão na periferia. Essas pessoas não são descobridoras, não são aventureiras. Mesmo se forem à lua, isso não será uma aventura porque elas permanecem na periferia. A aventura real é religiosa. É mover-se para o próprio centro do ser. Primeiro é preciso entrar em si mesmo, porque você é uma miniatura do mundo. Você se move para o seu centro e desse centro tem os primeiros vislumbres de como vão as coisas.

O real está oculto.

Na periferia estão as ondas, os sonhos; na periferia existe apenas um espetáculo. No fundo, no mais profundo centro da existência, está oculto o Um. O que Heráclito chama de harmonia oculta.

Mova-se em direção ao ser, ao centro, ao próprio solo. Busque sempre as raízes! Não seja enganado pela folhagem.

Mas você está sendo enganado pela folhagem. Se na superfície uma mulher é bonita, você se apaixona — você se apaixona pela folhagem. Mas por dentro ela pode não ser bonita; pode ser absolutamente feia — e então você cai numa armadilha. Existe uma graça interior quando a luz brilha por dentro, e também quando a luz vem à superfície; você não pode ver de onde ela está vindo. Pode ver uma bela mulher que ao mesmo

tempo é feia. Pode ver exatamente o oposto também acontecendo! Uma mulher feia que ao mesmo tempo é bela. Quando uma mulher feia é bela, você não pode encontrar a fonte, onde está a fonte, porque a pele na superfície, a estrutura, a fisiologia não é atraente, mas algo interior o atrai. Quando acontece da mulher ser bonita na superfície e também no ser interior, é então muito misterioso. O que acontece então é um carisma. Às vezes você sente um carisma em torno de alguém. O carisma significa que existe 'alguma harmonia oculta entre a superfície e o centro, e nesse caso a personalidade tem um magnetismo, algo Divino.

Esse encontro da periferia com o centro é uma harmonia oculta.

A natureza ama se esconder.

Por que? Porque só se escondendo a brincadeira pode continuar, a brincadeira pára. O jogo continua: é um jogo eterno.

E lembre-se disso também, mesmo que você tenha encontrado, o jogo continua, mas agora com uma qualidade diferente. Nem por um momento pense que quando o centro mais profundo é encontrado, o jogo pára. Não, ele continua. Agora, conhecendo-o, muitas vezes você se afasta do centro oculto. Conhecendo, você dá uma chance para que a natureza se oculte novamente — mas agora ela é conhecida.

É assim como duas crianças brincando, quando uma sabe onde a outra está escondida — uma procura a outra em todos os lugares, menos onde a outra está, corre por toda a volta para dar uma qualidade ao jogo. Ela sabe onde você está escondido, pode simples-mente apanhá-lo, mas fica dando voltas.

Os Budas continuam a brincar, mas o jogo é diferente. Agora eles sabem, não há mais nenhuma ansiedade. Não há nenhum desejo, nada para ser alcançado. Agora é um simples jogo! Não tem nenhum objetivo... ele continua.

Portanto, existem duas possibilidades: um jogo ignorante — que é o que lhe está acontecendo. E por ser ignorante você o leva a sério. A seriedade se torna um mal. Você se entristece com isso. As pessoas me procuram: se meditam e não estão alcançando, ficam muito sérias, sentem-se frustradas. Eu lhes digo: não se sintam frustradas, porque esse é o ponto que vocês precisam entender: é um *jogo!* Não há pressa em terminá-lo! Não é um negócio. Deixem que continue o maior tempo possível. Por que tanta pressa? Por que tanta tensão? Há um tempo eterno, infinito, não há pressa. Você sempre existirá e o jogo sempre existirá — sempre existiu e sempre existirá.

Vá com calma! Vá com calma!

Ele está sempre pelas esquinas, a qualquer momento pode ser descoberto. Mas por que tanta pressa? Relaxe — se você relaxar, alcançará o centro mais cedo. Se tiver pressa, permanecerá na superfície — porque um estado de mente tenso e apressado não pode mover-se para os domínios mais profundos do ser. Somente a paciência o ajuda a assentar-se no fundo, bem no fundo.

A natureza ama se esconder.

É bonito que a natureza goste de se esconder. A natureza não é exibicionista. Não é uma exibicionista. A expressão, toda a folhagem, é apenas uma maneira de se ocultar. Deus está oculto na flor de uma maneira sutil. Se você ver simplesmente a flor, perderá.

Um poeta inglés, Tennyson, disse algo absolutamente certo: "Se eu puder entender uma flor na sua totalidade, entenderei Deus." Bata certo! Se você puder entender um grão de areia na sua totalidade, entenderá Deus, porque todas essas coisas são lugares para ao esconder. Uma flor é um lugar para se esconder. Um grão de areia também é um lugar para se esconder. Ele está escondido em todos os lugares — sob milhões de formas.

Onde quer que você esteja, Ele está presente em todas as formas que o rodeiam. Qualquer forma pode tornar-se uma porta. E quando você tem a prontidão de entrar, quando não está esperando, quando não está desejando, quando não está pedindo alguma coisa, projetando alguma coisa, de repente a porta se abre.

O Senhor, cujo oráculo está em Delfos não fala,
nem cala — mas dá sinais.

Em Delfos, existe um antigo templo grego, onde as pessoas costumavam ir fazer perguntas. Mas o oráculo de Delfos nunca dizia nada, simplesmente dava sinais. Heráclito usa isso como uma parábola. Diz que Deus, o Total, o Todo, nunca fala em termos de sim ou não — simplesmente dá sinais. É poético. Ele lhe dá símbolos. Não tente interpretá-los. Se você os interpretar, perderá. Apenas observe! E permita que o sinal penetre fundo em você e fique impresso em seu coração. Não tente encontrar o significado imediatamente, quem pode encontrar o significado? Se *você* o encontrar, o significado será seu. Apenas deixe que o sinal, o símbolo, fique gravado em seu coração e fique lá simplesmente.

Por exemplo: você vem a mim e pergunta: "Como vai indo a minha meditação?" Você pergunta, eu dou um sorriso — dei um sinal a você. O que você fará a respeito disso agora? Pode interpretar. Essa é a primeira tendência da mente. Você pensará: "Tudo bem, ele está sorrindo; isso significa que estou conseguindo; ele está dizendo sim, portanto está

tudo bem. Estou no caminho certo." O seu ego sente-se satisfeito. Se você estiver com bom humor, será essa a sua interpretação. Se estiver com mau humor, pensará: "Ele sorriu — não disse sim, está sendo delicado, mas eu não estou indo a parte alguma."

De qualquer maneira você perdeu, pois se houvesse um sim para ser dito, eu teria dito. Não o teria colocado nessa situação de buscar uma interpretação. Se tivesse que dizer sim, eu teria dito. Se tivesse que dizer não, eu também teria dito. Mas simplesmente sorri. Não disse sim, nem não. Na verdade, eu não disse nada — *dei* um sinal. Não o interprete. Deixe que esse sorriso entre profundamente em seu coração. Deixe que fique lá. Lembre-se dele algumas vezes e ponha-o de volta no coração, deixe-o dissolver-se dentro de você, não tente encontrar seu significado — e isso ajudará a sua meditação. Um dia, de repente, num profundo estado meditativo, você começará a sorrir exatamente como eu sorri, porque esse será um momento de compreensão. Então você poderá rir, porque saberá qual o significado.

A vida é sutil. O sim e o não, não podem ser usados. A vida é tão sutil que se você disser sim a falsificará, se disser não a falsificará. E a linguagem é muito pobre. Só conhece duas coisas: sim ou não. E a vida é muito rica: conhece posturas e posições infinitas entre o sim e o não — infinitas graduações. É um espectro de milhares e milhares de cores. Sim e não são muito pobres — você nada diz. "Sim e não" significa que você dividiu a vida em preto e branco, mas a vida possui milhares de cores, é um arco-íris.

O preto e o branco, na verdade, não são cores. Com exceção do preto e do branco, todas as cores existem. Você precisa entender isso. O preto é a ausência de todas as cores; não é uma cor. Quando nenhuma cor está presente, o vazio é uma negritude. Em si, não é uma cor. É por isso que não se encontra o preto na natureza. Não é uma quantidade. É uma ausência. E o branco também não é uma cor. É uma mistura de todas as cores. Se você misturar todas as cores, terá o branco. Não é uma cor. O branco é um pólo, o preto é o outro pólo. A presença de todas as cores é o branco, a ausência de todas as cores é o preto. Entre essas duas polaridades existem as cores reais — verde, vermelho, amarelo e todos os matizes, milhares de matizes.

Quando eu sorrio, não estou dizendo branco ou preto, sim ou não — estou lhe indicando uma cor do espectro, uma cor *real.* Não tente interpretar, porque se o fizer, você dirá que é preto ou é branco, e não é nenhum dos dois. É alguma coisa entre ambos e é tão sutil que as palavras não podem expressar. Se as palavras pudessem expressar, eu teria dito uma palavra a você. Não lhe criaria problemas desnecessários.

Você vem, diz alguma coisa e eu não respondo. As vezes acontece de você me ver e eu não perguntar nada, simplesmente me esqueço de você. Pergunto aos outros e simplesmente deixo você de lado. Você interpreta. Por que? Não interprete. Permita

apenas que esse gesto cale fundo em você. Algum dia, num estado muito, muito meditativo, o significado florescerá. Estou semeando em você, e não lhe fornecendo palavras e teorias.

Quando eu for embora, por favor, lembre-se de mim como um poeta, não como um filósofo.

A poesia precisa ser entendida de um modo diferente — você precisa amar a poesia e não interpretá-la. Precisa repeti-la muitas vezes para que ela se misture ao seu sangue, aos seus ossos, ao seu próprio tutano. Você tem de cantar a poesia muitas vezes para poder sentir todas as nuances, os seus matizes sutis. Precisa sentar-se simplesmente e deixar que a poesia entre dentro de você para que se torne uma força viva. Você a digere e depois se esquece, ela entra cada vez mais fundo, mais fundo, e o transforma.

Deixe-me ser lembrado como um poeta. É claro que não estou escrevendo poesia com palavras. Estou escrevendo a poesia num veículo mais sutil — em você. E é isso que toda a existência está fazendo.

Heráclito diz:

> *O Senhor, cujo oráculo está em Delfos,*
> *não fala nem cala — mas dá sinais.*

Um sinal não é para ser interpretado. É para que se viva através dele. A sua mente será tentada a interpretar. Não seja tentado pela mente. Diga a ela: "Esse campo não é seu, isso não é para você. Brinque com outras coisas. Deixe que isso penetre em meu ser." E é isso o que estou fazendo quando falo com vocês.

Não estou falando para a mente de vocês — estou falando a vocês enquanto seres, seres luminosos, enquanto deuses encarnados, enquanto possibilidades, enquanto potencialidades infinitas. Falo aos seus futuros, não aos seus passados. O passado de vocês é lixo, joguem-no fora! Não o carreguem! Falo aos seus futuros — ao inesperado, ao desconhecido. Pouco a pouco, vocês se tornarão capazes de ouvir esta música, a música do desconhecido, a música na qual todos os opostos desaparecem e surge uma harmonia oculta.

Sim, a natureza ama se esconder, porque a natureza é um mistério. Não é uma questão, não é um enigma a ser solucionado É um mistério a ser vivido, desfrutado, celebrado.

11
Não se Pode Pisar Duas Vezes no Mesmo Rio
(31 de dezembro de 1974)

No mesmo rio nós pisamos e não pisamos.
Não se pode pisar duas vezes no mesmo rio.

Tudo flui e nada permanece.
Tudo cede e nada se fixa.

As coisas frias tornam-se quentes e as quentes, frias.
O úmido seca, o ressecado umedece.

E pela doença que a saúde dá prazer,
pelo mal que o bem apraz,
pela fome, a saciedade;
pela exaustão, o repouso.

É a mesma e uma só coisa estar vivo ou morto,
desperto ou adormecido, jovem ou velho.
Em cada caso, o primeiro aspecto torna-se o último,
e o último, novamente o primeiro,
por uma súbita e inesperada reversão.

Eles se separam
e depois se unem novamente.
Tudo vem na estação certa.

No mesmo rio nós pisamos e não pisamos. . .

porque a aparência, e lembre-se, somente a aparência, permanece a mesma. Caso contrário, tudo muda e tudo flui.

Eis aqui a diferença básica entre o conceito comum de religião e a verdadeira religião.

Os hindus dizem que aquilo que muda é a aparência, é *maya;* e o que nunca muda, que é permanente, é *Brahma.* Heráclito diz exatamente o oposto: o que parece permanente é a aparência, é *maya, e* o que muda é *Brahma.* E a compreensão de Buda é a mesma, que só a mudança é permanente, a mudança é o único fenômeno eterno — somente a mudança permanece, nada mais. Eu também sinto o mesmo.

Em busca de uma verdade permanente, você não busca nada além do ego. Em busca de um Deus permanente, o que você está buscando? De uma maneira ou de outra, está buscando a permanência. Você gostaria de poder permanecer de modo que se este mundo mudar não haverá com o que se preocupar. A sua mente diz: "Busque o divino e não haverá nenhuma mudança; você viverá eternamente."

O conceito religioso comum — hindu, judaico ou cristão — é basicamente uma viagem ao ego. Por que você diz que a mudança é aparente? Porque você tem medo da mudança. Ela se parece com a morte. Você gostaria de algo absolutamente permanente sobre o qual se apoiar. Gostaria de uma casa que existisse eternamente. Neste mundo você não pode encontrar uma casa que permaneça. Neste mundo não pode encontrar um relacionamento que permaneça. Então você projeta um relacionamento com Deus, porque Deus permanece, e com Deus você permanecerá.

Mas essa procura> esse desejo, essa busca de durar para sempre — esse é o problema! Por que você quer ser? Por que não ser? Por que você tem tanto medo de não ser? Se você tem medo do não ser, do nada, do vazio, da morte, não pode encontrar a verdade. Conhece-se a verdade quando se está pronto para abandonar a si totalmente, completamente.

É por isso que Buda diz: "Não há nenhuma alma. Você não é um eu, não é um *atma.* Você é um *artatta,* um não-eu. Não há nada permanente em você, nada substancial. Você é um fluxo, um rio."

Por que Buda insiste num não-eu? Insiste porque se você aceita o não-ser, se aceita o nada, então não teme a morte, pode abandonar-se completamente. E quando você se abandona completa-mente surge a visão. Você é capaz de conhecer. Com o ego, você não pode conhecer. Somente na ausência do ego, num abismo profundo, a percepção acontece — então você se torna um espelho.

Com o ego, você interpretará sempre, não pode conhecer a verdade. Com o ego, você está sempre interpretando de maneiras sutis, e a sua interpretação não é a verdade. Você é o veiculo de toda falsificação. Através de você tudo se torna falso.

Quando você não está ai, a verdade reflete.

De alguma maneira você precisa chegar a uma compreensão: a compreensão do não-eu, de um fluxo imutável, nenhuma substância em si — apenas um rio fluindo, fluindo. Então você é um espelho, uma claridade. Não há ninguém para perturbar, ninguém para interpretar, ninguém para distrair. Então a existência se reflete em você assim como ela é. Esse reflexo da existência, tal como ela é, é a verdade.

Segunda coisa: se você quer durar para sempre, não vive o momento. Aquele que vive a sua vida de um modo verdadeiro, autêntico, aquele que goza a vida, está sempre pronto para morrer, sempre pronto para viver. Aquele que não se alegra nem celebra a vida, aquele que não vive o momento, a vida, tem sempre medo de morrer — porque "chegou a hora de partir e ainda não estou realizado."

O medo da morte não é o medo da morte, é o medo de permanecer não realizado. Você vai morrer, e não experimentou nada, absolutamente nada da vida — nenhuma maturidade, nenhum crescimento, nenhum florescimento. De mãos vazias você veio e de mãos vazias está indo. Esse é o medo!

Aquele que viveu está sempre pronto para morrer. Sua prontidão não é uma atitude forçada. Sua prontidão é assim como uma flor. Quando a flor desabrocha, exala seu perfume aos cantos in-finitos da existência, desfruta do momento, vive-o, dança-o com a brisa, ergue-se contra o vento, olha para o céu, vê o nascer do sol, *vive-o,* e à noite sente-se satisfeita e está pronta para deixar a terra, para voltar, para repousar. E é sempre bonito — quando você vive, o repouso é belo. É o que há! A flor simplesmente deixa a terra e vai dormir. Não há nenhuma tensão, nenhuma angústia, nenhum choro, *nenhum* esforço ao qual se prender.

Você se prende à vida porque sua vida não está satisfeita. Você não se ergue contra o vento forte. Não conheceu a manhã e a noite chegou. Nunca foi jovem e a velhice está batendo à sua porta. Nunca amou e a morte está chegando.

Esse estado de insatisfação e a chegada da morte criam o medo. Buda diz que se você viveu, estará sempre pronto para morrer. E essa prontidão não será algo forçado sobre você. Será o que é! Será uma coisa natural! Assim como nasceu, você morre. Assim como veio, você vai. Essa é a *roda* da existência.

Você viveu a parte do ser, agora viverá a do não-ser. Você existiu, agora não existirá. Você se ergueu, se manifestou, agora entrará no não manifesto. Você estava visível, encarnado, agora entrará sem o corpo no invisível. Você teve o seu dia! Agora terá o seu repouso, a noite. O que há de errado nisso?

É por causa da busca de espetáculos permanentes que você permanece insatisfeito. A busca para obter um eu permanente é uma prisão. Você sabe que a morte vai chegar, o que fazer então? O corpo se desintegrará, desaparecerá. Agora você tem esperanças de que exista um eu permanente que perdure. Lembre-se: aqueles que sentem medo sempre acreditam na alma eterna.

Veja este paqs: todos acreditam que a alma é eterna, mas não se pode encontrar no mundo um país mais covarde. Não é acidental. Por que os hindus são tão covardes? Se eles soubessem de fato que a alma nunca irá morrer, seriam os mais bravos — porque a morte não existe! Estão sempre falando da imortalidade e se você observar a vida deles verá que temem a morte mais do que qualquer outro povo. Senão, como se explicariam os milhares de anos de escravidão deste país? Raças muito pequenas — a Inglaterra não é maior do que uma província da Índia. Três *crore* de pessoas foram capazes de dominar um país de cinqüenta *crore.* Parece simplesmente impossível! Como isso aconteceu? Porque este é um país covarde. Não pode entrar, teme a morte. Fala de imortalidade — e isso não é acidental, há alguma razão por trás disso.

Sempre que alguém fala demais sobre a imortalidade, isso significa que tem medo da morte, que é um covarde. E a índia tem vivido por causa dos *sacerdotes.* Eles têm ensinado as pessoas a renunciarem, e assim todo o mundo está pronto para renunciar antes de ter vivido. Vem então o medo.

Se você viveu, viveu com toda a sua capacidade, se alcançou um ponto máximo, o medo da morte desaparece. *Só* então o medo da morte desaparece, nunca antes disso. Se você renuncia à vida, se você não ama, se não come, se não curte e não dança: se você simplesmente renuncia, condena e diz: "Isso tudo é materialismo. Sou contra isso" — quem é esse "eu" que diz: "Sou contra isso"? É o ego.

Você não pode encontrar maiores egoístas do que aqueles chamados de espiritualistas. Estão sempre condenando os materialistas. Estão sempre dizendo: "O quê! Você está desperdiçando a Ria vida. Comer, beber e ser feliz — essa é a sua religião. Você é um peso sobre a terra. Tem de ser atirado ao inferno." Quem está condenando? O que há de errado em comer, beber e ser feliz? O que há de errado nisso? Essa é a primeira parte da vida. Tem de ser assim. Você tem de comer, beber e ser feliz. Tem de celebrar! Só

então, depois de ter celebrado o máximo, está pronto para ir, pronto para partir — sem rancores, sem reclamações.

Você viveu o dia e a noite chegou. E quando o dia foi tão bonito — você subiu com as ondas até o céu, e fez tudo que o momento exigiu — repousar, voltar à terra é bonito.

A índia tem renunciado, e uma religião que renuncia é falsa. A religião que o torna capaz de celebrar até o máximo é uma verdadeira religião. E essa é a beleza: se você viver a vida, a renúncia virá automaticamente. Ela acontece! Assim é a natureza.

Se você come bem, a saciedade vem. Se você bebe bem, a sede desaparece. Se você viveu bem, o apego à vida desaparece.

Tem de ser assim! Essa é a lei, o Logos. Se você não tem vivido bem, permanecerá sempre apegado, sempre sonhando sobre como viver. E se você renunciar a esta vida, terá de projetar uma outra. Você precisa de um eu permanente, senão como fará? Você perdeu *esta* vida, e não existe outra? Você precisa de um eu permanente. Tem de se consolar e acreditar que "Tudo bem, o corpo morre mas o eu não morre nunca."

Se você ouvir Buda, ou Heráclito, ou a mim, o eu morrerá até mesmo antes do corpo morrer — porque o eu possui uma substancia mais sonhadora do que o corpo. O corpo é mais substancial — pelo menos leva setenta anos para morrer — e o eu morre a todo *momento.*

Observe! De manhã você tem um eu, à tarde tem outro. De manhã você se sentia feliz e o eu era diferente. A tarde ele já desapareceu, foi embora! Sim, Heráclito está certo: "Não podemos pisar duas vezes no mesmo rio." Apenas parece que à tarde o seu eu é o mesmo. Apenas parece! Onde está o eu da manhã, com o qual você estava se sentindo tão feliz, podia cantar com os pássaros, podia dançar com o nascer do sol? Onde está esse eu? A tarde você já está triste; a noite desceu sobre você. No meio da tarde ele já se tornou noite — você está triste.

É o mesmo eu? Quando você ama ou quando odeia, pensa que o eu é o mesmo? Quando está deprimido ou quando alcança um pico de alegria, é o *mesmo* eu? Não é! Apenas parece ser. Parece o mesmo, exatamente como o Ganes: de manhã, à tarde e à noite, o Gariges parece o mesmo — mas não é. Está completamente fluindo.

Heráclito ama o símbolo do rio, Buda ama o símbolo da chama. O símbolo da chama é ainda mais sutil. A chama parece ser igual mas não é. Está desaparecendo a cada momento: o velho se vai e o novo está chegando. Buda diz que à noite você acende uma vela, e pela manhã você a apaga — mas não pense nunca que a vela seja a mesma. Não

pode ser. Queimou e queimou durante toda a noite. Durante toda a noite a chama foi desaparecendo, desaparecendo, e constantemente foi substituída por uma nova chama. Mas a diferença entre as duas chamas, a velha se indo e a nova chegando, o intervalo é tão sutil, que você não pode ver.

Buda diz: "O eu que nasce não morrerá — já morreu. O homem que você foi ao nascer e o homem que será quando morrer, não é o mesmo." Buda diz: "É o mesmo continuum, mas não a mesma coisa." A chama que havia à noite e a chama que há pela manhã constituem o mesmo continuum, a mesma série de chamas, mas não o mesmo eu. O Ganges parece o mesmo; não é. E tudo está mudando.

A natureza da realidade é a mudança. A permanência é ilusória.

E essa é uma percepção mais profunda que a dos hindus. É a *mais profunda* já alcançada. Porque a mente preferia ter um lar permanente, ter um chão permanente para pisar, ter raízes permanentes... a permanência é falsa. Parece não ser devido à igualdade das coisas.

O seu rosto permanece o mesmo à noite e de manhã, e assim você pensa que é a mesma pessoa. Você estava aqui ontem, anteontem; o seu rosto parece ser o mesmo, mas você é o mesmo? Esta manhã diante de mim, você estava diferente, já havia mudado. Quando sair daqui não será a mesma pessoa — porque ouviu o que eu disse e alguma coisa mais entrou em você. O seu eu já mudou.

Novos rios desaguando no Ganges, novos regatos, novos ribeirões. Eu desaguei dentro de você. Como há de ser o mesmo novamente? Jamais será o mesmo. Não há meio.

E a cada momento milhões de regatos estão desaguando na sua consciência. Você anda pela rua e uma flor sorri — a flor está mudando você. Uma brisa fresca sopra e o banha — a brisa está mudando você. O sol surge e você sente um calor — o sol está mudando você.

A cada momento, tudo está mudando. E não há nada permanente.

O que acontecerá se você entender isso? Se puder entender, esta se tornará uma das melhores situações para abandonar o ego. Quando tudo está mudando, por que se apegar? E até mesmo se apegando você não pode fazer com que a mudança pare. Não pode parar o rio. Ele flui! Parar não é possível. E por querermos parar as coisas, torná-las permanentes, criamos um inferno à nossa volta. Nada pode ser detido. Hoje, eu o amo — quem sabe o que acontecerá amanhã? Mas você quer parar o amor: quer que amanhã

seja como hoje. Se você se prender e parar, morrerá. Amanhã pela manhã ninguém sabe — o desconhecido, o inesperado.

Você só pode esperar quando as coisas são permanentes. Se nada é permanente a expectativa desaparece. Se não existe *nenhuma* expectativa porque as coisas estão em constante movimento, como você pode se frustrar? Quando você tem expectativas, há frustração. Se você não tem, não há frustração. Você espera porque acha que as coisas são permanentes.

Nada é permanente.

No mesmo rio nós pisamos e não pisamos.

Só a aparência é a mesma — a do rio, a sua também.

Não se pode pisar duas vezes no mesmo rio...

É porque o rio jamais será o mesmo outra vez. E *você* também jamais será o mesmo. É por isso que *cada momento é único,* incomparável! Nunca existiu antes e jamais existirá outra vez. Isso é lindo! Não é uma repetição — é absolutamente fresco.

Você perderá esse frescor se tiver uma mente apegada e possessiva e buscar algo permanente.

E tente pensar nisso: se você tiver um eu permanente, esse eu será como uma rocha. Até mesmo as rochas mudam. Mas o eu não pode ser como uma flor. Se você tivesse um eu permanente, se as coisas tivessem um eu permanente, um substrato, então toda a existência seria um tédio, não poderia ser uma celebração. A celebração só é possível quando cada momento lhe traz alguma coisa nova.

Quando cada momento lhe traz algo do desconhecido, quando cada momento é uma penetração do desconhecido no conhecido, então a vida é uma excitação — sem expectativa. A vida é então um movimento constante para dentro do desconhecido. Nada pode frustrá-lo porque em primeiro lugar você não espera nunca que qualquer coisa seja igual para sempre.

Por que há tanta frustração no mundo? Porque todo o mundo está esperando o permanente. E a permanência não está na natureza das coisas. Nada se pode fazer sobre-isso. Você tem de crescer e abandonar a idéia de permanência. Tem de crescer e se tornar um fluxo. Não seja como uma rocha sólida; seja como as frágeis flores.

O seu Brahma é assim como uma rocha sólida. O Absoluto de Hegel e de Shankara é uma rocha sólida. Mas o Nirvana de Buda, a Compreensão de Heráclito, é como uma frágil flor, mudando. Desfrute disso enquanto durar, e não peça por mais.

Você está apaixonado — celebre enquanto estiver acontecendo. Não comece a fazer planos para que exista para sempre, senão perderá o momento fazendo planos. E quando os planos estiverem prontos, a flor estará morta. No momento em que você estiver pronto para curtir, o momento já terá ido embora. E ninguém pode trazê-lo de volta. Não há voltas. O rio segue adiante e para diante flui, e a cada momento você vai sendo atirado em novas praias.

Este é o problema, a ansiedade do homem, a angústia: a mente pensa nas praias que não existem mais. E quer projetar as praias que não existem mais no futuro. E a todo momento o rio está chegando a novas praias, desconhecidas, inesperadas. Mas isso é belo! Se a sua vontade for satisfeita, você tornará toda a vida feia.

Pense nisso: os hindus e o jainistas têm um conceito de *moksha,* de um estado de consciência no qual nada muda. Pense por um momento — nada muda e as pessoas que se Iluminaram, segundo eles, permanecerão nesse *moksha* absolutamente imutáveis, sem nada mudar — isso seria um tédio absoluto. Você não pode melhorar nada. É absoluto. Não se pode pensar em nada mais aborrecedor: Deus ali sentado, você ali sentado, sem que nada mude, sem nada dizer. Cada momento parecerá uma eternidade — que enfado.

Não, para Heráclito, Buda e Lao Tsé, a alma da existência é a mudança. E a mudança embeleza tudo.

Uma mulher é jovem e você gostaria que ela permanecesse sempre jovem, sempre igual. Mas se isso acontecer realmente, você ficará entediado. Se realmente acontecer de uma jovem, por qualquer artimanha biológica, por qualquer truque da ciência. . . e isso é possível! Mais cedo ou mais tarde, o homem é tão estúpido, que é possível que por um truque biológico qualquer injete certos hormônios no corpo e a idade da pessoa seja mantida. Uma garota de vinte anos ficará para sempre com essa idade — você conseguirá amar alguém assim? Ela será uma garota de plástico. *Permanecerá* sempre igual, sem mudança de estações; nenhum verão, nenhum inverno, nenhuma primavera ou outono. Será uma mulher morta: Não se pode amar uma mulher assim: será um pesadelo. Você vai querer ir para o outro lado do mundo a fim de fugir dessa mulher.

As estações são belas, e graças a elas a cada momento você se torna novo — a cada momento um novo humor, a cada momento uma nova nuance do ser, a cada momento novos olhos e uma nova face.

E quem lhe disse que uma mulher velha é feia? Será feia se insistir em parecer jovem; então *será* feia. Pintará seu rosto, usará batom, uma coisa e outra, e então será feia. Mas se uma velha aceitar a sua velhice com naturalidade, como deve ser, então não se encontrará rosto mais bonito — com rugas, enrugado pelas muitas estações; madura, com muitas experiências, adulta.

Uma pessoa velha é bela quando viveu a sua vida. Se não viveu, quer então apegar-se a algum momento passado que não existe mais. E um homem é feio quando a juventude já passou e ele tenta mostrar que é jovem; quando o sexo passou — se você viveu, ele deve ter passado e você continua buscando coisas que são boas nas suas devidas estações, que são belas em certos momentos da vida. Mas é ridículo um velho apaixonar-se — é ridí

maio! É tão ridículo quanto um jovem que não se apaixona. Fora de estação, fora de compasso com a vida.

É por isso que se diz: "Seu velho sujo". É uma boa expressão: sempre que um homem *velho* pensa em sexo, é sujo; demonstra que ele não cresceu. O sexo é bom no seu próprio estágio, mas um velho deve agora estar pronto para se retirar, estar pronto para morrer, deve se preparar para isso — porque logo o seu barco estará zarpando para praias desconhecidas. Ele devia se preparar para isso e está se comportando como um rapaz ou como uma criança. Mas não há nada mais feio do que isso: fingir uma coisa que já passou, viver no passado. Ele é louco!

Tudo é bonito no seu momento e tudo tem o seu momento. Nunca esteja fora de compasso — é isso que eu chamo de ser religioso: nunca sair fora do compasso. Seja verdadeiro com o momento: quando jovem, seja jovem; quando velho, seja velho. E não misture as coisas, senão haverá confusão, e a confusão é feia. Na realidade, da sua parte não há necessidade de fazer nada. Você tem simplesmente de seguir a natureza. Tudo o que você fizer sairá errado. O próprio fazer é errado... flua simplesmente.

No mesmo rio nós pisamos e não pisamos.
Não se pode pisar duas vezes no mesmo rio.

Se você está velho, não poderá ser jovem novamente. Se é jovem, não poderá ser criança novamente. Se for jovem e tentar ser uma criança, será um retardado. E isso demonstra apenas uma coisa: que quando era criança, você perdeu a infância; daí a sensação de estar pendurado. Até as pessoas velhas desejam suas infâncias. Elas perdem toda a vida porque perderam o primeiro passo. Quando eram crianças provavelmente pensavam em se tornarem jovens, em crescerem, em serem poderosos; serem como o

pai, como os adultos. Deviam pensar nisso quando crianças; perderam a infância e depois, no fim, querem a infância novamente. E falam, escrevem poemas sobre o paraíso que era a infância.

São essas as pessoas que perderam. Quando você perde um paraíso, fala sobre ele. Quando vive esse paraíso, não há necessidade de falar. E se você viveu o seu paraíso infantil, então a sua juventude será um belo fenômeno. Estará baseada no paraíso que você viveu quando criança. Terá graça a beleza. E quando você tiver vivido a sua juventude, a sua velhice será um pico, será o Gourishankar, o Evereste. E os cabelos brancos sobre uma cabeça velha são como a neve num pico alto. E com todas as coisas

passadas e mudadas, com todos os rios experimentados, todas as praias conhecidas, você pode repousar. Pela primeira vez não há nenhuma inquietude. Você pode ser o mesmo. Não há para onde ir, nada a fazer — você pode relaxar!

Se um velho não consegue relaxar, isso significa que ele não viveu a vida. E se você não consegue relaxar, como pode morrer? E aqueles que não podem morrer, criam o desejo de um eu permanente, de um Deus permanente. Fique sabendo que somente a mudança é Deus; a mudança é a única permanência que há no mundo. Só a mudança é eterna. Tudo o mais está mudando — exceto a mudança. Somente a mudança é a exceção; tudo o mais está mudando.

Tudo flui e nada permanece
Tudo cede e nada se fixa

Você deve estar pronto! É isso que eu chamo de meditação: você deve estar pronto. Quando algo se vai, você deve estar pronto! Deve *deixar* que vá. Não deve reclamar. Não deve fazer uma cena — quando alguma coisa foi embora, foi!

Você amou uma mulher, amou um homem, e então chega o momento da despedida. Esse momento mostra o homem real. Se você reclama, reluta, tem má vontade, sente-se raivoso, violento, destrutivo, você não amou absolutamente essa pessoa. Se você a amou, a despedida será um belo fenômeno. Você se sentirá gratificado. Chegou a hora de partir e você pode dizer adeus de todo o coração — se você *amou* a pessoa se sentirá gratificado! Mas você nunca amou — pensou sobre o amor, fez de tudo menos amar. Agora chegou o momento da despedida e você não pode dar um belo adeus, porque *agora* você compreende que perdeu a oportunidade, que perdeu tempo — nunca amou, e o homem ou a mulher está partindo. Você sente raiva, torna-se violento, agressivo.

O momento da despedida mostra tudo porque é a culminância. E então por toda a sua vida você se queixará daquela pessoa: ela destruiu sua vida. E continuará reclamando. Então estará sempre carregando uma 'ferida.

Um amor devia fazer de você uma flor. Mas como ele acontece, como vejo acontecer por aí, no mundo inteiro, sempre deixa uma ferida. Enquanto você estiver com alguém, ame, pois ninguém conhece o próximo passo, e o momento da despedida chega. Se você amar alguém realmente, a despedida será bela. Se você criou a vida, se despedirá dela de um modo bonito também. Sentirá gratidão. As suas *últimas* palavras, partindo desta para a outra margem, serão de gratidão — essa vida deu-lhe tanto, proporcionou-lhe tantas experiências. A vida fez de você tudo o que você é.

Houve misérias, mas houve bênçãos também. Houve sofrimento, mas houve felicidade também. E se você viveu as duas coisas, saberá que o sofrimento só existe para que você seja feliz. A noite existe para lhe dar um novo dia. É uma gestalt — porque a felicidade não pode existir sem o sofrimento, por isso ela existe. Você se sentirá grato, não apenas nos momentos de felicidade, mas também nos de sofrimento, porque sem eles os bons momentos não poderiam existir. Você será grato à vida na sua totalidade. Não haverá nenhuma escolha, porque o homem que passou pela vida, cresceu e conheceu o que é a vida, na sua graça, no seu sofrimento, saberá o que Heráclito diz:

Deus é inverno e verão.

Deus é vida e morte.

Deus é dia e noite.

Deus é sofrimento e graça... ambos!

Não diz então que o sofrimento estava errado. Se alguém diz que o sofrimento estava errado, não cresceu. Não diz então: "Prefiro somente os momentos de felicidade. Não quero o sofrimento, ele está errado." Se você faz isso, você é infantil, é imaturo. Está querendo o impossível! Está querendo as montanhas e os picos, sem querer os vales. É simplesmente estúpido. Não é possível! Não está na natureza das coisas. O vale precisa existir com o pico, mais profundo será o vale. E a pessoa que entende isso é feliz com os dois.

E *existem* momentos em que você quer descer do pico ao vale, porque o vale proporciona repouso. O pico é bom — é excitante, é um clímax. Mas depois da excitação e do clímax a pessoa sente-se cansada existe então o vale. Entrar na escuridão do vale,

descansar e ser esquecido completamente, como se você não existisse ... as duas coisas são belas: tanto o sofrimento quanto a felicidade.

Se alguém diz: "Escolho apenas a felicidade, não escolho o sofrimento, está sendo imaturo, ainda não conheceu o que é a realidade.

Tudo flui e nada permanece.
Tudo cede e nada se fixa.

As coisas frias tornam-se quentes
e as quentes, frias.

O úmido seca, o ressecado umedece.

é pela doença que a saúde dá prazer;
pelo mal que o bem apraz;

pela fome, a saciedade,
pela exaustão, o repouso.

Não escolha! Se você escolher, cairá na armadilha. Permaneça sem escolher e permita que a vida flua na sua totalidade.

Metade é impossível.

Este é o absurdo: a mente se prende. Ela quer a metade. Você gostaria de ser amado, mas não quer ser odiado — mas os amantes também odeiam. Com o amor entra o ódio. E se o amante não puder odiar, não poderá amar. Amar significa aproximar-se; odiar significa afastar-se. É um ritmo. Vocês se aproximam — um pico; depois se afastam; entram em suas próprias individualidades. É isso que significam os momentos de ódio. Eles o criam novamente, deixam-no pronto para se aproximar outra vez.

A vida é um ritmo. É como um ritmo centrífugo. Tudo se separa e tudo se aproxima, separa e aproxima.

Aconteceu num país muçulmano: o Rei apaixonou-se por uma mulher. Essa mulher estava apaixonada por outro — por um escravo, um escravo do próprio Rei. E isso era muito difícil para o Rei entender: que a mulher não lhe desse atenção, a ele, o Rei — e quisesse o escravo que não era nada! O rei podia matá-lo imediatamente, ele era apenas uma poeira! Mas foi assim que aconteceu. A vida é misteriosa. Não se pode ser matemático em relação a ela. Ninguém sabe. Você pode ser um rei, mas não pode forçar o

amor. O outro pode ser um escravo, mas o amor fará dele um rei. Ninguém sabe! A vida é misteriosa. Não é aritmética, não é econômica.

O rei tentou muito, mas quanto mais ele fazia maior era o fracasso. Ficou então muito zangado. Mas estava realmente apaixonado pela mulher e por isso temia matar, o escravo. Podia tê-lo matado: bastava uma palavra. Mas temia que a mulher ficasse ferida. E ele realmente a amava, assim isso se tornou um problema — o que fazer? Ela poderia sentir-se ferida, poderia se suicidar — ela estava tão louca.

O rei foi consultar um sábio. O sábio devia ser como Heráclito. Todos os sábios são como Heráclito; Heráclito é um sábio soberbo. O sábio disse: "O que você tem feito está errado." Pois o Rei tentava de todas as maneiras mantê-los separados. Disse: "Isso está errado. Quanto mais os mantiver separados, mais eles quererão estar juntos. Deixe-os juntos e logo tudo estará acabado. E mantenha-os juntos de tal maneira que não possam se separar."

O rei perguntou: "Como faço isso?"

Ele disse: "Prenda os dois juntos. Force-os a fazerem amor, acorrente-os, amarre-os um ao outro. E não permita que se separem."

Isso foi feito. Foram acorrentados num pilar, nus, fazendo amor. Mas se você estiver amarrado a uma mulher ou a um homem, por quanto tempo poderá amar essa pessoa? É por isso que o amor desaparece no casamento. Vocês estão acorrentados, estão no cativeiro; não podem fugir. Mas a experiência foi feita.

Depois de alguns minutos os dois começaram a se odiar. Depois de algumas horas começaram a sujar os corpos um do outro — porque é impossível esperar, os intestinos começaram a funcionar, a urina precisa ser expelida da bexiga. O que fazer? Eles se contiveram durante algumas horas. Sentiram que não seria bom. Mas depois de um certo ponto não se pode fazer nada. Os intestinos funcionaram, as bexigas esvaziaram, eles sujaram um ao outro, e se odiaram ainda mais. Fecharam os olhos. Não queriam se ver. E isso durante vinte e quatro horas — uma maratona! Depois de vinte quatro horas foram soltos.

Conta-se que eles nunca mais viram a cara um do outro. Fugiram no momento em que foram libertados do palácio. Fugiram em direções diferentes. *Nunca mais* viram a cara um do outro. Tudo ficou tão feio. Os casamentos ficam feios porque seguem o princípio desse sábio.

É preciso que haja um ritmo de aproximação e afastamento, de estar junto e estar só. Se você puder se aproximar livremente e afastar-se outra vez, a fome e a saciedade serão criadas. Se você comer durante vinte e quatro horas, não haverá fome nem saciedade. Coma e depois jejue! A palavra "desjejum" referente à alimentação matinal é boa. Significa quebrar o jejum; você jejuou durante a noite. Se quiser saborear o que come, você precisa jejuar. Essa é a harmonia oculta dos opostos.

> *As coisas frias tornam-se quentes e as quentes, frias.*
> *úmido seca, o ressecado umedece.*
> *pela doença que a saúde dá prazer . . .*

Assim, às vezes é ótimo estar doente. Não há nada de errado nisso. Uma pessoa saudável fatalmente cairá doente algumas vezes. Mas você tem concepções diferentes; pensa que uma pessoa saudável jamais adoece — isso é pura tolice. Não é possível! Só uma pessoa morta não adoece nunca. Uma pessoa saudável *tem* de adoecer algumas vezes. Através da doença ela recupera a saúde, e então a saúde é nova. Passando pela doença, passando pelo oposto, ela se renova. Você já observou? Depois de uma longa febre, ao melhorar você sente um frescor, uma virgindade; todo o corpo sente-se rejuvenescido.

Se durante setenta anos você estiver constantemente saudável, a sua saúde será como uma doença, uma morte, porque ela nunca foi rejuvenescida, nunca foi refrescada. O oposto sempre dá um frescor. Você envelhecerá se nunca adoecer; a sua saúde se tornará uma carga. Às vezes é bonito adoecer. Não estou dizendo para você ficar de cama para sempre. Estar sempre doente é mau.

Qualquer coisa que se torne permanente é má. Qualquer coisa que se mova e flua para o outro lado é boa, está viva.

Por causa de afirmações como essa, Aristóteles chama Hera-dito de deficiente — um caráter deficiente, fisiologicamente deficiente, com alguma deficiência biológica. Pois como alguém pode dizer que a doença é boa? Aristóteles é lógico. Diz que a saúde é boa, a doença é má; é preciso evitar a doença, e se você puder evitá-la completamente, será a melhor coisa. É isso que a ciência ainda fazendo em todo o mundo — tentando remover completa-mente a doença. Ela segue Aristóteles: mas eu lhe digo que quanto mais a ciência evitar a doença, mais novas doenças surgirão.

Existem várias doenças novas que nunca estiveram no mundo. Porque se você fecha uma porta para a doença, outra precisa ser imediatamente aberta pela natureza — porque *sem* doença, *nenhuma* saúde é possível; você está cometendo uma tolice. Você

fecha uma porta; agora não, há mais malárias e pragas — agora duas outras portas precisam ser abertas em outro lugar qualquer. E se você for louco e fechar todas as portas — e a ciência está fechando todas elas — então doenças mais perigosas surgirão. Pois se você fecha um milhão de portas para as doenças, então a natureza precisa abrir uma enorme porta para que todas as outras sejam contrabalançadas. Entra então o câncer. Você cura um mal e cria males incuráveis. O câncer é um fenômeno novo; nunca existiu antes no mundo — e é incurável. Por que é incurável? Porque a natureza defende as suas leis. Se você vai curando todas as doenças, então alguma coisa incurável *precisa* ser criada, senão o homem morrerá. Sem doenças ninguém será saudável. E isso está para acontecer. Parece que um dia qualquer o câncer será curado, então imediatamente a natureza criará algo mais incurável.

E lembre-se: essa luta, a ciência não pode vencer e nem deve vencer. A natureza deve ser sempre a vencedora. A natureza é mais sábia do que todos os cientistas juntos.

Olhe: vá a uma comunidade primitiva onde não existe nenhum remédio, onde não existem médicos, nenhuma ciência para curar as pessoas. Elas são menos doentes e mais saudáveis. A doença é comum mas não incurável. E existem algumas comunidades ainda vivas que nem mesmo acreditam em remédios. Eles não fazem realmente nada, ou tudo o que fazem é, na verdade, só para consolar o paciente. Mantras, truques de magias, não são remédios: só servem para ajudar o paciente a passar o tempo — porque a natureza cura a si mesma.

Diz-se que se você tomar remédio para um resfriado comum, em sete dias estará curado; se não tomar, levará uma semana.

A natureza cura a si mesma. Na verdade, a natureza cura. É, preciso dar tempo; a paciência é necessária. A palavra "paciente", ao se referir a alguém doente, é bela. Significa que a paciência é necessária; é preciso esperar. Na verdade, a função do médico é ajudar o paciente a ser paciente. Sendo medicado, ele se consola. Pensa: "Alguma coisa está sendo feita e logo estarei curado." É ajudado a esperar. O médico não pode fazer mais nada. É por isso que tantas 'palias' funcionam — a homeopatia, a bioquemestria, a alopatia, o ayurveda — milhares de patias dão resultados; até mesmo a naturopatia. Naturopatia significa não fazer nada, ou fazer algo que na verdade não é nada. É por isso que até mesmo Satya Sai Baba tem sucesso. O consolo é necessário. O trabalho é feito pela própria natureza.

Heráclito não é deficiente. Aristóteles, sim. Alguma coisa está faltando na fisiologia e na biologia de Aristóteles. Mas a mente ocidental seguiu Aristóteles. E se você for até o

fim com a lógica que diz para tornar o corpo humano completamente saudável, sem doença nenhuma, o final lógico será ter órgãos de plástico.

Este coração, o coração natural, fatalmente adoece algumas vezes e, cansado, esgotado, precisa repousar. Um coração de plástico não precisa descansar; nunca se cansa. E se alguma coisa sair errada você poderá simplesmente trocar a peça. Poderá ir à oficina simplesmente trocar a peça; poderá levar consigo peças sobressalentes. Mais cedo ou mais tarde, todo o corpo — se Aristóteles continuar vencendo e Heráclito não for ouvido, não for introduzido na consciência humana — se Aristóteles continuar influenciando, o final lógico será um corpo de plástico com peças sobressalentes. Não o sangue fluindo nas veias, mas uma outra química qualquer que possa ser imediatamente retirada e reabastecida.

Mas, que tipo de homem será esse? É claro que não terá doença mas também não terá saúde. Imagine a si próprio como sendo esse homem com todos os órgãos de plástico — rins de plástico, coração de plástico, tudo de plástico, pele plástica e um interior de plástico — você será saudável? Será capaz de sentir um bem-estar? Não, você não terá doenças, isso é certo. Os mosquitos não o molestarão — você poderá meditar sem ser perturbado, eles não poderão picá-lo. Mas você estará fechado numa concha, completamente isolado da natureza. Não terá necessidade de respirar, porque tudo poderá ser impelido por uma bateria.

Imagine-se completamente enclausurado num fenômeno mecânico — poderá ser saudável! Nunca ficará doente, isso é certo, mas jamais será saudável. E sempre que se apaixonar não poderá levar as mãos ao coração; porque não haverá nada além de plástico.

Isso irá acontecer se Heráclito não for ouvido. Aristóteles é deficiente, mas Heráclito não. Aristóteles está errado, mas Heráclito não.

É pela doença que a saúde dá prazer;
é pelo mal que o bem apraz...

Ele está se tornando cada vez mais difícil. Podemos concordar, com relutância, que tudo bem, sem doença não haverá saúde — mas então ele diz que é pelo mal que o bem apraz, pelo Demônio que Deus dá contentamento, pelos pecadores que os santos são tão belos,

Se os pecadores desaparecerem, os santos desaparecerão. E se houver um santo de verdade, fatalmente será também um pecador. Só existem duas possibilidades para se

fazer isso. Uma é que ela se torne um santo e você um pecador. É o que tem feito a religião. Justamente uma divisão de tarefas — você faz o trabalho de um pecador e eu faço o trabalho de um santo. Mas num mundo melhor, num mundo mais orientado pelo Logos — e não pela lógica — será bom forçar alguma outra pessoa a ser uma pecadora e forçar a mim mesmo a ser um santo? Será bom ser santo à custa dos outros? Não, não será. Então, num mundo melhor, o santo será também pecador. Certamente ele pecará de um modo muito santo, é claro — mas isso se tornará cada vez mais difícil. Será então como Gurdjieff: santo e pecador.

Gurdjieff é um ponto decisivo na história da consciência humana. Depois de Gurdjieff, o conceito de santo deveria ser completamente diferente: não pode ser o mesmo, o antigo. Gurdjieff se coloca num ponto crítico de onde deve surgir um novo santo. É por isso que Gurdjieff foi tão mal interpretado, por causa do conceito de que um santo deve ser um santo, e Gurdjieff era ambos. Era difícil entender: "Como um homem pode ser os dois? Ou é um santo ou é um pecador." Por isso há tantos boatos a respeito de Gurdjieff. Alguns o consideram a pessoa mais maligna possível, um agente do Demônio. E outros o consideram o maior sábio que já existiu. Ele era tanto um quanto outro, e os dois boatos são verdadeiros — mas errados também.

Seus seguidores pensam que ele era um sábio e tentam esconder sua parte pecadora porque nem eles conseguem compreender como Gurdjieff pôde ser ambos. Assim, dizem que isso é um boato, que as pessoas não sabem o que dizem. E existem as pessoas que são contra ele. Não acreditam em sua parte sábia porque dizem: "Como um tal pecador pode ser sábio? Impossível! Os dois não podem existir num só homem." E esse é todo o ponto; ambos *existem* no mesmo homem.

Você só pode fazer uma coisa: reprimir um e fingir ser o outro. Pode reprimir um no inconsciente e trazer o outro à superfície, mas então seu santo estará à flor da pele e seu pecador profunda-mente enraizado. Ou pode fazer o oposto: pode trazer à tona o pecador e reprimir o santo — os criminosos estão fazendo isso. A primeira possibilidade é reprimir o meu pecador, mas esse pecador afetará alguém em algum lugar, pois nós somos um só. Heráclito diz: "A inteligência privada é falsa." Nós somos um! A consciência é uma comunidade. Vivemos num ninho. E se eu reprimir o meu pecador, em algum lugar, em algum elo mais fraco, o pecador subitamente aparecerá. Ram é um santo; o pecador aparece subitamente em Ravana. Eles são os dois juntos um só fenômeno. Jesus é um santo; então Judas, o discípulo bem amado, torna-se o pecador.

Os santos são responsáveis pelos pecadores, e os pecadores ajudam os santos a serem santos.

Mas isso não é bom. Se eu reprimir alguma coisa em minha consciência de um modo tão profundo que isso se mova para o inconsciente coletivo... porque a mente é assim: a mente consciente é só um primeiro nível que aparenta ser privado, parece privado. Há então um nível mais profundo de inconsciência; esse também tem um sabor de privacidade, pois está muito próximo da mente consciente. Há depois um terceiro nível de inconsciência coletiva que não é nada privado, que é público, que é, na verdade, universal. Assim, quando eu reprimo alguma coisa, primeiro ela entra no meu inconsciente e cria problemas para mim. Se eu reprimir *realmente* fundo, e continuar reprimido, se usar métodos e truques para reprimir tanto a ponto de desaparecer também do meu inconsciente e entrar no inconsciente coletivo, então alguém em algum lugar, alguém mais fraco, captará isso. Por eu ter forçado demais, em algum lugar isso virá subitamente à superfície. Então eu serei Ram e alguém tornar-se-á Ravana. Eu serei Cristo e al-guém tornar-se-á Judas.

Há poucos dias um saniasin, que está aqui presente, me escreveu uma carta que dizia: "Você é Cristo e eu sou Judas." Mas eu posso dizer a ele que isso é impossível — eu sou os dois. Isso foi possível com Cristo, mas não comigo. Não permito essa possibilidade.

Que tipo de santo tenho eu em mente? Um santo que não reprime o oposto, mas o utiliza, que não é contra nada, mas que faz uma nova organização das coisas. Nessa harmonia superior até o diabo torna-se bom. Nessa harmonia ele utiliza até as partes descartadas. E é uma grande arte ser ambos ao mesmo tempo. É a maior das artes, porque então você tem de buscar a harmonia oculta entre os opostos — não é uma coisa nem outra, mas sim as duas.

Até mesmo o veneno pode ser usado como elixir, mas então você precisa ter muito, muito cuidado. É necessário muita atenção para usar um veneno como elixir, para usar o mal como bem, para usar o demônio como Deus. Isso também é o que Heráclito quer dizer por harmonia oculta. Ele diz:

> *... pelo mal que o bem apraz, pela exaustão, o repouso.*
>
> *pela fome, a sociedade;*
>
> *a mesma e uma só coisa. . .*

O bem e o mal, a doença e a saúde, o pecador e o santo.

> *É a mesma e uma só coisa estar vivo ou morto,*
> *desperto ou adormecido, jovem ou velho.*

Em cada caso, o primeiro aspecto torna-se o último, e o
último, novamente o primeiro,

por uma súbita e inesperada reversão.

É uma roda — yin e yang, bom e mau, macho e fêmea, dia e noite, verão e inverno. É uma roda, todas as coisas se movem para dentro das outras — e voltam novamente para si mesmas! é um eterno retorno.

Eles se separam
e depois se unem novamente.

Nós nos encontramos antes, agora estamos nos encontrando outra vez. Nós nos *encontramos* antes! A natureza separa, depois volta a unir novamente. Esse é o significado do primeiro fragmento: "No mesmo rio nós pisamos e não pisamos." Estamos nos encontrando novamente mas não somos os mesmos. Nós nos encontramos antes.

Essa idéia apoderou-se de um dos maiores gênios deste século, na verdade do século passado, Friedrich Nietzsche. Isso o possuiu tão totalmente que ele enlouqueceu — a idéia do retorno, do eterno retorno. Diz que tudo já aconteceu antes, está acontecendo outra vez e acontecerá novamente. Não exatamente igual, mas ainda assim igual. Se você pensar sobre isso, parecerá sobrenatural que você já tenha me ouvido muitas vezes antes — e está ouvindo novamente. Parecerá estranho, misterioso, você se sentirá desconfortável com a idéia. Mas é assim. Porque a natureza aproxima as pessoas, depois as separa só para aproximá-las novamente.

Nenhuma partida é definitiva. Nenhuma aproximação é a última. A aproximação é só uma preparação para o afastamento. O afastamento é só uma preparação para a união. E isso é belo, muito bonito.

No mesmo rio nós pisamos e dão pisamos.
Eles se separam

e depois se unem novamente.

Tudo vem na estação certa.

Esse é o clímax da consciência *de* Heráclito. Permita que entre fundo em você. Deixe que circule em seu sangue e em seu coração. Deixe que se torne uma pulsação.

Tudo vem na estação certa.

Muitas coisas estão envolvidas. Primeiro: você não precisa fazer muito esforço. Fazer esforço pode ser uma barreira porque nada vem antes da estação certa — *todas as coisas vêm em suas devidas estações.* O esforço demasiado pode ser perigoso. O esforço demasiado pode ser um esforço para que as coisas venham fora de estação. Isso não significa não fazer qualquer esforço. Porque se você não fizer nenhum esforço, então não virá nem na devida estação. É preciso um tanto certo de esforço.

O que faz um fazendeiro? Observa as estações no céu: chega a hora de semear e ele semeia! — nunca antes e nunca depois. Um fazendeiro simplesmente espera pelo momento certo e então semeia, espera e canta. À noite, ele dorme e observa — e espera! Tudo o que há para ser feito ele faz, mas não há pressa.

É por isso que os países que viveram muito tempo da agricultura nunca têm pressa. Os países que se tornaram tecnológicos estão sempre apressados — porque com a tecnologia você pode ter as coisas fora de estação. Os países agricultores, que permaneceram agricultores por milhares de anos, nunca têm pressa, não têm consciência de tempo. É por isso que diariamente na Índia há alguém dizendo: "Chegarei às cinco horas", e nunca chega. Ou diz: "Chegarei às cinco em ponto", e aparece às dez da noite. E você não pode imaginar que tipo de... realmente não existe nenhuma consciência de tempo.

Um fazendeiro não se baseia nas horas. Diz: "Chegarei à noite." À noite significa qualquer coisa — quatro, seis ou oito horas. Diz: "Chegarei de manhã". A manhã pode significar qualquer coisa — pode chegar às quatro ou às dez da manhã. Ele não divide o tempo em horas. Não pode! Não pode porque tem de viver pelas estações.

O ano não é dividido em meses, mas sim em estações — verão e inverno — e ele tem de esperar. Não pode ter pressa. O que se pode fazer com as sementes? Elas não ouvem. Não se pode Élan-dá-las à escola; não se pode ensiná-las. E elas não se importam; não estão com pressa. Simplesmente esperam na terra. E quando o tempo chega, brotam e crescem por si mesmas. Não estão preocupadas com você, se você está ou não com pressa, ou se algo pode ser feito. Você não pode persuadi-las, não pode falar com elas — elas têm seu próprio tempo. Um fazendeiro torna-se uma profunda espera.

Seja como um fazendeiro. Se você semear as sementes da iluminação, da compreensão, da meditação, faça-o como um fazendeiro e não como um técnico. Não tenha pressa. Não se pode fazer. Faça o que tiver que ser feito e espere. Não faça demais.

Fazer demais pode tornar-se uma sutil ruína. O seu próprio esforço pode se tornar uma barreira.

Tudo vem na estação certa.

E não pergunte pelos resultados. Eles chegam na estação, na devida estação. Se for hoje, tudo bem. Se não for, um homem de compreensão, de inteligência, de clareza, sabe que ainda não é tempo. Quando chegar a hora, acontecerá! Ele espera: não é infantil.

A infantilidade consiste em querer as coisas imediatamente. Se uma criança quer um brinquedo no meio da noite, quer *imediatamente.* Não consegue entender que é preciso esperar que chegue a manhã; que as lojas estão fechadas. Pensa que são apenas desculpas. Quer imediatamente, agora mesmo. Pensa que dizer que é meia noite e as lojas não estão abertas é um truque para distrair a mente dela — que importância tem isso? Por que as lojas não abrem à meia noite? O que há de errado em ser meia noite? E sabe que pela manhã terá esquecido tudo. E as pessoas são cheias de truques. Se ela dormir, pela manhã já terá esquecido. Quer imediatamente.

E um país imaturo, uma civilização imatura e infantil, também quer tudo imediatamente — café instantâneo, amor instantâneo, meditação instantânea também. É o que Maharishi Mahesh Yogi está fazendo: instantaneamente, já — você faz dez minutos e em quinze dias está Iluminado... Que tolice.

Não, a natureza não obedece a você e às suas exigências. Ela segue o seu próprio. curso. Isso é o que significa: "Tudo vem na devida estação." Espere! Faça esforço e espere. E não queira resultados imediatos. Se você quiser, o próprio querer retardará o fenômeno cada vez mais.

Se você puder esperar, esperar pacientemente, passivamente, alerta, observador, tal como um fazendeiro, você conseguirá. Se você estiver por demais consciente do tempo, não poderá entrar em meditação — porque a meditação é atemporal. E lembre-se sempre: sempre que você estiver pronto, acontecerá. E a prontidão acontece na devida estação.

Um jovem veio a mim e disse: "Estou muito tenso." Um jovem tem de ser tenso. Ele disse: "Gostaria de ser desapegado", mas isso é pedir algo fora de estação. Um jovem tem de ser apegado. A menos que você sofra o apego, não crescerá em direção ao desapego. E se você forçar o desapego criará uma confusão na sua vida — pois quando era hora de estar apegado, você deixou passar. Você tentou fingir e forçar um desapego. Então quando chegou a hora do desapego, quando você ficou velho, a parte reprimida

ainda está pairando à sua volta como um nevoeiro e você vê que a morte está chegando — você sente medo. A parte reprimida diz: "Quando haverá tempo para *mim?* Eu quis amar, quis me apegar, quis me envolver e me comprometer num relacionamento — agora não há mais tempo!" Então a parte reprimida força a si mesma para cima e o velho torna-se um tolo e começa a procurar relacionamento. Ele perdeu tudo. Perdeu todas as estações.

Lembre-se: esteja a passo com a estação.

Quando for hora de estar tenso, fique tenso! O que há de errado nisso? Se você não ficar tenso, como poderá repousar? Se não sentir raiva, como sentirá compaixão? Se não cair de amor, como poderá ascender de amor? Tudo na sua devida estação. Tudo vem por si mesmo. Tem sido sempre assim e sempre será. A existência é vasta e você não pode forçar os seus próprios caminhos sobre ela. Precisa observar para onde ela está indo e obedecer.

Essa é a diferença entre o ignorante e o sábio. O ignorante está sempre forçando o rio de acordo com suas próprias idéias. O sábio não tem idéias próprias. Simplesmente observa para onde flui a natureza; e flui com ela. Não tem conflitos com a natureza. Não está tentando conquistá-la; entende o quanto isso é tolice, que ela não pode ser conquistada. Como a parte pode conquistar o todo? Não — ele se rende, torna-se uma sombra. Move-se para onde for que a natureza o leve. É como uma nuvem branca no céu; não sabe para onde está indo mas não está preocupada. Está despreocupada, porque para onde quer que o vento a leve, essa será a meta. A meta não é um fenômeno fixo. Onde for que a natureza o leve, se você o seguir, se permanecer num deixar acontecer, onde quer que ela o leve você será feliz.

O objetivo está em toda parte, você só precisa permiti-lo, cada momento é um clímax, você só precisa permiti-lo. Apenas permitir — deixar acontecer, render-se, e então repousar seguro de que tudo vem na devida estação.